

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

A LINGUAGEM NA LITERATURA INFANTIL: AS VÁ
RIAS FALAS DO ADULTO PARA A CRIANÇA

(análise de versões de Chapeuzinho Ver
melho)

Ana Maria Clark Peres

1987
Belo Horizonte

DATA DE APROVAÇÃO.

Dissertação apresentada
como exigência parcial
para obtenção do grau
de MESTRE EM LETRAS à
Comissão Julgadora do
Mestrado em Letras da
Faculdade de Letras

BANCA EXAMINADORA

Maria Antonieta Antunes Cunha

Maria Antonieta Antunes Cunha
Orientadora

Maria do Carmo Lanna Figueiredo
Maria Lúcia Costa Neves

Je cherchais à étudier le merveilleux où il me semblait distinguer un problème qui me passionnait et me passionne toujours: celui que pose la coexistence, dans notre univers culturel, des concepts scientifiques les plus avancés et des superstitions les plus archaïques, autrement dit l'affrontement en chacun de nous de la pensée magique et de la pensée rationnelle, de l'homme des cavernes et de l'homme du XXe siècle.

Marc Soriano

A meus pais

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a:

- . Profa. Maria Antonieta Antunes Cunha, orientadora deste trabalho e de minha vida profissional, pelo interesse, incansável dedicação e amizade.
- . Profa. Veronika Benn-Ibler, não somente pela tradução e explicação do texto alemão, mas sobretudo pela acolhida e disponibilidade.
- . Profa. Cleonice Paes Barreto Mourão, pelos esclarecimentos relativos ao original francês.
- . Profa. Norma Lúcia Horta Neves, pelo incentivo ao longo do curso.
- . Profa. Mariângela Paraizo, pela leitura atenta e opiniões oportunas.
- . Prof. Antônio Eduardo Clark Peres, pelo apoio e auxílio em vários pontos do trabalho.
- . Roberto Moura, pela paciência e dedicação na datilografia.

RESUMO

Chapeuzinho Vermelho, o mais difundido entre os contos folclóricos, comumente chamados "contos de fadas", apresenta duas adaptações clássicas, que se tornaram ponto de referência para as demais versões: a de Perrault (França, fins do século XVII), que tem desfecho trágico, e a dos irmãos Grimm (Alemanha, início do século XIX), que apresenta um final feliz.

A análise de trinta e três versões desse conto em língua portuguesa apontou grandes alterações nas estruturas originais. Omitem-se trechos importantes para o desenvolvimento da narrativa e/ou acrescentam-se dados irrelevantes, numa linguagem quase sempre pueril, marcada pelo clichê e pelo didatismo.

Esses problemas relativos ao texto fazem-se acompanhar, muitas vezes, por outros de ordem gráfica, o que revela o desrespeito e a redução de que é vítima a criança em grande parte da produção cultural a ela endereçada.

ABSTRACT

Little Red Hood, the most widely known among the folklore tales, the so-called "fairy tales", presents two classic adaptations which turned into landmarks for the several other versions: Perrault's (France, late XVII century), presenting a tragic epilogue, and Grimm brothers' (Germany, early XIX century) showing a happy end.

The analysis of thirt three Portuguese language versions of this tale pointed out significant alterations of both original structures. Important passages for the development of the narrative are omitted and/or irrelevant data are added in a style of expression almost always puerile and marked by cliché and didacticism.

These problems related to the text are accompanied, many times, by others concerning printing, revealing the disrespect and the belittlement towards the children in most of the cultural productions addressed to them.

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	09
2 ANÁLISE DE VERSÕES DE <u>CHAPEUZINHO VERMELHO</u>	24
2.1 Exposição	25
2.2 Complicação	48
2.2.1 Instruções maternas	48
2.2.2 Encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo, na floresta	72
2.2.3 Encontro do lobo com a avó	129
2.3 Clímax: Encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo, na casa da avó	160
2.4 Desenlace	206
2.5 A volta de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó ..	253
3 ANÁLISE DE ASPECTOS GRÁFICOS DAS VERSÕES DE <u>CHAPEUZINHO VERMELHO</u>	260
4 CONCLUSÃO	273
5 BIBLIOGRAFIA	278

1 INTRODUÇÃO

Chapeuzinho Vermelho foi meu primeiro amor. Senti que se eu pudesse ter casado com Chapeuzinho Vermelho teria conhecido a perfeita bem-aventurança.

Charles Dickens

A Estilística, convergência dos estudos lingüísticos e literários, foi, desde a Graduação, o centro de minhas reflexões e ocupações, marcadas por um igual interesse pela Teoria da Literatura e pela Lingüística.

Estudos especiais, posteriores à disciplina Estilística, na Pós-Graduação, abriram a possibilidade de pesquisas no campo da Estilística Comparada, as quais acabaram tornando-se o ponto de partida desta dissertação.

Para tal trabalho, escolhi como "corpus" o texto de literatura infantil, o que se justifica não só pela importância do "gênero", no estudo de literatura hoje, como também pelo meu envolvimento pessoal com a área em questão. Levei em conta igualmente a escassez de pesquisas que se tenham detido na observação das estruturas lingüísticas e nos aspectos estilísticos mais importantes da obra literária infantil (opta-se, comumente, pela análise de conteúdo, que não prioriza a expressão), com a finalidade de analisar o discurso do adulto voltado para a criança.

Antes de explicar as razões da escolha do conto Chapeuzinho Vermelho, julguei necessário fazer algumas observações a respeito dos chamados "contos de fadas", em virtude de inúmeros equívocos divulgados sobre o assunto.

Trata-se de uma espécie polêmica e amplamente difundida. Especialistas se divergem quanto à sua importância e significado, mas é impossível negar a sua popularidade.

Primeiramente, é importante registrar que as suas origens são incertas, havendo um grande número de suposições.

Segundo Jesualdo, "A palavra "fada" tem raiz grega. Indica "o que brilha", e dessa raiz derivaram as demais desinências que contêm certa idéia de brilho. Assim, "fábula", "falar", "fatalidade", "fado" e "fada" (derivam-se).... do latim "fatum", que provém da mesma raiz grega. Esta raiz parece explicar-nos que quem narra tais contos procura fazer brilhar suas idéias.... O destino do homem, o "fatum", é o brilho que lhe dá realce e o determina...."

E Jesualdo prossegue, indagando: "Na verdade, de onde provêm as fadas? São, como alguns supõem, encarnações mitológicas, traduzem apenas a experiência popular.... em sua expressão mais simples, procedem do engenho dos anônimos mais dotados de imaginação? Ou são símbolos criados para exercer uma determinada influência com seus feitos, virtudes, defeitos? Um sábio etnólogo — responde Montegut — diria que são de raça ariana e pertencem à grande família dos povos indo-germânicos. Contentar-me-ei em afirmar que

nasceram na Pérsia...." (34, p. 116-7)

Cooper aponta também essa origem oriental e diz que teriam chegado à Grécia, depois das conquistas de Alexandre, o Grande, aparecendo na Europa no período pós-renascentista. (35, p.9)

Jesualdo completa que os mitólogos parecem não se satisfazer com as explicações sobre a origem desses contos, insistindo em levantar sempre novas suposições, o que gera, no seu dizer, "uma grande confusão": "Grimm, Mr. Andrés Lefèvre e muitos ingleses optavam pela pátria ariana; Beufly e Monsieur Cosquin, pela pátria indiana; Monsieur Andrew Lang, o Santo Tomás da Mitologia Popular, resumia o debate declarando que nada sabia...." Cita ainda Max Müller: "os contos são as derivações modernas da mitologia e, para estudá-los cientificamente, é necessário, antes de tudo, referir cada conto moderno à antiga lenda que o engendrou e cada lenda ao mito do qual procede." (34, p. 121)

Soriano informa que, a partir de 1685, esses "contos de fadas" entraram em moda, na França. E eram de dois tipos: os eruditos, compostos por damas da grande sociedade, que multiplicavam as "peripécias feéricas", e os autenticamente populares.

Os contos de Perrault (o primeiro a registrá-los por escrito) são desse segundo tipo. (36, p. XIV-V) Seu trabalho é o de um adaptador, que fez uma elaboração erudita dos contos de via oral, numa época de turbulência social, após a "Fronde", "movimento popular contra o governo absolutista no reinado de Luís XIV, cuja repressão deixou marcas de terror na França", como afirma Cademartori. (37, p. 34)

Apesar do grande desprezo que diziam sentir pelo povo, ele acabou por reconstituir a arte popular de maneira bastante fiel.*

Suas adaptações tinham um objetivo pedagógico, sendo dedicadas às crianças.

Nesse momento, como mostra Soriano, surge na sociedade francesa uma nova concepção de infância, considerando a criança como um adulto em potencial, que só atingirá a maturidade, depois de um longo processo. (36, p. XX) Ariès apresenta um tratado de 1646, que ilustra bem essa posição: "Só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos". (38, p. 162)

* Em 1697, aparecia sob o nome de seu filho — Pierre Darmancour —, a primeira publicação dos contos: Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités.

Apoiando-se nessas idéias, Perrault teria identificado a mentalidade popular à infantil, ambas pouco desenvolvidas (uma devido à condição social, e outra, à idade), podendo ser considerado como um dos criadores da literatura infantil.

Soriano afirma que essa literatura, na realidade, já existia, sob a forma de textos eruditos (como os dos jesuítas) e dos "contes d'avertissements", orais e populares (Chapeuzinho Vermelho seria uma dessas narrativas). De maneira geral, porém, os contos populares eram destinados aos adultos e só à época de Perrault foram aproveitados para as crianças. (36, p. XXI)

Mais de cem anos depois (1812), aparecem na Alemanha, as adaptações dos "contos de fadas", feitas pelos irmãos Grimm, folcloristas que se preocuparam em fixar as narrativas orais e populares de sua terra.

Zilberman afirma a respeito: "Adaptados pelos Irmãos Grimm, os "Märchen" sofrem ainda uma mudança de função: transmitem valores burgueses do tipo ético e religioso e contornam o jovem a um certo papel social. Por outro lado, é mantido o elemento maravilhoso enquanto fator constitutivo da fábula narrativa, uma vez que sem ele inexistente o conto de fadas." (39, p. 41)

A partir dessas duas adaptações, os "contos de fadas" se difundiram e passaram a ser fonte de interpretações diversas.

A sua leitura mais conhecida é a psicanalítica, que enfatiza ao máximo a importância de seu significado.

Meves, por exemplo, afirma: "Cuando los psicoanalistas, estimulados por las observaciones de Freud, comenzaron a hacer que sus pacientes les narrasen sus sueños con el objeto, en un primer momento, de descubrir por ese procedimiento las causas de los traumas anímicos, constataron que el mundo de los sueños del ser humano se asemeja en medida asombrosa al mundo de los cuentos populares". (40, p. 12).

E aconselha esses contos à criança, que se encontra na chamada "fase do mito": "... el cuento se acomoda a los niños pequeños de una forma muy específica puesto que no hace sólo una narración acerca de acontecimientos externos, sino que se sumerge en el mundo interior del alma.... El niño actual se sitúa, entre los cinco y los ocho años, ante una transición decisiva en el curso de su desarrollo: el elemento imaginativo, fantasioso o emergente de la profundidad de su mundo interior ha de ser paulatinamente reconocido en cuanto tal para que pueda lograrse la inserción en la realidad." (40, p. 102-3)

Fromm (que se deteve especificamente na análise de Chapeuzinho Vermelho) enfatiza também a ligação entre os sonhos e os con-

tos: "Os sonhos do homem antigo e do moderno estão na mesma língua que os mitos cujos autores viveram na aurora da história.... É uma língua com uma gramática e sintaxe próprias, por assim dizer, e cujo conhecimento é imprescindível para se poder entender o significado dos mitos, dos contos de fadas e dos sonhos." (41, p. 16)

Bettelheim, por sua vez, propõe: "... no conjunto da "literatura infantil" — com raras exceções — nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para os adultos, do que o conto de fadas folclórico.... [que] transmite importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento.... [Ele] é terapêutico, porque o paciente encontra sua "própria" solução através da contemplação do que a história parece implicar acerca de seus conflitos internos...." (42, p. 13, 14, 33)

Não foram poucos, no entanto, os que criticaram essas teorias.

Darnton, por exemplo, diz: "Bettelheim lê "Chapeuzinho Vermelho" e os outros contos como se não tivessem história alguma. Aborda-os, por assim dizer, horizontalizados, como pacientes num divã, numa contemporaneidade atemporal. Não questiona suas origens nem se preocupa com outros significados que possam ter tido em outros contextos, porque sabe como a alma funciona e como sempre funcionou. Na verdade, no entanto, os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram." (43, p. 26)

A crítica marxista questiona não apenas a interpretação psicanalítica, mas a própria validade dos "contos de fadas".

Cerda afirma: "... la duda que surge, es si estos cuentos reflejan el sentimiento popular, con todas las connotaciones clasistas que implica el concepto "popular".... Lo que inicialmente fue una expresión de la dinámica social de los pueblos, se convirtió con el tiempo y en el contexto de la cultura dominante, en fórmulas moralizantes repetidas hasta la saciedad, donde la ideología de los amos, de los esclavistas, de los señores feudales y de la nobleza, fue el factor descollante de los personajes, temas y escenarios donde se desarrollan estos cuentos. Todo ello nos obliga a preguntarnos si aquello que usualmente llamamos "folklore" responde históricamente a la consciencia y al espíritu de los pueblos". (44, p. 175-6)

* Quando ao "corpus" específico do trabalho, busquei fazer uma análise estilística das trinta e três versões em língua portuguesa, ou seja, detectar elementos linguísticos expressivos (ou, ao contrário, que resultaram em clichês), a fim de se perceber a ideologia subjacente a essas estruturas.

Tomei como referência o texto original de Perrault (53) e uma tradução francesa do original de Grimm (54), ambos pertencentes a uma mesma coleção ("Légendes et contes de tous les Pays"), que apresenta cada título dedicado a um autor (Perrault, irmãos Grimm, Andersen, etc) ou a uma região (Contes Africains, Contes du Tibet, etc). -> p. 15

Apesar da grande quantidade de estudos sobre os significados dos contos, inexistem pesquisas sobre como essas narrativas são apresentadas às crianças, hoje, as características das sucessivas traduções e adaptações, o seu grau de afastamento dos originais clássicos, as peculiaridades das edições.

* Dentre os vários contos adaptados por Perrault e pelos irmãos Grimm, o mais difundido é Chapeuzinho Vermelho. As causas dessa popularidade são muito discutidas, mas acredita-se ser o erotismo que o caracteriza (marcante já nas versões populares) um dos maiores fatores dessa verdadeira "fascinação" exercida pela narrativa nos adultos e nas crianças.

Na escolha dos textos para estudo, foi aproveitado o maior número possível de edições: trinta e três versões (de 1953 a 1985), que contam a história, respeitando em linhas gerais seus momentos de organização. Tais textos, com poucas exceções, não pretendem reescrever o conto (não alteram significativamente sua estrutura), mesmo os que têm um propósito mais ou menos definido de modificação de alguns dados, mantêm as várias etapas da narrativa, existentes nos originais de Perrault ou de Grimm.

A maioria não aponta indicação de origem, mas uma simples leitura indica que a preferência geral é pelo final (feliz) de Grimm; a maior parte, no entanto (dos que apresentam o autor original), diz-se ligada a Perrault.

Não foram incluídas no estudo as paródias ou reescrituras do conto, que alteram substancialmente sua estrutura, com objetivos e resultados diversos.* *₁

* Foram levantados, por exemplo, os seguintes títulos:

. Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, que lida, de forma criativa, com o problema do medo. (45)

. Chapeuzinho Vermelho — estória e desestória, de Lólio L. de Oliveira, texto que se constitui num intrigante romance policial para adultos. (46)

....

Considerando tratar-se de coleção, possivelmente com uma mesma linha editorial, poderia, afirmar, então, que as diferenças encontradas nos dois textos seriam, ao que tudo indica, diferenças reais de conteúdo de ambas as adaptações primitivas. Soma-se a isso a preocupação existente na França em manter-se fidelidade aos textos de origem ou, no caso de adaptações (que também são comuns), em se apontar o autor da adaptação, registrando-se que não se trata apenas de uma tradução.

Fez-se necessário, no entanto, a conferência dessa tradução com texto alemão (55), para o que contei com os conhecimentos da Profa. Veronika Benn-Ibler.

Comprovada a fidelidade da tradução, em termos gerais, foram anotadas as pequenas alterações encontradas.

O primeiro passo para a análise foi a divisão dos originais em quatro grandes partes da narrativa: "Exposição", "Complicação", "Clímax" e "Desenlace". Foi apontada também "A volta de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó", constante apenas no texto alemão.

Em cada uma dos momentos do conto, antes da análise comparativa das várias informações, foi feita uma breve revisão bibliográfica das interpretações diversas do trecho em questão, anotando-se áreas e enfoques variados (antropológicos, psicanalistas, ético-religiosos, etc.).

As versões foram numeradas de 1 a 33, segundo os seguintes critérios: 1. publicação de uma mesma editora (aparecem primeiro as que contribuíram com maior número de "títulos"); 2. publicações que se dizem ligadas a Perrault, únicas nas editoras. 3. publicações que se dizem ligadas a Grimm, também únicas nas editoras.

....

. O Chapeuzinho Vermelho (in Teatro I), de Maria Clara Machado, paródia tendendo para o cômico. (47)

. Chapeuzinho Vermelho, de Maria Clara Machado, com adaptação de Virgínia M. Finzetto, narrativa entremeada dos versos de Lobo Bobo, composição maliciosa de Carlos Lira e Ronaldo Boscoli. (48)

. Chapeuzinho Vermelho (sem nome de autor), texto pueril e previsível, que narra as peripécias de lobo guloso, obcecado por uma torta de nozes. (49)

. A história do lobo, de Marco Antônio Carvalho, que apresenta a versão do lobo para a história tradicional. (50)

. História mal contada (in Contos Plausíveis), de Carlos Drummond de Andrade, história humorística, para adultos, de uma Chapeuzinho campeã de corridas e um lobo reumático. (51)

. A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho, de Pat. Gwinner, tentativa de humor para as crianças, apresentando uma Chapeuzinho, diferente já no nome: Florípedes das Mercês do Perpétuo Socorro. (52)

Para a análise propriamente dita, foram isolados itens dos dois originais, de modo que todas as informações fossem levantadas.

Focalizaram-se primeiramente as versões mais fiéis a cada original, pela ordem de "fidelidade". Quando não foi possível detectar esse grau de proximidade com os textos-padrão (no caso de todas apresentarem modificações) usou-se a ordem numérica.

Foram observadas as alterações sofridas em relação aos modelos de Perrault e de Grimm e as suas marcas lingüísticas significativas (expressivas ou não). Houve a preocupação em se transcreverem os textos o mais fielmente possível, conservando-se inclusive os acentos diferenciais e os problemas de pontuação e de ortografia.

Depois dessa análise, foram levantadas e comentadas as informações novas acrescentadas aos originais, alterando-lhes substancialmente o significado.

No final de cada item, foi feito um apanhado das informações que se mantiveram e das alterações mais relevantes e, no final de cada momento, a sistematização dessas observações.

Segue-se um quadro, que permite uma melhor visualização dos dados fundamentais de cada versão.

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO / ADAPTAÇÃO	ILUSTRACÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
1	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	EBAL	-	Samba Lele	Perrault	Naufer	-	<ul style="list-style-type: none"> • 24,5 x 31 • 12 p. • capa plastificada • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	-
2	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	EBAL	-	Estrelinha	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> • 15 x 21 • 12 p. • papel cartão • ilustrações em 4 cores 	-
3	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	EBAL	-	Xuxuquinha	Perrault	Helô	Hidalgo	<ul style="list-style-type: none"> • 18 x 26,5 • 12 p. • capa plastificada • papel cartão • ilustrações em 4 cores 	"por Editorial Vasco Americana"
4	<u>chapeuzinho vermelho</u>	EBAL	-	Xodô	Perrault	Helô e Nau- nim	-	<ul style="list-style-type: none"> • 17,5 x 25 • 12 p. • capa plastificada • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	"por Editorial Molino"
5	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	EBAL	maio de 1979	-	Perrault	-	Roberto Ri- cardo	<ul style="list-style-type: none"> • 21 x 31,5 • 8 dobras • papel couchê • ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> • Edição Especi- al de Mindinho nº 4 (mensal) maio de 1979. • Revista "Pos- ter"
6	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	EBAL	-	Nova Cole- ção Abraca- dabra	Perrault	Plauto de Oliveira	Magda	<ul style="list-style-type: none"> • 15,5 x 23 • 8 p. • papel cartão duplo • ilustrações em 4 cores com desenhos recorta- dos 	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos adqui- ridos a Artes Gráficas Cobas S.A.

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO* / ADAPTAÇÃO	ILUSTRAÇÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
7	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	CEDIBRA	1982	Grandes Contos	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> • 17 x 33 • 16 p. + capa • capa dura e plastifi- cada • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	-
8	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	CEDIBRA	1982	Contos Alegres	-	-	Helenita	<ul style="list-style-type: none"> • 15,5 x 20,5 • 12 p. • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	Edição especial de BIMBO
9	<u>chapeuzinho vermelho</u>	CEDIBRA	1982	Contos Fantasti- cos	-	-	Andren (?)	<ul style="list-style-type: none"> • 17 x 33 • 12 p. • capa plastificada • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	-
10	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	CEDIBRA	1982	Estórias em 3a.~ dimensão	-	-	Busquets	<ul style="list-style-type: none"> • 15,5 x 21,1 • 10 p. • papel cartão duplo • ilustrações em 4 cores com desenhos recorta- dos 	Editado sob a orientação de Ma- ria Clara Macha- do
11	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	CEDIBRA	-	Contos Má- gicos	-	Maria Clara Machado	Helenita	<ul style="list-style-type: none"> • 16,7 x 24,8 • 8 p. • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	"by Editorial Roma, Barcelo- na" • com figurinhas adesivas
12	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Abril	1975	Beija-Flor	-	Mabel Watts Ruth Rocha	Les Gray	<ul style="list-style-type: none"> • 16,5 x 19 • 24 p. + capa • capa dura • papel off-set • ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> • "Western Publishing Company, Inc. Walt Disney Productions"

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO/ ADAPTAÇÃO	ILUSTRÇÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
13	Chapeuzinho Vermelho in Fábulas Encantadas)	Abril Cultural	1982 (2ª)	-	-	-	Cina	<ul style="list-style-type: none"> 26,5 x 36 24 p. + capa capa dura e plastificada papel off-set ilustrações em 4 cores (página dupla) 	<ul style="list-style-type: none"> "Copyright Mundial 1970 Grupo Fabbri S.p.A., Milão Itália. 29 conto do volume
14	Chapeuzinho Vermelho	Abril	-	-	-	Pedro Bandeira	Miriam R. C. Araújo	<ul style="list-style-type: none"> 21 x 27,5 4 p. papel off-set ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> Texto em versos/Ilustrações em quadrinhos Edição especial da Revista "Alegria e Companhia" Suplemento da Revista Cláudia nº 262
15	Chapeuzinho Vermelho	Record	-	Joinha	-	Alfredo C Machado	T. Izaura e S. Hijikada	<ul style="list-style-type: none"> 15,5 x 22,5 14 p. + capa capa cartonada e plastificada papel cartonado e plastificado ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> Bonecos fotografados Créditos especiais
16	Chapeuzinho Vermelho	Record	1970	Contos da Cachorrinha	-	Maria Mazetti	-	<ul style="list-style-type: none"> 18,4 x 26,3 12 p. + capa capa cartonada e plastificada papel cartonado e plastificado ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> Bonecos fotografados Impresso pela Toppan Printing Co., Ltd., Tóquio, Japão. Ilustrações Copyright 1971 by Rose Art Studios.

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO / ADAPTAÇÃO	ILUSTRÇÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
17	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Record	1970	Contos de Fadas	Grimm	-	Shiba Productions	<ul style="list-style-type: none"> 18,5 x 26,2 30 p. + capa capa cartonada e plastificada papel cartonado e plastificado ilustrações em 4 cores e em preta e branca 	<ul style="list-style-type: none"> Bonecos fotografados Impresso pela Toppan Printing Co., Toquio, Japão. Ilustrações Copyright 1967 by Shiba Productions
18	<u>O Chapeuzinho Vermelho</u>	Tecnoprint	1975	Fantasminha	-	Cordélia Dias d'Aguiar	Eliardo França	<ul style="list-style-type: none"> 15,2 x 21 48 p. + capa capa plastificada papel off-set ilustrações em branco, preto e vermelho 	-
19	<u>Chapeuzinho Vermelho</u> (em Contos de Grimm)	Tecnoprint	1974	-	Grimm	Maria Clara Machado	Jorge Ivan	<ul style="list-style-type: none"> 15 x 21 9 p. + capa capa plastificada papel off-set 2 ilustrações em preto e branco 	-
20	<u>O Chapeuzinho Vermelho</u>	Brasil	-	Os mais belos "Contos de Fadas"	Perrault	Oliveira Ribeiro Netto	França Pera	<ul style="list-style-type: none"> 18,3 x 25 6 p. + capa capa dura e plastificada papel off-set 3 ilustrações em 4 cores 	-

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO / ADAPTAÇÃO	ILUSTRACÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
21	<u>A Capinha Vermelha</u>	Brasilien _{se}	1960 (8 ²)	-	Perrault	Monteiro Lo _{bato}	Y. Takaoka	<ul style="list-style-type: none"> 15 x 21 6 p. + capa capa dura papel off-set 4 ilustrações em preto e branco 	-
22	<u>Chapeuzinho Vermelho (in Contos de Perrault)</u>	Cultrix	1963	Clássicos de Infância	Perrault	Olívia Kröhenbühl	Mogens Ove Østerbye	<ul style="list-style-type: none"> 16,5 x 24 4 p. + capa capa dura papel off-set 1 ilustração em preto e branco 	-
23	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Melhoramentos	1983 (3 ²)	Ver e ouvir	-	Paul Bilder	Eliana B. Brandão	<ul style="list-style-type: none"> 15,5 x 14,8 10 p. + capa capa cartonada e plastificada (em 3^a dimensão) papel cartonado ilustrações em 4 cores 	-
24	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Ao Livro Técnico	-	Panorama	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> 13,7 x 17,3 10 p. de texto + 20 p. para criação de planos capa dura e plastificada papel cartão fino ilustrações em 4 cores com desenhos recortados 	<ul style="list-style-type: none"> Por Editorial Norma, Bogotá, Colombia. By Intervisual Communications Ina. Impresso e montado por Carvajal S.A., Cali, Colombia
25	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Siciliano	1983	Contos Tradicionais	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> 16 x 19 8 p. + capa capa dura e plastificada papel cartonado Ilustrações em 4 cores 	<ul style="list-style-type: none"> Impresso por Pestalozzi Verlag - República Federal da Alemanha

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO / ADAPTAÇÃO *	ILUSTRÇÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
26	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Agir	1968	Contos Di- vertidos	Ferrault	-	Luce Legarde	<ul style="list-style-type: none"> 14,4 x 20,5 28 p. + capa capa: cartão papel off-set ilustrações em 4 cores e em vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> Traduzido da edição francesa: "Le petit Chaperon rouge" (Éditions BIAS Paris)
27	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Rideel	-	Minha pri- meira male- ta escolar	Grimm	Regina Aze- redo	José Jorge Tanus Jr.	<ul style="list-style-type: none"> 13,5 x 21 8 p. papel off-set ilustrações em preto e vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> Texto + "pran- chas mágicas" + lápis de ce- ra + esponja vêm dentro de uma "maleta"
28	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Jackson	1953	Tesouro da Juventude	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> 16,5 x 24,9 3 p. capa dura papel couché 1 ilustração em bran- co, preto e vermelho, com retícula. 	-
29	<u>Chapeuzinho Vermelho (in Contos e Lendas dos Irmãos Grimm)</u>	EDIGRAF	1962	-	Grimm	Íside M. Bonini *	Ramirez	<ul style="list-style-type: none"> 16 x 23,5 8 p. capa dura papel off-set 1 ilustração em 4 co- res 	-

Quadro: Visão geral das versões

NÚMERO	TÍTULO	EDITORA	ANO/ EDIÇÃO	COLEÇÃO	INDICAÇÃO DE ORIGEM	TRADUÇÃO*/ ADAPTAÇÃO	ILUSTRACÃO	ASPECTOS GRÁFICOS	OBSERVAÇÕES
30	O <u>Chapeuzi- nho Vermel- ho</u> (e Os Músicos de Bremen)	Hachette/ Verbo	-	Jardim dos Sonhos	-	Ricardo Alberty	Gerda Fueker	<ul style="list-style-type: none"> 23,5 x 31,7 12 p. capa dura e plastifi- cada papel off-set ilustrações em 4 co- res 	<ul style="list-style-type: none"> Título do ori- ginal francês: Le Petit Chape- ron Rouge e les Musiciens de la Ville de de Brême Copyright by Librairie Hachette e Edi- torial Verbo- Lisboa/São Pau- lo
31	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Bloch	1982	-	-	-	-	<ul style="list-style-type: none"> 20,8 x 28 16 p. + capa capa: cartão (plasti- ficada) papel off-set ilustrações em 4 cores res e em azul e bran- co 	<ul style="list-style-type: none"> Copyright 1982 by Ica Press
32	O <u>Chapeuzi- nho Vermel- ho</u>	Egério	-	-	-	J. Roberto Michelazzo (redação de finitiva)	José Luís Ortega	<ul style="list-style-type: none"> 25 x 34 34 p. capa dura e plastifi- cada papel off-set ilustrações em 4 cores 	-
33	<u>Chapeuzinho Vermelho</u>	Kuarup	1985	Era uma vez	Grimm	Verónica Sónia Kühle	Nelson Bo- eira Fae- drich	<ul style="list-style-type: none"> 16,2 x 22 36 p. capa dura e plastifi- cada papel off-set ilustrações em 4 cores branco 	-

2 ANÁLISE DE VERSÕES DE CHAPEUZINHO VERMELHO

.... o mergulho nesse mundo mágico não é sentimental ou vago; desemboca numa percepção precisa do cotidiano. Esse universo lúdico e de magia não tem nada a ver com a romantização do mundo feita [pelos adultos] em nome dos contos de fadas.... O mundo autêntico daqueles contos.... não é idílico, é belo e cruel. Suprimir nos contos o canibalismo ou "modernizá-los" para um mundo de fábricas e de concreto armado ou ainda "adaptá-los às necessidades humanas", como querem certos pedagogos, liquida com essa forma de cultura.

2.1 ExposiçãoPerrault

Il était une fois une petite fille de village, la plus jolie qu'on eût su voir: sa mère en était folle, et sa mère-grand plus folle encore. Cette bonne femme lui fit faire un petit chaperon rouge qui lui seyait si bien, que partout on l'appelait le Petit Chaperon rouge.

Grimm

Il était une fois une petite fille que tout le monde aimait bien, surtout sa grand-mère. Elle ne savait qu'entreprendre pour lui faire plaisir. Un jour, elle lui offrit un petit bonnet de velours rouge, qui lui allait si bien qu'elle ne voulut plus en porter d'autre. Du coup, on l'appela "Chaperon Rouge".

O texto de Perrault é menos detalhado que o de Grimm. Apresenta-se a menina e sua origem ("de village") e caracteriza-se a sua excessiva beleza ("la plus jolie qu'on eût su voir"). A seguir, fala-se do sentimento desmedido que lhe devotam a mãe e a avó, sobretudo esta última, que mandou fazer para a neta um chapeuzinho vermelho, o qual lhe ficava tão bem, que em todo canto a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Soriano afirma que Perrault utiliza em seu texto palavras consideradas arcaicas à sua época — fins do século XVII — ("mère-grand", "chaperon"), levando em conta exatamente o estranhamento que elas provocariam. (36, p. 154)

Diz ainda que o "chapeuzinho vermelho" que dá título ao conto é um acessório nas versões populares (não se encontra em todas elas), mas torna-se importante na adaptação de Perrault, que repete a expressão onze vezes na história, fora o título. Para evitar a monotonia, esse "leitmotiv" é empregado em duas acepções diferentes: roupa e nome, sendo a diferença percebida pela estrutura gramatical ("Cette bonne femme lui fit faire un petit chaperon rouge qui lui seyait si bien, que partout on l'appelait le Petit Chaperon rouge"). (36, p. 158-9)

Mesmo considerando o "chapeuzinho vermelho" o pormenor do conto mais explorado e analisado, Soriano insiste que as pesquisas folclóricas mostraram ser ele um efeito literário de Per-

rault: assim a sua simbologia diria respeito ao adaptador que o escolheu dentre outros, e não ao conto em si mesmo. (36, p. 160)

No texto de Grimm, os detalhes são vários. Caracteriza-se a menina, física e moralmente ("pequena e meiga") e fala-se do sentimento de todos em relação a ela (na tradução francesa tomada como referência, omite-se a caracterização física e moral de Chapeuzinho). A mãe não aparece nesse momento, mas a avó tem destaque com seu amor e solicitude. Esta deu à menina um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem, que ela não queria usar outra peça, ficando conhecida então como Chapeuzinho Vermelho.

Registram-se, como já foi dito, interpretações diversas desse "chapeuzinho". Segundo Cooper, "entre los franceses, Lefèvre sugiere que Caperucita Roja (Le Petit Chaperon Rouge) representa el rojo del amanecer, Husson piensa que se trata del sol del mediodía, Saint-Yves cree que es un tocador ritual, ya que en numerosos ritos se han utilizado gorros, guirlandas y una gran variedad de tocados" (35, p. 168).

Bettelheim também destaca a cor vermelha, afirmando que ela significaria "as emoções violentas, incluindo as sexuais". Para ele, o fato de a avó dar o chapeuzinho à neta é uma "transferência prematura da atração sexual." (42, p. 209)

Fromm afirma ser esse "chapeuzinho" "um símbolo da menstruação. A menina de cujas aventuras nos falamos, tornou-se adulta e vê-se agora defrontada com o problema do sexo". (41, p. 175)

Cerda, apoiando-se nos trabalhos de Soriano, critica esse tipo de interpretação, julgando-a arbitraria e sem validade científica. (44, p. 271)

De qualquer maneira, independente de ser um elemento de sedução, o chapeuzinho representaria um meio de proteção.

No estudo das trinta e três versões em língua portuguesa, nota-se que algumas conservam os itens de Perrault, outras os de Grimm (com variações ou não) e existem aquelas que acrescentam informações novas.

Informações de Perrault

a) Era uma vez uma menina "aldeã", a mais bonita que já se viu: Il était une fois une petite fille de village, la plus jolie qu'on eût su voir

Tanto em Perrault quanto em Grimm, o texto começa com "Era uma vez". Em Perrault, a menina é caracterizada apenas fisicamente, com o superlativo relativo de superioridade. E, inicialmente, é dado seu local de origem.

As versões 20, 21, 22 e 26 aproximam-se bastante do texto francês.

A 20 e a 22 são as mais fiéis, apresentando a mesma tradução: Era uma vez uma menina aldeã, a mais bonita de quantas já existiram. O texto, aqui, é bastante enfático, mais ainda que o de Perrault: "de quantas já existiram". A 20 prefere o ponto e vírgula depois de "aldeã", destacando, com isso, o que vem a seguir, ou seja, a beleza de Chapeuzinho.

A 26 não adota o superlativo para caracterizar a menina: Era uma vez, numa aldeia pequenina, uma meninazinha linda como uma flor. Já se nota a preferência dessa versão pelo uso do diminutivo: "pequenina", "meninazinha". E faz uma comparação-clichê: "linda como uma flor".

A 21 também não usa o superlativo e apresenta primeiro a característica física sem grande destaque (o adjetivo vem posposto ao substantivo): Era uma vez uma menina linda, que morava numa aldeia É mais objetiva que as outras.

Outras versões trazem, com modificações, essa informação de Perrault: 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 30, 31 e 32 (foram colocadas como ligadas a Grimm as que trazem caracterização moral ou que falam que a menina é "graciosa", "bonitinha", etc, já que, no texto francês, ela é mesmo "bonita", ou melhor, "a mais bonita").

A 2, a 3, a 14 e a 19 apontam o lugar de origem e caracterizam fisicamente a menina.

A 2 e a 3 não enfatizam tanto a beleza de Chapeuzinho.

A 2, como em Perrault, aponta primeiro o local de origem: Numa cidadezinha perdida no meio de uma floresta, vivia uma linda menina A preferência é pelo diminutivo ("cidadezinha").

A 3 fala em "bosque": Chapeuzinho Vermelho era uma linda menina que morava no bosque.

A 14 faz uma caracterização física de Chapeuzinho, que não se prende a Perrault, nem a Grimm (será vista à parte) e fala no seu local de origem, também modificado: Numa casa da montanha/.... ela morava.

A 19 também apresenta os itens de Perrault, mas de maneira totalmente diferente e exagerada. Em determinado momento diz: Quem

não haveria de gostar de uma menina tão linda que mais parecia uma bonequinha, com olhos azuis bem da cor do céu e tranças lourinhas como o trigo maduro?

Pinta-se uma figura estereotipada através da linguagem cheia de clichês e diminutivos: ".... tão linda que mais parecia uma bonequinha olhos azuis da cor do céu e tranças lourinhas como o trigo maduro." E, curiosamente, a menina mora na Suíça: Ela morava lá na Suíça, onde as montanhas são muito verdes e floridas na primavera e ficam branquinhas de neve quando chega o inverno. E como faz frio então!

Situando a história "lá" na Suíça, além de ser ferido um princípio dos contos tradicionais, que é o da indefinição, opta-se pela idealização, a "paisagem - cartão postal". O texto continua bastante adjetivado ("as montanhas são muito verdes e floridas e ficam branquinhas de neve) e tenta-se passar muita emoção na descrição.

Os textos 3, 14 e 19 apontam primeiro a caracterização física de Chapeuzinho.

As versões 5, 9, 13, 23 e 24 não fazem referência ao aspecto físico da menina, mas falam do seu local de origem.

A 5 diz que Era uma vez uma menina que morava numa pequena cidade perto da floresta.

A 9 . prefere o "bosque": Morava numa casa no meio do bosque.

A 13 é a que mais destaca o local em que mora a menina: Ao lado da estrada que ia para a vila, havia uma casinha muito bem cuidada. Todos que passavam admiravam a ordem e a limpeza do lugar: a casa estava sempre bem varrida, havia vasos de gerânios na janela, e um cheiro bom de comida gostosa saía pela chaminé. Naquela casinha.... morava Chapeuzinho Vermelho. A ênfase recai na casa e na maneira como é cuidada. O local é minuciosamente indicado. Descreve-se um mundo organizado, perfeito; diminutivos e adjetivos às vezes reforçados colaboram nessa idealização.

A 23 é bastante resumida: Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho que morava perto da floresta.

A 24 diz: Era uma vez uma menina que morava numa choupana perto de um bosque. A ilustração desse texto contradiz a informação de que ela morava numa "choupana", mostrando o interior, confortável, de uma casa.

A versão 7 não chega a especificar o local onde a menina mora, mas insinua isso, ao dizer: No povoado, todos conheciam Chapeuzinho Vermelho.

As versões 6, 8, 11, 17, 18, 28, 30 e 31 não indicam seu local de origem, mas a caracterizam fisicamente.

A 6 não dá muita ênfase à sua beleza: Eliana era uma linda menina. Será vista mais adiante essa atribuição de um nome a Chapeuzinho.

Na 8, tem-se: Era uma vez uma menina muito bonita, de cabelos dourados como o trigo.... Aqui também há o clichê de linguagem: "cabelos dourados como o trigo".

A 11 prefere usar outra comparação, não mais original: Era uma vez, uma menina muito bonita, de cabelos tão louros que pareciam fios de ouro. Vale observar a vírgula inadequada: "Era uma vez, uma menina".

A 17 adota o diminutivo pouco comum: Era uma vez uma meninazinha muito linda....

A 18 e a 28 dizem apenas: Era uma vez uma menina muito bonita....

E a 30: Era uma vez uma menina tão bonita....

Na 31, a caracterização física vem depois de outras qualidades: ERA UMA VEZ... uma menina alegre, boazinha e bonita....

Na versão 32, há uma rápida referência ao tipo físico de Chapeuzinho: a avó fez para ela um vestido com chapeuzinho vermelho, de um tom bem forte que destacasse os cabelos côm de ouro. Tem-se aí, também, um clichê lingüístico: "cabelos côm de ouro." (A beleza da menina será destacada, nesse texto, mais adiante.)

Em relação a essa primeira informação de Perrault, no que se refere ao local de origem de Chapeuzinho, constata-se que há uma variedade de ambientes, retratados em quatorze versões.

Uma grande parte fala em "bosque" ou "floresta", dado que não existe no original, nesse momento: as que apresentam a menina morando no próprio "bosque" ou "floresta" contrariam o texto de Perrault (que fala simplesmente em "village"); e as que explicitam que ela mora "perto" dali antecipam, desnecessariamente, a passagem de Chapeuzinho pela floresta, quando vai visitar a avó.

Apenas quatro versões referem-se a "aldeia" (ou usam o adjetivo "aldeã"), na tradução de "village" (optam por uma palavra pouco comum no Brasil, mas que mantém o sentido universal do conto). Tem-se ainda: "cidade" ("cidadezinha" ou "pequena cidade"), "vila", "povoado", "montanha", e referência à Suíça.

Ressalta-se também a tendência em se explicitar cada informação com o acréscimo de detalhes irrelevantes (uma versão chega

a utilizar três períodos apenas para situar o local de origem de Chapeuzinho), que remetem quase sempre ao pueril e ao idealizado; há normalmente uma adjetivação abundante.

No que diz respeito à caracterização física da menina, quinze versões falam da sua "beleza". Apenas duas, no entanto, usam a estrutura original. A maioria, apesar dos recursos usados (comparação-clichê, anteposição do adjetivo, advérbios intensificadores); não consegue passar a informação original e, o que é pior, acaba banalizando-a, como é o caso da 19. Geralmente, mostra-se uma criança loura, de olhos azuis.

b) Sua mãe era louca por ela e sua avó mais ainda:.... sa mère en était folle, et sa mère-grand plus folle encore.

É interessante notar a intensidade dos sentimentos da mãe e, sobretudo, da avó.

As versões 20, 22 e 26 trazem, com maior fidelidade ao texto original, essa informação. A 21, que segue Perrault, omite, aqui, esse dado.

A 22 é a mais próxima ao texto francês : Sua mãe era louca por ela, sua avó ainda mais louca.

A 26 é menos enfática: sua mãe gostava muito dela, e sua avózinha ainda mais. Há marca de afetividade: "avózinha".

Na 20, os sentimentos da mãe e da avó se igualam: Sua mãe a adorava e a avó não a amava menos.

Duas outras versões apresentam essa informação: 8 e 28, igualando também os sentimentos (intensos, principalmente na 28) da mãe e da avó.

A 8 diz que Chapeuzinho era tão bondosa quanto sua mãe e sua avó que a adoravam.

A 28 afirma que ela era uma menina a quem a mãe e a avó adoravam extremosamente. Esse texto mantém normalmente um tom formal.

Observando-se as cinco versões, nota-se que há preferência pelo verbo "adorar" (aparece em três delas), menos forte e expressivo que a idéia de "loucura" contida no original. Apenas dois textos traduzem exatamente a idéia original: a avó gostava da neta mais que a mãe.

Numa outra versão, a 32, percebe-se o sentimento da avó em relação à neta, quando se fala na beleza da menina de forma hiperbólica: que, como tôdas as avós, achava sua netinha a meni-

na mais linda do mundo. Registra-se o tom afetivo: "netinha".

c) A avó mandou fazer para a menina um chapeuzinho vermelho, que lhe caía tão bem, que por toda parte passaram a chamá-la Chapeuzinho Vermelho: Cette bonne femme lui fit faire une petit chaperon rouge qui lui seyait si bien, que partout on l'appelait le Petit Chaperon rouge.

Essa informação é bem semelhante à de Grimm. Apenas, aqui, diz-se que a avó ("Cette bonne femme") mandou fazer um chapeuzinho para a menina. Não se especifica o material, nem que a menina não quis mais tirá-lo.

Apenas as versões 20, 21, 22 e 26 trazem a informação.

A 20 e 22 são as mais próximas ao original francês.

A 22 é a mais fiel: Esta boa mulher mandou fazer para ela um chapêuzinho vermelho que lhe assentava tão bem que, por toda parte, só lhe chamavam Chapêuzinho Vermelho. O tom é mais formal: "..... que lhe assentava.... "lhe chamavam...."

A 20 diz: Tanto, que lhe mandou fazer um chapeuzinho vermelho, o qual lhe ficava tão bem, que logo ficou com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Não fala em "boa senhora", nem diz que "por toda parte" a chamavam de Chapeuzinho Vermelho, preferindo falar em "apelido". Fica explícito que o presente é uma consequência direta do amor da avó.

Na 21 e na 26, a própria avó faz o presente.

A 26 conserva a expressão "boa senhora" e é mais detalhada: Esta boa senhora lhe fizera um chapêuzinho vermelho que lhe assentava tão bem que em toda parte ela era conhecida como a Menina do Chapêuzinho Vermelho. Registra-se o uso, formal, do pretérito mais que-perfeito simples ("fizera") e do verbo "assentar", presente também na 22.

A 21 apresenta primeiro a determinação do nome, para, a seguir, apontar a causa: Chama-se Capinha Vermelha, por causa duma capinha dessa cor que sua avó lhe havia feito. Altera-se o nome da menina e também a roupa feita pela avó: uma capinha e não um chapeuzinho ou capuz. É um texto mais objetivo e não se refere ao fato de a roupa ficar bem em Chapeuzinho.

Nota-se que apenas uma versão conserva todos os elementos do texto de Perrault.

Informações de Grimm

a) Era uma vez uma pequena e meiga menina, da qual todos passavam a gostar assim que a viam: Il était une fois une petite fille que tout le monde aimait bien

Aqui, a tradução francesa omite alguns dados. Não caracteriza a menina, enquanto no original alemão ela é caracterizada física e moralmente.

Diz-se que é uma "pequena" e "meiga" (ou "doce") menina. Não se fala propriamente da sua beleza como em Perrault, mas da sua suavidade. Além do mais, o original diz que todos passavam a gostar dela, "assim que a viam" (ou "observavam"). Não há observações quanto ao seu local de origem.

As versões 17, 18, 27, 29, 30 e 33 conservam (com maior ou menor proximidade) as informações de Grimm.

A mais fiel é a 33: Era uma vez uma pequena e meiga menina, da qual todo mundo passava a gostar assim que a conhecia. O verbo "conhecer" dá margem a mais de uma interpretação: a menina era amada assim que era "percebida" ou depois de um convívio.

A 30, a 17 e a 18 apresentam a caracterização física apontada por Perrault, como já foi visto.

A 30 diz: Era uma vez uma menina tão bonita que toda a gente que a via ficava logo a gostar dela. É reforçada a beleza de Chapeuzinho pelo uso da oração subordinada adverbial consecutiva ("que toda a gente que a via ficava logo a gostar dela." Como é comum em Portugal, o aspecto durativo não é indicado pelo gerúndio, mas pela preposição seguida de infinitivo: "a gostar".

A 17 afirma: Era uma vez uma meninazinha muito linda querida por todos que a conheciam. Opta-se pelo diminutivo pouco comum ("meninazinha") e pela voz passiva ("querida por todos"); não há a ênfase original.

A 18 usa a voz ativa: Era uma vez uma menina muito bonita, de quem todo mundo gostava Como na 33, o tom é coloquial ("todo mundo"); não se enfatiza o sentimento dos outros em relação a ela.

A 27, como a 17, adota a voz passiva para caracterizar a afeição de todos por Chapeuzinho: Era uma vez uma menina muito graciosa e querida por todos que a conheciam Perde-se, um pouco, a força do sentimento, como nos dois textos anteriores.

A 29 troca "Era uma vez" por "Houve uma vez", reduzindo a

esfera do contô: Houve, uma vez, uma graciosa menina; quem a via ficava logo gostando dela, assim como ela gostava de todos.... Há uma idealização de sentimentos: todos gostam dela e ela gosta de todos.

Outras versões trazem com modificações essa primeira informação de Grimm, podendo ligar-se também a Perrault.

A 4 é resumida: Todos gostavam de Mariana, uma menina muito meiga. O fato de Chapeuzinho ter um nome será visto à parte.

As versões 4, 17, 18 e 27 falam do amor devotado à menina sem relacioná-lo explicitamente às suas qualidades.

A 19 explicita (com detalhes) a razão do sentimento de todos pela menina: Todo mundo gostava de Chapeuzinho Vermelho. Também pudera! (Seguem-se suas qualidades físicas — já vistas nas informações de Perrault — e morais.) O tom é coloquial: "Todo mundo.... também pudera!"

Nas versões 5, 11 e 25, a menina não é caracterizada; o sentimento que nutrem por ela não é, pois, relacionado diretamente aos seus "dotes".

A 5 diz apenas que Todos gostavam dela....

A 11, mais coloquial, que Todo mundo gostava muito dela.

A 25 prefere a voz passiva: Chapeuzinho Vermelho era uma menina querida por todos.

A versão 7 não fala que a menina era amada, mas indica que ela era muito conhecida: No povoado, todos conheciam Chapeuzinho Vermelho.

Quanto a essa primeira informação de Grimm, as versões não seguem geralmente a caracterização física e moral de Chapeuzinho existente no original: "pequena" e "meiga" (ou "doce"). Apenas uma é fiel ao texto alemão. Uma outra refere-se somente à sua "meiguice", e duas adotam o adjetivo "graciosa". Dessas três, a preferência é pela posposição do adjetivo ao substantivo, mais o reforço do advérbio. Não se alcança, porém, a ênfase original. Três versões seguem Perrault, destacando mesmo a "beleza" de Chapeuzinho e não sua "suavidade". Quatro não a caracterizam.

No que se refere ao sentimento de todos em relação à menina (apontado em quinze versões), nota-se que a maioria tampouco reproduz com fidelidade a idéia original de Chapeuzinho ser amada assim que era vista. A informação acaba sendo incompleta ou exagerada (ênfatizam-se seus "dotes"). Apenas duas versões seguem, mais de perto, o texto de Grimm.

b) Ninguém amava tanto Chapeuzinho quanto sua avó, que não sabia mais o que fazer para agradá-la: surtout sa grand-mère. Elle ne savait qu'entreprendre pour lui faire plaisir.

O texto dos irmãos Grimm reforça o amor da avó. A tradução francesa é fiel nesse trecho.

As versões mais próximas ao original são a 27, 30 e 33.

A 33 é muito fiel: Mas ninguém a amava tanto quanto sua vozinha, que não sabia mais o que fazer para agradá-la. Há preferência pela forma afetiva: "vovozinha".

A 30 também é fiel a Grimm: Mas a pessoa que mais gostava dela era a Avó. E não sabia o que havia de inventar para a satisfazer.

A 27 é mais afetiva: principalmente por sua avozinha, que gostava muito de agradá-la. A velhinha lhe dava muita atenção e carinho, e também muitas coisas bonitas. Enfatizam-se os agradados da avó, num tom coloquial ("coisas bonitas").

Outras versões trazem essa informação com maior distância do texto de Grimm: 4, 5, 11, 17, 18, 28 e 29.

A-5, a 11 e a 18 falam em "presente".

A 5 afirma: principalmente sua avó, que a enchia de presentes.

A 11 ainda define mais a situação: principalmente sua avozinha que lhe dava toda semana um presente...

A 18 destaca a solicitude da avó: principalmente a avó, que adorava dar-lhe presentes.

As versões 4, 17, 28 e 29 adotam esquemas diferentes.

A 4 não se refere aos agradados da avó: Sua avó, que morava no outro lado da floresta, então nem se fala. Antecipa-se o local onde ela mora.

A 17 não fala, explicitamente, no sentimento da avó: sua avó, então, não sabia mais o que fazer para agradá-la.

Na 28, como já foi visto, a mãe e a avó amam a menina igualmente: a quem a mãe e a avó adoravam extremamente. A santa avôzinha, que passava o tempo a imaginar o que poderia agradar à neta O texto apresenta recursos afetivo-apelativos: "extremosamente", "santa avôzinha".

A 29 inverte os sentimentos (a neta ama a avó): particularmente, amava a avôzinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Há preferência pelas formas afetivas: "avôzinha", "netinha".

Das versões que trazem, de alguma forma, essa segunda infor-

mação de Grimm, oito referem-se explicitamente ao sentimento da avó, sendo que sete guardam a idéia original de que ele era maior que o dos outros (três o enfatizam, destacando-o no início de um novo período).

Quanto aos agrados da avó (registrados em nove versões), cinco reproduzem, mais de perto, a sua "obsessão" em satisfazer a menina (uma chega a dar mais detalhes dos "agrados", explicitando-os desnecessariamente); as três que falam em "presente", apesar de destacarem a solicitude da avó, não são tão enfáticas quanto o original. Aparece quatro vezes a forma "avozinha" e, uma vez cada, "vovozinha" e "velhinha".

c) Certa vez a avó deu à neta um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem, que a menina não queria usar outra peça, ficando conhecida então como Chapeuzinho Vermelho: Un jour, elle lui offrit un petit bonnet de velours rouge, qui lui allait si bien qu'elle ne voulut plus en porter d'autre. Du coup, on l'appela "Chaperon Rouge".

Aqui, também, a tradução francesa confere com o original alemão. O texto de Grimm é semelhante ao de Perrault, mas não especifica que a avó "mandou" fazer o chapéu e explicita que a menina não queria usar outra peça, além de referir-se ao seu material.

As versões mais próximas ao alemão são a 11, 18, 27, 28, 29, 30 e 33.

A 33 é muito fiel: Certa vez deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem que a menina não queria usar outra coisa, ficando conhecida, então como Chapeuzinho Vermelho. Há um tom coloquial em: "não queria usar outra coisa".

A 30 também é fiel: Uma vez ofereceu-lhe um Chapeuzinho de veludo vermelho. E o Chapeuzinho ficava-lhe tão bem que a menina nunca mais quis largar. E por isso todos passaram a chamar-lhe Chapeuzinho Vermelho. É usada a maiúscula, mesmo quando se faz referência à roupa: "Chapeuzinho" (a palavra é repetida desnecessariamente) e há traço de coloquialismo, na ausência do objeto direto ("que a menina nunca mais quis largar."). Mas, ao lado disso, persiste um tom formal: "oferecer" (ao invés de "dar") e "chamar-lhe".

A 29 fala em "apelido": Certa vez, presenteou-a com um chapéuzinho de veludo vermelho e, porque lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapéuzinho Vermelho.

A 18 é igualmente próxima a Grimm: Uma vez deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem que a menina nunca tirava da cabeça. Por isso, todos a chamavam de "Chapeuzinho Vermelho". Também é omitido o objeto direto, característica da linguagem corrente: "que a menina nunca tirava da cabeça".

A 11 não fala do material do chapéu: Um desses presentes foi um chapeuzinho vermelho que ficou tão bem na menina, que ela nunca mais deixou de usar. Por isso, ficou sendo chamada de Chapeuzinho Vermelho. Omite-se igualmente o objeto direto: "que ela nunca mais deixou de usar."

A 27 e a 28 falam em "capa".

A 27 afirma: Um dia, presenteou-a com uma capa que tinha um capuchinho vermelho. A menina encantou-se com o presente e não queria usar outra coisa. Por isso, as pessoas costumavam chamá-la de Chapeuzinho Vermelho. Não se fala da aparência da menina quando usava a roupa, mas do seu contentamento. Há um tom coloquial: "e não queria usar outra coisa". Quando se faz referência às visitas que Chapeuzinho fará à avó, já se antecipa o momento seguinte do conto.

A 28 diz: deu-lhe um dia uma bela capinha de veludo vermelho com um capuz, também vermelho. A pequena andava tão contente com o seu capuzinho novo, que já não queria pôr outra coisa na cabeça. Começaram a chamar-lhe a menina do chapêuzinho vermelho. A linguagem é bastante adjetivada ("bela", "vermelho", "contente", "novo") e usa-se, mais de uma vez, a forma diminutiva ("capinha", "capuzinho"). Há um excesso de explicações sobre o tipo do presente e fala-se, como a 27, do sentimento da menina e não da sua aparência. Ao lado de um tom coloquial ("já não queria pôr outra coisa na cabeça."), encontra-se um traço de formalismo: "chamar-lhe".

Outras versões trazem, com menos fidelidade ao original, essa informação de Grimm: 2, 4, 5, 8, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 31 e 32.

A 5, 8 e 17 acrescentam outros dados.

A 5 situa o fato temporalmente: Certo dia, quando o inverno já estava chegando, a avó a presenteou com um lindo chapeuzinho vermelho. A menina gostou tanto do presente, que nunca mais deixou de usá-lo. Por causa disso, ganhou o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Caracteriza-se o chapeuzinho vermelho ("lindo"), mas não o seu material.

A 8 é mais explícita: No dia de seu aniversário, a menina ganhou da avó um lindo chapéu de lã vermelha. Ela gostou tanto que nunca mais deixou de usá-lo. Por isso todos os vizinhos e amigos co

meçaram a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho, nome pelo qual ela ficou sendo conhecida. A lembrança do aniversário de Chapeuzinho Vermelho teria talvez a função de tornar o texto mais "infantil" (festa de aniversário é algo simpático às crianças). Altera-se o material do chapéu ("lã").

A 17 diz: Um dia, deu-lhe de presente um lindo chapêuzinho vermelho. Desejava vê-la bem agasalhada quando fôsse de visita à sua casa, no meio de uma grande floresta.

A menina gostou tanto do presente, a ponto de não sair mais sem o seu lindo chapêuzinho.

Por isso todos a chamavam de Chapêuzinho Vermelho.

Destaca-se a beleza do chapéu: em dois momentos diz-se que ele é "lindo", e não se fala no seu material. A própria mãe dá o presente (essa informação será vista à parte) e é enfatizada a preocupação protetora da avó: "Desejava vê-la bem agasalhada, quando fosse...."

As versões 5, 8 e 17 (como a 27 e a 28) não falam da aparência da menina ao usar o presente, mas do seu sentimento em relação a ele.

A versão 4 não especifica que Chapeuzinho nunca mais quis deixar de usar a "capinha", podendo ligar-se, portanto, a Perrault ou a Grimm. Determina-se uma data para o recebimento do presente: Quando Mariana fez quatro anos, vovô lhe deu de presente uma capinha toda vermelha, com capuz. Desde então, todos passaram a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho. Não se fala da aparência da menina ao usar a roupa, tampouco do seu sentimento.

As versões 2, 10 e a 25 apresentam primeiro o nome e, depois, a sua causa.

A 2 diz: vivia uma linda menina a que todos chamavam de Chapeuzinho Vermelho. Tinha este nome porque sua avó certo dia, lhe fez um capuz de fazenda vermelha, que a garota não tirava da cabeça. Fala-se em "capuz" e não em "chapeuzinho", feito pela própria avó, e há um problema de pontuação: ".... sua avó certo dia, lhe fez"

A 10 (como a 4) não diz que a menina usava sempre o presente; pode ligar-se também a Perrault: Esta é a estória de Chapeuzinho Vermelho. Chamavam-na assim por causa de um gorrinho que sua vovozinha lhe dera. Prefere-se o tom afetivo (através de diminutivos), mas é mantido o registro formal com o uso do pretérito mais-que-perfeito simples ("dera").

A 25 também adota a forma diminutiva para caracterizar a avó: Chamava-se assim porque sempre usava um chapeuzinho vermelho, presente de sua avozinha.

Algumas versões trazem a informação de que Chapeuzinho tinha a roupa vermelha, mas omitem o fato de que foi presente da avó: 12, 13, 15, 16, 23, 24 e 31. Podem ser originárias, portanto, de Grimm ou de Perrault .

A 12, a 13, a 15, a 16 e a 24 falam em "capa", ou "capinha".

A 12 entra em detalhes ao explicar o presente: Ela tinha uma capa vermelha, com um capuz bonitinho, que parecia um chapeuzinho. Por isso, todo mundo na vila chamava a menininha de Chapeuzinho Vermelho. Há preferência pela forma diminutiva: "bonitinha", "menininha".

A 15 afirma: Era uma vez uma menina que usava sempre uma capinha com um chapeuzinho vermelho. Por isso todo mundo a chamava de Chapeuzinho Vermelho.

A 12 e a 15 têm um tom mais coloquial: "todo mundo".

A 16 também prefere o diminutivo "menininha": Era uma vez uma menininha que usava sempre uma capa com um chapêuzinho vermelho, por isso ela ficou se chamando Chapêuzinho Vermelho.

Na 13 e na 24 a determinação do nome vem antes da sua causa.

A 13 afirma: Tinha esse nome por que usava sempre uma capinha vermelha com um capuz, que lhe ficavam muito bem, deixando-a ainda mais corada e viçosa. Reforça-se a boa aparência de Chapeuzinho: "corada" e "viçosa".

A 24 diz: Era chamada "Chapeuzinho Vermelho", porque usava sempre uma capa e um chapéu vermelho.

A 31 fala apenas em "capuz": que usava sempre um pequeno capuz de lã encarnada. Por isso todos a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

A versão 23 é a mais simplificada de todas: Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.

Duas versões (19 e 32) fogem aos esquemas já apresentados.

Na 19, a mãe — e não a avó — dá o presente à filha, e esta passa a usá-lo sempre: fizera um capuz vermelho que ela passou a usar sempre. Foi por isso que todo mundo se acostumou a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho. Há mistura de tons: "fizera"/"todo mundo".

Na 32, a própria avó faz o presente (um vestidinho com um chapêuzinho vermelho, muito vermelho . . . ; a menina "adora" e todos dizem que ela fica muito bem com ele. O texto diz ainda:

, Muito cedo, as gentes do lugar começaram a chamá-la de Chapêuzinho Vermelho. Como a versão traz alterações significativas, será comentada à parte.

Quanto a esse terceiro trecho de Grimm, no que diz respei-

to à informação de que a avó deu à neta um chapeuzinho de veludo vermelho, há apenas quatro versões inteiramente fiéis ao original; dez outras conservam a idéia de um presente dado pela avó, mas trazem modificações quanto ao seu tipo e quanto ao material usado na sua confecção. Sete não se referem à avó, nesse momento.

Sete versões dizem que o presente ficou muito bem na menina (tanto que não quis mais tirá-lo), mas seis trocam esse dado por um outro, inexistente no original: ela se encantou com o "chapeuzinho" (ou similar).

Dezenove textos conservam a informação de que ela o usava sempre; em nove, esse uso constante é determinado pelo fato de ele ficar bem nela ou contentá-la; uma insinua apenas essa relação; oito não atribuem esse uso a nenhum fato específico. Quatro versões omitem a informação.

Vinte e três versões falam, nesse trecho, da determinação do nome da menina; dezoito apontam-no (seguindo o original) como decorrente do uso constante que ela fazia do chapeuzinho; em duas isso está implícito; uma não dá a menor explicação para o nome.

Ao todo, vinte e duas versões referem-se ao acessório usado por Chapeuzinho Vermelho, e há uma grande variedade de tipos. Em dez textos, encontram-se, inclusive, combinações de tipos (Ex.: capa com capuz). Isso poderia ser explicado por uma influência do texto de Perrault ("chaperon" seria um chapéu com uma pequena capa), mas, nessas versões, a ênfase recai sempre na "capa", não dando a entender que ela seja um pequeno complemento de um "chapeuzinho" ou "capuz". Nessas combinações, detalha-se muito o tipo de roupa (duas versões chegam a introduzir orações para explicar melhor a idéia).

A palavra "chapeuzinho" aparece doze vezes; a seguir, tem-se: "capuz", sete vezes; "capa", quatro vezes; "capinha", idem; "chapéu", duas vezes; "capuchinho", uma vez; "gorrinho", uma vez; e até "vestidinho", uma vez.

Quanto à adjetivação usada, apenas uma versão não fala da cor "vermelha"; cinco não se satisfazem somente com a cor, usando outros adjetivos: "lindo" (três vezes); "bela" (uma vez); "bonitinha" (uma vez). Em quatro, adota-se a anteposição do adjetivo ao substantivo.

Em oito textos, não há correspondência entre o tipo de acessório usado pela menina e o seu nome. Fala-se que ela se chama Chapeuzinho Vermelho, por causa de um "capuz", "capinha", "gorrinho", etc.

As formas familiares e afetivas ("vovô", "avózinha" e "vo-vozinha") aparecem uma vez cada.

Informações novas

a) Chapeuzinho Vermelho recebe um nome

Nos contos tradicionais, é importante a indefinição quanto a nomes, locais, para se conservar o seu caráter universal.

Duas versões, ferindo esse princípio, atribuem um nome à menina (4 e 6).

A 4 diz: Todos gostavam de Mariana.... Além do mais, é determinada sua idade: Quando Mariana fez quatro anos.... O texto talvez leve em conta, aqui, a indicação dos contos de fadas para crianças a partir de uns quatro anos (a "fase do mito", como já foi visto), mas tudo indica que Chapeuzinho não tinha essa idade. Bettelheim fala de uma "criança que já luta com problemas pubertais". (42, p. 208). Independente dessa interpretação, percebe-se que com apenas quatro anos ela não sairia sozinha de casa, para atravessar uma floresta.

A 6 diz que Eliana era uma linda menina....

b) Chapeuzinho Vermelho recebe outras caracterizações

Em Perrault, a menina é caracterizada apenas fisicamente. Em Grimm diz-se que ela é "pequena" e "meiga".

Algumas versões reforçam seus "dotes" morais, numa evidente preocupação pedagógica (5, 8, 13, 17 e 19).

A 5 diz que ela era uma boa netinha, indo sempre visitar a avó.

A 8 revela autoritarismo da mãe e submissão da menina: Chapeuzinho Vermelho era uma menina muito obediente e, quando sua mãe a mandava ir a algum lugar, nunca reclamava. Além do mais ela era tão bondosa quanto sua mãe e sua avó.

A 13, que ela era uma menina muito boazinha.

A 17, que ela era linda e bem-educada.

A 19 afirma que todos gostavam dela, porque era cheia de atributos físicos: E que, além de tudo isso, era boazinha e obedi-

ente.

As versões 2, 12 e 14 destacam outros traços de sua personalidade.

A 2 diz que Chapeuzinho Vermelho era uma menina muito alegre.

A 12, que Era uma vez, há muito, muito tempo atrás, uma menina muito engraçada. O fato de ela ser "engraçada" e não "engraçadinha" é uma inovação.

A 14 também tenta dar um outro perfil à menina, num tom coloquial:

A Chapeuzinho Vermelho
era alegre, era sapeca.
Bonitinha, brincalhona
e levada era da breca.

A inovação, porém, não é mantida: a versão acaba caindo, depois, no convencionalismo.

c) Chapeuzinho Vermelho mora com a mãe

Nos textos tradicionais isso está implícito, mas algumas versões sentem a necessidade de explicitar a informação, oferecendo aos leitores dados pouco ou nada significativos (3, 9, 13, 14, 25 e 28).

A versão 3 diz que a menina morava com a mãe no bosque". É dada essa informação (desnecessária) e são omitidas outras, importantes.

A 9 diz que ela morava com sua mãe numa casa no meio do bosque

A 13 descreve a casa da menina e afirma, num tom afetivo: Na quela casinha, junto com a mãe, morava Chapeuzinho Vermelho

A 14 diz:

Numa casa da montanha
com a mãe ela morava.

A 25 insiste que ela vivia com sua mãe.

A 28 insinua o fato, ao especificar onde mora a avó: A mãe e a avó moravam em duas casas separadas por uma floresta de meia língua de comprido.

d) Antecipa-se a indicação do local onde mora a avó

Essa informação aparece em Grimm, no terceiro momento da his

tória ("Encontro com o lobo"), mas algumas versões apresentam-na logo no início do conto (9; 13, 17, 32).

A 9 diz: Sua avó também morava no bosque, só que um pouquinho mais longe.

A 13 afirma: A avó de Chapeuzinho Vermelho, que morava sozinha do outro lado da vila....

A 17 diz que sua casa era no meio de uma grande floresta.

Na 32, a ênfase recai na avó: Era uma vez uma floresta imensa, num recanto afastado de um longínquo país. Longe, muito longe do Brasil, numa casinha, no meio do bosque, vivia uma simpática vovó....

O texto toma, desnecessariamente, o Brasil como referência. E é muito redundante, além de abusar dos adjetivos: "recanto afastado", "longínquo país", A avó é caracterizada desde o início: "simpática vovó".

e) Chapeuzinho Vermelho recebe o chapeuzinho da mãe

Contrariamente aos textos originais, duas versões optam por essa fórmula (6 e 19).

A 6 diz que ela ganhou da mãe um chapeuzinho vermelho.

A 19 é bastante detalhada: Para a filhinha querida não sentir frio, sua mamãe fizera um capuz vermelho que ela passou a usar sempre. Foi por isso que todo mundo se acostumou a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho. Tenta-se passar uma grande afetividade: "filhinha querida", "mamãe", etc. Ao lado de um registro formal — uso do pretérito mais-que-perfeito simples —, há uma expressão coloquial ("todo mundo").

f) Hábitos e passeios de Chapeuzinho Vermelho

Desde o início da história, algumas versões se preocupam em colocar a menina entretida em passeios divertidos. É uma marca de puerilidade: são envolvidos "bichinhos", "flores" e muita alegria, numa idealização do mundo infantil (5, 7, 8, 13, 14).

A 5 diz que a avó a enchia de presentes. Assim ela tinha brinquedos à beça e se divertia um bocado com seus amiguinhos.... quase todos os dias Chapeuzinho Vermelho ia visitar a avó. E sempre levava para ela doces, frutas, bombons e também bonitas flores que apanhava no caminho. O trecho tem um tom coloquial: a avó "a

enchia de presentes....", "ã beça", "um bocado", etc. Tenta-se passar afetividade ("amiguinhos") e são destacados elementos caros às crianças ("brinquedos", "doces", "frutas", "bombons", etc), como forma de apelo. Antecipa-se, ainda, a visita à avó, considerada, aqui, como algo habitual.

A 7 diz que No povoado, todos conheciam Chapeuzinho Vermelho. Até os pássaros e as flores ficavam mais alegres quando a viam passar, a caminho do bosque. Há uma total idealização da sua vida: ela conseguia alegrar até os pássaros e as flores. Além disso, a idéia de "flores" e "pássaros" "alegres" é pouco original.

A 8 afirma que, quando saía, seguindo instruções da mãe ia satisfeita e ainda era ajudada pelos animaizinhos do bosque que a guiavam pelos caminhos desconhecidos. Eles gostavam muito dela e não deixavam que Chapeuzinho andasse sozinha para não se perder. E assim, quando a menina saía de casa, eles logo apareciam para oferecer ajuda.

— Nós carregamos a cesta.

Vê-se aqui o caráter protetor dos "animaizinhos do bosque", que cumpririam a função do adulto. São usados diminutivos ("animaizinhos", "menininha"), na tentativa de se passar afetividade.

A 13 fala da avó que ficava muito contente quando a neta ia visitá-la. Fala também das "brincadeiras" da menina: Chapeuzinho Vermelho gostava de brincar no jardim, ao redor da casa, onde havia sempre borboletas esvoaçando entre as flores e passarinhos cantando nos arbustos.

O gato também brincava com ela, mas, quando sentia cheiro de comida, ele entrava correndo e ficava rodeando a mãe de Chapeuzinho Vermelho, até ganhar algum bocado.

Pinta-se um quadro estereotipado e idealizado: ".... borboletas esvoaçando entre as flores e passarinhos cantando nos arbustos".

Na 14, há também a intromissão dos "bichos", "mil flores", "pássaros", num tom coloquial e afetivo:

E até os bichos do quintal
a menina adorava.

Lá na casa, entre mil flores,
com os pássaros brincava.

Nos trabalhos do jardim,
Chapeuzinho ajudava.

É interessante notar a "boa vontade" de Chapeuzinho, ajudan

do nos "trabalhos do jardim": é passada sutilmente uma lição para as crianças.

As "brincadeiras" da menina são realçadas na versão 31: Chapeuzinho tinha muitas amigas, com as quais brincava de roda. De mãos dadas, faziam um grande círculo em torno da enorme mangueira que havia no centro do jardim e, com muita alegria, cantavam assim:

Vamos dançar a roda, ô Lelê
 Vamos rodar na dança, ô Lalá
 Dança e balança a trança, ô Lalá
 Gente que é criança, ô Lelê
 Sabe como dançar, ô Lalá
 Vento que sopra aqui, ô Lelê
 É o vento que sopra lá, ô Lalá
 Bate palminhas aqui
 (palmas)
 Bate palminhas lá
 (palmas)
 Roda a roda a rodar
 Não deixa a roda parar
 Roda a roda a rodar
 Não deixa a roda parar

Esse texto parece girar em torno dessas "brincadeiras", introduzindo-se, inclusive, "amigas" de Chapeuzinho. A repetição — cansativa e desnecessária — de versos pouco originais retarda a ação. Há um exagero constante: "muito amigas", "grande círculo", "enorme".

g) Ênfase à figura da mãe ou da avó

Em Perrault e em Grimm, a mãe de Chapeuzinho tem um papel obscuro: no texto francês, ela nem chega a dar conselhos.

Uma versão, a 14, enfatiza as suas qualidades de "boa cozinheira" não rompendo, portanto, com nenhum esquema, ao atribuir-lhe funções domésticas. Talvez seja uma influência do texto de Perrault, que afirma que a própria mãe fez os bolinhos.

A mamãe de Chapeuzinho
 era grande cozinheira.
 E fazer tudo gostoso
 era pura brincadeira.

Persiste o tom familiar e afetivo ("mamãe").

Na versão 32 o grande destaque é dado à avó. Desde o início, ela desempenha papel importante: Era uma vez uma floresta imensa
no meio do bosque, vivia uma simpática vovó....

A feitura e a entrega do chapeuzinho se estendem, sendo descritas minuciosamente:

Um dia, ela resolveu fazer, para sua netinha, um vestidinho com um chapêuzinho vermelho, muito vermelho, de um tom bem forte que destacasse os cabelos côm de ouro. E, muito animada, começou a cortar e a costurar.

Está ficando ótimo! Como ela vai gastar dêste chapêuzinho no dia de seu aniversário! — dizia a vovó. Enquanto trabalhava, ia cantarolando:

"Costurando, costurando,
 O chapéu vou terminando.
 Costurando, costurando.
 Que bonito está ficando!"

E, ponto por ponto, o pano vermelho foi sendo transformado num chapêuzinho mesmo. Quando afinal ficou tudo pronto, saiu, muito feliz, de sua casa, levando o presente para a neta. Atravessou tôda a floresta, para chegar à casa da menina que morava lá do outro lado com sua mãe e seu pai.

— Bom dia, Chapêuzinho!

— Chapêuzinho, leve estas flôres para sua mãe.

E até mesmo as crianças:

— Chapêuzinho, vamos brincar?

E foi assim que também seus pais a chamaram a partir de então.

— Ela fica uma boneca! disse à Mamãe.

— Cai muito bem para ela! falou o Papai.

— Eu sabia que ia ficar linda. Não se cansava de dizer a vovó.

Nem é preciso dizer que a menina ADOROU!

Ela gostou tanto que a tôda hora aparecia na rua de chapéu vermelho — quando ia brincar, quando ia passear, sempre, sempre, as pessoas a viam com êle. Muito cedo, as gentes do lugar começaram a chamá-la de Chapêuzinho Vermelho.

Detalhes desnecessários são apontados: a decisão de se fazer "vestidinho" com "chapêuzinho" para a "netinha" (preferência pelo uso diminutivo); a escolha da cor; a feitura da roupa; a entrega. A própria avó vai levar o presente; especifica-se onde Chapeuzinho mora; é introduzida uma informação completamente nova: a existência do pai. O final do trecho é confuso ou, no mínimo, redundante:

primeiro, são reproduzidas as falas das pessoas que viam a menina com a roupa, e depois isso é retomado, como se nada tivesse sido do dito. A mãe, o pai e a própria "vovô" dão palpites também, enfatizando-se a beleza de Chapeuzinho. Tenta-se exagerar a satisfação da menina: o verbo "adorar" vem em "caixa alta". Em suma, esse longo trecho acaba tendo apenas o efeito de retardar, e muito, a ação, além de apresentar uma linguagem clichêrizada, cheia de recursos afetivo-apelativos.

No que diz respeito a esse primeiro momento do conto, quatro versões prendem-se ao texto de Perrault, e três ao de Grimm; vinte e três misturam informações de ambos ou são vagas e/ou alteradas. Dezesesseis apresentam informações novas, e vinte e duas omitem alguns (ou vários) dos itens comuns aos contos francês e alemão: caracterização física de Chapeuzinho; sentimento da avó em relação a ela; presente dado à neta; aparência da menina ao usar o chapéu; atribuição do nome. Uma não tem "Exposição".

A informação mais constante é a atribuição do nome "Chapeuzinho Vermelho" à personagem principal (apenas uma versão omite esse dado, nesse trecho). A seguir, tem-se o fato de que ela usava sempre o "chapeuzinho" ou similar (existente em dezenove versões) e que o ganhou da avó (dezoito versões). Quinze falam da sua "beleza", e outras quinze, do sentimento de todos em relação a ela.

Os itens menos frequentes são: a caracterização física segundo Grimm (quatro versões) e o amor da mãe (cinco).

Quanto ao início do conto, vinte e três textos conservam o "Era uma vez" tradicional; três começam falando do sentimento dos outros em relação à menina; três referem-se ao seu local de origem; dois falam de sua "beleza"; outros dois, da sua "alegria"; um usa "Houve uma vez", e, finalmente, um faz uma apresentação diferente: "Esta é a história de Chapeuzinho Vermelho".

Esses textos que fogem ao "Era uma vez" ferem um princípio importante do conto tradicional. Segundo Cooper, "Había una vez equivale al Primer Tiempo de los antiguos egipcios, el tiempo mitológico que forma parte de todas las tradiciones del mundo". (35, p. 112).

A versão mais fiel a Perrault é a 22, e a mais fiel a Grimm é a 33. As mais resumidas são a 3 e 6, e a mais modificada é a 32.

A maioria dos textos altera substancialmente os originais: ou são muito resumidos (omitindo fatos importantes) ou entram em

pormenores desnecessários: explicitação de ambientes, tipos e atitudes, idealização da vida infantil (na descrição de hábitos e passeios de Chapeuzinho), apelo ao didatismo (são reforçadas as características morais da menina), ênfase ao padronizado e convencional. É comum também a versão, ao mesmo tempo, omitir informações significativas e destacar outras irrelevantes. Nos acréscimos ao conto, a preferência é por novos períodos; tem-se em menor número a introdução de orações (nos períodos que contêm as informações originais) e de adjuntos adverbiais. Algumas versões apresentam um acúmulo de novos dados, fazendo estender desnecessariamente a "Exposição".

Busca-se, também, passar, sempre, mais afetividade, com o uso constante do diminutivo: o mais comum é "avozinha" (aparece cinco vezes).

Há igualmente o acréscimo de inúmeros adjetivos, com funções sintáticas diversas. Muitos servem para caracterizar a menina ("alegre", "boazinha", "obediente", "bem-educada", etc) ou seu chapéu ("lindo", "bonitinho"); outros referem-se a seu local de origem ("verde", "bom", "afastado", "longínquo", etc). Muitas vezes eles vêm reforçados por advérbios ou mesmo na forma diminutiva.

Quanto ao registro usado, há, em alguns textos, uma mistura de tom: traços de coloquialismo ("coisa", "todo mundo", etc), ao lado de construções mais formais ("chamar-lhe", "assentava-lhe", etc). Num apelo ao afetivo e familiar, aparecem várias vezes as formas "vovô", "vovozinha" e "mamãe" na fala do narrador.

2.2 Complicação

2.2.1 Instruções maternas

Perrault

Un jour, sa mère, ayant cuit et fait des galettes, lui dit:

— Va voir comment se porte ta mère-grand, car on m'a dit qu'elle était malade. Porte-lui une galette et ce petit pot de beurre.

Grimm

Un jour, sa mère lui dit: "Viens voir, Chaperon Rouge: voici un morceau de gâteau et une bouteille de vin. Porte-les à ta grand-mère; elle est malade et faible; elle s'en delectera; fais vite avant qu'il ne passe trop chaud. Et quand tu seras en chemin, sois bien sage et ne t'écarte pas de ta route, sinon tu casserais la bouteille et ta grand-mère n'aurait plus rien. Et quand tu arriveras chez elle, n'oublie pas de dire "bonjour" et ne va pas fureter dans tous les coins."

"Je ferais tout comme il faut", dit le petit Chaperon Rouge à sa mère. La fillette lui dit au revoir.

Em Perrault, o trecho é curto e objetivo. Afirma-se que, um dia, a mãe, tendo assado bolinhos, diz a Chapeuzinho que vá ver a avó, pois lhe disseram que ela estava doente. A menina deve levar-lhe um bolinho e um pequeno pote de manteiga. Há, portanto, apenas as informações essenciais ao desenvolvimento da narrativa. A mãe não dá conselhos.

Aparece, pela primeira vez, a expressão "petit pot de beurre", que vai surgir quatro vezes no conto e, segundo Soriano, funciona como um jogo, pela sua sonoridade. Como diz ainda esse estudioso francês, há o verbo "cuire" (no sentido intransitivo) considerado arcaico mesmo à época de Perrault e empregado exatamente por seu aspecto não usual. (36, p. 154)

O texto de Grimm é bastante detalhado. A mãe chama Chapeuzinho, apresenta-lhe o pedaço de bolo e a garrafa de vinho e diz à menina que os leve à avó, que está doente e fraca e, com eles, irá fortificar-se. Orienta-a para sair antes que esquente e mostra-lhe como deve comportar-se no caminho e ao chegar à casa da avó. Chapeuzinho promete obedecer.

Fromm, na sua perspectiva psicanalítica, afirma que "a ad-

vertência de "não sair da trilha" para "não cair e quebrar a garrafa" é claramente um alerta contra o perigo do sexo e de perder a virgindade." (41, p. 175)

Há também a interpretação ético-religiosa, lembrada por Cerda: "La alegre y traviesa nieta, es la señalada por la madre para llevar el pan (o la torta) y el vino a la abuela enferma. Estos dos (el pan y el vino), son los símbolos del sacramento de la eucaristía en el culto cristiano" (44, p. 273). É bom lembrar que Cerda faz sempre uma análise negativa desse tipo de interpretação.

Informações de Perrault

a) Um dia, sua mãe, tendo feito uns bolinhos, dirige-se a Chapeuzinho. Un jour, sa mère ayant cuit et fait des galettes, lui dit

Nota-se que a própria mãe preparou os bolos.

As versões mais próximas ao original são a 20, 21, 22 e 26.

A 22 reproduz o esquema de Perrault: Um dia sua mãe, tendo assado uma fornada de pãezinhos, disse à menina.... Apenas, detalha que ela assou uma "fornada".

A 20 e a 21 falam, de maneira genérica, em "bolos".

A 20 diz que Um dia a mãe de Chapeuzinho fez bolos e disse-lhe....

A 21, que Um dia a mãe de Capinha fêz bolos e lhe disse.... A diferença entre as duas é pequena: altera-se a forma como é chamada a menina.

A 26 usa o diminutivo ("bolinhos"), mas insiste em caracterizá-los, o que não existe no texto original: Um dia, sua mãe fêz uns bolinhos muito gostosos e lhe disse....

Outras versões, que não seguem de perto Perrault, trazem, contudo, a informação de que a mãe fez a comida (5, 8, 13, 19, 28 e 32).

Na 5, acrescenta-se um dado (aliás, desnecessário), e a comida é bem diferente da de Perrault: Certa manhã, enquanto Chapeuzinho brincava no jardim, sua mãe preparou duas deliciosas tortas — uma de maçã e outra de pêssego. Há um apelo ao "infantil" (brincadeiras de Chapeuzinho e comida "deliciosa").

Na 8, o trecho é bem grande, e essa instrução surge no final:

— Leve este bolo que acabo de fazer.

A 13 diz: Um dia a mãe de Chapeuzinho fez umas coisas gostosas e chamou a menina. A comida é apresentada de maneira vaga e coloquial: "coisas gostosas".

Na 19, a própria mãe chama a avó de "vovó":

— Fiz este bolo para sua vovó.

Na 28, que segue, em linhas gerais, Grimm, a mãe diz:

— Fiz estes doces.

Na 32, mais no final desse segundo momento da história, diz-se que a mãe preparou alguns doces, um bolo de chocolate e uma torta de maçãs. Feito isso, colocou, com todo o cuidado, as delícias numa cestinha, dizendo.... Como se vê, exagera-se na comida, contrariamente à parcimônia de Perrault e de Grimm. E enfatiza-se sua qualidade: "as delícias".

Nas versões 2, 11 e 12, não se diz que a mãe fez realmente a comida. Apenas é dito que ela "preparou" a cesta.

A 2 diz que Certo dia, a mamãe preparou uma cesta com um bolo e um jarro de mel. Há preferência pela forma familiar "mamãe".

A 11 é mais detalhada: A mãe de Chapeuzinho Vermelho preparou uma cestinha cheia de remédios, frutas e pastéis para a menina levar para a avó. É a única versão que faz referência, neste momento do conto, a "remédios", que são introduzidos na cesta, junto aos alimentos.

Na 12, afirma-se: E preparou uma cesta de coisas gostosas pra ela levar. Tinha bolo de chocolate, tinha biscoitinhos de coco, tinha geléia de morango. O tom é coloquial ("coisas gostosas", "pra", "tinha bolo", etc).

Nas versões 15 e 24, diz-se apenas que a mãe "encheu a cesta".

A 15 afirma que Um dia sua mãe encheu uma cestinha com um bolo e uma porção de frutas e disse a Chapeuzinho Vermelho... Há o uso afetivo: "cestinha".

A 24, que Um dia, sua mãe encheu uma cesta com doces gostosos e lhe disse....

Na versão 14 não se fala se a mãe fez ou não o que está na "cestinha", mas isso está implícito, pois, no momento anterior, foi dito que ela é uma "grande cozinheira".

Percebe-se que as versões 2, 11, 12, 14, 15, 24 e 32, não dizendo explicitamente que a mãe fez a comida, poderiam ligar-se também a Grimm, ou, nem a Grimm, nem a Perrault, dado o grau de diferenças.

Na verdade, as únicas versões que realmente se ligam a Per-

rault são a 20, 21, 22 e 26; as outras (mesmo as seis que afirmam que a mãe fez a comida) são bem distantes do original francês. As quatro primeiras conservam o verbo "dicendi" original (três apresentam o pronome objeto indireto, sendo que duas optam pela próclise ao verbo).

Já se nota a grande variedade de comidas; são introduzidos, freqüentemente, adjetivos para qualificá-las. Alguns textos optam por introduzir detalhes desnecessários, que fogem à objetividade do original francês. Três versões usam o diminutivo "cestinha".

b) A mãe diz a Chapeuzinho que vá ver a avó, pois lhe disseram que ela estava doente.

— Va voir comment se porte ta mère-grand, car on m'a dit qu'elle était malade.

No texto de Perrault, a instrução de que Chapeuzinho deve ir saber notícias da avó parece ser a mais importante da fala da mãe.

As versões 20, 21, 22 e 26 trazem essa informação, com mais fidelidade ao original.

A 20 e 21 iniciam-se da mesma forma.

A 20 diz:

— Vá ver como está passando sua avó, porque me disseram que está doente....

A 21 adota uma expressão pouco comum numa fala coloquial:

— Vá ver como está passando sua avó, pois me consta que não anda boa....

Na 22, a mãe usa o pronome "tu" ao falar a Chapeuzinho:

— Vai ver como está tua avó, pois me disseram que anda doente.

Na 26, há o diminutivo para caracterizar a avó, mesmo quando a fala é da mãe:

— Vá saber notícias da avõzinha porque me contaram que ela está doente....

Os quatro textos usam ponto e vírgula depois dessa primeira instrução da mãe, ao contrário do original, que adota o ponto.

Em Perrault, a mãe não tem certeza de que a avó ainda está doente: ("car on m'a dit qu'elle était malade"). Todas as versões, no entanto, confirmam a doença.

Outros textos têm ligação com o original francês, pois falam da doença da avó, antes de qualquer referência à comida que a menina deverá levar-lhe: 8, 13, 24, 27 e 28.

Na 8, que faz muitas alterações no enredo, a mãe diz:

— Sua avó está doente e muito só na sua casa no bosque. Vo cê precisa ir até lá para fazer-lhe companhia.

É introduzida nova informação ("está... muito só"), e Chapeuzinho deverá fazer-lhe "companhia e não "ver como ela está passando".

Na 13, há um novo dado:

— que está doente, de cama.

Na 24, é a primeira informação da mãe:

— A Vovó está doente.

Na 13 e na 24 já se fez uma referência à comida, mas sem a orientação de que Chapeuzinho deve levá-la à avó.

A 27 conserva o vocativo usado no texto de Grimm:

— Chapeuzinho, soube que a vovó está doente; vá visitá-la....

Na 28, é usado o pronome "tu":

— Tua avó está doente e não pode vir ver-nos.

Acrescenta-se uma informação: "e não pode vir ver-nos".

Na 3, a doença é apresentada no fim do trecho (será vista, portanto, como ligada a Grimm); mas, no início da fala da mãe, há uma informação semelhante à de Perrault:

— Vá a casa da vovó, do outro lado do bosque.

Adianta-se a informação sobre onde mora a avó

Em três versões (3, 24 e 27), usa-se a forma familiar "vovó", mesmo na fala da mãe.

Os textos 3, 8, 13, 24, 27 e 28 foram colocados como ligados a Perrault, mas, na verdade, não explicitam um dado existente no original francês: o de que Chapeuzinho precisa saber notícias da avó. Essa informação está presente apenas em quatro versões.

A doença da avó aparece em todos os textos; a maioria diz que ela "está doente"; uma afirma que ela "anda doente", e outra apenas insinua a doença: "não anda boa". Em algumas versões são acrescentados detalhes: a avó está "só", "de cama", etc.

c) A mãe diz a Chapeuzinho que leve à avó um bolinho e um potinho de manteiga.

— Porte-lui une galette et ce petit pot de beurre.

A instrução sobre a comida é a última na fala da mãe. Parece

ser uma consequência do item anterior: já que a menina vai saber notícias da avó, que ela leve "um bolinho e um potinho de manteiga".

A 20 não usa a forma diminutiva ("pãozinho" e "potinho"):

— leve-lhe este bolo e este pote de manteiga.

A 21 fala em "bôlos" e em "um pouco de manteiga":

— leve-lhe êstes bôlos e um pouco de manteiga.

A 22 conserva o diminutivo, mas fala em "pãezinhos", simplificando a comida:

— leva-lhe uns pãezinhos e esta tigelinha de manteiga.

A 26 já se refere a "bolinhos":

— leva êstes bolinhos, para ela e êste potinho de manteiga.

Pode-se afirmar que nenhuma versão é rigorosamente fiel ao original francês. Segundo o Dictionnaire du Français Contemporain (56, p.) "galette" seria: "Gâteau rond et plat, fait le plus souvent de pâte feuilletée"; uma opção razoável de tradução poderia ser "bolinho". Em Perrault, a mãe, na conversa com a filha, diz-lhe que leve à avó "une galette et ce petit pot de beurre". Apenas a versão 22 usa esse esquema (artigo definido e pronome demonstrativo), mas no plural; além do mais, fala em "pãezinhos", o que não traduz bem a idéia original.

Informações de Grimm

a) Um dia, a mãe dirige-se a Chapeuzinho: Un jour, sa mère lui dit....

No original alemão, afirma-se que "a mãe disse", sem o pronome objeto indireto. Esse dado em Grimm seria praticamente o mesmo de Perrault, sem a informação de que a mãe fez a comida.

As versões 18, 28, 29, 30 e 33 reproduzem-no melhor.

A 18 diz: Um dia a mãe disse à menina....

A 28, mais formal, pospõe o sujeito ao verbo: Certa manhã, disse a mãe. E explicita o momento do dia: "Certa manhã".

A 29 diz: Um dia a mãe chamou-a e disse-lhe....

A 30 opta por "Certo dia": Certo dia a mãe disse-lhe....

A 33 afirma: Um dia a mãe lhe disse....

As versões 18, 29, 30 e 33 conservam o objeto indireto.

Outras versões trazem a informação, com variações (3, 4, 6,

7, 8, 17, 19, 27 e 29).

A 6 e a 7 trocam o verbo "dizer" por "falar".

A 6 afirma: Um dia, a mãe lhe falou....

A 7 omite o objeto indireto: Um dia a mãe de Chapeuzinho falou....

A 3 usa o verbo "pedir": Certo dia, sua mãe lhe pediu....

A 8 e a 19 acrescentam outras informações.

A 8 diz: Mas, um dia, a mãe de Chapeuzinho lhe disse, muito triste.... E, mais adiante: A mamãe sorriu.... e disse....

Perde-se a objetividade do original francês, na explicitação das emoções da mãe.

A 19 troca "um dia" por um clichê de linguagem, na tentativa de detalhar mais o texto: Numa bela manhã de primavera, a mãe de Chapeuzinho disse-lhe.... Conserva-se o pronome objeto indireto.

As versões 4, 17, 27 e 29 trazem essa informação juntamente com a antecipação de um dado que virá logo a seguir: a mãe chama Chapeuzinho.

A 4 usa o verbo "falar": Certo dia, a mamãe chamou Chapeuzinho Vermelho e lhe falou....

Na 17, esse fato vem depois da informação de que a avó está doente: A mãe chamou-a e disse-lhe....

A 27 afirma: Certa vez, sua mamãe chamou-a e disse-lhe....

A 29 é redundante: Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

∴ — Vem cá, Chapeuzinho Vermelho.

Três versões (4, 8 e 27) usam a forma familiar "mamãe". O verbo "dicendi" preferido é "dizer": das quatorze versões que apresentam essa primeira informação de Grimm, dez o usam; três adotam "falar", e uma, "pedir". A maioria (doze) apresenta o objeto indireto; em onze, esse complemento está sob a forma do pronome "lhe": seis optam pela ênclise ao verbo, e cinco, pela próclise. Alguns textos detalham a cena, em busca de maior afetividade: "muito triste", "sorriu", "numa bela manhã de primavera":

b) A mãe chama Chapeuzinho e apresenta-lhe o bolo e a garrafa de vinho: "Viens voir, Chaperon Rouge: voici un morceau de gâteau et une bouteille de vin."

No texto alemão, a mãe diz, no início da sua fala: "Vem, Chapeuzinho Vermelho." No restante, é exata a tradução francesa.

As versões 29 e 30 são as mais próximas a Grimm.

A 29 é a mais fiel (aliás, a única que reproduz o esquema de Grimm, com uma pequena variação.

— Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho.....

Na 30, há apenas o vocativo para indicar chamamento e não existe propriamente uma "apresentação" da comida e da bebida:

— Chapeuzinho Vermelho, toma este belo bolo e esta garrafa de vinho....

Usa-se o demonstrativo para "bolo" e para "garrafa" e caracteriza-se o "bolo".

Outras versões apresentam a informação, com modificações (2, 5, 13, 14, 18, 19, 28 e 33).

Na 2, 18 e 33, a mãe chama a menina, mas não apresenta a comida.

Na 2, há apenas o vocativo:

— Chapeuzinho Vermelho....

O mesmo acontece na 33:

— Chapeuzinho....

Na 18, a mãe pede que a menina a escute:

— Escuta, Chapeuzinho Vermelho....

Na 14, há a repetição do vocativo e a ordem da mãe, com a apresentação da comida:

Chapeuzinho! Chapeuzinho!

Vem pegar esta cestinha.

Tem pãozinho, bolo e doce

pra levar pra vovozinha.

A linguagem é coloquial e afetiva: "tem pãozinho", "pra", "cestinha", "vovozinha".

Na 5 e na 13, a mãe chama a menina, mas acrescenta dados à sua fala.

Na 5, aparece uma outra ordem:

— Chapeuzinho! — chamou a mãe. — Arrume seus brinquedos espalhados no jardim!

Na 13, também há um acréscimo:

— Filhinha, venha cá. Apronte-se para sair.

O tom afetivo contrasta com a ordem direta e seca.

Nas versões 19 e 28 há somente a apresentação da comida.

Na 19, apresenta-se o bolo, dizendo-se que ele foi feito pela mãe, como já foi visto nas informações de Perrault:

— Fiz este bolo para sua vovó.

O mesmo acontece na 28, em relação aos "doces":

— Fiz êstes doces....

Seis textos apresentam o verbo mais o vocativo, no chamamento da mãe (quatro conservam o verbo "vir"); quatro usam apenas o vocativo. Somente um mantém a apresentação da comida. É comum a mãe dirigir-se à menina, já instruindo-a sobre a necessidade de levar o alimento à avó. As informações que são acrescentadas explicitam também ordens maternas.

c) A mãe diz a Chapeuzinho que leve o bolo e o vinho à avó, que está doente e fraca e poderá, assim, fortificar-se:
".... Porte-les à ta grand-mère; elle est malade et faible; elle s'en délectera...."

Diferentemente de Perrault, em que a menina precisa saber notícias da avó, em Grimm o motivo de sua visita parece ser levar-lhe a comida e a bebida; diz-se que a avó irá "fortificar-se" e não apenas "deleitar-se" com eles. No restante, a tradução francesa confere com o original.

As versões mais fiéis são a 18, 29, 30 e 33.

A 18 diz:

".... quero que você leve este pedaço de pão e esta garrafa de vinho para tua avó. Ela está doente e fraca, e isto é bom para ela.

A ordem é ligeiramente amenizada ("quero que leve"), e a comida, alterada: "pão". Misturam-se, na mesma fala, as formas de tratamento. "você/"tu".

A 29 propõe:

— leva tudo para a avó; ela está doente e fraca e com isso se restabelecerá.

Há um certo otimismo na afirmação da mãe de que a avó irá "restabelecer-se" com bolo e vinho.

A 30 não fala que a avó está "fraca" (acrescenta que está "de cama") e também não diz que a comida e a bebida poderão "fortificá-la":

— e vai levá-los à tua Avó. Ela está doente e de cama.

A 33 afirma:

— leve este bolo e esta garrafa de vinho para a vovozinha, pois ela está doente e fraca e isso lhe fará muito bem.

Não se fala em "pedaço" de bolo e mesmo a mãe chama a avó de "vovozinha".

Outras versões trazem esse trecho com modificações (1, 2,

3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 29, 23, 24, 25, 27, 28, 31 e 32).

Na 3 e na 7, a avó está "muito" doente:

A 3 diz:

— Leve este bolo para ela. A vovó está muito doente.

A 7 afirma:

— Leve esta cestinha de comida para a vovozinha, pois ela está muito doente.

Destacam-se as formas diminutivas: "cestinha", "vovozinha".

Na 4, na 6 e na 15, ela está apenas "doente":

A 4 diz:

— Vá levar o lanche para a vovó, que está doente.

A 6 afirma:

— Leve esta cestinha à casa da vovó, no outro lado da floresta. A vovó está doente.

Antecipa-se o local onde mora a avó. Refere-se também à "cestinha".

A 15 completa que a comida agradará à avó:

— Leva este presente à tua avó. Ela está doente e vai gostar muito de comer este bolo e estas frutas.

Na 5, a avó está "resfriada":

— Está quase na hora de levar o lanche para a vovó.

E durante o almoço ainda recomendou:

— Você vai levar as tortas para sua avó, que está resfriada. da.

Repete-se, desnecessariamente, a informação de que Chapeuzinho deve levar o "lanche" à avó. Diferentemente do original, ela vai partir depois do almoço.

Na 19, fala-se que a avó está "meio doente", e a ordem é "atenuada":

— Fiz este bolo para sua vovó. Quer levá-lo, minha filha? Ela está meio doente e eu queria saber como passou a noite.

A última informação — saber como passou a noite — pode ser uma variação do texto francês em que a mãe quer saber como está a avó.

Na 8, 13, 24, 27 e 28, a mãe fala antes na doença, para depois dizer a Chapeuzinho que leve a comida à avó. Foi visto, portanto, o item "doença", na parte referente a Perrault. Aqui, será vista a "ordem":

Na 8, depois de muito conversar com a filha, a mãe diz:

— Leve este bolo que acabo de fazer e também um pouco de mel.

Na 13, a conversa se estende desnecessariamente, e são introduzidos itens que não existem no original:

— Hum! Esse bolo deve estar uma delícia! Posso provar um pedacinho? — perguntou Chapeuzinho Vermelho.

— Não minha filha, há outro para nós. Este eu fiz para sua avozinha.... Você vai até a casa dela, levar o bolo, estas rosquinhas e este pote de geléia — disse a mãe de Chapeuzinho Vermelho, arrumando tudo numa cesta e cobrindo com um guardanapo. Depois entregou a cesta à menina, dizendo....

O tom é marcadamente afetivo: "pedacinho", "avozinha". A ação é retardada, com o acréscimo dos pormenores.

A 24, ao contrário, é muito resumida. A mãe diz:

— Leve estes doces para ela.

A 27 segue mais de perto Grimm, quanto à comida:

— e leve este bolo e esta garrafa de vinho para ela.

A 28 é extremamente formal:

— Fiz êstes doces, vai levar-lhos tu com esta garrafa de vinho.

Na 2, adianta-se o local onde mora a avó, mas não se fala na sua doença:

— leve esta cesta para a vovó, que mora do outro lado do bosque.

Nas versões 10, 11, 17 e 25, a informação da doença da avó não vem na fala da mãe, mas no discurso do narrador, introduzindo o segundo momento do conto. Quanto a esse aspecto, elas não se ligam especificamente a Grimm nem a Perrault.

Na 17, a instrução materna se aproxima do esquema de Grimm (a comida e a bebida são as mesmas):

De repente, a avó de Chapeuzinho Vermelho ficou doente....

— Quero que você leve para sua avó êste bolo e esta garrafa de vinho. Sei que ela vai ficar muito contente com sua visita.

A mãe se refere a um bolo inteiro (e não a um pedaço); a avó, ao invés de se fortificar com a comida e a bebida, ficará "muito contente" com a visita.

Na 10, 11 e 25, Chapeuzinho não recebe instruções de levar a comida à avó: a própria menina toma a iniciativa da visita (esse fato será visto à parte).

A 10 diz: Naquele dia a vovó estava doente....

Na 11, antecipam-se o local onde mora a avó e a existência do lobo: Um dia, a avó de Chapeuzinho Vermelho ficou doente. Ela morava sozinha numa casa perto da floresta onde morava o Lobo Mau.

A 25 usa um tom afetivo: Um dia, a avozinha adoeceu....

Seis versões trazem, em discurso indireto, a instrução de se

levar comida à avó: 1, 9, 16, 23, 31 e 32.

A 1 diz: Certo dia, a mãe de Chapeuzinho Vermelho pediu-lhe para levar um bolo e uma garrafa de mel para a vovó, que morava do outro lado da floresta. Antecipa-se também o local (vago) onde mora a avó.

A 9 afirma: Um dia, a mãe pediu que ela levasse uma cesta cheia de doces para a vovó....

Na 16, usa-se o verbo "mandar", ao invés de "pedir", revelando maior autoritarismo: Um dia, a mãe de Chapeuzinho Vermelho mandou ela levar pra vovó, que estava doente, uma cesta com mel e um pedaço de pão. Percebe-se aqui o desvio da norma culta, coerente com o tom descontraído e coloquial da versão: "mandou ela levar pra vovó...."

A 23 diz: Um dia sua mãe pediu que fosse até a casa da avozinha levar alguns doces, frutas e bolo, pois a avozinha estava doente. Vale notar a repetição desagradável de "avozinha".

A 31 diz: Um dia, quando a brincadeira estava mais animada, a mãe de Chapeuzinho chamou a menina e disse-lhe que precisava que ela fosse levar uma torta e um pote de mel para sua avozinha que morava no outro lado da floresta.

Também se antecipa onde mora a avó e é feita referência à constante brincadeira de Chapeuzinho.

Na 32, diz-se que A mamãe estava muito atarefada, e pediu a Chapeuzinho que fôsse ver a VOVÓ. Há o destaque gráfico (desnecessário) para a "vovó"; é feita referência às tarefas domésticas da mãe.

Quanto à primeira instrução da mãe (levar a comida e a bebida à avó), vinte versões a registram, sendo três em discurso indireto. Das dezessete que a apresentam na fala da mãe, treze adotam o imperativo afirmativo, sendo que três preferem usar uma locução verbal ("Vá (vai) levar"). Mesmo na versão 3, em que a mãe "pede" à filha que faça a tarefa, há o imperativo na sua fala. Em duas, a "ordem" se manifesta através do presente do indicativo: "você vai levar." Uma "ameniza" um pouco essa "ordem" ("quero que você leve"). Apenas um texto registra realmente um "pedido" da mãe: "quer levá-lo?"

Das três versões que adotam o discurso indireto, duas usam o verbo "dicendi" "pedir", e uma, "mandar".

Treze versões falam da doença da avó, nesse trecho, mas apenas três trazem a informação de Grimm de que ela está "doente e fraca". Há ênfases diversas quanto a essa doença: "muito" doente, "meio" doente, "resfriada", etc. A maioria não diz que a comida e a bebida a fortificarão. Quatro antecipam a informação de onde mo-

ra a avó. Apenas uma se estende, nesse trecho, em informações desnecessárias quanto ao "ritual" de preparação da cesta.

A avó é chamada pela mãe de "vovó", em grande parte dos textos. Essa forma familiar aparece onze vezes. Tem-se também: "avozinha" (cinco vezes) e "vovozinha" (duas vezes).

d) A mãe dá instruções a Chapeuzinho de como se comportar no caminho (comportar-se direito, não se desviar do caminho, para não cair e quebrar o vidro):

— fais vite, avant qu'il ne fasse trop chaud. Et quand tu seras en chemin, sois bien sage et ne t'écarte pas de ta route, sinon tu casserais la bouteille et ta grand-mère n'aurait plus rien.

A tradução francesa confere, em linhas gerais, com o original alemão. Apenas este não dá tanta ênfase à rapidez da partida: a mãe diz somente que a menina se ponha a caminho, antes que es quente. E explicita que ela pode cair, se sair do caminho.

As versões 18, 29, 30 e 33 são as mais fiéis a Grimm.

Na 29, a mãe diz:

— Põe-te a caminho antes que o sol esquente e, quando fôres, comporta-te direito; não saias do caminho, senão cais e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada.

O uso do pronome "tú" dá ao texto um tom mais formal; a versão é muito próxima ao original.

A 30 usa as expressões típicas do português de Portugal:

— Despacha-te, antes que comece a fazer calor. E porta te bem no caminho, vai sempre a direito e não andes a correr de um lado para outro, porque podes cair e partir a garrafa. E depois a tua Avó ficava sem vinho.

Acrescenta um item: "não andes a correr de um lado para outro". O uso do imperfeito do indicativo ("a tua Avó ficava sem o vinho") indica uma preferência pelo tom coloquial.

Na 33, a mãe diz:

— Vá logo, antes que o calor aumente e, quando chegar à floresta, não se desvie da estrada, senão você poderá cair, quebrar a garrafa e estragar o bolo, e assim a pobre vovozinha não receberá nada.

Há algumas pequenas alterações. A mãe afirma que Chapeuzinho deve ir "logo"; fala em "floresta", palavra que não existe em Grimm, nesse momento; prefere "estrada" a "caminho" e acrescenta

a informação de que ela pode "estragar o bolo". Insiste em chamar a avó de "pobre vovozinha", num recurso afetivo-apelativo.

Na 18, a mãe diz:

— Vai antes que faça muito calor, mas vai devagar, e não sai do caminho, senão podes cair e quebrar a garrafa.

A versão troca "ir direito" por "ir devagar". Acrescenta um dado ("podes cair") e omite a informação final ("a avó ficará sem nada").

Outras versões trazem esse trecho, com modificações maiores (2, 12, 17, 28 e 32).

A 2 introduz uma informação a respeito do lobo (será vista mais adiante), mas usa uma variante de Grimm:

— Não se distraia no caminho.

A 12 também fala disso: E lá se foi, enquanto a mamãe gritava da porta mil conselhos:

— Não saia da estrada, minha filha, não se distraia no caminho....

Procura-se dar um tom coloquial ("mamãe", "mil conselhos"), que acaba diminuindo a seriedade dos conselhos; isso será visto mais claramente na reação da menina.

Na 17, resume-se muito o texto de Grimm:

— Vá direitinho, sem afastar do caminho.

O mesmo acontece na 27:

— Seja cuidadosa e não corra, para não quebrar a garrafa.

Na 28, há mais detalhes:

— Toma cuidado: não quebres a garrafa, não andes a correr, vai devagarinho e volta logo.

Há redundância nas instruções maternas.

A 32 acrescenta outros itens, que retardam a ação:

— Pronto! Pode ir, minha filhinha, mas tenha cuidado ao passar pela floresta. Não saia da estrada, porque você pode se perder. Faz uma linda manhã e quando você chegar ainda será dia.

Quanto à primeira instrução desse trecho, a de que Chapeuzi
nho deve pôr-se a caminho, antes que esquente, quatro versões a re
gistram. Três conservam a idéia de que a menina deve comportar-se
direito; sete explicitam que ela não deve afastar-se do caminho;
três apontam toda a conseqüência de uma possível desobediência: cair,
quebrar a garrafa, privando-se a avó do presente (nelas, va-
ria o tratamento dado à avó: "Avó", "vovó", "pobre vovozinha");
cinco falam em cair e quebrar a garrafa e apenas duas fazem refe-
rência somente à quebra da garrafa. Há, contudo, variações desse

esquema: a mãe diz a Chapeuzinho que ela não deve correr, não deve distrair-se no caminho, deve voltar logo, etc. Nota-se sempre o caráter (super) protetor da mãe.

e) A mãe dá instruções a Chapeuzinho de como se comportar ao chegar à casa da avó (dizer "bom dia" e não olhar para todos os cantos):

-- Et quand tu arriveras chez elle, n'oublie pas de dire "bonjour" et ne va pas fureter dans tous les coins.

O texto alemão frisa bem que a menina deve, antes de qualquer coisa, "dizer bom dia".

As versões 18, 29, 30 e 33 reproduzem essa informação com mais fidelidade.

A 33 é bem próxima ao original:

— Quando você chegar lá, não esqueça de dizer "bom-dia" e não fique a olhar curiosamente para todos os cantos.

Há a preferência por uma forma mais coloquial: "não esqueça de dizer".

O mesmo acontece com a 30:

— E quando chegares a casa dela não te esqueças de lhe dar os bons-dias! E não comeces logo a meter o nariz em tudo!

Usa-se uma expressão coloquial ("meter o nariz")

Na 18, a mãe aconselha:

— Quando entrares no quarto dela, não esquece de dar bom-dia, e não fica bisbilhotando em tudo que é canto da casa antes de falar com ela.

O texto fala em "quarto" (não há essa palavra no original, nesse momento), mas guarda a idéia de Grimm: não "bisbilhotar" antes de falar com a avó.

Na 29, também há referência a "quarto" e o uso de "vovó":

— Quando entrares em seu quarto, não esqueças de dizer "bom-dia", vovó, ao invés de mexericar pelos cantos.

A idéia de "mexericar" não confere exatamente com o original.

As versões 17 e 27 também trazem essa informação, se bem que um pouco modificada.

Na 17, a fala materna é resumida:

— Quando chegar à casa da avôzinha, não se esqueça de dizer bom-dia e de proceder como menina bem-educada.

Mesmo a mãe chama a avó de "avôzinha".

Na 27, ela é ainda mais sucinta:

— Não esqueça de lhe dizer "Bom-dia" ao entrar.

Como a 33, há a forma coloquial: "Não esqueça de dizer".

Os seis textos conservam a informação original de que Chapeuzinho deve dizer "bom dia" à avó. Apenas três, no entanto, mantêm a idéia de a menina não deve olhar para todos os cantos (há variações desse esquema)...

f) Reação de Chapeuzinho (promete que fará tudo da maneira certa):

"Je ferai tout comme il faut", dit le petit Chaperon Rouge à sa mère. La fillette lui dit au revoir. .

No texto alemão, Chapeuzinho diz que fará tudo da maneira certa e dá a mão à mãe, costume alemão que indica que a pessoa está fazendo uma promessa.

As versões 27, 28, 29, 30 e 33 trazem essa informação mais de perto.

Na 27, a menina se despede:

— Está bem, mamãe. Farei tudo direitinho, disse ela, pondo se a caminho.

Na 28, o tom é formal:

— Sim, mamãe — respondeu ela — hei de fazer tudo como de seja.

Na 29, há também a despedida:

— Farei tudo direitinho, — disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se.

Na 30, diz-se:

— Vou portar-me como deve ser! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

Na 33, ela estende a mão para a mãe, mas para nós essa atitude não tem a significação de "promessa", e a informação de Grimm se perde:

— Farei tudo como me foi recomendado, respondeu Chapeuzinho Vermelho, estendendo a mão para a mãe.

Outras versões trazem essa resposta de Chapeuzinho, com variações: 2, 17, 18 e 32.

Na 2, a menina não responde, apenas se despede carinhosamente: Beijando a mamãe, Chapeuzinho se pôs a caminho....

Na 17, diz-se que Chapeuzinho Vermelho ouviu atentamente o que a mãe lhe dizia....

A versão 11 é curiosa. A mãe não dá conselhos à filha, mas esta promete ter cuidado: Prometendo à mãe ter muito cuidado e não demorar muito....

Na 18, depois das instruções, a menina diz:

— Eu vou tomar bastante cuidado — respondeu Chapeuzinho Vermelho....

Na 32, ela diz:

— Está bem, Mamãe.

— Não se preocupe que nada acontecerá.

Há um uso inadequado do travessão, como se fossem duas pessoas falando.

Nesses textos, é enfatizada, de várias formas, a atenção que Chapeuzinho presta aos conselhos maternos e o seu propósito de segui-los; na versão em que isso não está implícito, registra-se o seu jeito carinhoso de tratar a mãe. Em três, ela usa a forma "mamãe"; em uma, há essa forma, mesmo no discurso do narrador. Três versões não apresentam a fala da menina.

Algumas versões falam também em "cuidado", mas com o lobo ou com estranhos e serão vistas à parte.

Informações novas

a) Alguém traz a notícia de que a avó está doente

No texto de Perrault, a mãe afirma que "disseram" que a avó está doente. No texto de Grimm, diz simplesmente que ela está "doente e fraca". Em ambos os textos, não há a necessidade de se apontar quem trouxe essa notícia.

Em duas versões em língua portuguesa, a ação é retardada com o detalhamento da chegada da notícia: 12 e 32.

A 12 diz: Um dia, Chapeuzinho estava ajudando a mãe a arrumar a casa, quando apareceu um lenhador, que era muito amigo delas.

— Eu trouxe um recado da vovó — ele disse — Ela está doente e está se sentindo muito sozinha.

Surgem outras informações e, sutilmente, é passada uma lição de comportamento ("Chapeuzinho estava ajudando a mãe a arrumar a casa").

O "lenhador" (interferência de Perrault, chama a avô de "vovô":

Na 32, há o seguinte: Uma tarde, um lenhador trouxe, de bicicleta, uma carta da vovô para a mãe de Chapêuzinho. Preocupada com o que seria, a Mamãe apressou-se a abrir a carta e lê-la:

"Minha filha

Ontem, enquanto estava fora, tratando do meu jardimzinho, tomei um pouco de vento e parece que foi o que me deixou resfriada. Sinto-me bastante fraca e não tenho vontade de levantar-me da cama. Ficaria muito contente se você viesse aqui visitar-me, ou mandasse a Chapêuzinho para fazer-me companhia.

Você sabe como adoro minha netinha e já faz tanto tempo que não a vejo.

Muitos abraços para vocês,

VOVÔ"

Também há a interferência do "lenhador", mas, aqui, é curioso seu aparecimento: ele vem de "bicicleta".

A carta da avô se perde em detalhes desnecessários e fica claro o tom afetivo ("jardinzinho", "adoro minha netinha", "vovô"). A carta não tem ponto final e destaca, graficamente, a palavra "vovô".

b) Chapeuzinho Vermelho decide ou pede para ir visitar a avô

Esse item aparece nas versões 9, 11, 12 e 25. Nelas, não há a atribuição de uma tarefa à heroína, como é comum nos contos tradicionais. A decisão da partida é da própria menina.

A 9 afirma: Naquele dia a vovô estava doente e por isso Chapeuzinho decidiu fazer-lhe uma visita, levando-lhe doces e frutas. A mãe vai intervir apenas para alertá-la sobre o lobo. Mesmo sendo um texto bastante objetivo, usa-se a forma familiar "vovô".

Na 11, Chapeuzinho Vermelho pediu a sua mãe para ir visitar a avô doente.

Na 12, esse pedido vem em discurso direto:

— Posso visitar a vovô, mamãe, posso? — Chapeuzinho pediu.

— Posso levar pra ela umas comidinhas gostosas?

A mãe de Chapeuzinho deixou.

Essa versão continua apresentando uma linguagem coloquial e afetiva: "vovô", "mamãe", "comidinhas gostosas".

A 25 diz: Um dia, a avozinha adoeceu e Chapeuzinho Vermelho pediu licença a sua mãe para visitá-la. O tom é afetivo: "avozinha".

Com exceção da 12, em que Chapeuzinho "decidiu" visitar a avó, nas outras está clara a submissão da menina: ela pede licença para sair. Todas adotam uma linguagem afetiva, nesse trecho.

c) Outras instruções da mãe

. Chapeuzinho Vermelho não deve ir pelo caminho da floresta

Em Grimm, a mãe a instrui para não se desviar do caminho. Deduz-se, então, que é para ela não entrar na floresta, mas, em nenhum momento, fala-se em dois caminhos: o que ela deveria seguir e o da floresta.

As versões 13, 14 e 23 alteram o esquema tradicional.

Na 13, a mãe diz:

— Tenha cuidado, minha filha — Não vá pelo caminho da floresta...

A 14 fala em "atalho":

Mas, cuidado, minha filha.

Veja aonde você vai:

pelo atalho da floresta,

quem lá entra nunca sai.

Usa-se, aqui, a forma "você". Inicialmente a avó havia usado o "tu".

A 23 fala em "estrada do rio": E recomendou que fosse pela estrada do rio, pois na floresta vivia o Lobo Mau.

. Chapeuzinho Vermelho não deve falar com ninguém (ou com estranhos)

Esse tipo de recomendação (ou outra semelhante) aparece nas versões 1, 6, 7, 12, 13 e 24.

Na 1, é a única instrução da mãe:

— Não fale com ninguém — disse a mãe.

O mesmo acontece na 7:

— Mas cuidado quando passar pelo bosque... Não pare para falar com ninguém.

E na 24:

— Mas, cuidado. Não pare para falar com ninguém.

Na 6, ela não deve falar com "desconhecidos":

— Mas tome cuidado, não fale com desconhecidos.

Na 12, além de outros conselhos, a mãe também diz:

— não fale com estranhos...

Na 13, o diálogo entre a mãe e a filha se estende, e há a instrução:

— Isso mesmo, minha filha. E não fale com estranhos.

Esse tipo de conselho, inexistente mesmo em Grimm, funciona como uma lição de moral a mais.

. Chapeuzinho Vermelho deve ter cuidado com o lobo

Em Perrault e em Grimm não há a menor referência ao lobo, nesse momento da narrativa. A mãe não fala dele; o próprio Soriano acha isso uma "imprevidência". Segundo o estudioso francês, ela ou a avó poderiam ter avisado a menina do perigo, já que eram "loucas" por ela. (36, p. 155). Chapeuzinho pára para conversar com o animal, não como uma forma de desobediência.

As versões 2, 5, 8, 9, 10, 14, 23 e 31 fazem referência ao animal, ainda nas "Instruções maternas".

Na 2, a mãe completa os conselhos:

— nem fale com o lobo.

Na 4, ela avisa:

— Mas tome cuidado porque há um lobo mau solto na floresta.

A informação da 5 é semelhante:

— Mas tome cuidado! Os caçadores disseram que há um lobo solto na floresta!

Na 8, a mãe diz:

— Mas você tem que me prometer que terá cuidado ao atravessar o bosque. Os pastores viram o Lobo Feroz andando por aí.

É insólita a intervenção de "pastores" (normalmente surge "caçador" ou "lenhador").

Na 9 (como na 4, na 5 e na 8), é a única preocupação da mãe:

— Chapeuzinho, não pare pelo caminho. Tenha cuidado com o lobo mau.

O mesmo acontece na 10:

— Tome muito cuidado, minha filha, pois o Lobão mora no bosque e é muito malvado! — disse sua mãe, quando a menina saía.

Na 14, a mãe fala das maldades do lobo, num tom coloquial:

Me contaram outro dia

o que eu não sabia antes:

lobo mau anda por lá
devorando os viajantes.

Na 23, ela recomenda a "estrada do rio":

— pois na floresta vivia o Lobo Mau.

Na 31, Chapeuzinho. Antes de partir, ouviu o conselho: — to me muito cuidado, minha filha. Não fique brincando pelo caminho, porque o lobo do bosque é muito perigoso. Apesar da orientação da mãe (não brincar), Chapeuzinho, nessa versão, brinca o tempo todo: antes de partir, durante o passeio, no final.

Nessas nove versões, em que a mãe antecipa o perigo do lobo, ele é caracterizado como "mau" quatro vezes; como "feroz", uma vez; como "malvado" uma vez também; e uma outra vez como "perigoso". Essa antecipação do aparecimento do animal já revela uma preocupação com a sua figura.

d) Outras reações de Chapeuzinho Vermelho

. Promete que vai tomar cuidado com o lobo

No texto de Grimm, a menina diz que fará tudo certo, como a mãe determinou. Não fala no animal, pois a mãe também não disse nada a respeito dele.

Em algumas versões, Chapeuzinho diz que ficará atenta ao perigo.

Na 5, ela diz:

— Está bem, mamãe! — respondeu a menina. Fique descansada, que tomarei cuidado.

Na 8, além de ficar feliz com a idéia da visita, Chapeuzinho prometeu que teria muito cuidado.

Na 31, a menina fala da sua esperteza: Chapeuzinho sorriu e respondeu:

— Não precisa se preocupar. Eu sou muito esperta e o lobo não conseguirá me pegar. Até logo, mamãe.

. Dispõe-se, com boa vontade, a visitar a avó

Essa "boa vontade" aparece nas versões 8, 19, 31 e 32. Passa-se uma lição de bom comportamento: Chapeuzinho não se nega a cumprir as instruções maternas e ainda o faz alegremente.

Na versão 8, isso é dito com todos os detalhes:

— Eu irei muito contente, mamãe — disse Chapeuzinho —

porque gosto muito da vovô e sei que ela se alegrará muito em me ver. Talvez até fique boa mais rápido.

A mãe sorriu, certa de que Chapeuzinho tinha razão.... É inverossímil essa preocupação excessiva de Chapeuzinho, pensamento condizente com um adulto.

Na 32, Mais que depressa Chapêuzinho concordou, dizendo:

— Que bom! Mas antes vou buscar meu chapêu vermelho de que gosto tanto.

Na versão 19, é enfatizada a obediência de Chapeuzinho: A menina estava brincando de boneca com uma amiguinha — mas na mesma hora respondeu que levaria o bolo.

Contrariamente aos contos originais, é introduzida uma "amiguinha" na história.

Na 31, também está clara a obediência, apesar da ligeira contrariedade: Chapeuzinho ficou um pouco triste por ter que interromper a brincadeira de roda, mas obedeceu à ordem de sua mãe.

. Ela já sabe tão bem a "lição", que ajuda a mãe nos conselhos

Isso acontece na versão 13. A mãe lhe diz que não vá pelo "caminho da floresta":

— Já sei, mamãe — interrompeu Chapeuzinho. — O caminho da floresta é muito perigoso. É melhor ir pela estrada que atravessa o campo.

E a própria menina se lembra do lobo:

— Já sei — disse a menina. — Não devo falar com desconhecidos, principalmente com o lobo, porque ele é muito mau.

A mãe completa:

— E gosta de comer crianças!

— Não me esquecerei — prometeu Chapeuzinho Vermelho.

. Não presta atenção aos conselhos

Essa informação aparece nas versões 10, 12 e 14.

Na 10, é destacada sua coragem; Mas Chapeuzinho era uma menina muito corajosa e queria tanto ver sua avô, que nem teve tempo de pensar no assunto.

Na 14, há uma tentativa de inovação, ao se enfatizar a sua "inconseqüência":

Garotinha como aquela

sô Chapeuzinho Vermelho

Não prestava atenção,
nem ligava pra conselho.

Lobo Mau, cheio de fome?
Que história boba é esta?

A estrada é muito longa
vou mais é pela floresta.

O tom é coloquial e afetivo: "garotinha", "pra", etc.

Na versão 12, a mãe dá "míl conselhos" e parece que Chapeuzinho também não se importa muito com eles:

— Sim, mamãe — Chapeuzinho dizia — Sim, mamãe....

Quanto a esse segundo momento do conto, quatro versões prendem-se ao texto de Perrault, e quatro, ao de Grimm; vinte e cinco misturam informações de um e de outro ou são resumidas e/ou modificadas. Dezoito versões trazem informações novas. Seis omitem dados constantes nos dois originais, com variações: a mãe se dirige a Chapeuzinho, pedindo-lhe que vá à casa da avó, que estaria doente; a menina deve levar-lhe alimento.

A informação mais comum é essa atribuição de tarefa a Chapeuzinho: está presente em vinte e oito versões. A doença da avó também é um item frequente, aparecendo em dezesseis textos.

As informações menos comuns são: a explicação da mãe de que a avó irá fortificar-se com a comida e a bebida levadas pela neta e a orientação de que Chapeuzinho deve comportar-se direito no caminho e não bisbilhotar ao chegar à casa da avó (presentes em três versões cada uma).

Os textos 20, 21 e 26 são os mais fiéis a Perrault, e o 29 e o 33, os mais fiéis a Grimm. O 16 é o mais resumido, e o 32, o mais modificado.

São muitas as alterações encontradas em várias versões; destacam-se, sobretudo, novos conselhos dados pela mãe. Em apenas seis textos, ela não dá regras de bom comportamento. Na grande maioria, introduzem-se orientações de toda ordem (cuidado com o lobo, com desconhecidos, com os caminhos perigosos, etc), diferentes dos conselhos apontados no original alemão, em que a preocupação maior da mãe é com o alimento levado por Chapeuzinho: se ela não proceder direito, a avó ficará sem o presente.

A figura materna é geralmente autoritária. Suas instruções são normalmente secas e diretas (usa-se sempre o imperativo negativo, na enumeração do que a menina não pode fazer) e, mesmo quando o verbo "dicendi" é "pedir", o que vem a seguir é, na maioria

das vezes, uma ordem. São raros os casos em que a mãe realmente "pede" e não "manda".

Os tipos de comida e bebida levados à avó variam igualmente. Além dos constantes nos originais, aparecem com maior frequência: "doces", "frutas" e "tortas" diversas. Nota-se um apelo ao "infantil", na enumeração de comidas caras às crianças. A "cesta" ou "cestinha" também aparece, várias vezes.

Nas informações que se acrescentam ao conto, a maioria está sob a forma de novos períodos; há em menor número introdução de adjuntos adverbiais e de orações.

Continua o uso constante da forma diminutiva, na fala da mãe, do narrador e da menina; as mais comuns são "avozinha" e "cestinha", mais de cinco vezes cada uma.

Há também o acréscimo de adjetivos, para caracterizar as comidas ("gostosas", "deliciosas", etc), o lobo ("mau", "malvado", "feroz") e o dia ("belo", "lindo"). São comuns os advérbios intensificadores.

Quanto ao registro usado, nota-se a opção de certos textos pelo tom coloquial ("coisas gostosas", "pra", pronome átono iniciando período, etc). Em sete versões, a mãe usa o pronome "tu" ao dirigir-se a Chapeuzinho, o que dá ao texto um tom mais formal. Duas misturam, na mesma fala, "tu" e "você".

Quatro versões não apresentam a fala da mãe em discurso direto (em duas não há a menor orientação materna).

É muito frequente o uso das formas familiares "vovó" (ou "vovozinha"), mesmo no discurso do narrador ou da mãe.

2.2.2 Encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo, na floresta

Perrault:

Le Petit Chaperon rouge partit aussitôt pour aller chez sa mère, qui demeurait dans un autre village. En passant dans un bois, elle rencontra compère le Loup, qui eut bien envie de la manger; mais il n'osa, à cause de quelques bûcherons qui étaient dans la forêt. Il lui demanda où elle allait. La pauvre enfant, qui ne savait pas qu'il était dangereux de s'arrêter à écouter un loup, lui dit:

— Je vais voir ma mère-grand, et lui porter une galette, avec un petit pot de beurre, que ma mère lui envoie.

— Demeure-t-elle bien loin? lui dit le Loup.

— Oh! oui, dit le Petit Chaperon rouge; c'est par delà le moulin que vous voyez tout là-bas, à la première maison du village.

— Eh bien! dit le Loup, je veux l'aller voir aussi, je m'y en vais par ce chemin-ci, et toi par ce chemin-là; et nous verrons à qui plus tôt y sera.

Le Loup se mit à courir de toute sa force par le chemin qui était le plus court, et la petite fille s'en alla par le chemin le plus long, s'amusant à cueillir des noisettes, à courir après des papillons, et à faire des bouquets des petites fleurs qu'elle rencontrait.

Grimm:

La grand-mère habitait loin, au milieu de la forêt, à une demi-heure du village. Lorsque le petit Chaperon Rouge arriva dans le bois, il rencontra le Loup. Mais elle ne savait pas que c'était une vilaine bête et ne le craignait point. "Bonjour, Chaperon Rouge", dit le Loup. "Bien merci, Loup", dit le Chaperon Rouge.

— Où donc vas-tu si tôt, Chaperon Rouge?

— Chez ma grand-mère.

— Que portes-tu dans ton panier?

— Du gâteau et du vin. Hier nous avons fait de la pâtisserie, et ça fera du bien à ma grand-mère. Ça la fortifiera.

— Où habite donc ta grand-mère, Chaperon Rouge?

— Oh! à un bon quart d'heure d'ici, dans la fo-

rêt. Sa maison se trouve sous les trois gros chênes. En dessous, il y a une haie de noisetiers, tu sais bien? dit le petit Chaperon Rouge. Le Loup se dit: "Voilà un mets bien jeune et bien tendre, un vrai régal! Il sera encore bien meilleur que la vieille. Il faut que je m'y prenne adroitement pour les attraper toutes les deux!" Il l'accompagne un bout de chemin et dit: "Chaperon Rouge, vois ces belles fleurs autour de nous. Pourquoi ne les regardes-tu pas? J'ai l'impression que tu n'écoutes même pas comme les oiseaux chantent joliment. Tu marches comme si tu allais à l'école, alors que tout est si beau, ici, dans la forêt!"

Le petit Chaperon Rouge ouvrit les yeux et lorsqu'elle vit comment les rayons du soleil dansaient de-ci, de-là à travers les arbres, et combien tout était plein de fleurs, elle pensa: "Si j'apportais à ma grand-mère un beau bouquet de fleurs, ça lui ferait bien plaisir. Il est encore si tôt que j'arriverai bien à l'heure."

Elle quitta le chemin, pénétra dans le bois et cueillit des fleurs. Et, chaque fois qu'elle en avait cueilli une, elle se disait: "Plus loin, j'en vois une plus belle"; et elle y allait et s'enfonçait toujours plus profondément dans la forêt.

Em Perrault, esse trecho é bem mais sucinto do que em Grimm. Depois das "Instruções maternas", a menina, sem nada dizer, parte imediatamente para visitar a avó, que mora em outra aldeia. Passando por um bosque, ela encontra o lobo. Inocentemente, responde às suas perguntas, indicando-lhe o que vai fazer. O lobo se dispõe a ir também ver a avó, orientando Chapeuzinho a respeito do caminho a ser tomado (não se especifica, aqui, caminho mais longo ou mais curto). O animal se põe a correr — agora se diz — pelo trajeto mais curto, e a menina vai pelo mais longo, divertindo-se na floresta.

O texto é claro e objetivo. O diálogo gira em torno apenas do essencial: informações do rumo de Chapeuzinho. É enfatizada a inocência da menina (não sabe que é perigoso parar para escutar um lobo, e ninguém a havia prevenido desse perigo), e o encontro com o animal parece ser uma fatalidade da qual ela não pode fugir.

Depois da conversa de Chapeuzinho com o lobo, não se perde tempo em descrever com minúcias o passeio da menina pelo bosque. Aliás, ela não sai da estrada com o propósito de divertir-se; apenas toma o caminho indicado pelo animal e diverte-se enquanto anda. A própria mãe não lhe havia dado instruções a respeito de caminhos; não se trata, portanto, de uma "desobediência", como em Grimm. Segundo Soriano, nas versões populares o lobo faz a seguinte pergunta a Chapeuzinho: "Quel chemin prends-tu? Celui des Épingles ou celui des Aiguilles?" E há outras variantes na designação dos caminhos: "chemin des pierrettes et chemin des épinettes", "chemin des ronces et chemin des pierres". Delarue afirma que esses surpreendentes trajetos podem intrigar o adulto, mas encantam as crianças. Suprimindo-os, Perrault se teria privado de um ótimo recurso. (36, p. 156-7)

No texto dos irmãos Grimm, o trecho é mais detalhado. Diz-se, primeiro, onde mora a avó (na floresta, a uma meia hora da aldeia). Assim que Chapeuzinho chega à floresta, há o encontro com o lobo. Ela não sabia que "animal feroz" ele era e não sente medo. Acontece o diálogo, e o lobo fica sabendo do seu rumo e do local da casa da avó. Pensando que a menina deve ser um petisco ainda mais gostoso que a velha, ele imagina como pegar as duas. Andando um tempo ao lado de Chapeuzinho, chama-lhe a atenção para a beleza da natureza. A menina passa a observar o que está à sua volta e resolve colher flores para a avó; abandonando o caminho, penetra profundamente na floresta.

Nesse texto, também é reforçada a inocência de Chapeuzinho: ela não tem medo do lobo, porque não sabe que "animal feroz" ele é, o que, aliás, não deixa de ser um traço inovador (e um pouco artificial) tanto aqui quanto em Perrault, já que o lobo retratado no conto folclórico representava um perigo real e conhecido por todos: várias pessoas eram devoradas cada ano pelos animais. (36, p. 155)

O diálogo é mais longo que o do texto francês. O lobo fala bem mais, fazendo referência à natureza. Segundo Fromm, "O seu apetite sexual é excitado ao ver a garota e procura seduzi-la sugerindo para ela olhar em torno e ver como os pássaros estão cantando docemente". (41, p. 175) É interessante a alusão à escola, sempre contrária ao prazer: Chapeuzinho, ignorando a beleza e a alegria existentes na floresta, andaria como se fosse à escola, isto é, séria e compenetrada.

Segundo Bettelheim, surge para ela o dilema entre o "princípio da realidade" (seguir as orientações maternas) e o "princípio

do prazer" (fruir a beleza da floresta). (42, p. 207) Na sua análise psicanalítica, afirma que "Abandonando as virtudes da idade escolar, de "caminhar atentamente" como exige a sua tarefa, Chapeuzinho reverte à posição da criança em busca do prazer edípico. Cedendo às sugestões do lobo, também dá a este a oportunidade de devorar a avó.... Mesmo uma criança de quatro anos se questiona sobre o que pretende Chapeuzinho quando responde à pergunta do lobo e dá as direções específicas para se chegar à casa da avó. Qual o propósito de uma informação tão detalhada, pergunta-se a criança, senão o de assegurar-se de que o lobo encontrará mesmo o caminho? Só os adultos, convencidos de que os contos de fadas não têm sentido, deixam de ver que Chapeuzinho está contribuindo para matar a avó. E mais do que isso: "Orientando o lobo para a casa da avó, age como se lhe estivesse dizendo: — Deixe-me sozinha; vá ter com a vovó que é uma mulher madura; ela será capaz de lidar com o que você representa, eu não sou". (42, p. 209-10)

Ainda em relação a esse trecho, Cerda lembra a interpretação ético-religiosa: "el lobo, las flores que coge Caperucita y en general el cautivante paisaje del bosque, son signos de la tentación material, que a modo de prueba, le impone Dios al ser humano para comprobar su templanza". (44, p. 273)

Poucas versões em língua portuguesa seguem, com fidelidade, Perrault e também não são muitas as que estão mais próximas a Grimm. A maioria guarda alguns elementos de um e/ou outro e acrescenta várias informações, reforçando, sobretudo, o "passeio" no bosque.

Informações de Perrault

a) Chapeuzinho parte logo para ir à casa da avó: Le Petit Chaperon rouge partit aussitôt pour aller chez sa mère-grand....

As versões 22 e 26 são as mais fiéis ao texto francês.

A 22 diz que Chapêuzinho Vermelho saiu no mesmo instante para ir à casa de sua avó....

A 26 informa que Chapeuzinho Vermelho saiu logo para ir visitar sua vovôzinha.... Essa versão usa sempre a forma diminutiva "vovôzinha".

A 20 e a 21, que seguem normalmente o original de Perrault, omitem, aqui, um dado: que ela saiu "logo". Não deixa de ser um

importante, pois se refere à presteza com que a menina acatou as ordens da mãe; ela nada responde, mas parte imediatamente.

A 20 diz apenas que Chapeuzinho Vermelho saiu, portanto, para visitar a avó....

E a 21, que A menina dirigiu-se para a casa da avó....

Algumas outras versões falam dessa "partida" de Chapeuzinho. (Em Grimm, não se especifica isso: já se focaliza a menina na floresta.) São elas: 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 28, 30, 31 e 32.

A 11 diz que Chapeuzinho Vermelho partiu para a casa de sua avó.

A 15, que ela partiu para a casa da avó.

A 13, 19 e 32 dizem que ela partiu. A 19 guarda uma informação de Perrault: ela partiu sem demorar nada.

A 1 e a 16 afirmam que a menina começou a andar.

A 2 e a 3, que ela se pôs a caminho.

A 17 e a 28 que ela pôs-se a caminho.

A 30, que ela meteu-se a caminho. Registra-se o linguajar português.

A 4 e a 5, que ela saiu.

A 31, que ela saiu de casa.

A 14 diz, num tom coloquial, que lá foi a Chapeuzinho.

A 23, que ela foi pela estrada afora.

A 12 afirma: E lá se foi....

Apenas três versões (19, 22 e 26) guardam a informação de que Chapeuzinho obedeceu prontamente à mãe, partindo "logo". O verbo preferido é "sair", adotado em cinco textos.

b) A avó mora em outra aldeia: qui demeurait dans un autre village.

Essa informação, em Perrault, é bem diferente da existente em Grimm. No texto francês, frisa-se que ela mora em outra aldeia; isto está implícito, pois , que é preciso atravessar o bosque para chegar à sua casa. Em Grimm, ela mora no interior da floresta.

As versões 20, 22 e 26 são as mais fiéis a Perrault:.... que morava em outra aldeia.

A 21, que segue o texto francês, aqui é bem mais vaga:.... que morava longe.

Outras versões (2, 15, 19 e 25) também trazem essa informa

ção.

A 19 não especifica se a avó morava numa aldeia: a boa vovó morava do outro lado da floresta. Nesse texto há uma adjetivação abundante: Ex: "boa vovó".

A 2, a 15 e a 25 apenas insinuam que a casa não é mesmo na floresta.

A 2 diz: Para ir à casa da vovó, Chapeuzinho Vermelho tinha de atravessar a floresta.

A 15, mais coloquialmente, afirma: Para chegar lá tinha que atravessar o bosque.

A 25 é semelhante: Para chegar à casa da avózinha, precisava atravessar o bosque.

A 2 e a 19 optam pela forma familiar "vovó", e a 25, por "avózinha".

Apenas três textos conservam a fórmula original: "aldeia". Os outros cinco são vagos quanto à indicação de onde mora a avó. A maioria das versões segue Grimm no que se refere a essa informação.

c) Passando por um bosque, Chapeuzinho encontra o lobo, que tem vontade de comê-la, mas não o ousa por causa dos lenhadores:
En passant dans un bois, elle rencontre compère le Loup, qui eut bien envie de la manger; mais il n'osa, à cause de quelques bûcherons qui étaient dans la forêt.

O tratamento dado ao lobo é o mesmo encontrado nas fábulas, em que há diálogos entre os animais: "compadre" lobo.

As versões mais próximas ao texto francês são a 20, 21, 22 e 26.

A 20 e a 22 são as mais fiéis ao original, conservando a sua estrutura.

A 20 diz: Ao passar por um bosque, encontrou o compadre Lobo, que ficou com muita vontade de comê-la, mas não se atreveu a isso, por causa dos lenhadores que andavam pela floresta.

A 22 afirma: Passando por um bosque, aí encontrou compadre Lôbo, que teve grande vontade de comê-la; contudo não se atreveu, por causa de alguns lenhadores que estavam por perto.

A 21 faz uma tradução um pouco mais livre: e passando por uma floresta encontrou o compadre lôbo. Bem vontade de comê-la teve êle, mas nada fez por causa dos lenhadores que trabalhavam por perto. Prefere-se "floresta" a "bosque", e opta-se pela

inversão ("teve êle"), que dá um tom mais formal ao texto. Especifica-se que os lenhadores "trabalhavam por perto".

A 26, seguindo as suas características, exagera a "vontade" do lobo: Passando por um bosque, encontrou o compadre lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não teve coragem, porém, por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.

Essa informação (encontro com o lobo) existe também em Grimm. Mas, no texto alemão, não se fala, aqui, da vontade do lobo de comer Chapeuzinho.

Duas outras versões trazem esse item, com alterações: 3 e 25.

A 3, bem resumida e modificada, faz uma referência aos "lenhadores". Mas não há muita lógica no que é narrado. Diz-se apenas que o lobo aparece, mas como havia dois lenhadores ali por perto, ele falou à menina. E o que vem a seguir é a proposta de fazerem uma "aposta". Parece que foram suprimidas informações.

A versão 25 poderia ligar-se a Perrault, pois, logo depois do encontro, o lobo tenta saber o rumo da menina (conserva-se o discurso indireto). O período se inicia da seguinte maneira: No caminho encontrou um lobo.

d) O lobo pergunta à menina aonde ela vai: Il lui demanda où elle allait.

Ao contrário do texto alemão, em Perrault esse trecho está em discurso indireto.

São as versões 20, 22, 25 e 26 as mais fiéis ao original francês. A 21 omite a informação.

A 20 afirma: Resolveu perguntar-lhe onde ela ia....

A 22 diz: Perguntou-lhe o Lobo onde ia ela. O trecho se caracteriza pelas inversões, que o tornam mais formal.

Nas versões 20 e 22, há um desvio da norma culta: "onde ia".

A 26 registra que O lobo perguntou então a Chapêuzinho Vermelho para onde ela ia.

A 25, que é bastante alterada e resumida, diz: que lhe perguntou para onde ia.

A 25 e a 26 optam pela preposição "para".

As outras versões que apresentam essa informação do lobo trazem-na em discurso direto, prendendo-se, portanto, a Grimm.

e) A "pobre" menina responde que vai à casa da avó levar-lhe um bolinho e um potinho de manteiga, enviados por sua mãe: La pauvre enfant, qui ne savait pas qu'il était dangereux de s'arrêter à écouter un loup, lui dit:

— Je vais voir ma mère-grand, et lui porter une galette, avec un petit pot de beurre, que ma mère lui envoie.

Segundo Soriano, fica bem clara a ambigüidade da palavra "lobo" (tomada no seu sentido denotativo — o animal — e no sentido figurado — a figura masculina) no trecho: "La pauvre enfant, qui ne savait pas qu'il était dangereux de s'arrêter à écouter un loup..." Perrault brincaria com essa ambigüidade: "Il s'adresse toujours à un public enfantin, sans doute, mais en même temps se permet des clins d'œil en direction de l'adulte." (, p. 155)

As versões 20, 21, 22 e 26 são mais próximas ao original.

A 22, muito fiel ao texto francês, diz que A pobre criança, que não sabia como era perigoso dar ouvidos a um lobo, respondeu:

— Vou à casa da vovó levar-lhe um pãozinho e uma tigelinha de manteiga que minha mãe lhe envia.

A 20 afirma: e a pobre criança, que não sabia o quanto é perigoso dar ouvidos aos lobos, respondeu: § — Vou ver minha avó e levar-lhe um bolo e um pote de manteiga, que minha mãe lhe manda. Coloca a "lição" no presente ("é perigoso"), dando-lhe mais força. Usa o plural ("dar ouvidos aos lobos") e não adota a forma diminutiva, preferindo "bolo" e "pote".

A 26 altera ligeiramente a estrutura de Perrault: A pobre menina, que não sabia que conversar com lobo é coisa muito perigosa, respondeu-lhe: § — Vou visitar minha avózinha e levar uns bolinhos e um potinho de manteiga que minha mãe fêz para ela. Seguindo suas características, essa versão exagera os fatos ("coisa muito perigosa") e prossegue no seu tom afetivo ("avózinha"). Vale registrar a opção pelo coloquial: "coisa".

A 21 suprime um item; não fala em "pobre" menina: A menina, que não sabia como é perigoso parar para conversar com lobos, disse-lhe:

— Vou visitar minha avó e levar-lhe uns bolos e um pouco de manteiga que a mamãe manda.

Além de suprimir o adjetivo "pobre", também adota o presente ("é perigoso") e o plural ("conversar com lobos"). Fala em "bolos" e "um pouco de manteiga", ao invés do "bolinho" e "potinho" tradicionais.

Outras versões falam da comida levada por Chapeuzinho, mas

prendem-se mais ao esquema de Grimm. Três, no entanto, guardam um dado de Perrault (a mãe envia — ou fez — a comida): 13, 9 e 25.

Na versão 13, Chapeuzinho afirma:

— Vou à casa da vovozinha, levar-lhe um bolo, rosquinhas e geléia que a mamãe fez.

A 9 diz:

— Mamãe pediu para levar esses doces para ela. Vou levar também umas flores.

Antecipa-se a idéia de Grimm: levar flores à avó.

Na 25, é usado o discurso indireto: Chapeuzinho Vermelho disse que ia visitar a avozinha doente, e que lhe levava uma cesta de doces e frutas, preparada por sua mãe. Explica-se que ela está "doente".

Apenas três versões trazem integralmente a idéia central de Perrault nesse trecho (La pauvre enfant, qui ne savait pas qu'il était dangereux de s'arrêter à écouter un loup...) Três também "atualizam" o perigo, afirmando que "é" perigoso conversar com "lobos" ou com um "lobo". Nenhuma versão é exatamente fiel quanto à comida a ser levada à avó: "une galette avec um petit pot de beurre." Sete afirmam que a mãe a enviou (ou fez).

No tratamento dado à avó, aparece duas vezes a forma "avozinha"; uma vez, "vovozinha"; e uma outra vez, "vovó". Usa-se o tom familiar tanto na fala da menina quanto no discurso do narrador. Em dois textos, Chapeuzinho usa a forma familiar "mamãe", para se referir à mãe.

Em alguns outros textos, Chapeuzinho, na mesma fala em que anuncia seu rumo, refere-se à comida a ser levada à avó, mas, como omitem a idéia central de Perrault desse trecho, foram colocados como ligadas a Grimm: 3, 5, 6, 7, 10, 16, 17.

f) O lobo pergunta a Chapeuzinho se a avó mora longe:

— Demeure-t-elle bien loin? lui dit le Loup.

Segundo Soriano, um manuscrito de 1695 apontava: "Demeure-t-elle bien loin d'ici?" Na redação definitiva de 1697, Perrault, no entanto, omitiu a expressão final, por julgá-la desnecessária num texto escrito. (36, p. 153)

Essa informação aparece nas versões 20, 21, 22 e 26.

A 22 é a mais fiel ao original:

— Ela mora muito longe? — perguntou o Lobo.

A 20 simplifica a pergunta:

— Ela mora longe? — perguntou o Lobo.

Não há o reforço de Perrault: "muito longe".

A 21 igualmente não usa o advérbio, mas conserva a contração da preposição "de" com o advérbio "aqui", que Perrault eliminou:

— Sua avô mora longe daqui? indagou o lobo.

A 26 também introduz "daqui":

— Ela mora muito longe daqui? perguntou o lobo.

Omite-se o travessão delimitador da fala na 21 e na 26.

Como se vê, apenas um texto (22) é rigorosamente fiel a Perrault.

As outras versões que trazem essa pergunta do lobo, fazem-no segundo o esquema de Grimm.

g) Chapeuzinho dá explicações ao lobo sobre o local onde mora a avô:

— Oh! Oui, dit le petit Chaperon rouge; c'est par delà le moulin que vous voyez tout là-bas, à la première maison du village.

As versões 20, 21, 22 e 26 trazem essa informação. A 20 e a 22 são as mais próximas ao original.

A 20 é a mais fiel:

— Se mora! retrucou Chapeuzinho Vermelho. — além do moinho que se vê lá adiante, bem longe, na primeira casa da aldeia.

Na 22, Chapeuzinho afirma:

— Oh, sim! respondeu Chapeuzinho Vermelho — além do moinho que se vê lá embaixo: na primeira casa da aldeia.

Não se reproduz o reforço existente no original ("tout lá-bas").

A 21 simplifica o trecho, mas guarda as informações principais:

— Oh, sim! Mora lá adiante daquele moinho que se vê aqui, na primeira casa da aldeia.

Na 26, Chapeuzinho trata o lobo respeitosamente:

— Muito longe; respondeu-lhe Chapêuzinho Vermelho; depois daquele moinho que o senhor está vendo lá longe, é a primeira casa.

Os textos 20, 22 e 26 usam inadequadamente o travessão na fala de Chapeuzinho.

As versões 6 e 13 apresentam um outro esquema.

A 13, bastante modificada, guarda uma informação de Perrault: A vovozinha mora perto do moinho, na última casa da vila.

Mas, ao invés de ser a "primeira" casa da aldeia, é a "última". Usa-se a forma diminutiva "vovozinha".

A 6, que traz a pergunta do lobo segundo o esquema de Grimm, apresenta, na resposta de Chapeuzinho, informação do original francês:

— Do outro lado da floresta, numa casinha de portas verdes. É a primeira casa da aldeia....

Há inovações, num tom afetivo: "Do outro lado da floresta, numa casinha de portas verdes...."

Apenas uma versão conserva todos os itens de Perrault.

h) O lobo diz que vai também à casa da avó, por um caminho, e indica o outro a Chapeuzinho; quer ver quem chega primeiro:

— Eh bien! dit le Loup. Je veux l'aller voir aussi, je m'y en vais par ce chemin-ci, et toi par ce chemin-là; et nous verrons à qui plus tôt y sera.

Ainda são as versões 20, 21, 22 e 26 as que reproduzem esse item.

A mais fiel é a 22:

— Pois bem — disse o Lobo — também quero visitá-la. Irei por este caminho, e irás por aquele. Vamos ver quem chega primeiro.

A 26 continua insistindo no afetivo:

— Muito bem! disse o lobo, eu também quero ir visitar sua avôzinha; eu vou por este caminho e você vai por aquele; vamos ver quem chega primeiro!

Há problemas de pontuação nesse trecho.

A 20 e a 21 omitem a expressão inicial ("Eh bien!")

A 20 não fala em "caminhos", e o lobo diz que quer ver quem chega "mais depressa" e não "primeiro":

— Pois também quero ir visitá-la, — disse o Lobo — eu vou por aqui e você por ali, vamos ver quem chega mais depressa.

Na 21, não se determinam os "caminhos":

— Pois vou também visitá-la, disse o lobo. Você segue por um caminho e eu por outro — e veremos quem chega primeiro.

Várias outras versões, apesar de terem sofrido alterações no seu enredo, trazem, com maior ou menor distância, essa informação de Perrault: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 15 e 19.

Na 15, por exemplo, depois de o lobo ter obtido a informa-

ção de onde morava a avó, são acrescentados outros dados (ele tenta passar por "bom").

— Muito bem — disse o lobo, mais amável, mudando o tom da voz — eu também irei vê-la, mas seguirei pelo outro lado, porque primeiro tenho que fazer outras visitas. Verei você na casa da avozinha.

Essas informações inúteis à narrativa retardam desnecessariamente a ação. O animal diz que vai "pelo outro lado", mas não indica um caminho à Chapeuzinho.

Algumas versões dão ênfase à "aposta" que o lobo propõe a Chapeuzinho (1, 2, 3, 13 e 19).

Na 1, ele diz à menina:

— Você vai à casa da sua avó? Vamos fazer uma aposta. Você vai pela esquerda e eu vou pela direita. Quem chegar primeiro ganha a aposta. Será divertido!

O interessante nessa versão é que é a única fala do lobo. Nada se diz sobre como descobriu que Chapeuzinho ia à casa da avó. Ele aparece, de repente, e já vai fazendo a proposta: não existe uma seqüência lógica na história. Além do mais, no texto de Perrault não se fala em "esquerda" ou "direita".

Na versão 2, há a seguinte fala do lobo:

— Então, vamos fazer uma aposta — disse o lobo — Você irá por este caminho e eu irei por aquele. Quem chegar primeiro ganha a aposta.

Aqui a sua orientação é contrária à do texto francês.

Na 3, o lobo também aparece de repente e vai logo propondo:

— Vamos fazer uma aposta? Vou por este caminho e você vai pelo outro. O primeiro que chegar à casa da vovó ganha a corrida.

Também não há lógica na sua atitude: ele faz uma proposta sem nada ter perguntado à menina e sem tê-la observado antes. Como adivinhou que ela ia para a casa da avó? Há também referência à "corrida", dado que será comentado mais adiante.

Na 13, o lobo, depois de saber onde mora a avó, diz à menina:

— Bem... é que... Vamos fazer uma aposta? — disse o lobo, mudando de assunto.

— Que aposta? — perguntou a menina, desconfiada.

— Vamos ver quem chega lá primeiro?

Aqui não se fala em caminhos a tomar.

A 19 afirma: Depois de muita conversa fiada, propôs a Chapeuzinho:

— Que tal fazermos uma aposta? Vamos ver quem chega primeiro à casa da vovó? Vou por este atalho e você vai por aquele. Quem chegar primeiro espera o outro.

Há uma inovação ("Quem chegar primeiro espera o outro") e traço de coloquialismo ("conversa fiada"); fala-se em "atalho".

Na 4 e na 5, há o convite à "brincadeira".

A 4 diz:

— Não, eu não sou de comer gente! Eu quero é ser seu amigo. Vamos brincar! Vamos ver quem chega primeiro à casa da vovó? Você vai por este caminho aí e eu vou por aquele ali. Combinado?

Como na 3, há inversão dos caminhos, e o lobo parece já saber o local da casa da avó, pois não faz pergunta a esse respeito.

O mesmo acontece na 5:

— Nada disso! Eu quero é ser seu amigo. Vamos brincar! Vamos ver quem chega primeiro na casa da sua avó? Eu vou pelo caminho mais comprido e você vai pelo mais curto. Combinados?

Essa versão reproduz a mesma proposta da 4: o lobo quer ser amigo de Chapeuzinho e quer "brincar". Percebe-se que esse tom de "brincadeira" não é decididamente o do texto francês. Além do mais, a versão 5 antecipa o que o texto de Perrault diz mais adiante, a respeito do caminho mais curto e do mais longo.

A versão 6 e a 15 não falam em "brincadeira", mas no tamanho dos caminhos.

Na 6, o lobo, depois de saber que Chapeuzinho vai à casa da avó, diz-lhe:

— Vamos ver quem chega primeiro? — perguntou o lobo. — vo você vai por este atalho e eu pelo caminho mais longo.

Ele não pergunta à menina onde mora a avó.

Na 15, ele já sabe onde ela mora. E diz-se que conhecia tam bém um caminho mais curto para chegar lá.

Na versão 7, há somente uma insinuação de que o lobo preten de chegar antes da menina à casa da avó. Por outro lado, o texto não mostra os métodos que ele usaria para atingir seus objetivos:

— Bem, acho que eu também tenho pressa! Muita pressa! Até logo, Chapeuzinho! Quem sabe nós nos encontramos mais tarde.

Percebe-se que o item mais freqüente nas versões é o fato de o lobo querer saber quem vai chegar primeiro à casa da avó. Oi to textos o reproduzem fielmente (um outro fala em chegar "mais depressa"). Cinco explicitam que se trata de uma "aposta". Já está clara a idéia de "brincadeira" (tão comum em vários textos — será vista à parte): em duas versões o lobo faz claramente a proposta de "brincadeira". Em três textos ele busca passar por "bon-

zinho": tenta ser amável ou diz que quer "ser amigo" da menina. Isso contraria o texto original, em que Chapeuzinho aceita a conversa do animal, por pura inocência e não porque ele tenha feito qualquer dissimulação.

No que se refere aos caminhos indicados pelo animal, cinco versões seguem o esquema de Perrault. Algumas são um pouco vagas (ou nem chegam a falar em caminhos) ou adiantam qual é o mais curto e o mais comprido. Fala-se também em "esquerda" e "direita", ou inverte-se a orientação do texto francês.

Apenas cinco versões reproduzem também a informação de que o lobo quer ir à casa da avó.

Somente três guardam todos os dados existentes no original.

Na fala do lobo, usa-se duas vezes a forma "avozinha" e outras duas, "vovô".

i) O lobo corre pelo caminho mais curto: Le Loup se mit a courir de toute sa force par le chemin qui était le plus court....

Prosseguem as versões 20, 21, 22 e 26 contendo as informações de Perrault.

A 20, 22 e 26 são muito fiéis ao texto francês.

A 22 reproduz exatamente a estrutura original: O lobo pôs-se a correr com quanta força tinha pelo caminho mais curto....

A 20 diz: O Lobo saiu correndo a toda pressa pelo caminho mais curto....

A 26 afirma: O lobo começou a correr o mais que podia pelo caminho mais curto.

A 21 não indica como ele corria, mas diz que ele saiu "imediatamente": O lobo imediatamente pôs-se a correr pelo caminho mais curto....

Algumas versões trazem essa informação com uma certa distância do original (4, 5, 6, 8, 9, 13, 15, 19 e 32).

A 6, 8, 15 e 32 referem-se ao tamanho dos caminhos.

A 6 afirma: mas o lobo, que era mau, fez justamente o contrário: mandou a menina pelo caminho mais longo e ele foi pelo caminho mais curto, para chegar antes dela. Enfatiza-se a "maldade" do lobo, e há a necessidade de se explicar para que ele foi pelo caminho mais curto. Não se diz, nesse momento, que ele foi "correndo".

A 8 também dá essa explicação, além de falar em "atalho": rapidamente ele pegou um atalho para chegar antes dela.

O mesmo acontece na 32: Não pensou de novo. Saiu correndo para chegar antes.... Enquanto isso, o Senhor Lobo corria, corria, cortando caminho por um atalho que ele conhecia bem. O lobo é tratado cerimoniosamente: "Senhor Lobo".

A 15 diz apenas que o lobo conhecia também um caminho mais curto para chegar até lá. Não explicita, aqui, que ele saiu "correndo".

As versões 4, 5, 9, 13 e 19 não falam no tamanho dos caminhos.

A 4 diz: Os dois saíram correndo. Mas o Lobo corria muito e se cansava menos. Ele sabia que ia chegar primeiro. Além do mais, ele não era amigo coisa nenhuma e tinha mentido para Chapeuzinho. São introduzidas novas informações, explicando cada fato. A idéia de que ele "se cansava menos", por exemplo, é completamente desnecessária.

A 5 e a 19 dizem apenas que os dois saíram correndo.

A 13 explicita que ele tinha um plano: E sem esperar resposta, o lobo saiu correndo pela floresta. Chapeuzinho Vermelho não imaginava que o lobo tivesse um plano, que só mesmo um lobo muito mau poderia ter. Como a 6, reforça-se a "maldade" do animal.

A 9 não explica bem por que o lobo chegaria antes de Chapeuzinho: O lobo se despediu, depois que conseguiu saber pra onde ela ia.

— Enganei Chapeuzinho! Ah, ah! ah! Vou chegar antes dela à casa da avó e, então....

Também não fica claro por que ele "enganou" a menina. A impressão que se tem é a de que foi suprimido um trecho. Há traço de coloquialismo na fala do narrador: "pra".

A informação mais constante nesse trecho da história é a de que o lobo correu para a casa da avó: nove versões reproduzem-na; uma diz que ele saiu "rapidamente" (No momento seguinte do conto, várias versões conservam essa informação.) Seis indicam que ele foi pelo caminho mais curto (duas falam em "atalho"). Apenas três apontam como ele correu. Há explicitações desnecessárias: três textos fazem referência à sua "maldade", e três outros dizem que ele correu "para chegar antes" de Chapeuzinho.

j) Chapeuzinho vai pelo caminho mais longo, divertindo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer buquês com as flores que encontra: et la petite fille s'en alla par le

chemin le plus long, s'amusant à cueillir des noisettes, à courir après des papillons, et à faire des bouquets des petites fleurs qu'elle rencontrait.

As versões 20, 21, 22 e 26 trazem essa informação.

A 20 e a 26 são as mais fiéis ao original.

A 20 usa o diminutivo "florinhas", coloquial e pouco comum: enquanto a menina ia pelo caminho mais longo, distraída a colher avelãs, a correr atrás das borboletas, ou a fazer buquês das florinhas que encontrava.

A 26 usa a forma culta "florezinhas" e o diminutivo pouco corrente "meninazinha": a meninazinha foi pelo mais comprido, divertindo-se em colhêr avelãs, em correr atrás das borboletas e em fazer ramos com as florezinhas que encontrava.

A 22 altera o diminutivo ("buquêzinhos com flôres do campo"): e a menina se foi pelo caminho mais comprido, divertindo-se a colhêr avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer buquêzinhos com flôres do campo.

A 21 afirma: e a menina tomou pelo caminho mais longo, e foi parando para colhêr frutas do mato e correr atrás das borboletas e fazer raminhos de flôres. Seu tradutor, Monteiro Lobato, prefere dar um tom mais "nacional" ao trecho: ao invés de falar em "avelãs" (fruta tipicamente européia) usa "frutas do mato" e também não se refere a "buquês", mas a "raminhos". Adota a fórmula "tomou pelo caminho", inusitada. E não fala que a menina "se distraía" ou "se divertia" no caminho.

Uma outra versão, a 15, que modifica o esquema de Perrault, traz, no entanto, nesse trecho, dados do texto francês:

Chapeuzinho Vermelho parou algumas vezes no caminho para colher flores e olhar as borboletas que voavam entre as árvores, de modo que....

Apenas três textos guardam, em síntese, todas as informações de Perrault.

Informações de Grimm

a) A avó mora na floresta, a uma meia hora da aldeia: La grand-mère habitait loin, au milieu de la forêt, à une demi-heure du village.

A tradução francesa corresponde ao texto original. Apenas este não especifica que ela morava "longe", nem detalha que era "no meio" da floresta.

As únicas versões que reproduzem esse item com fidelidade são a 30 e a 33.

A 30 diz que A Avó morava mesmo no meio da floresta, a meia hora da aldeia. Há o reforço que não deixa margem de dúvida: "morava mesmo no meio".

A 33 afirma: Acontece que a vovó morava na floresta, a uma meia hora da aldeia.

As versões 18, 27 e 29 trazem, com modificações, a informação.

A 18 é vaga: A avó morava na floresta, longe dali....

O mesmo acontece com a 27: A vovó morava numa floresta, que fica meio longe da casa de Chapeuzinho. É mais indefinida ainda: "numa floresta", "meio longe".

A 29 não especifica se ela morava na floresta, introduzindo informações novas: A avó morava à beira da estrada, a uma meia hora mais ou menos de caminho da aldeia.

Em dois textos, opta-se pela forma familiar "vovó".

As versões 2, 15, 19 e 25, como já foi visto, são ambíguas, nesse trecho, podendo ligar-se a Perrault ou a Grimm. A informação mais constante é a de que a avó mora na floresta: aparece em quatro textos.

b) Assim que Chapeuzinho Vermelho chega à floresta, encontra o lobo: Lorsque le petit Chaperon Rouge arriva dans le bois, il rencontre le Loup.

A tradução francesa confere com o original alemão.

As versões 7, 17, 18, 19, 29, 30 e 33 trazem, mais de perto, a informação.

A 29, a 30 e a 33 são as mais próximas ao original.

A 29 diz que Quando Chapêuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo.

A 30, que Quando entrou no bosque, Chapeuzinho Vermelho encontrou o Lobo.

E a 33, que Chegando à floresta, Chapeuzinho Vermelho encontrou o lobo.

A 7 diz que Mal entrou no bosque, porém, Chapeuzinho encontrou o lobo. O uso da conjunção adversativa — "porém" — já sugere

re a idéia de obstáculo que surge na caminhada de Chapeuzinho.

A 17 acrescenta nova informação, caracterizando o lobo, desde já: Chegando na floresta, Chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo muito grande e muito mau. Usa, coloquialmente, "chegar na floresta".

A 18, curiosamente, fala em "mato": e assim que Chapeuzinho Vermelho entrou no mato encontrou o lobo.

A 19 caracteriza o lobo, física e moralmente: Mas desta vez, assim que entrou na floresta, encontrou o Lobo Mau. Era um lobo famoso por seu focinho grande e suas maldades.

Nessas sete versões, variam as formas de se mostrar que não houve distância de tempo entre a ação de entrar no bosque e o encontro com o lobo, mas elas não trazem alterações semânticas significativas.

Outras versões trazem o encontro com o lobo, mas sem afirmarem que ele se deu "logo" que Chapeuzinho entrou na floresta (16, 15, 24 e 25).

A 16, por exemplo, diz que Chapêuzinho Vermelho ia passando pela floresta quando encontrou o lobo.

A 24 também afirma que Passando pela floresta, Chapeuzinho encontrou um lobo.

A 6 e a 15 especificam que o encontro aconteceu pouco tempo depois de a menina ter entrado na floresta. A 6 diz exatamente isso: Pouco depois, surgiu um lobo É interessante, aqui, o verbo "surgir", mostrando a maneira repentina do aparecimento do lobo.

A 15 detalha mais a cena: Não havia andado muito quando encontrou um lobo muito grande. Também tem o cuidado de caracterizar o animal: "muito grande".

A 25 é mais vaga: No caminho, um lobo....

Sete textos usam o artigo indefinido (contrariamente ao original) para caracterizar o lobo: não se trata do lobo, conhecido por suas características, mas de um lobo qualquer.

Percebe-se que há uma oscilação entre "floresta" e "bosque". Em alemão; existe apenas "floresta"; Perrault, por sua vez, usa as duas formas. A versão 18, usando "mato", dá um tom prosaico ao texto.

c) Mas Chapeuzinho não sabe que animal feroz ele é e não tem medo dele: Mais il ne savait pas que c'était une vilaine bête et ne le craignait point.

A tradução francesa, aqui, confere com o original. Traduz "animal feroz" por "vilaine bête".

As versões 17, 18, 27, 28, 29, 30 e 33 trazem esse item.

As mais fiéis são a 29 e a 33.

A 29 diz: não sabendo, porém, que animal perverso era ele, não sentiu medo.

A 33 opta por um tom um pouco mais coloquial: mas, como não sabia que ele era um bicho tão malvado, não se assustou ao vê-lo.

Essas duas versões conservam a estrutura original: há o uso da conjunção adversativa, para destacar que o encontro com o lobo, que deveria ser um acontecimento extraordinário, não causou espanto à menina.

A 27 conserva a conjunção, mas inverte as informações (refere-se primeiro à ausência de medo): Mas não teve medo, pois não sabia que um lobo podia ser um bicho mau. Como a 33, usa a palavra "bicho".

A 17 e a 30 também não enfatizam a "ferocidade" do animal.

A 17 diz: Não sabia que o lobo era mau, por isso não teve medo.

A 30 afirma: Ela não sabia que o Lobo era um animal perigoso, e não teve medo.

A 18 e a 28 alteram o sentido original.

A 18 dá a entender que a menina já tinha ouvido falar no lobo e na sua maldade: Ela não sabia que aquele era o Lobo Mau, e não teve medo.

Na 28, enfatiza-se a ignorância da criança: A pequena, que nunca vira lobos, olhou para ele sem medo.

Como se vê, variam as maneiras de se mostrar que Chapeuzinho não teve medo do lobo, mas todas destacam a sua inocência: ela não se assusta por não saber da maldade do animal, ou por não reconhecê-lo, ou ainda por não tê-lo jamais conhecido.

d) Inicia-se o diálogo - cumprimentos: "Bonjour, Chaperon Rouge", dit le Loup. "Bien merci, Loup", dit le Chaperon Rouge.

O texto de Grimm enfatiza que a menina responde ao cumpri-

mento do lobo, agradecendo, um antigo costume alemão.

Essa informação é próxima ao original nas versões 18, 27, 28, 29, 30 e 33.

A 29 reproduz exatamente a fórmula alemã:

— Bom dia, Chapêuzinho Vermelho, — disse o lobo todo dengoso.

— Muito obrigada, lobo.

É uma fórmula estranha e artificial, em português. Além do mais, a versão introduz, desnecessariamente, uma informação que não existe no original: "todo dengoso".

A 33 é mais natural, sem rodeios:

— Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho! disse o lobo.

— Bom-dia, lobo!

A 18 diz:

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho.

— Bom dia, seu lobo.

Introduz-se "seu", para dar um tom coloquial à conversa.

A 30 adota um tom respeitoso:

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho — disse ele.

— Bom dia, senhor Lobo.

A 27 omite o vocativo, na resposta da menina:

— Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho! disse o lobo, aproximando se.

— Bom-dia, respondeu ela.

A 28 também acrescenta informações, num tom cerimonioso, excessivamente formal e afetivo:

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho.

— Bom dia, Senhor — volveu-lhe delicadamente a garotinha.

Algumas outras versões trazem esse cumprimento, em situações diferentes (2, 7, 9, 10, 13, 17, 19 e 31).

Na 10, 13, 15 e 17, Chapeuzinho não responde ao cumprimento, pois o lobo lhe diz "Bom dia" e imediatamente já faz uma pergunta.

Na 10, o cumprimento acontece bem depois do aparecimento do animal, que primeiro observa a menina. Ele procura ser gentil.

— Bom dia, linda menina! Está perdida no bosque?

Na 13, o animal diz:

— Bom dia, Chapeuzinho, como vai? E o que leva....?

Na 15, não há disfarce na sua voz: O lobo saudou-a com voz áspera: — Bom dia, menina. Aonde vai....?

Na 17, a pergunta é semelhante:

— Bom dia, Chapêuzinho Vermelho, disse o lobo... Aonde vai....?

Na versão 19 (como na 10), o lobo observa antes a menina; e a sua fala se estende, desnecessariamente:

— Bom dia, linda menina! Que dia maravilhoso, não acha? É tão bom passear na floresta num dia como este...

E Chapeuzinho responde sem medo, depois de analisá-lo:

— Olá, seu lobo — disse ela — Como vai? Quer vir comigo até a casa da vovó?

Ela indica aonde vai, sem que ele lhe pergunte.

Na 2, na 7 e na 9, existe uma forma de cumprimento mais coloquial: "Olá!"

A 9 ainda acrescenta: disse o lobo com voz inocente.

Na 31, como Chapeuzinho sai de casa depois do almoço, o cumprimento é diferente: De repente, saindo de trás de uma árvore, o lobo disse: — Boa tarde, menina bonita.

Refazendo-se, Chapeuzinho respondeu educada:

— Boa tarde.

No que se refere aos dados novos que se intrometem nos cumprimentos iniciais em quase todas as versões, a maioria diz respeito à "gentileza" do lobo, que tenta ser agradável à menina (essa informação aparece em cinco versões). No original, o cumprimento é objetivo, sem maiores rodeios. Em algumas versões, atropela-se a narrativa: o animal não espera resposta de Chapeuzinho, iniciando suas indagações. Apenas um texto (o 33) apresenta o pequeno diálogo de maneira natural e é fiel ao original.

e) O lobo pergunta a Chapeuzinho aonde ela vai tão cedo e a menina diz que vai visitar a avó:

— Oû donc vas-tu si tôt, Chaperon Rouge?

— Chez ma grand-mère.

Em alemão, essas duas falas são bem rápidas, num "estilo te legráfico". Não há o possessivo antes de "avó".

As versões 18, 27, 28, 29, 30 e 33 são as que mais se aproximam do original, mas elas não conseguem ser tão sucintas quanto ele.

A 18, 29 e 33 introduzem o advérbio "assim".

A 33 é bastante fiel:

— Aonde você vai assim tão cedo, Chapeuzinho?

— Visitar a vovó.

A 18 é semelhante:

— Aonde vai tão cedo assim, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou visitar minha avozinha.

O mesmo acontece com a 29:

— Aonde vais, assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou à casa da vovô!

A 30 diz:

— Onde vais tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou a casa da minha Avó.

A 27 e a 28 omitem o vocativo, e Chapeuzinho adianta a informação de que a avó está doente.

A 27 acrescenta outra informação:

— Onde você vai com tanta pressa?

— Vou à casa da minha vovô, que está doente.

A 28 diz:

— Aonde vais tão cedo?

— À casa de minha avó, que está doente.

As versões 18, 27, 29 e 30 acrescentam o verbo "ir" no início da resposta de Chapeuzinho, tornando-a mais longa e explicativa. A 27 e a 30 apresentam um desvio da norma culta: "onde vai(s)?"

Outras versões trazem essa pergunta e essa resposta, com maior distância do original (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 24 e 31).

A 2, 7, 9, 10, 15 e 17 apresentam, na mesma fala, o cumprimento do lobo e a sua indagação sobre o rumo da menina.

Na 2, é bem rápida a fala do animal:

— Aonde vai, tão cedo?

— Vou à casa da vovô.

Na 7, acrescenta-se o adjunto adverbial "com tanta pressa" e suprime-se "tão cedo":

— Aonde vai com tanta pressa?

— Vou à casa da vovô. Levo comida para ela.

Na 10, 15 e 17, há referência à "cesta", dado inexistente em Grimm.

Na 15, há o seguinte:

— Aonde vai com essa cesta cheia de coisas gostosas?

— Vou visitar minha avozinha — respondeu Chapeuzinho.

Na 17, antecipa-se a informação de que a avó está doente e é introduzida (como na 7) a expressão "com tanta pressa":

— Aonde vai tão cedo e com tanta pressa?

— Vou levar esta cestinha para minha avó, que está doente.

Na 10, a pergunta do lobo é completamente diferente:

— Está perdida no bosque?

— Não, senhor. Eu vou à casa de minha avó que é ali do ou-

tro lado. Ela está doente, por isso vou levar-lhe esta cesta de doces e frutas.

A resposta da menina se estende, antecipando informações.

Na 9 o lobo tenta ser gentil; há o desvio da norma culta:

— Onde você vai, tão bonita e tão contente?

A resposta de Chapeuzinho se prende mais a Perrault, como já foi visto.

Nas versões 1, 6, 16 e 24, a indagação sobre o rumo de Chapeuzinho é a primeira feita pelo lobo, que não cumprimenta a criança.

Na 6 e na 24, antecipa-se a doença da avó.

Na 6, é feita referência à "cestinha":

— Aonde você vai, Chapeuzinho?

— Levar esta cestinha à casa da vovó, que está doente.

Na 24, registra-se também o desvio da norma culta: — Onde vais? A menina respondeu: Vovó está doente. Vou levar doces para ela.

Na 16, o lobo perguntou:

— Aonde você vai, Chapeuzinho Vermelho?

A menininha respondeu:

— Vou até a casa da vovó levar um presente pra ela.

Opta-se pelo coloquial ("pra") e pelo afetivo ("menininha").

Na 1, o lobo, como se já soubesse o rumo de Chapeuzinho, faz uma pergunta diferente:

— Você vai à casa da sua avó?

E ele fala "com voz bem doce", não esperando resposta: imediatamente já propõe a "aposta".

Nas versões 4 e 5, a pergunta do animal vem depois de muita conversa e insiste-se na referência à "cestinha".

Na 4, há o seguinte diálogo:

— Aonde você vai com essa cestinha?

— À casa da vovó....

O mesmo acontece na 5:

— Mas aonde vai com essa cestinha?

— Vou levar tortas para minha avó que está resfriada.

Antecipam-se informações a respeito da comida a ser levada à avó e da sua doença.

Na 14, o lobo faz a pergunta com galanteio, depois de pensar como a menina seria um bom "almoço":

Aonde vai, minha beleza?

disse o lobo disfarçando

Aonde leva esta cestinha

E pra onde vai andando?

A resposta acontece duas estrofes adiante:

Vou pra casa da vovô
que é bem velha, coitadinha.

A linguagem é coloquial e afetiva ("pra", "vovô", "coitadinha").

Na versão 31, a indagação do animal vem depois do seu cumprimento, mas é acrescido um detalhe curioso (o charuto), que ajuda a compor o tipo do "malandro": O lobo ajeitou um charuto amassado no canto de sua boca enorme e perguntou: — Para onde vai com tanta pressa? — Vou à casa da minha avozinha que vive do outro lado do bosque.

Nesse trecho é feita a única referência quanto ao local onde mora a avô.

Na 11, a menina não espera perguntas do lobo. Ela contou ao Lobo Mau que ia à casa de sua avô doente e este fingiu que estava com pena da avô da menina.

Na 3, não é o lobo que pergunta à menina aonde ela vai; são os passarinhos:

— Aonde você vai, Chapeuzinho?

— Vou à casa da vovozinha levar-lhe este bolo — respondeu a menina.

A versão 8, muito resumida, não reproduz qualquer diálogo entre a menina e o lobo. No final do trecho, diz apenas que o lobo, vendo que ela ia à casa da avô.... Também não se explica como ele "viu" isso. O texto poderia prender-se tanto a Perrault quanto a Grimm.

Na 32, também não há diálogo; o lobo se pergunta:

— Aonde será que ela vai?

Ah! Deve ser a netinha daquela velha....

Nenhuma versão consegue ser, nesse trecho, tão objetiva quanto o texto de Grimm. A maior parte não obedece sequer ao esquema original: pergunta do lobo e resposta da menina, depois dos cumprimentos iniciais. Adotam-se fórmulas diversas (cumprimento e pergunta na mesma fala do lobo, ausência de cumprimento, etc.). São comuns os acréscimos ao texto. O mais comum é a repetição do verbo "ir" na resposta de Chapeuzinho, aumentando, desnecessariamente, a frase; há ainda a referência à "cesta" ou "cestinha" (aparece em sete versões), à "gentileza" do lobo, etc. Introduzem-se expressões ("com tanta pressa", "assim") e é omitido algumas vezes o vocativo, na pergunta do lobo. Em sete textos, há interferência de Perrault: Chapeuzinho responde ao animal dizendo que

vai levar algo à avó; em Grimm, ela dá essa informação, no momento seguinte da história, depois de uma indagação específica do lobo. Em seis versões, a menina antecipa que a avó está doente. Em duas outras, ela adianta o local onde mora a avó. Quatro textos desviam-se da norma culta: "Onde vai(s)....?"

No tratamento dado à avó, dez versões usam a forma familiar "vovô"; três preferem "avozinha"; e uma, "vovozinha". Nove ainda acrescentam o possessivo "minha", para destacar a afetividade. Em três textos, o lobo se dirige à menina, usando o pronome "tu".

f) O lobo pergunta à menina o que ela leva, e esta lhe dá uma explicação mais longa:

— Que portes-tu dans ton panier?

— Du gâteau e du vin. Hier nous avons fait de la pâtisserie, et ça fera du bien à ma grand-mère. Ça la fortifiera.

No texto alemão, não há, aqui, referência explícita a "cesta". O lobo pergunta à menina: "O que você leva debaixo do avental?" Chapeuzinho insiste também que ela e a mãe assaram o bolo na véspera, e a avó, doente e fraca, teria algo que lhe fizesse bem, que a fortificasse.

Apenas as versões 18, 27, 28, 29, 30 e 33 trazem, mais de perto, esse item, apesar de nenhuma delas referir-se a "avental". A maioria insiste em falar em "cesta".

A 33 guarda a idéia de Grimm, com algumas pequenas modificações:

— O que você traz dentro dessa cesta?

— Bolo e vinho, que nós preparamos ontem para a vovozinha que está fraca e doente e com isto poderá se fortalecer.

Inclui o vinho como tendo sido "preparado" na véspera. Não se aponta, como no original, que a avó terá algo que lhe faça bem.

A 29 também é fiel a Grimm:

— E que levas aí nesse cestinho?

— Levo bôlo e vinho. Assamos o bôlo ontem, assim a vovô, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se fortificar.

Insiste-se em dar à narrativa um tom afetivo ("cestinho") e reforça-se a "fraqueza" da avó. Não se explicita que a bebida e a comida lhe farão bem, mas é enfatizado o seu provável conten-

tamento ao recebê-las.

A 30 apresenta as falas de maneira inadequada:

— Que levás aí no cesto?

— Levo um bolo e uma garrafa de vinho. São para a minha Avó, que está doente e de cama.

— Ela vai ficar toda contente, e pode ser que melhore.

A última fala ainda é da menina e, portanto, não haveria necessidade de parágrafo e travessão. Não se diz explicitamente que a avó está "fraca", mas que ela está "de cama". É omitida a informação de que Chapeuzinho e a mãe fizeram o bolo na véspera e afirma-se que a menina leva um bolo inteiro (e não um pedaço, como no original). É enfatizado o "contentamento" da avó.

A 18 afirma:

— Que é que você leva nessa cesta?

— Bolo e vinho. A mamãe fez bolos ontem, e a coitada da vovó está doente e precisa comer bastante para ficar mais forte.

Essa versão apresenta algumas variações. Na pergunta do lobo, há um tom mais coloquial; "Que é que...?" Chapeuzinho diz que apenas a mãe fez os bolos, e a "vovó" é caracterizada ("coitada"), para se passar maior afetividade. O final da sua fala também se altera: "precisa comer bastante".

A 27 simplifica muito o texto e, como a 30, fala que Chapeuzinho leva um bolo inteiro:

— E o que você leva na cesta? perguntou o lobo.

— Levo um bolo e uma garrafa de vinho, respondeu Chapeuzinho.

São omitidas as informações finais.

A versão 28 altera bem a estrutura original (a informação da doença da avó já foi dada na fala anterior):

— E levás-lhe alguma coisa?

— Levo, sim, senhor; levo-lhe uns bolos e uma garrafa de vinho.

A fala da menina é pouco objetiva: "Levo, sim, senhor; levo-lhe...." Fala-se em "uns bolos", Chapeuzinho continua a adotar um tom respeitoso: "senhor".

Algumas outras versões, que fogem ao esquema original, trazem essa idéia (5, 7, 10, 12, 13, 16, 29, 24, 31 e 32).

Na 13, na mesma fala em que cumprimenta a menina, o lobo lhe pergunta:

— E o que leva nessa cesta?

E diz-se que o lobo fez essa pergunta "com a voz mais macia que pôde." A resposta da menina, como já foi visto, prende-se mais a Perrault.

As versões 5, 7, 10, 16 e 24 apresentam a resposta de Chapeuzinho, depois de uma outra pergunta do lobo, conforme citação no item anterior. E são variadas as comidas: "tortas", "comida", "cesta de doces e frutas", "doces" e até mesmo um "presente".

Na 12 o lobo não faz perguntas: E começou a mexer na cestinha de Chapeuzinho, muito sem cerimônia.

— Humm... ele dizia — minhas comidinhas preferidas!

— Comidinhas preferidas da vovó! — Chapeuzinho gritou.

Registra-se um tom afetivo: "cestinha", "comidinhas".

Na 19, Chapeuzinho vai explicando o que leva para a avó sem pergunta de qualquer ordem:

— Estou levando para ela um bolo e um potinho de mel. Está doente, sabe? Vou lhe fazer uma visitinha.

Insiste-se no uso do diminutivo: "potinho", "visitinha".

Na versão 32, o próprio lobo se pergunta a respeito do que leva a menina: Leva uma cestinha... O que haverá dentro? E ele mesmo formula a resposta: Ah! Já sei! Comida para a avó! É isso mesmo! Há também opção pelo diminutivo "cestinha".

Na 31, Chapeuzinho diz aos "coelhinhos", e não ao lobo, o que leva: tenho que levar esta torta e este pote de mel para a minha vovozinha.

As versões 12, 18 e 29 usam a forma familiar "vovó". A 31 e 33 optam por um tom mais afetivo: "vovozinha".

Nenhuma versão é rigorosamente fiel a Grimm nesse trecho. Oito apresentam, com alguma variação, a pergunta do lobo. Sete utilizam o verbo "levar", e uma, "trazer". A "cesta" (ou "cesto", ou "cestinha") aparece em sete textos. Em duas versões há traço de coloquialismo, na fala do lobo.

Em oito textos não há esse tipo de pergunta do animal; em cinco a menina responde a uma outra pergunta; em duas, ele não faz indagações nesse momento; e em uma ele se indaga a respeito do que há na cesta.

Quanto à resposta de Chapeuzinho, em cinco versões conserva-se o alimento apontado no original: "bolo e vinho". Em outras apontam-se tipos diferentes de comidas. Apenas dois textos conservam a informação de que o alimento foi feito pela mãe e pela menina na véspera. Cinco versões falam na doença da avó, com variações (omissão de detalhes e acréscimos de outros). Cinco textos afirmam, na fala da menina, que a avó poderá fortificar-se com o alimento. Há intromissão de informações novas: a avó ficará contente, Chapeuzinho precisa fazer-lhe uma visita, etc.

g) O lobo pergunta a Chapeuzinho onde mora a avó, e ela lhe dá explicações precisas:

— Oû habite donc ta grand-mère, Chaperon Rouge?

— Oh! à un bon quart d'heure d'ici, dans la forêt. Sa maison se trouve sous les trois gros chênes. En dessous, il y a une haie de noisetiers, tu sais bien? dit le petit Chaperon Rouge.

No texto alemão, o vocativo vem no início de fala do lobo. E não há a interjeição que inicia a fala de Chapeuzinho; além disso, a menina insiste que a avó mora no "interior" da floresta. No restante, a tradução francesa é fiel, inclusive quanto à cerca de "aveleiras".

A 29, 30 e 33 são as mais próximas ao original.

A 29 é bem fiel a ele:

— Onde mora tua avó, Chapêuzinho Vermelho?

— Mora a um bom quarto de hora daqui, na floresta, debaixo de três grandes carvalhos; a casa está cercada de noqueiras, acho que o sabes, — disse Chapeuzinho Vermelho.

Essa versão é semelhante à tradução francesa, e guarda bem a idéia de Grimm; apenas, repete, na fala de Chapeuzinho, o verbo "morar".

A 30 diz:

— E onde mora a tua avó, Chapeuzinho Vermelho?

— Mora no meio da floresta, a um quarto de hora de caminho. A casa dela fica à sombra de três grandes carvalhos. E mais adiante há três noqueiras. É muito fácil de encontrar — disse Chapeuzinho Vermelho.

A fala de Chapeuzinho contém pequenas modificações. Ela repete o verbo "morar", ao iniciar sua resposta, e fala primeiro que a avó mora na floresta, para depois dizer a distância, que, aliás, é um pouco vaga: "um quarto de hora de caminho". A menina, ao invés de dizer que o lobo deve saber onde é, diz que a casa "é muito fácil de encontrar".

A 33 não se refere a "carvalhos":

— Chapeuzinho Vermelho, onde mora sua vovozinha?

— A uns quinze minutos daqui, no interior da floresta. Sua casa fica embaixo de três grandes figueiras, próximo das noqueiras que, com certeza, você deve conhecer, explicou Chapeuzinho Vermelho.

Essas três versões, apesar de próximas ao original, falam em "noqueiras", que são árvores maiores; no texto de Grimm, afir-

ma-se que a casa teria uma cerca de arbustos, cuja melhor tradução seria "aveleiras".

A 18 é resumida:

— Onde mora a sua avozinha, Chapeuzinho Vermelho?

— No meio da floresta. A casa dela fica debaixo de três carvalhos enormes. Você deve conhecer o lugar — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

Exagera-se o tamanho dos carvalhos e omitem-se informações.

A 17 ainda é mais sucinta:

— E onde mora sua avó?

— Bem no meio da floresta, perto de três grandes carvalhos.

A 27 também suprime informações e acrescenta uma outra:

— E onde mora a vovozinha? quis saber o lobo.

— Lá longe, numa casinha que fica embaixo de três carvalhos, disse ela, apontando a direção.

Opta-se pela afetividade, com o uso de diminutivos.

A 28 altera os dados do original:

— Dize-me onde mora tua avó, que também quero ir vê-la.

— É aqui no fim da floresta. Perto há uns carvalhos muito grandes, e no jardim muitas nozes.

Há uma interferência de Perrault: "também quero ir vê-la". Chapeuzinho dá uma informação vaga ("É aqui no fim da floresta"), além de enfatizar o tamanho dos "carvalhos" ("muito grandes") e preferir "nozes" a "avelãs". A fala do lobo adquire um tom formal, com a ênclise do pronome átono: "Dize-me...."

As versões 5, 10, 13, 14, 15, 19 e 32 trazem maiores modificações.

Na 10, 14 e 15, a informação de Chapeuzinho sobre o local onde mora a avó é bastante vaga e é dada sem uma pergunta específica do lobo.

Na 10, ela diz:

— que é ali do outro lado.

Na 14, ela tenta especificar como é a casa, usando a linguagem afetiva (mas a informação ainda é vaga):

Mora ali, logo adiante,
numa casa bem branquinha

Na 15, há também o uso da forma diminutiva:

— Vive numa casinha no outro lado do bosque.

Nas versões 5 e 13 a pergunta segue o esquema de Grimm, e a resposta está mais próxima de Perrault, como já foi visto:

Na 5, tem-se o diálogo:

— Hum... E onde mora sua avó?

— Do outro lado da floresta, numa casinha de portas verdes..

É a primeira casa da aldeia...

E na 13:

— E onde mora sua avozinha!

— A vovozinha mora perto do moinho, na última casa da vila.

Na 19, Chapeuzinho diz ao lobo que a casa da avó fica logo ali adiante e, pouco depois, o animal, que parece conhecer o local, tenta a confirmação:

—.....Sua vovó não mora naquela casinha azul logo depois da floresta?

Na 32, o próprio lobo, sem nada perguntar à menina, chega à conclusão de que ela é a neta daquela velha que mora numa casa pequena bem no fim da floresta.

A maioria das versões (nove) conserva o diálogo entre o lobo e a menina.

Apenas um texto é exatamente fiel ao original, quanto à pergunta do lobo sobre onde mora a avó. Três são semelhantes, mas usam o vocativo no final do período, e cinco omitem esse vocativo. Uma pergunta foge completamente ao esquema. Aparecem duas vezes na fala do animal, as formas "vovozinha" e "avozinha"; e uma vez "vovó". A menina usa uma vez "vovozinha".

Apenas três versões mantêm, em linhas gerais, na fala de Chapeuzinho, as informações contidas no original (Apesar de falarem em "nogueiras"). Quatro outras são mais resumidas, mas conservam a referência aos "carvalhos".

Cinco são bastante vagas (mesmo quando são introduzidos novos dados, conserva-se a explicação pouco clara). Há interferência de Perrault em alguns textos e uma preferência pelo uso da forma diminutiva.

h) O lobo pensa que a menina deve ser um "bocado" ainda mais gostoso que a avó e que ele precisa agir astutamente para pegar as duas: Le Loup se dit: "Voilà un mets bien jeune et bien tendre, un vrai régal! Il sera encore bien meilleur que la vieille. Il faut que je m'y prenne adroitement pour les attraper toutes les deux".

No texto alemão, o lobo pensa: "Essa jovem e delicada menina é um "bocado" gordo, que será ainda mais gostoso que a velha".

É interessante a oposição: "jovem e delicada menina"/"bocado gordo". A seguir, ele se diz que precisa "começar" a agir "astutamente" para que pegue as duas. Existe o recurso, que se repetirá depois, de ele falar para si mesmo: Tu tens" A tradução francesa, mesmo não sendo literal, guarda bem a idéia de Grimm.

As versões 17, 18, 27, 29, 30 e 33 trazem essa informação.

A 29, a 30 e 33 são as mais próximas do texto alemão.

A 29 diz: Enquanto isso, o lobo ia pensando: "Esta menina-zinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó; devo agir com esperteza para pegar as duas."

Há o uso do diminutivo pouco comum ("meninazinha"), e o tom é mais formal: "quitute delicioso", "mais apetitosa".

A 30 afirma: E o lobo pensou para consigo: "Esta menina deve ser muito tenrinha! Uma delícia! Vou regalar-me! Muito melhor do que a velha... Mas preciso usar de esperteza se quiser comer as duas!" O texto continua com seu linguajar típico: "regalar-me". Usa-se "comer" a "pegar".

A 33 afirma: O lobo então pensou: "Essa pequena e delicada menina é um bom petisco, que será ainda mais gostoso do que a velha. Terei de ser astuto para pegar as duas."

Conserva-se o tratamento dado à avó no original: "velha".

A 17 acrescenta outros dados: Embora muito amável, bem no fundo do coração o lobo pensava: "Que menina gorda e apetitosa! Se tudo der certo, chego antes dela na casa da avó, janto a velha e como a menina de sobremesa!"

É desnecessário todo o trecho inicial ("Embora muito amável, bem no fundo do coração..."), pois retarda inutilmente a ação. Além disso, não há em Grimm essa idéia de "chegar primeiro", "jantar" a avó e comer a neta "de sobremesa". No original, o lobo diz simplesmente que pretendia "pegar as duas". A versão igualmente não faz referência à "astúcia" do animal, nem fala em "jovem e delicada menina" em oposição a "bocado gordo".

A 18 também faz algumas modificações: O Lobo Mau ficou pensando: "Que menina gorducha e macia! Deve ser muito gostosa para se mastigar! É um almoço muito melhor que a velha avó! Se eu for sabido vou conseguir comer as duas."

Insiste-se em chamá-lo de "Lobo Mau". Não há também a oposição "menina"/"bocado". Acrescenta-se, redundantemente, que ela deve ser gostosa "para se mastigar". Enquanto a 17 falava em "jantar", aqui fala-se em "almoço".

A 27 traz esse trecho em discurso indireto:

O lobo estava com fome e imaginou que aquela menina gordi-

nha seria um bom petisco. Pensou então em adiantar-se, comer a vovô e esperar para devorar Chapeuzinho como sobremesa. Enfatiza-se a "fome" do lobo (dado que não existe em Grimm), é feita a oposição "menina"/"petisco", mas não se especifica que ela é "jovem e delicada", sendo, antes, "gordinha". Também é alterada a idéia de "pegar as duas", preferindo-se a fórmula de Chapeuzinho ser a "sobremesa".

A versão 28, que normalmente segue o original alemão, aqui, é diferente: O lobo pensou que a menina é que constituiria uma bela noz para o seu dente.... E a diferença é substancial: troca-se a idéia de algo tenro e gostoso por uma "noz" dura. São omitidas as outras informações.

Algumas versões trazem esse pensamento do lobo, com maiores alterações: 9, 10, 14, 18, 19 e 32.

Na 9, o trecho está em discurso indireto: O lobo, escondido atrás de uma árvore, vigiava Chapeuzinho Vermelho e já imaginando o saboroso almoço que teria.

Na 10, apresenta-se, em discurso direto, o pensamento do animal:

— Hummm! Que belo almoço! — pensava o lobo, que estava escondido atrás de uma árvore.

Na 14, o lobo pensa o seguinte:

"Que menina mais gordinha!"

pensou o lobo, escondido.

"Se eu agir com muito jeito,
tenho almoço garantido."

O animal ainda está escondido e é a sua primeira manifestação na história. Não se fala na avó.

Na 19, também se destaca a "fome" do lobo:

.... o Lobo Mau lambeu os beiços e pensou:

"Oba! Está pra mim! Vou tirar a barriga da miséria... E para dizer a verdade, nunca senti tanta fome!"

Certo de que iria ter um almoço gostoso, aproximou-se de Chapeuzinho com o ar mais inocente do mundo....

O texto tenta ser coloquial e afetivo: "lambeu os beiços", "Está pra mim", "vou tirar a barriga da miséria", "nunca senti tanta fome", "o ar mais inocente do mundo".

Na 32, há uma referência ao "petisco":

— He! He! He! — riu baixinho o lobo .

— Caiu dos céus!

Eu, com esta fome, tenho sorte de encontrar um petisco dêstes! He! He! He! .

O uso do travessão é inadequado: dá-se a impressão de que são duas pessoas falando. Há a ausência de ponto, depois da segunda frase.

A 18 é muito diferente, guardando uma leve referência à "vontade" de devorar Chapeuzinho:

— Ora, vamos ver o que está acontecendo por aqui. Sinto cheiro de gente! Quem será? — rosnou ele.

Nenhuma versão é rigorosamente fiel a Grimm, nesse trecho, já que não faz a oposição contida no original: "jovem e delicada menina"/"bocado gordo". Dez textos apresentam o pensamento do lobo em discurso direto (três fazem-no em discurso indireto), e apenas seis são mais próximas ao texto de Grimm.

Em quatro versões o lobo³ refere à delicadeza da menina. Nessas quatro, fala-se na "delícia" que ela deve ser. Não se tem, no entanto, a força da oposição original ("delicada" e "petisco gordo"). Cinco textos falam apenas do seu "aspecto apetitoso". Em três versões, não se faz uma referência explícita ao aspecto de Chapeuzinho, mas afirma-se que o lobo terá um "belo almoço". Uma faz uma leve referência a isso. Quatro versões guardam a informação de que o lobo imagina ser a avó ainda mais apetitosa que a neta.

Em quatro, ele diz que precisa agir com astúcia para pegar as duas (em uma, ele não fala aqui em pegar a avó). Alguns textos trazem informações novas: fala-se na amabilidade do lobo, na sua intenção de comer a menina "de sobremesa" (essa idéia aparece em duas versões), em como ele está feliz por ter encontrado seu "petisco", etc. É comum o uso da forma diminutiva: "gordinha", "meninazinha", "tenrinha", etc. Apenas três versões adotam a caracterização da avó, existente no original: "velha". Tem-se uma vez cada: "velha avó", "avó", "vovó".

i) O lobo anda ao lado de Chapeuzinho e lhe diz que olhe as flores, escute os passarinhos; afirma-lhe que ela anda como se estivesse indo para a escola, enquanto tudo em volta é tão alegre: Il l'accompagna un bout de chemin et dit: "Chaperon Rouge, vois ces belles fleurs autour de nous. Pourquoi ne les regardes-tu pas? J'ai l'impression que tu n'écoutes même pas comme les oiseaux chantent joliment. Tu marches comme si tu allais à l'école, alors que tout est si beau, ici, dans la forêt!"

O texto alemão frisa que o lobo andou um "tempinho" ao lado da menina, para, a seguir, iniciar a conversa. Chama-lhe a aten

ção para as flores bonitas e pergunta-lhe por que ela não olha "a sua volta". Diz que os passarinhos cantam "agradavelmente" e, no final, afirma que tudo está "tão alegre", em volta. A tradução francesa é, em linhas gerais, fiel ao original alemão.

As versões mais próximas ao texto de Grimm são a 18, 29, 30 e 33.

A 33 é bem fiel: O lobo continuou acompanhando Chapeuzinho por algum tempo e então falou:

— Chapeuzinho, olhe as belas flores que estão ao nosso re dor. Por que não procura observá-las? Parece que você nem ouve o canto dos pássaros! Pelo seu jeito de andar, dá a impressão de que vai para a escola, quando aqui na floresta é tão mais diverti do.

É irrelevante a modificação: não se caracteriza o canto dos pássaros.

A 30 também é fiel: Foi andando devagar ao lado da menina, e a certa altura disse:

— Chapeuzinho Vermelho, repare nas lindas flores que crescem à beira do bosque. Nem sequer olhas para elas! Ia jurar que também não ouves os pássaros que cantam tão bem! Segues a direito como se fosses para a escola. E está-se tão bem aqui na floresta!

Existe uma pequena novidade: o lobo foi andando "devagar". Há expressões e construções típicas do português de Portugal: "a direito", "Está-se", etc.

A 18 afirma: Foi caminhando por algum tempo ao lado de Chapeuzinho Vermelho e depois disse:

— Olha sô, Chapeuzinho Vermelho, como tem flores lindas por aqui... por que você não vai mais devagar e dá uma espiada nelas? Você nem está prestando atenção ao canto dos passarinhos. Vo cê está muito séria, até parece que você está indo para a escola, quando tudo aqui na floresta é tão alegre.

Tenta-se um registro mais informal: "... tem flôres...." dá uma espiada". Reforça-se a beleza das flores: "lindas". O lobo, no original, pede apenas que a menina "olhe a sua volta", mas aqui ele lhe diz que vá "mais devagar". Não se caracteriza o "can to dos passarinhos". O animal explicita que a menina está "séria".

A 29, bastante formal, procura usar termos pouco comuns, ten tando-se um tom grandiloquente: Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e foi insinuando:

— Olha, Chapêuzinho Vermelho, que lindas flores! Por quê não olhas ao redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto ma vioso dos pássaros! Andas tão ensimesmada como se fôsses para a

escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Em alguns momentos, entra em maiores detalhes: "foi insinuando", andas "ensimesmada". Não inicia a fala do lobo com o vocativo e troca "alegre" por "divertido", ao caracterizar o ambiente da floresta. Apesar de todo o seu formalismo, encontra-se problema de ôrtografia: um acento inadequado em "Por quê".

As versões 17 e 27 também trazem esse trecho.

A 17 resume muito a cena: Assim, muito risonho, falou:

— Não vá com tanta pressa, Chapeuzinho Vermelho. Vê todas essas lindas flores? Por que não colhe algumas para sua avô? Além disso, se você andar mais devagar poderá ouvir o canto dos passarinhos e apreciar melhor os encantos da floresta.

Acrescentam-se informações que não existem no original. O lobo, por exemplo, quer passar uma boa imagem ("muito risonho"); em dois momentos ele pede para Chapeuzinho não ter pressa. São enfatizadas as maravilhas da floresta e a idéia de levar flores para a avô parte dele, enquanto, no original, é uma decisão da menina.

A 27 parece ainda ser mais resumida:

— E por que você vai assim tão depressa? Disse o lobo. Aproveite o passeio para apreciar as flores e os passarinhos que estão enfeitando a floresta.

Há omissão do travessão, para delimitar a fala.

Em seis textos, o lobo faz referência às flores, aos pássaros (seu canto é destacado em três versões) e aos encantos da floresta. Quatro textos afirmam que o lobo andou "um tempo" ao lado de Chapeuzinho (um fala que ele andou "devagar"); quatro também fazem referência ao andar compenetrado de Chapeuzinho, como se fosse para a escola.

j) Chapeuzinho começa a reparar a natureza — os raios do sol, as flores — e pensa que a avô ficaria feliz se ela lhe levasse um bouquet: Le petit Chaperon Rouge ouvrit les yeux et lorsqu'elle vit comment les rayons du soleil dansaient de-ci, de-là à travers les arbres, et combien tout était plein de fleurs, elle pensa: "Si j'apportais à ma grand-mère un beau bouquet de fleurs, ça lui ferait bien plaisir. Il est encore si tôt que j'arriverai bien à l'heure."

O texto original alemão frisa bem que Chapeuzinho abriu os olhos (seria o primeiro abrir das pálpebras, depois de um longo período de sono) e, quando ela viu como "os raios de sol dançavam para lá e para cá através da floresta e como tudo estava tão cheio de flores bonitas", pensou: "Se eu levar um ramalhete fresco para a

avô, isso lhe trará alegria; ainda é cedo e mesmo assim eu chega rei à hora certa".

A tradução francesa confere com o original. Apenas não indica a beleza das flores ("bonitas") e fala em buquê "bonito" e não "fresco". Como se vê, são detalhes que não comprometem o sentido do texto.

As versões 18, 29, 30 e 33 são as que mais se aproximam do original.

A 18 afirma que Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos, e quando viu os raios de sol dançando entre as árvores, e as flores bonitas por toda parte, pensou: "Acho que vou levar um bouquet de flores para a vovô; ela vai ficar contente. Ainda é cedo, e não preciso ter pressa. O pensamento da menina não se inicia sob a forma de oração condicional. Não se especifica também como seria o bouquet.

A 29 diz que Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: "Se levar para a vovô um bouquet viçoso, ela certamente ficará contente; é tão cedo ainda que chegarei bem a tempo." A preferência continua a ser pelo tom mais formal: "bouquet viçoso".

A 30 simplifica um pouco o trecho: Chapeuzinho Vermelho olhou em redor. E viu os raios do sol a dançarem por entre as árvores e flores lindíssimas por toda a parte. E pensou: "Se eu levasse um ramo de flores à minha Avô, ela devia ficar contente". Reforça-se a beleza das flores: "lindíssimas". Omite-se a informação final de que ela pensa em "chegar a tempo".

A versão 33 diz: Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos ao ver os raios de sol dançando por entre as árvores e, como tudo em seu redor estava cheio de lindas flores, pensou: "Se eu levar um ramallete para a vovô, ela ficará muito contente; ainda é bem cedo e eu chegarei a tempo." Não se caracteriza o "ramallete".

As versões 17 e 27 também trazem o trecho, com modificações.

A 17 é resumida: Chapeuzinho Vermelho levantou os olhos e ficou maravilhada com a beleza do sol brincando com as flores do caminho. Pensou: "Não há dúvida. Vovô vai ficar muito contente se eu lhe levar um ramallete". Omite-se, como a 30, a informação final.

A 27 altera bastante o esquema já visto: Pode parecer um bom conselho, mas o que o malvado realmente queria era que Chapeuzinho Vermelho se atrasasse! Sem perceber a intenção do lobo, a menina interessou-se pela idéia, imaginando que bonito ramallete

de flores poderia levar para a avó. Ao explicitar as intenções do lobo, essa versão perde muito do seu interesse. Não há a necessidade dessa explicação, pois isso está implícito e ficará mais evidente no decorrer da narrativa: a ação fica prejudicada, já que não pode fluir naturalmente, necessitando de esclarecimentos.

Cinco versões trazem, com ligeiras variações, a informação de que Chapeuzinho abriu os olhos para ver a natureza. Quatro fazem referência aos raios de sol (uma outra não fala em "raios", mas na "beleza do sol"). Cinco falam nas "flores" (sempre caracterizadas como "bonitas" ou "lindas"). Cinco traduzem o pensamento de Chapeuzinho em discurso direto (uma, em indireto). Seis referem-se ao "buquê" ou "ramalhete" a ser levado à avó (em uma não se fala do provável contentamento da avó). Em quatro versões a menina acredita que chegará a tempo à casa da avó.

k) A menina sai do caminho para dentro da floresta, à procura de flores e vai-se distanciando cada vez mais: Elle quitta le chemin, pénétra dans le bois e cueillit des fleurs. Et, chaque fois qu'elle en avait cueilli une, elle se desait: "Plus loin, j'en vois une plus belle; et elle y allait et s'enfonçait toujours plus profondément dans la forêt."

A tradução francesa confere com o original alemão. Apenas, este apresenta o pensamento da menina em discurso indireto.

Somente quatro versões trazem essa informação com maior fidelidade: 18, 29, 30 e 33.

A 18 diz que Então, saiu do caminho e entrou no mato para colher as flores. Quando colhia uma, achava outra ainda mais bonita, e assim foi entrando cada vez mais na floresta. Insiste-se que ela entrou no "mato", fato que já foi comentado.

A 29 afirma: Saiu da estrada e penetrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e, assim, ia avançando e aprofundando-se cada vez mais pela floresta a dentro.

A 30 diz: Saiu do caminho, meteu-se pelo bosque e começou a apanhar flores. Mas por cada uma que colhia, reparava noutra mais bonita ainda. Depois outra, e outra... E assim, de flor em flor, foi-se metendo pelo interior do bosque. Prefere "bosque" a "floresta" e continua com suas expressões típicas: "meteu-se pelo bosque. No final, faz uma tradução mais livre, mas que conserva a idéia original.

A 33 é igualmente fiel ao texto de Grimm: Desviou-se do caminho para entrar na floresta à procura de flores. Quando colhia uma, parecia-lhe que a outra mais adiante era ainda mais bonita, e assim foi se afastando cada vez mais da estrada, embrenhando-se cada vez mais na floresta.

Outras versões trazem esse trecho com alterações: 17, 27, 28.

A 17 simplifica muito o trecho, além de acrescentar uma informação: Despediu-se do lobo e pôs-se a apanhar flôres. Cada vez afastava-se mais do caminho e entrava mais para o fundo da floresta. Enquanto Chapêuzinho estava distraída.... A informação de que ela despediu-se do lobo não tem razão de ser: quando Chapeuzinho começa a reparar na natureza, ela não se lembra mais do lobo, tão embevecida está na sua procura de flores.

A 27 é muito sucinta: E enquanto se distraía preparando o buquê....

A 28 toma outros rumos a partir da fala do lobo sobre a natureza em volta. Chapeuzinho, ao invés de colher flores, se entre tinha em apanhar as plantas que ele tinha indicado.

Algumas outras versões (4 e 12), como já foi visto, trazem essa idéia de que Chapeuzinho parou para colher flores para a avó, mas, como ela o faz sem a instrução do lobo, considera-se que houve uma influência maior de Perrault (ou uma distância dos dois ori ginais).

A 4 diz que Enquanto isso, Chapeuzinho se distraía, catando flores para a vovó.

O mesmo acontece na 5: Pensando que chegaria antes do lobo, Chapeuzinho foi apanhando flores para oferecer à avó.

E na 12: Chapeuzinho achou que, na verdade, uns minutinhos a mais ou a menos não iam fazer diferença. E, então, começou a fa zer um buquê de margaridas e miosótis para levar para a vovó. E nem desconfiou da pressa com que o lobo deu o fora. Prossegue o tom informal: "minutinhos", "vovó", "deu o fora".

A informação mais constante nas versões que alteram a estru tura original é a de Chapeuzinho se distraiu apanhando flores.

Informações novas

a) Chapeuzinho Vermelho parte contente, com a "cestinha"

Tanto em Perrault quanto em Grimm, há, nesse momento da his-

tória, referência à comida que Chapeuzinho leva, mas isso surge naturalmente, na conversa com o lobo. Algumas versões insistem em adiantar que a menina parte levando a "cestinha". É a imagem consagrada e — por que não dizer? — estereotipada, da menina de capuz vermelho (alguns textos falam da roupa) carregando sua "cestinha"; e ela está sempre feliz, numa idealização da cena. Em Perrault, bastante objetivo, diz-se somente que ela "partiu logo" e mesmo Grimm, mais detalhado, não se fala do seu sentimento ao partir. Apenas da sua promessa de fazer tudo como a mãe instruiu.

As versões 1, 3, 4, 5, 13, 15, 17, 23, 28 e 32 trazem essas novas informações.

A 1 diz que ela saiu muito contente, levando a cesta com o bolo e a garrafa de mel.

A 3, que ela apanhou a cesta, muito contente, e se pôs a caminho.

A 4, que a menina saiu alegre, cantando.

A 5 ainda é mais detalhada: Quando acabou o almoço, Chapeuzinho Vermelho apanhou a cesta e saiu cantando muito feliz porque ia visitar a vovó. Sempre cantando, entrou no bosque. Aqui é curiosa a informação de que Chapeuzinho saiu "quando acabou o almoço". No texto alemão, apesar de não se especificar o momento da saída, percebe-se que ele não se deu na parte da tarde, pois o lobo pergunta a Chapeuzinho aonde ela vai "tão cedo". Além do mais, a versão insiste demasiadamente no "canto" da menina.

A 13 afirma que Chapeuzinho Vermelho partiu contente: ia dar um belo passeio.

Na 17 não se fala do sentimento da menina, mas que ela enfiou a cestinha no braço e pôs-se a caminho.

O mesmo acontece com a 19: E, sem demorar nada, apanhou a cesta com o bolo e um potinho de mel e partiu.

A 23 diz: Chapeuzinho apanhou a cesta e foi pela estrada afora.

A 28 afirma que ela Atou o seu avental, meteu num cestinho a garrafa e os doces, e pôs-se a caminho.

A 32 enfatiza também a "beleza" da manhã, para maior "perfeição" da cena: Era mesmo uma bonita manhã ensolarada, quando Chapêuzinho partiu, muito feliz, com a cestinha na mão, sem esquecer-se de levar o gôrrro vermelho que a vovó lhe dera.

A versão 15 fala apenas da roupa: A menina pôs a capa e o chapeuzinho vermelho e partiu para a casa da avó.

b) Passeio, antes do encontro com o lobo

Talvez seja a inovação mais constante nas versões em língua portuguesa. No texto francês, como já foi visto, Chapeuzinho se diverte na floresta, depois de pegar o caminho indicado pelo lobo, e não há descrições longas desse "passeio". Em Grimm, ela, inocentemente, está acatando a sugestão do animal. Em várias versões (1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 31 e 32) Chapeuzinho já entra na floresta preocupada em se divertir, normalmente com seus "amiguinhos". A linguagem é marcada por clichês: "O dia está lindo", "ela salta e canta", etc. É muito comum também a idéia de "brincadeira", que é um recurso de fácil apelo às crianças e não tem sentido na história. É uma quebra na estrutura narrativa e só torna os textos mais estereotipados. Além do mais, o encontro com o lobo parece ser uma consequência desse "passeio" e não algo natural, como nos originais.

Na versão 1, ela Pelo caminho, ia saltando e colhendo flores silvestres.... Ia falando com seus amiguinhos, que eram as borboletas, os coelhos, os passarinhos e os esquilos da floresta, que a saudavam quando a viam passar. Idealiza-se a cena: todos saúdam a menina, que vai feliz e "saltitante". Há uma necessidade de detalhar bem os fatos: por exemplo, explicam-se quais são os "amiguinhos" da menina (borboletas, coelhos, passarinhos e esquilos). O tom é marcadamente pueril.

Na 2, há também a presenta dos "amiguinhos": Durante a viagem, encontrou uma porção de amiguinhos e.... distraiu-se, dando balas aos bichinhos e colhendo flores.... Percebe-se, portanto, que essa é uma intervenção previsível. A cena, além de tudo, é artificial: a menina dá balas aos "bichinhos". Nota-se a preocupação com o diminutivo.

Na 3, prossegue a idealização: Ia conversando com os passarinhos, que eram todos seus amigos. E eles lhe dão conselhos:

— Então, — disse o pássaro — Vá depressa, para não chegar tarde em casa.

E lá se foi Chapeuzinho Vermelho cantando, feliz.

É a preocupação com a "lição de moral", mesmo na boca de um pássaro.

Na 4, também há a intromissão dos "bichinhos": O dia estava lindo, cheio de sol, e Chapeuzinho ia brincando com os bichinhos que moravam no bosque.

A linguagem é previsível: "O dia estava lindo, cheio de sol".

Na 9, diz-se: Mas Chapeuzinho encontrou seus amigos, os ani

maizinhos, e se distraiu brincando com eles. Ainda aproveitou para colher flores e fazer um bonito ramo para a vovozinha. Inadequadamente, o nome da menina inicia-se por minúscula ("chapeuzinho"). Continua a brincadeira com os "animaizinhos". Há um dado de Grimm: colher flores para a avó, ou melhor, "vovozinha".

A 10 fala apenas dessas flores: Pelo caminho ia colhendo flores muito bonitas.

A 11 também faz referência às flores, numa estrutura de período confusa: No caminho, Chapeuzinho notou que a mãe esquecera de por flores na cesta, resolvendo colhe-las na floresta.

Há ambigüidade: "resolvendo colhe-las". (A mãe, Chapeuzinho?). Além do mais, é dispensável o trecho que fala que Chapeuzinho notou que a mãe havia "esquecido" de pôr flores na cesta.

Na 12, há uma descrição detalhada de Chapeuzinho entrando na floresta: A floresta estava uma delícia porque tinha chovido de noite e o ar estava fresquinho. Os passarinhos cantavam, os esquilos pula-pulavam e os coelhinhos saltavam de um lado para o outro, alegremente. Chapeuzinho parou e cumprimentou os bichinhos:

— Bom dia, pessoal! Eu sinto muito mas não posso brincar com vocês. Estou com muita pressa!

E continuou seu caminho cantando:

"Eu vou, eu vou, pra casa da vovó eu vou!"

Na descrição do passeio de Chapeuzinho pela floresta, tenta-se inovar, fazendo-se jogos com as palavras ("pula-pulavam"), mas o texto não consegue fugir do convencional, com o uso do sufixo diminutivo: "fresquinho", "passarinhos", "coelhinhos", "bichinhos".

A 13 prolonga o "passeio": Havia borboletas pelo caminho, e às vezes algum coelho cruzava a estrada, correndo de um lado para outro. Chapeuzinho Vermelho distraiu-se com as borboletas. Viu uma amarela, brilhante, e foi seguindo-a. A borboleta pousou numa moita de margaridas-do-campo, tão lindas que a menina resolveu colher um buquê para levar à avó.

Havia muitas, cobrindo o chão como um tapete. Colhendo uma aqui, outra ali, Chapeuzinho foi entrando na floresta sem perceber.

Dona Coruja, acordando
com aquela imensa folia,
reclama: — Que é isso! Dançando!
Não sabem que durmo de dia?!
E o coelho diz: — Bom dia!
Correm os bichos da floresta:
tatu, veado, paca e cutia,

recebendo a menina em festa.

— Chapeuzinho Vermelho, você não devia ir pela outra estrada? — perguntou a coruja.

— Eu? Sim... é que... estava colhendo flores para fazer um ramo para a vovozinha!

A coruja tornou a falar:

— Cuidado, Chapeuzinho Vermelho, o lobo mau anda por aí. Se ele vê você sozinha na floresta...

Aqui, está completo o quadro: "borboleta", "coelhinho", "flores". Quanto a Chapeuzinho admirar o vôo das borboletas, a ponto de segui-las, talvez haja uma influência de Perrault, que diz que a menina se divertia "a correr atrás das borboletas". Mas, nesta versão, a descrição é muito maior. Há também interferência de Grimm: Chapeuzinho resolve colher flores "para levar à avó". Na tentativa de descrevê-las, são usados clichês: "cobrindo o chão como um tapete". Volta a interferência de Grimm: "colhendo uma aqui, outra ali, Chapeuzinho foi entrando na floresta sem perceber". Há o recurso dos versos, que, aliás, não apresentam qualquer originalidade, inclusive quanto à rima. A segunda estrofe tenta inovar, com bichos tipicamente brasileiros e freqüentes nas histórias folclóricas: "tatu, veado, paca e cutia." Como na versão 3, um animal vem dar conselhos a Chapeuzinho: a coruja. E ela repete os conselhos da mãe (novamente o tom moralizador). Esse reforço dos conselhos é bem contrário aos textos originais, em que ninguém chama a atenção de Chapeuzinho para o lobo.

Na versão 31, a idéia de "brincadeira" é a que mais importa:

... e começou a atravessar o bosque. Já havia caminhado um bom pedaço, admirando as flores e as borboletas, quando encontrou um grupo de coelhinhos. Eram todos cinzentos, com uma espécie de máscara marrom que ia até a ponta do focinho. A menina parou e perguntou: — De que estão brincando, coelhinhos? Um deles, piscando os grandes olhos avermelhados, balançou as compridas orelhas e respondeu tristonho: — De nada. Ninguém quer brincar conosco. Você quer brincar? Só um pouquinho?

Chapeuzinho Vermelho, que gostava muito de uma brincadeira, não hesitou em responder: — Claro que sim, amiguinhos! Mas não posso me demorar muito, porque tenho que levar esta torta e este pote de mel para a minha vovozinha.

— Você brinca uma vez e vai embora! — argumentaram os coelhinhos. A menina pousou a cestinha, endireitou o capuz encarnado, sorriu e disse:

— Está bem. Então, vamos fazer uma roda. Todo o mundo de

mão... quer dizer, de patinha dada.

Os coelhinhos acharam uma graça enorme. Uniram suas patinhas e responderam: — Pronto!

Chapeuzinho Vermelho balançou a cabeça e ordenou: — Agora cantem comigo. Todos começaram a cantar a canção de roda preferida da menina. Os coelhinhos andavam de um lado para o outro, levantando as perninhas de um jeito engraçado que só vendo. Chapeuzinho ia comandando o movimento: — Moça bonita dança, ô Lelê! — e todos rodavam para a direita. — Dança e balança a trança, ô La lá! A roda ia para a esquerda...

Os "coelhinhos" é que desempenham papel mais importante. Perde-se tempo em descrevê-los e a brincadeira na qual a menina se envolve. É artificial o fato de eles não terem ninguém com quem brincar e precisarem de Chapeuzinho; aliás, tudo nessa versão gira em torno da sua função de "organizadora de brincadeiras": o enredo tradicional fica em segundo plano. Tenta-se o humor ("Todo mundo de mão... quer dizer, de patinha dada"), e as próprias personagens são as primeiras a achar graça. Canta-se a mesma cantiga de roda que percorre, incansavelmente, todo o texto (com ligeiras variações), e há uma preocupação grande em detalhar-se cada movimento. Tal cena só prejudica o andamento da ação: a história tradicional de Chapeuzinho Vermelho parece ser um pretexto para a diversão da menina e de seus "amiguinhos".

Na 32, há também o "passeio", assim que Chapeuzinho entra na floresta:

... Que floresta mais linda!

Chapeuzinho, muito contente, não se cansava de olhar para tudo e de colher tôdas as flôres que encontrava.

— Puxa!

— Igual a esta nunca vi! Côr de rosa!

— E aquela branca! Que beleza!

— Vou levar tôdas para a vovô.

Viu até uns pássaros engraçados que passaram voando pertinho dela.

— Venham aqui! Não querem ser meus amigos?

Mas, assustados, voaram para mais longe.

Tudo era novidade para Chapêuzinho: os bichinhos, as plantas, as flôres tão coloridas, os ruídos da floresta.

Foi juntando uma porção de flores, fazendo com elas um lindo ramalhete para a vovô.

— Aposto que igual a estas não há no jardim de minha vovôzinha.

Assim, distraído-se, a manhã passou e Chapêuzinho não estava nem na metade do caminho.

— Épa! Estou com fome!

Também andei tanto! UFFF! Ah! Mas vou comer algumas frutas. Comeu o que estava ao seu alcance e continuou a caminhada, sempre parando aqui, ali, catando pedrinhas, correndo atrás dos bichinhos e cantando...

O fato mais marcante é o deslumbramento constante da menina ("Que floresta mais linda!", "Puxa!", "Igual a esta nunca vi!", "Que beleza!", etc). É como se ela não conhecesse tal lugar. Há um exagero constante ("não se cansava de olhar para tudo e de colher tôdas as flôres que encontrava") e um detalhamento de cada fato ou objeto. Prossegue o tom pueril ("bichinhos", "vovôzinha", "pedrinhas".) e o uso inadequado do travessão, como se houvesse mais de uma pessoa falando. A adjetivação é abundante ("floresta linda", "pássaros engraçados", "flores coloridas", "lindo ramalhete"). É também um trecho desnecessário e pouco original, coerente com o tom geral da versão. Em determinado momento, há interferência de Grimm, quando Chapeuzinho faz um "ramalhete para a vovô".

Numa versão, a 8, não há propriamente um "passeio". O texto diz apenas que Os coelhinhos pegaram a cesta da menina e a acompanharam pelo bosque.

Algumas versões (7, 9 e 19) falam do "passeio" de Chapeuzinho depois que a menina conversa com o lobo, como nos textos originais, mas esse "passeio" é diferente, e, por isso, preferiu-se colocá-lo como informação nova.

A 7 diz: Mas a menina acabou por distrair-se na companhia de dois alegres coelhinhos, bichinhos muito tagarelas e brincalhões. Os "coelhinhos" parecem ser mesmo os "bichinhos" preferidos para acompanhar Chapeuzinho.

A 9 afirma: Chapeuzinho Vermelho continuou a caminhar contente, respirando o ar puro do bosque, acompanhada pelos animaizinhos.

Na 19 observa-se o uso do flash-back: Seria um belo passeio! Ela seguia por uma trilha ladeada de flores do campo, ouvindo o barulho das machadadas dos lenhadores e o canto dos pássaros. Sempre colhia um buquê de flores multicoloridas para dar à velhinha com um beijo alegre. Depois, enquanto descansava da caminhada, na sala pequena e quentinha da casa da vovô, Chapeuzinho se sentava junto da cadeira de balanço e ficava escutando as histórias maravilhosas que a boa senhora sabia contar. É um texto adjetivado e marcado pela afetividade: "belo passeio", "flores multicoloridas", "velhinha", "beijo alegre", "sala pequena e quentinha", "vovô", "histórias ma-

ravilhosas", "boa senhora". Nessa versão, diz-se também: Já havia colhido flores e, com todo aquele bate-papo, acabara se atrasando. Alternam-se as formas composta e simples do pretérito mais-que-perfeito, mais formais.

c) Explicita-se que Chapeuzinho Vermelho se esquece das recomendações maternas

Em Perrault, como já foi visto, a mãe não faz recomendações à filha. Em Grimm, são dadas instruções de bom comportamento na floresta (e na casa da avó), mas a menina foge delas, por influência do lobo. Não se diz, porém, em momento algum, que ela está indo contra o que a mãe pediu, pois isto está implícito e é óbvio. Em algumas versões, (1, 2 e 23), Chapeuzinho vai contra as lições, assim que entra na floresta, e isso é explicitado. É um fato desnecessário e redundante, que está em função do tom moralizador de tantos textos.

A 1 diz que esquecendo-se do que a mamãe lhe tinha pedido, Chapeuzinho parou uma porção de vezes.

A 2 afirma que ela sem lembrar-se das recomendações da mãe, distraiu-se....

A 23, que ela esqueceu o conselho da mamãe e escolheu o caminho da floresta.

As três versões usam a forma familiar "mamãe", no discurso do narrador.

d) Explicita-se que Chapeuzinho Vermelho não se esquece das recomendações maternas

É o fato inverso; de qualquer maneira, não passa de uma lembrança da "lição". Existe nas versões: 5, 7, 12 e 31.

Na 5, depois de ouvir uma voz, Chapeuzinho lembrando o aviso da mãe, começou a ficar preocupada.

Na 7, ela, ao contrário dos textos originais, despede-se logo do lobo, não sem antes informá-lo sobre seu rumo:

— Mas não posso ficar conversando aqui, sabe? Mamãe me disse para não parar por coisa alguma. Até logo, lobinho!

Mas a menina volta a se distrair, na companhia dos coelhos: Já era tarde, quando se lembrou do conselho da mamãe. É curiosa a forma de um lobo "mau" ser tratado: "lobinho". Prefere-se também a forma familiar: "mamãe".

A "lembrança" dos conselhos maternos vem radicalmente contra o texto de Grimm: tudo acontece exatamente porque Chapeuzinho não seguiu as recomendações da mãe. Nas duas versões apontadas, a "lem

brança" não foi suficiente para livrá-la do perigo: na 5, ela apenas ficou "preocupada" e na 7, ela dá primeiro a informação que o lobo deseja.

Na versão 12, há uma insinuação de que ela se lembra das instruções da mãe:

— Bem — disse Chapeuzinho — na verdade, eu não devia demorar muito...

Isso, no entanto, não é suficiente para impedi-la de colher flores.

Na 31, ela se lembra dos conselhos maternos durante a brincadeira com os coelhinhos:

.... Nesse momento, Chapeuzinho lembrou-se dos conselhos de sua mãe e, interrompendo a brincadeira, falou: — Bem, amiguinhos, a brincadeira está muito boa, mas não posso ficar nem mais um minuto. Senão, a noite chega eu posso me perder no bosque. Os coelhinhos concordaram com o argumento da menina. Com alguma tristeza, despediram-se: — Até logo, Chapeuzinho! A cestinha balançava suavemente em sua mão direita, quando a menina começou a andar depressa, pensando na possibilidade de voltar para casa ainda naquele dia.... São explicitados detalhes desnecessários; prossegue o uso da forma diminutiva.

e) Formas diferentes de aparecimento do lobo

Em Perrault, e mesmo em Grimm, o lobo aparece de maneira natural. É como se fosse inevitável o encontro de Chapeuzinho com ele. Em algumas versões (1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 23, 31 e 32) ele surge de formas diversas, e às vezes não tão naturalmente.

Na 1, ele surge repentinamente, mas sem maiores complicações: De repente, apareceu o lobo.... A diferença básica é que ele surge durante o "passeio" de Chapeuzinho, como se sua aparição fosse uma consequência disso.

Na 3, ele também aparece de repente, durante o "passeio", e já é caracterizado: De repente, apareceu o Lobo, o animal mais temido naquele bosque. Ele era mau.

Outras versões preferem falar, primeiro, de uma "voz", recurso que só faz retardar a ação (4, 5 e 23).

A 4 diz:

De repente, ela ouviu uma voz rouca e escondida.

— Quem está me chamando? — perguntou a menina, assustada.

— Não se assuste — respondeu a voz....

Chapeuzinho tenta saber quem é:

— Mas quem é você?

— Vou aparecer, mas não se assuste!

....

— Não, eu não sou de comer gente! Eu quero é ser seu amigo.

Esse encontro com o lobo também acontece depois de Chapeuzinho já estar-se divertindo na floresta. E ele se prolonga desnecessariamente.

A 5 também fala em "voz": Um pouco mais adiante ouviu uma voz Mas tomou coragem e perguntou:

— Quem está aí?

— Não se assuste — respondeu a voz. — Você não é Chapeuzinho Vermelho?

— Sim... Sou eu mesma. Mas quem é você? Como sabe o meu nome?

— Sou o gênio da floresta e sei seu nome porque os passarinhos me disseram.

Mais adiante, o lobo diz:

— Chapeuzinho, vou lhe confessar uma coisa...

— Diga logo, Seu gênio! Estou curiosa!

— Está bem. Mas não sou gênio coisa nenhuma. Sou é um lobo!

....

— Nada disso! Eu quero é ser seu amigo!

A ação é lenta, perdendo-se em detalhes desnecessários. É reforçada ainda mais a ingenuidade da menina, que acredita que o lobo é o "gênio da floresta". E, inexplicavelmente, ele passa de "gênio" ao seu verdadeiro papel de lobo. Como se vê, é um trecho que não tem o menor sentido na narrativa.

A versão 23 também altera muito a história e fala em "voz": Quando chegou na encruzilhada dos caminhos, ela escolheu a estrada do rio. Foi então que ouviu uma voz dizendo para ir pelo caminho da floresta. Era o Lobo Mau, escondido, fingindo que era um anjo. Há a inovação ("caminho da floresta" e "caminho do rio") e reforça-se a inocência de Chapeuzinho: acredita, sem nada questionar, no absurdo que lhe diz o lobo — que ele é um "anjo". O interessante nessa versão é que o lobo acaba não aparecendo: apenas sua voz se manifesta.

Há outras formas de aparecimento do lobo.

Na 2, diz-se que Enquanto isso, o lobo que a seguira escondido, resolveu falar a Chapeuzinho, com o ar mais inocente do mundo. Continua a tentativa de o lobo esconder a sua maldade.

Em algumas versões, o lobo não aparece subitamente, mas in-

sinua-se a sua presença, aos poucos.

Na 8, como já foi visto, isso acontece logo no início: o que Chapeuzinho não sabia era que o lobo já estava bem perto dali, pronto para atacá-la. Mas a maioria prefere que isso se faça durante a "diversão" na floresta.

A 9 diz que Ela corria perigo e não sabia. O lobo, escondido atrás de uma árvore, vigiava Chapeuzinho Vermelho.... Nem ela nem o coelhinho que a acompanhava viram o lobo. De repente, o lobo surgiu diante dela.... o coelhinho, sem tempo de avisá-la, saiu correndo e se escondeu. Aqui, a maior novidade é a interferência do "coelhinho", cuja participação na história vai crescer, mais tarde.

A 12 afirma: Mas Chapeuzinho não sabia de uma coisa... É que o Lobão Bravão morava ali por perto, e estava escondido, ouvindo tudo. Então o Lobão deu um pulo bem na frente da menina e gritou:

— Ahá! Então você vai pra casa da sua avó, heim?

Na 13, a presença do lobo é insinuada pelo aviso da coruja, como já foi visto. E ele aparece logo: A coruja não tinha acabado de falar, e o lobo saiu de uma moita. Como na 13, ele é caracterizado diretamente: Tinha o focinho tão grande, os olhos tão acesos e dentes tão agudos que metia medo. Assim que o viam, os coelhos e até as rãs e os sapos saíam correndo.

....

O lobo aproximou-se um pouco mais para espiar:

— Ah, é uma menina! E se não me engano é Chapeuzinho Vermelho! — disse o lobo para si mesmo. — Vou chegar mais perto, bem devagar, para não assustar a menina.

Na caracterização física do lobo, é enfatizado seu aspecto assustador. A novidade é o fato de ele já conhecer Chapeuzinho Vermelho.

A 14 também insinua o aparecimento do lobo, mas não retarda tanto a ação:

E lá foi a Chapeuzinho
bem por onde não devia
sem saber que logo adiante
o mau lobo se escondia.

Chapeuzinho de antemão resolve desobedecer à mãe: não é focalizada, portanto, sua inocência, mas sua ousadia. E, na caracterização moral do lobo, rompe-se o clichê: é um "mau lobo". Esse rompimento, no entanto, não tornou o texto mais expressivo.

A versão 10 diz também que o lobo estava escondido, e a sua

presença se anuncia pelo seu pensamento:

— Hummm! Que belo almoço! — pensava o lobo, que estava escondido atrás de uma árvore.

Aproveitando a oportunidade, o Lobão aproximou-se da menina. E o primeiro contato é através do cumprimento. .

Na versão 31, em que há sérias alterações no enredo, diz-se:

.... O lobo, que estava dormindo perto dali, acordou com a cantoria. Deu um grande bocejo, piscou os olhos, tremeu o focinho e disse:

— Ahhh, que fome! Mas... o que é isso? Estou ouvindo vozes. E há também uma voz de gente. Vou ver.

O lobo subiu numa pedra e avistou a roda formada pela menina e os animaizinhos. Imediatamente, mostrou os dentes num estranho sorriso, dizendo: — É uma menina! O sorriso foi, aos poucos, desaparecendo do seu focinho: — Mas que falta de sorte! Uma menina tão gordinha e eu não posso pegá-la. Se ela estivesse sozinha, seria fácil. Mas, com os animais por perto, não é aconselhável.

O lobo desceu da pedra e começou a pensar num modo de conseguir o seu intento....

.... De repente, saindo de trás de uma árvore, o lobo começou a seguir a garota....

Tudo é rigorosamente detalhado: "Deu um grande bocejo, piscou os olhos, tremeu o focinho.... Mesmo o aparecimento do lobo custa a acontecer. Prossegue o uso da forma diminutiva.

Na versão 32, o lobo também ouve o canto da menina. A diferença é que, em momento algum, ele aparece. Curiosamente é tratado de "Senhor lobo". O canto de Chapeuzinho que atrai o lobo é registrado nos discos infantis.

Mas o senhor Lôbo, que andava por ali, à procura de algo para comer, pois há muito tempo não comia, ouviu-a cantarolar.

— De onde virá essa voz de menina?

Preciso encontrá-la! Hum! Vou procurá-la e vai ser já!

O lôbo não perdeu tempo. Sorrateiramente, sem fazer barulho, foi andando por entre as árvores e moitas, ouvindo, cada vez mais perto o canto de Chapêuzinho:

"Pela estrada afora eu vou bem sôzinha,

Levar êstes doces para a vovôzinha.

Ela mora longe e o caminho é deserto,

E o lôbo mau caminha aqui por perto."

Mal sabia Chapêuzinho que o lôbo andava mesmo por ali.

— Já estou ouvindo-a melhor! .

Parece-me que vem da estrada! Vou espiar...

E lá foi o lobo, pé ante pé...

— Ah! Lá está a menina de roupa vermelha, do outro lado da estrada! Vou me aproximar, mas com muito cuidado para não ser visto. O lobo escondeu-se atrás de uma árvore e viu Chapêuzinho, que, calmamente, colhia mais uma florzinha. A versão entra também em muitos detalhes desnecessários e, curiosamente, não há conversa entre a menina e o lobo: reconhecendo-a, ele já parte direto para a casa da avó, eliminando-se, assim, importante momento dos contos tradicionais.

Resumindo, dessas treze versões que alteram a maneira ou o momento do aparecimento do lobo, cinco não o caracterizam, quatro o caracterizam moralmente, uma o caracteriza fisicamente, e três afirmam que ele mesmo procura passar por bom. Uma versão diz que ele é "mau", mas finge que é um "anjo".

f) Reações diferentes de Chapeuzinho Vermelho diante do lobo:

Em Perrault, diz-se que ela não sabia que era perigoso parar para escutar um lobo e, por isso, responde às suas perguntas. Em Grimm, afirma-se que ela não teve medo por não saber que ele era um animal feroz. Algumas versões (4, 5, 10, 13, 14, 19, 31 e 32) apresentam reações distintas da menina.

Na 4, ao ouvir uma voz "rouca e escondida", a menina se assusta:

— Quem está me chamando? — perguntou a menina, assustada? O lobo continua a lhe falar e ela não se acalma:

.... Mas quem é você? Depois, quando vê surgir o lobo, grita:

— Ai! Socorro! Não me coma!

Mas o lobo a tranquiliza, e ela aceita imediatamente participar da "aposta". Não há muita coerência na sua atitude: no início aparece muito temerosa e logo muda de idéia, acreditando facilmente no animal.

Na 5, Chapeuzinho também ouve uma voz e começa "a ficar preocupada". Mas não deixa de dar resposta a todas as perguntas do lobo. Quando este aparece, ela grita (é a mesma fala da 4):

— Ai! Socorro! Não me coma!

Mas o lobo também a tranquiliza e ela aceita participar da "brincadeira". As versões 4 e 5 são muito semelhantes.

Na versão 9 ela não o reconheceu.

Na 10 e na 14, ela não o conhecia.

Na 10, diz-se que ela nem imaginava que aquele era o malvado Lobão. Insiste-se, nessa versão, em usar a forma aumentativa "Lobão".

A 14 diz:

Ela nunca vira um lobo
e prestou muita atenção.

Viu um bicho dos bem grandes
e achou que era um cão.

Na 12 e na 31, ela se mostra "corajosa".

Na 12, o lobo começa a mexer na "cestinha":

— Humm... ele dizia — minhas comidinhas preferidas!

— Comidinhas preferidas da vovó! — Chapeuzinho gritou —
E sai da minha frente. Estou com pressa!

Mas a "valentia" não dura muito tempo e Chapeuzinho decide aceitar as sugestões do animal. O diminutivo adquire um tom apelativo (por parte do lobo) e irônico (na fala da menina).

Na 31, Chapeuzinho se assusta inicialmente ao ouvir a voz do lobo, porque estava distraída. Depois ela se refaz e responde às suas perguntas. Quando terminou de responder, Chapeuzinho caiu em si e exclamou: — Mas... espere aí! Você é o lobo, não é?

Tenta continuar andando: Chapeuzinho fez menção de continuar sua caminhada, mas o lobo, com um movimento rápido, colocou-se na frente da menina, impedindo. Chapeuzinho, corajosa como quê, pousou a cesta no chão, colocou as mãos na cintura, fez uma careta de descontentamento e disse:

— Se você é mesmo um lobo bonzinho, deixe-me passar, porque estou com muita pressa.

O lobo imediatamente percebeu que aquela menina não era de brincadeiras. Deu um passinho para o lado, desimpedindo a passagem.

Invertem-se totalmente os papéis tradicionais, apenas nesse momento.

Na 13, Chapeuzinho fica apenas "desconfiada":

.... Mas por que você quer saber? — perguntou a menina....
Que aposta? — perguntou a menina, desconfiada.

Na versão 19, o lobo aparece, como nos textos originais, assim que Chapeuzinho entra na floresta. Mas a explicação para o fato de a menina não o conhecer é surpreendente: Vivia em outra floresta, mas arranjou tais e tantas encrencas que fora obrigado a fugir de lá. Apesar de tudo, era um lobo tão esperto que andava pensando em trabalhar na tevê. E Chapeuzinho "não teve medo nenhum": Esqueci-me de lhes dizer que, naquele tempo, todo mundo se dava tão bem que até os bichos falavam com as pessoas e elas entendiam. Por

isso, Chapeuzinho, sem medo nenhum, deu conversa para o lobo. Quem sabe ele não poderia lhe contar alguma coisa interessante? Afinal parecia um lobo de bons princípios. Há uma tentativa mal sucedida de "modernismo": a alusão à TV e o diálogo com o leitor são tão artificiais quanto o discurso indireto livre. "poderia lhe contar" é transposição de um discurso direto pouco provável da personagem.

Na 32, ela nem desconfiava que estava sendo observada. Já começava a anoitecer e ainda faltava um bom pedaço para chegar à casa da vovó.

Resumindo, em três versões Chapeuzinho mostra-se corajosa; em duas, ela se assusta no início para se tranquilizar logo a seguir; em duas outras, ela não o conhece; em uma ela não o reconhece; em outra ela fica apenas desconfiada; finalmente, uma registra que ela não desconfiou que "estava sendo seguida".

g) O lobo faz propostas diferentes a Chapeuzinho Vermelho

Essas novas propostas aparecem nas versões 10, 11, 12, 16, 19, 23, 24, 25, 28 e 31.

Na 10, o lobo não fala da beleza da natureza: despediu-se e recomendou muito cuidado, pois existiam muitos perigos pelo caminho. Ele tinha um plano para fazer um banquete de Chapeuzinho, pois, como vocês sabem, naquele tempo, lobos comiam gente! Não se diz, porém, qual é o plano.

Na 11, o lobo fingiu ser amigo da menina. Chapeuzinho Vermelho contou ao Lobo Mau que ia à casa de sua avó e este fingiu que estava com pena da avó da menina.

Na 12, há uma variação do texto de Grimm, em que a própria menina resolve colher flores:

— Ora, ora, menininha! Por que é que você não colhe umas florzinhas para sua vovó? Ela ia adorar!

— Bem — disse Chapeuzinho — na verdade, eu não devia demorar muito...

— Ora, ora, belezinha! Uns minutinhos a mais não vão fazer diferença...

Pinta-se um lobo malandro (havia mexido, "sem cerimônia", na cesta de Chapeuzinho) e afetuoso: fala em "menininha", "florzinhas", "vovó", "belezinha", "minutinhos".

Na 16, o lobo faz a mesma proposta a Chapeuzinho: O lobo, querendo enganar Chapêuzinho Vermelho, falou:

— Por que você não apanha florezinhas pra sua avó?

Na 19, o lobo diz que ia mesmo visitar a avó (o texto é bem diferente do de Perrault), quando recebe o convite da menina: Chapeuzinho não precisou repetir o convite.

— Veja só que coincidência — respondeu o lobo, fingindo surpresa. — Eu ia justamente para lá. Sua vovó não mora naquela casinha azul logo depois da floresta?

— Isso mesmo... Puxa, seu lobo! Você conhece a vovó?

— E quem não conhece? É uma velhinha tão simpática! Está sempre na janela quando passo por lá.

— Pois então venha comigo! Ela vai gostar de vê-lo. E que boas histórias sabe contar!

O lobo lambeu os beiços novamente. Tudo corria às mil maravilhas.

— Está bem, linda menina. Vou com você. Sabe, sou um lobo tão bonzinho que me deram o nome de Bombom.

E o Lobo Mau continuou a contar mentiras para a menina, enquanto a ajudava — imaginem! — a colher flores para a vovó. Mas tinha um plano na cabeça.

Observa-se o tom altamente apelativo do lobo, através de termos "adocicados" em oposição à ingenuidade da menina.

Na 23, ele finge ser um "anjo": Foi então que ouviu uma voz dizendo para ir pelo caminho da floresta. Era o Lobo Mau, escondido, fingindo que era um anjo.

Na 24, o próprio lobo oferece flores à menina, quando ela lhe diz que a avó está doente:

"Que pena!" disse o lobo. Leve esta flores também. E entregou um ramo de flores a Chapeuzinho. Há problema de revisão: "esta flores", e mistura de formas de tratamento, pois, pouco antes, o lobo pergunta à menina: "onde vais".

Na 25, não há especificamente uma proposta: O lobo, para ganhar tempo, também disse que ia levar flores para a avozinha. Registra-se o tom afetivo: "avozinha".

Na 28, o animal diz ser "médico":

— O senhor é com certeza médico — respondeu a inocente pequena — visto que conhece as ervas medicinais. Talvez me pudesse indicar alguma que fizesse bem à minha avó.

— Decerto, meu amor; olha, aqui está uma, e esta também, e aquela igualmente.

Mas todas as plantas que o lobo indicava eram plantas venenosas. A pobre criança procurava apanhá-las para as levar à avó.

— Adeus, meu lindo Chapêuzinho Vermelho, estimei muito conhecê-lo. Com grande pena minha, tenho de te deixar para ir ver um doente.

Numa linguagem formal, o texto enfatiza a inocência de Chapeuzinho ("inocente pequena", "pobre criança") e a amabilidade do

lobo, que a engana facilmente ("meu amor", "meu lindo Chapeuzinho Vermelho", etc.)

Na 31, o lobo propõe novas "brincadeiras". Há tentativa de humor.

O lobo não se deu por achado. Soltou a fumaça do charuto em círculos perfeitos, pousou a mão no ombro da menina e, sorrindo, falou: — sou, menina gordinha. Mas não precisa ter medo. Eu sou um lobo muito bonzinho.

....

Antes que a menina reiniciasse sua caminhada, o vilão teve uma idéia.

— Olhe, menina gordinha, a noite ainda vai custar a chegar. Por que você não aproveita para brincar mais um pouquinho com seus amigos, hem?

Chapeuzinho arregalou os olhos com a idéia. Seria ótimo brincar mais um pouquinho. Perguntou:

— Será que vai dar tempo? Percebendo que havia grande possibilidade de conseguir o que estava pretendendo, o lobo respondeu:

— Ora, se dá! Ou será que você não gosta de brincar? A garota nem pestanejou:

— Claro que gosto! Gosto muito! O animal puxou mais uma bafurada do seu charuto mal-cheiroso e disse: — Pois então, aproveite. Ainda há tempo.

.... Enquanto isso o lobo soltava uma vastíssima gargalhada, dizendo: — Eu sou genial! Ge-ni-al! Vou preparar uma boa surpresa para essa menina. Para ganhar tempo, vou atravessar o rio com um salto. É só tomar uma boa distância... assim... agora dar uma corrida... e pular... assim. Aiiiii! E o lobo bateu na parte mais funda do rio. Nadou um pouquinho e parou cansado junto à margem: — Ai, o rio é mais largo do que eu pensava! Por pouco eu me afogo. Mas... o que é isso que está na minha boca? E o lobo cuspiu um peixinho que havia entrado em sua bocarra, enquanto ele nadava. — Bom, o jeito agora é correr bastante para o vento me secar. A cena se desdobra em acontecimentos mal arranjados, que indicam o lobo ora perigoso, ora ridículo (o pulo mal calculado, o peixe na boca). Parece uma tentativa de agradar à criança, por um "pequeno castigo" como em filmes onde é frenética a torcida contra o vilão

h) Reações diferentes de Chapeuzinho Vermelho, depois da conversa com o lobo

Aparecem nos textos 2, 3, 5, 6, 19, 23, 31 e 32.

Em algumas versões (3, 5 e 19), a menina inicia, junto com o lobo, a corrida que ele lhe propõe. É bom lembrar que, em Perrault, apenas o lobo corre.

Na 3, ela diz:

— Está bem — disse a menina. — Então, lá vai! Um, dois e... três!

É o início típico das brincadeiras infantis.

Na 5, diz-se apenas que Os dois saíram correndo. No entanto, fala-se, a seguir, que Chapeuzinho foi apanhando flores; não se sabe como conseguiu correr e, ao mesmo tempo, apanhar flores.

Na 19, há uma mistura indevida de tons: Chapeuzinho aceitou. Já havia colhido um belo buquê de flores e, com todo aquele bate-papo, acabara se atrasando. Precisava mesmo correr.

— Vamos logo, Bombom! — disse ela. — Vou chegar primeiro que você! E os dois saíram correndo.

Na 2, não se diz que a menina se divertiu na floresta: E as sim, Chapeuzinho Vermelho foi enganada pelo lobo, porque seu camino era muito mais longo. A explicitação de que ela "foi enganada" é desnecessária, porque óbvia.

Na 6, explicita-se apenas que Chapeuzinho aceitou a sugestão do lobo de ir por um "atalho".

O mesmo acontece na 16. Antes de apanhar as flores, ela diz:

— Ah! É mesmo! Boa idéia!

Ambos os textos lembram o original de Perrault, em que a menina vai pelo caminho mais curto.

Na 23, diz-se que a menina seguiu o conselho do lobo e escolheu o caminho da floresta.

A. 31 diz que a menina aceita a proposta de "brincar um pouco mais": Chapeuzinho sorriu animada: — Está certo. Vou voltar e brincar um pouco mais. Dizendo isso, Chapeuzinho saiu correndo na direção da clareira onde havia deixado os coelhinhos.

Na 32, não há conversa com o lobo, pois este não aparece. Mas, depois de muito passear, Chapeuzinho percebeu que começava a escurecer e tratou de não parar mais pelo caminho e andar bem rápido.

— Nossa! Nem vi o dia passar!

— E a vovó lá sôzinha.

— Bem, agora chega de ver estas maravilhas.

— Irei mais depressa.

....

O sol estava se escondendo cansado e com sono antes de sumir, deixava no céu as cores mais lindas: vermelho, amarelo, rosa...

Chapeuzinho, apesar de não se deter, estava encantada:

— Que céu tão bonito!

— Mas preciso correr, pois logo será noite!

Persiste o deslumbramento da personagem diante da natureza e percebe-se uma linguagem clichêizada: "O sol estava se escondendo cansado e com sono...." Há o uso inadequado do travessão, indicando cada fala de Chapeuzinho, como se houvesse mais de uma pessoa.

Vê-se que alguns textos trazem reações novas da menina e outros explicitam desnecessariamente reações óbvias, depois da conversa com o lobo.

Quanto a esse terceiro momento do conto, quatro versões ligam-se ao texto de Perrault, quatro ao de Grimm, e vinte e cinco misturam informações de ambos os originais, ou são tão vagas (ou têm tantas modificações), que podem ligar-se a um ou a outro. Vinte e quatro trazem informações novas. Vinte e cinco versões omitem alguns (ou vários) dos itens comuns aos dois textos, com variações: local onde mora a avó; surgimento do lobo, sem que a menina sinta medo dele; pergunta do animal sobre o rumo de Chapeuzinho e sobre o local da casa da avó, com as respectivas respostas; instruções do lobo que visam a enganar a criança; caminhada de Chapeuzinho; referência às flores que ela vai colhendo.

O dado mais constante é a pergunta do animal sobre o rumo da menina, segundo o modelo de Grimm: está presente em vinte e duas versões. A informação de Chapeuzinho de que leva alimento à avó também é um item comum, aparecendo em vinte e um textos.

As informações menos comuns são a localização da casa da avó (três versões segundo Perrault, e três segundo Grimm) e a rapidez da partida de Chapeuzinho, depois das instruções maternas (três igualmente).

A versão mais fiel a Perrault é a 22, e a mais próxima do original de Grimm é a 33, seguida pela 29. As mais resumidas são a 8 e 24, e as mais modificadas, a 31 e a 32.

São vários os acréscimos aos textos. A maioria diz respeito a formas diferentes de aparecimento do lobo (em que ele procura disfarçar-se), retardando desnecessariamente a narrativa. É comum também a preocupação com o passeio de Chapeuzinho, idealizado e pueril (onze versões dão ênfase a ele). Nas informações que se acrescentam ao conto, a preferência continua a ser por novos períodos; a seguir tem-se a introdução de adjuntos adverbiais e de orações, nos períodos que contêm as informações originais.

As omissões de informações também acontecem em algumas versões: determinados trechos chegam a ficar ilógicos por causa delas.

É constante o uso dos diminutivos — mesmo os adultos (narrador e lobo) continuam adotando-os com freqüência. Os mais comuns são "coelhinhos", "cestinho", "avozinha", que aparecem mais de dez vezes cada um. Na fala do lobo, a forma diminutiva serve para compor seu tipo de "bonzinho" e "amável" (dado que não existe nos originais).

São também numerosos os adjetivos. A maioria diz respeito ao passeio na floresta: tudo é "belo", "lindo", "maravilhoso", "puro", etc. Chapeuzinho está geralmente "contente", ou "feliz", ou "alegre". Realçam-se também as características do lobo: "mau", "grande", "esperto". A avó é igualmente caracterizada: "coitadinha", "boa", etc. Na maioria das vezes, os adjetivos vêm acompanhados por advérbios intensificadores: "muito", "tão".

Quanto ao registro usado, há preferência, em alguns textos, por expressões coloquiais: "deu o fora", "conversa fiada", "Onde vais". Um texto opta pelo total formalismo.

Em três versões, usa-se o pronome "tu" como forma de tratamento, e em uma misturam-se "tu" e "você", na mesma fala do lobo. Em quatro momentos, Chapeuzinho dirige-se respeitosamente ao animal, chamando-o de "senhor".

Continua freqüente a forma familiar "vovô" (ao lado de "vovozinha", "avozinha" e "velhinha"), mesmo no discurso do narrador e do lobo. No total, o uso dessas formas afetivas e familiares supera (e muito) o da forma "avô". Usa-se também, não apenas no discurso de Chapeuzinho, a expressão "mamãe".

2.2.3 Encontro do lobo com a avó

Perrault:

Le Loup ne fut pas longtemps à arriver à la maison de la mère-grand; il heurte: toc, toc.

— Qui est là?

— C'est votre fille, le Petit Chaperon rouge, dit le Loup en contrefaisant sa voix, qui vous apporte une galette et un pot de beurre, que ma mère vous envoie.

La bonne mère-grand, qui était dans son lit, à cause qu'elle se trouvait un peu mal, lui cria:

— Tire la chevillette, la bobinette cherra.

Le Loup tira la chevillette, et la porte s'ouvrit. Il se jeta sur la bonne femme, et la dévora en moins de rien, car il y avait plus de trois jours qu'il n'avait mangé. Ensuite il ferma la porte, et s'alla coucher dans le lit de la mère-grand, en attendant le Petit Chaperon rouge....

Grimm:

Le Loup lui, courait tout droit vers la maison de la grand-mère. Il frappa à la porte.

— Qui est-là?

— C'est le petit Chaperon Rouge qui t'apporte du gâteau et du vin.

— Tire la chevillette, dit la grand-mère. Je suis trop faible et ne peux me lever. Le Loup tire la chevillette, la porte s'ouvre et sans dire un mot, il s'approche du lit de la grand-mère et l'avale. Il enfila ses habits, met sa coiffe, se couche dans son lit et tire les rideaux.

Em Perrault, diz-se que o lobo não demora muito a chegar à casa da avó. Um ritual precede a sua entrada. Quando a porta finalmente se abre, ele se atira sobre a avó e a devora num instante. Em seguida, fecha a porta e vai instalar-se na cama, à espera de Chapeuzinho Vermelho.

Em Grimm, o trecho é semelhante. Diz-se que o lobo vai direto à casa da avó, e também há um ritual de entrada. Abrindo-se

a porta, ele vai até a avó e a engole. Depois, põe suas roupas, sua touca e deita-se na cama, fechando as cortinas.

Quanto ao conteúdo, não há grandes diferenças entre o texto de Perrault e o de Grimm, nesse trecho. Em Perrault, frisa-se que o lobo não come nada há três dias; diferentemente do que diz Grimm, não se veste com as roupas da avó, depois de devorá-la.

Quanto à linguagem, porém, há diferenças. Esse trecho, em Perrault, tem, no seu início, o mesmo esquema do momento seguinte, isto é, na chegada do lobo à casa da avó, há a mesma situação da chegada de Chapeuzinho, pouco depois. São episódios simétricos. A batida à porta é idêntica: "toc, toc". De dentro, vem a mesma pergunta: "Qui est là?" A resposta do lobo é rigorosamente igual à que Chapeuzinho dará mais tarde: "C'est votre fille, qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre, que ma mère vous envoie." E a avó responde o que o lobo repetirá, em relação a Chapeuzinho: "Tire la chevillette, la bobinette cherra." O interessante é que parece haver uma "adivinhação" (por parte do lobo) do que a menina diria.

De qualquer maneira, essa simetria é uma das características marcantes do conto de Perrault, ignorada na maioria das versões em língua portuguesa.

Além do mais, vale destacar no texto francês, como afirma Soriano, o vocabulário rico em pequenas fórmulas, onomatopéias ("toc, toc") e palavras ou expressões pitorescas, destinadas a serem um jogo: "tire la chevillette, la bobinette cherra", "petit pot de beurre", que lembrariam, inclusive, fórmulas de Roland: "phrases à répéter avec volubilité sans se tromper." (36, p. 154)

Em Grimm, não há essa "simetria de episódios" em relação ao momento seguinte da história.

Bettelheim afirma, ao analisar esse trecho, que a avó "morre" por não ter prevenido a neta do perigo do animal: "Como ... não é capaz de lidar com o lobo, tem o mesmo destino que a menina". (42, p. 216)

Informações de Perrault

a) O lobo não demora a chegar à casa da avó: Le Loup ne fut pas longtemps à arriver à la maison de la mère-grand.

A pequena diferença existente, aqui, entre o texto de Per-

rault e o de Grimm, é que no primeiro tem-se que o lobo "não de morou" a chegar e, no segundo, que ele "foi direto" para a casa da avó.

As versões mais próximas ao original francês são a 20, 21, 22 e 26.

A 20 e a 26 são semelhantes.

A 20 diz que O Lobo não demorou a chegar a casa da avó....

A 26, que O lobo não demorou a chegar a casa da avôzinha... A diferença é o uso da forma afetiva "avôzinha", constante nesse texto. Percebe-se também a ausência de acento: "Chegar a casa".

A 22 diz que Não tardou muito, o Lobo chegou à casa da avó....

A 21, que Num instante o Lobo chegou à casa da velha.... Insiste-se, nessa versão, em chamar-se a avó, pouco respeitosa mente, de "velha".

Outras versões, que não seguem Perrault tão de perto, trazem a informação de que não houve demora na chegada do lobo (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31 e 32).

A 4 é próxima ao original: Pouco depois, o lobo mau chegou à casa da vovó....

A 13 usa uma linguagem afetiva: Num instante o lobo tinha chegado à casa da avozinha....

Algumas versões apontam, nesse trecho, itens que estão no momento anterior da história.

A 1, 5, 8, 14, 16, 18, 27, 28, 29, 30 e 31 falam que o lobo "correu" para a casa da avó.

A 1 diz que O lobo começou a correr e, pouco depois, chegou à casa da vovó.

A 5 afirma que Enquanto isso, o lobo não parava de correr, até que avistou a casa da avó de Chapeuzinho.

A 8 diz: Enquanto o Lobo Feroz corria para a casa da vovozi nha, que agora ele sabia que estava sozinha, ia pensando que com sua astúcia, poderia pegar as duas de surpresa. O trecho é ilógico: não se explica por que ele agora sabia que a avó estava sozinha. Há uma informação de Grimm, do momento anterior: "pegar as duas" com sua "astúcia". O animal recebe uma caracterização diferente: "feroz".

A 14 substitui "correr" por "ir depressinha", informal.

Para a casa da vovó

Lobo mau foi depressinha.

A 16 adota um tom coloquial: O lobo correu pra casa da vovó.

A 18 diz que Enquanto isso o Lobo Mau foi correndo até a casa da avó....

A 27 faz referência aos "carvalhos", citados por Grimm: o lobo saiu correndo à procura dos três carvalhos.

A 28 diz apenas: E pôs-se a correr em direção da casa da avó....

A 29 afirma: Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó.

A 30 conserva duas informações de Grimm(a relação de oposição e a idéia de que o lobo foi "direto" à casa da avó): Entretanto o Lobo correu direito à casa da Avó. Usa-se a forma comum em Portugal: "direito", no sentido de "direto".

A 31 acrescenta outras informações, desnecessárias: Lá vou eu! — gritou o lobo, enquanto partia numa carreira em direção à casa da vovó de Chapeuzinho Vermelho. Pouco depois, parava diante da porta pintada de branco.

— É aqui.

Mantém-se o tom de brincadeira e informalidade: "Lá vou eu!", "partia numa carreira".

A 3, 7, 9, 10 e 24 especificam que ele "correu" e "chegou antes de Chapeuzinho".

A 3 diz: Mas o Lobo corria muito mais que Chapeuzinho e chegou primeiro à casa da vovó.

A 7 é mais extensa:o lobo mau chegara primeiro. Sim, a fera, enquanto Chapeuzinho brincava com os coelhos, correrá para casa da velhinha. Estava com fome e não encontraria um jantar melhor do que aquele. NHAM! Comerá a vovó e ainda esperará Chapeuzinho para a sobremesa. É introduzida informação de Grimm, do momento anterior, modificada (comer Chapeuzinho "de sobremesa"). Há vestígios do discurso indireto livre e reforça-se a "maldade do lobo. O pretérito mais-que-perfeito simples, indevido gramaticalmente aqui, cria ainda uma incoerência de registros.

A 9 é mais coloquial: O lobo, com toda aquela correria, chegou antes dela....

A 10 diz: O Lobão saiu correndo e chegou na casa da vovó antes da menina.

A 24 afirma que O Lobo correu na frente de Chapeuzinho....

A 15 e 32 não usam o verbo "correr", mas dizem que o animal chegou antes da menina.

A 15 fala que o lobo mau chegou à casa da avozinha muito antes dela. Acrescentam-se outros detalhes, até que ele resolva bater à porta: Esgueirou-se até a casa muito silenciosamente e es-

piou pela janela.

Tudo estava tranquilo e em calma.

A avó, sentada em sua cadeira de balanço, tricotava um casaquinho para Chapeuzinho. Não se deu conta de que o lobo estava do lado de fora.... A ação é retardada com o acréscimo, desnecessário, das novas informações. Opta-se pelo uso da forma diminutiva ("avozinha", "casaquinho") e se reforça o amor pela menina.

A 32 diz que ele chegou primeiro, por causa do tamanho das suas pernas: Tendo as pernas três vezes mais longas e ligeiras não é de se espantar que o lobo chegasse primeiro. O malvado lobo só parou quando chegou à porta da casa da vovó.

A 2, 11, 19 e 25 falam em "atalho" ou "caminho mais curto", como em Perrault.

A 2 diz: O caminho que o lobo seguiu era mais curto e, em um minuto, ele chegou à casa da vovó.

A 11 afirma: Mas, assim que deixou a menina, tomou um atalho e chegou rápido na casa da avó de Chapeuzinho.... Há um desvio da norma culta: "chegou na casa".

A 19 apresenta a idéia de que o animal vai chegar primeiro e entra em detalhes desnecessários; o trecho vem em discurso direto: O lobo estava radiante:

— Por este atalho, chegarei muito antes de Chapeuzinho. A vovó vai ser o meu almoço. A menina fica para a sobremesa.

Num instantinho, o Lobo Mau chegou à casinha azul, rodeada de margaridas. O texto faz uma referência a Grimm no trecho em que o lobo imagina que pode comer avó e neta; modificou-se, no entanto, o sentido do original. É passada uma imagem pueril, na apresentação da casa da avó: "casinha azul, rodeada de margaridas".

A 25 também fala que ele "correu": Enquanto isso, o lobo tomou um atalho e correu para a casa da avozinha....

A versão 12 não fala em "corridas", nem em "atalhos", tampouco especifica o tempo que o animal gastou para chegar. Diz simplesmente que nessa altura, o lobo já estava na porta da vovó....

Apenas oito versões afirmam, como no original, que o lobo não demorou a chegar à casa da avó. Várias (dezessete) apresentam, nesse trecho, a informação (do momento anterior) de que o lobo "correu". Nove explicitam que ele chegou "antes" de Chapeuzinho, e quatro falam que ele tomou um "caminho mais curto" ou "atalho" (dado também já apresentado anteriormente por Perrault).

Sete versões insistem em caracterizar o animal dando ênfase

se, à sua "maldade" (duas falam de sua "ferocidade").

Três textos conservam informação de Grimm (explicita-se que o animal imagina pegar avô e neta), e seis outras acrescentam itens diversos, à margem do fio narrativo.

A avô é constantemente chamada de "vovô" (onze vezes) ou de "avozinha" (quatro vezes); aparecem ainda as formas "vovozi-
nha", "velhinha" e "velha" (uma vez cada), ao lado da forma "a-
vô".

b) O lobo bate à porta: Il heurte: toc, toc.

Perrault usa o verbo "heurter", arcaico.

Apenas as versões 20, 22 e 26 conservam a onomatopéia como no original.

A 20 diz que o lobo não demorou a chegar e bater: toc, toc.! Há o ponto de exclamação, que poderia sugerir, quem sabe, impaci-
ência.

A 22 diz que ele bateu à porta:

— Toc, toc.

Inadequadamente, usa-se o travessão, como se a onomatopéia fosse uma fala.

A 26 repete, desnecessariamente, o verbo:bateu, bateu na porta, toc, toc... Há o desvio da norma culta: "bateu na por-
ta". As reticências juntamente com a repetição do verbo demons-
tram a ação continuada, e não tão rápida como em Perrault.

Outras versões apresentam, com modificações, essa informa-
ção (4, 5, 13, 21 e 31).

A 4 tenta apresentar uma batida mais "forte", com o desta-
que da onomatopéia, transcrita toda em "caixa alta": e bateu
à porta:

TOC! TOC! TOC!

O mesmo acontece com a 5, que introduz novos itens: Depois de ver, pela janela, que a menina ainda não tinha chegado, bateu na porta. TOC! TOC! TOC! Insiste-se no desvio da norma culta: "ba-
teu na porta."

A 13 traz a informação em discurso direto (é o pensamento do animal), e são acrescentados detalhes desnecessários, desligados da ação : Parando diante da porta, o lobo pensou:

— Preciso dar um jeito de entrar sem que a velha desconfie de nada. Vou bater à porta como se fosse Chapeuzinho Vermelho.

— Tóc, tóc, tóc!

Não se mantém a objetividade do texto francês e usa-se inadequadamente o travessão introduzindo a onomatopéia (como a 22), insistindo-se em colocar nela um acento inexistente: "t^oc".

A versão 21, além de aporuguesar a onomatopéia, acrescenta uma batida: e bateu: toque, toque, toque, toque. Seria também uma forma de o lobo mostrar sua impaciência.

Na 31, o lobo diz:

— Vou bater. Toc-toc-toc.

Apesar da simplicidade da informação, nenhuma consegue reproduzi-la de maneira rigorosamente fiel: variam-se a pontuação e o número de batidas, e introduzem-se novos itens.

c) De dentro perguntam quem está do lado de fora:

— Qui est là?

Esta indagação também existe em Grimm; serão consideradas, portanto, como ligadas a Perrault apenas as versões que repetirem exatamente a mesma pergunta, no momento seguinte da história, ou seja, na chegada de Chapeuzinho à casa da avó.

Das versões que seguem o original francês, apenas a 20, 22 e 26 usam esse mesmo tipo de pergunta nos dois momentos do conto.

Na 20 e na 22, a avó pergunta:

— Quem é?

Na 26, há uma tradução literal:

— Quem está aí?

A 21, que segue em linhas gerais o texto de Perrault, não apresenta a exata simetria das falas. Aqui, diz-se:

— Quem bate? perguntou lá de dentro uma voz.

O travessão não é usado adequadamente.

A 24, mesmo não seguindo em outros trechos o esquema original, adota, aqui, a simetria. A avó pergunta:

— Quem é?

Na 19, altera-se um pouco a pergunta. Nesse momento, a avó indaga, como em Perrault:

— Quem é?

d) O lobo, imitando a voz da menina, diz que se trata de Chapeuzinho Vermelho, que traz um bolinho e um potinho de manteiga, enviados pela mãe:

— C'est votre fille, le Petit Chaperon rouge, dit le

Loup en contrefaisant sa voix, qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre, que ma mère vous envoie.

Essa fala do lobo será repetida por Chapeuzinho, ao chegar à casa da avó.

As versões mais próximas ao original são a 20, 21, 22 e 26, mas apenas a 20 e a 22 mantêm a simetria de falas.

A 20 diz:

— Sua neta, Chapeuzinho Vermelho — disse o lobo disfarçando a voz, — que lhe traz um bolo e um pote de manteiga que a mamãe lhe manda.

O texto não usa o diminutivo "bolinho" e "potinho", como em Perrault.

A 22 afirma:

— É sua neta Chapêuzinho Vermelho — disse o Lôbo, disfarçando a voz — que traz para a senhora um pãozinho e uma tigelinha de manteiga que minha mãe lhe envia.

Há um tom respeitoso ("a senhora"). E a comida é simplificada: "pãozinho".

A 21 usa "bolo" e "um pouco de manteiga":

— É sua neta Capinha Vermelha, respondeu o lobo, disfarçando a voz. Venho trazer um bôlo e um pouco de manteiga que mamãe manda.

Há traço de coloquismo, com a omissão do objeto indireto: "que a mamãe manda". Não há uma simetria entre essa fala e a da menina, mais adiante, que vai usar a 3ª pessoa: que vem trazer....

A 26 traz pequenas alterações entre a fala do lobo e a de Chapeuzinho, no momento seguinte. Aqui, tem-se:

— É a sua netinha, Chapêuzinho Vermelho, disse o lobo imitando a voz da menina, que vem lhe trazer uns bolinhos e um pote de manteiga que mamãe mandou.

Omite-se também o objeto indireto ("que mamãe mandou") e há preferência pelo uso da forma diminutiva e do tempo passado ("mandou").

Algumas outras versões trazem essa informação, com modificações (1, 4, 5, 6, 8 e 9). Pode-se dizer que estão mais ligadas a Perrault, porque afirmam que o lobo modificou sua voz, dado que não existe em Grimm, ou falam em "neta", enquanto o texto alemão prefere dizer apenas "Chapeuzinho Vermelho".

A 4 e a 5 adotam o diminutivo "netinha", na fala do lobo.

A 4 diz:

— Sou eu, vovô, a sua netinha! — disse o lobo disfarçando a voz.

A 5 é quase igual, só varia a pontuação:

— Sou eu, vovô... a sua netinha! — disse o lobo, disfarçando a voz.

A 1, 6, 8 e 9 usam o discurso indireto, que tira a vivacidade da cena.

A 1 diz: e, disfarçando a voz, disse que era Chapeuzinho Vermelho.

A 6 afirma: e, imitando a voz da menina, disse que era a neta.

Na 8, o lobo não "bate à porta": o lobo chamou, imitando a voz de Chapeuzinho.

A 9 explicita, desnecessariamente, que a avó foi enganada: e imitando a voz da menina enganou a vovô....

Nessas versões, aparecem três vezes cada, na fala de Chapeuzinho, as formas familiares "mamãe" e "vovô" e o diminutivo "netinha". A informação mais constante desse trecho é a de que o lobo modificou sua voz: existe em dez versões.

e) A avó, que está de cama porque se sente mal, dá ao lobo as instruções de como abrir a porta: La bonne mère-grand, qui était dans son lit, à cause qu'elle se trouvait un peu mal, lui cria:

— Tire la chevillette, la bobinette cherra.

Aqui, o texto francês frisa bem: "a boa avó", o adjetivo anteposto sugere a inocência do gesto. A instrução de como abrir a porta vai repetir-se no momento seguinte da história. "Chevillette" seria uma pequena "cavilha" (ou "cunha"), preferentemente de madeira, usada para travar a porta; ficaria à vista uma argola, que, puxada, faria cair o trinco. É usado o verbo "choir" — arcaico — no futuro: "cherra". A expressão se destaca pela sonoridade de seus termos.

As versões 20, 21, 22 e 26 são as mais próximas de Perrault.

Na 20, diz-se que A boa avó, que estava de cama, porque não estava passando bem, gritou-lhe de lá:

— Puxe o ferrolho, que o trinco abre.

A 21 chama a avó de "velha": A boa velha, que estava na cama meio adoentada, gritou:

— Vira a taramela e entra.

Há a omissão do pronome objeto indireto ("gritou....) que dá ao texto um tom mais coloquial.

A 22 afirma: A boa avô, que estava deitada porque se sentia um pouco doente, gritou-lhe:

— Puxa a aldrava e o trinco se abrirã.

A 26 continua preferindo a forma diminutiva "avôzinha": A boa avôzinha, que estava de cama por achar-se doente, gritou-lhe:

— Puxa a tranca, que a porta abre.

Não há uniformidade nessas quatro versões quanto à tradução da instrução de como abrir a porta; nenhuma consegue obter a sonoridade do original.

Uma outra versão, a 19, apresenta a instrução mais semelhante a Grimm, mas esta se repete da mesma maneira no outro momento da história, o que é característica de Perrault:

— É só puxar o trinco, minha netinha. Estou de cama... Ordem do doutor!

f) O lobo segue as instruções, a porta se abre, ele se atira sobre a avô e a devora imediatamente, porque está sem comer há três dias: Le Loup tira la chevillette et la porte s'ouvrit. Il se jeta sur la bonne femme et la dévora en moins de rien, car il y avait plus de trois jours qu'il n'avait mangé.

As versões 20, 21, 22 e 26 são as mais próximas ao texto francês.

A 20 diz: O Lobo puxou o ferrolho e a porta se abriu. Atirou-se sobre a boa mulher e devorou-a num segundo, pois havia mais de três dias que não comia.

A 21, numa tradução um pouco mais livre, afirma: O lobo virou a taramela e abriu a porta e entrou e avançou para a velha e a comeu num instante. Estava com uma fome de três dias. A ação, que é muito rápida em Perrault, arrasta-se, aqui, com a repetição do conectivo "e". Prefere-se o verbo "comer" a "devorar"; a avô não é chamada de "boa mulher", mas, pouco respeitosamente, de "velha".

A 22 é mais dinâmica: O Lobo puxou a aldrava e a porta abriu-se; em seguida, atirando-se em cima da boa mulher, num instante a devorou, pois fazia mais de três dias que estava em jejum.

A 26 continua preferindo o diminutivo: O lobo puxou a tranca e a porta abriu-se. Então ele atirou-se em cima da avôzinha e devorou-a num instante, porque fazia três dias que não comia. Não se

fala em "boa mulher".

Outras versões, se bem que modificadas, guardam a idéia de rapidez na ação do lobo (13, 15, 19 e 27).

Na 13, em que a avó o convida para entrar, diz-se que o lobo não esperou segundo convite. Entrou correndo e de um salto atirou-se sobre a pobre avozinha, e a engoliu inteira, sem mastigar. A velhinha nem teve tempo de perceber o que estava acontecendo. O trecho se estende a fim de explicar bem a rapidez da ação do lobo. Há o uso de recursos afetivo-apelativos ("pobre avozinha", "velhinha").

A 15 é mais objetiva: O lobo entrou e a surpreendeu na cadeira, e em três tempos comeu a vovó. A avó não está de cama.

Já a 19 acrescenta novos dados: A vovó nem teve tempo de arregalar os olhos de susto. O lobo estava com tanta fome que comeu a velhinha de uma vez só!

"Pelo menos estou de barriga cheia" — pensou o lobo. "Mas Chapeuzinho vou comer mais devagar".

Há tentativas de humor, além de informações completamente desnecessárias ao desenrolar da ação, como o pensamento final do animal.

A 27 é bastante sucinta: Ouvindo isso o lobo entrou, avançou contra ela e a devorou num instante.

Na versão 14 (assim como na 19), é lembrada a fome do lobo:

E o lobão esfomeado
comeu a avó inteirinha.

Os textos 13, 14 e 19 dizem que o lobo comeu a avó "inteirinha" ou "de uma só vez". Quatro versões (14, 15, 19 e 21) usam o verbo "comer", ao invés de "devorar". A 13 prefere "engolir".

Ao se falar na avó, apenas duas versões usam a expressão do original ("boa mulher"); tem-se: "avozinha", duas vezes; "vovó", duas vezes; "velha", uma vez; e "velhinha", uma vez também.

Três textos acrescentam novas informações.

g) O lobo fecha a porta e vai instalar-se na cama da avó, esperando Chapeuzinho Vermelho: Ensuite il ferma la porte, et s'alla coucher dans le lit de la mère-grand, en attendant le Petit Chaperon rouge....

É importante observar que o lobo não se veste com as roupas da avó.

Essa informação é reproduzida nas versões 20, 21, 22 e 26.

A 20 é muito fiel: Depois, fechou a porta e foi deitar-se na cama da avó, esperando Chapeuzinho Vermelho....

A 21 continua chamando a avó de "velha": Em seguida fechou a porta e foi deitar-se na cama da velha a fim de esperar pela menina.

A 22 usa um registro mais formal: Depois fechou a porta e foi deitar-se no leito da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho....

A 26 opta, mais uma vez, pelo diminutivo: Depois fechou a porta e foi-se deitar na cama da avõzinha esperando o Chapeuzinho Vermelho. É usado o artigo definido masculino (o Chapeuzinho), numa concordância puramente gramatical.

A versão 23, muito resumida, diz apenas que o lobo engoliu a avó e tomou o seu lugar na cama.

As outras versões ligam-se a Grimm, pois afirmam que o lobo vestiu as roupas da avó.

Informações de Grimm

a) O lobo vai direto para a casa da avó: Le Loup, lui, courait tout droit vers la maison de la grand-mère.

No momento anterior, focalizou-se Chapeuzinho colhendo flores na floresta. O texto alemão inicia o momento atual dizendo que o lobo foi direto à casa da avó. Não diz, no entanto, que ele "corria".

A versão mais próxima a Grimm é a 33: Enquanto isso o lobo foi direto para a casa da vovó.... Não há a relação de adversidade do original: "O lobo, no entanto...."

A versão 6 é bem sucinta, podendo ligar-se tanto a Grimm quanto a Perrault: Ao chegar à casa da vovó....

Os dois textos usam a forma familiar "vovó".

b) O lobo bate à porta: Il frappa à la porte.

Não há a onomatopéia ("toc, toc"), como em Perrault.

As versões 1, 6, 18, 23, 30 e 33 trazem essa informação: bateu à porta.

A 12, 14, 15, 17, 19, 24, 27 e 29 usam, num desvio da nor-

ma culta, "bater na porta".

A 12 diz: batendo na porta.

A 14 introduz uma informação de Perrault:

E bateu leve na porta

Imitando a menininha.

Opta-se pelo diminutivo: "menininha".

A 15 afirma: quando bateram na porta.

E a 17: Bateu na porta.

A 19 acrescenta um item: Tomou fôlego e bateu na porta.

A 24 diz: Bateu na porta da casa da vovó. Há o uso da forma familiar "vovó".

A 27, como a 19, é alongada: Quando conseguiu encontrá-la não teve dúvidas e bateu na porta.

A 28 afirma apenas que o lobo "bateu" e é introduzida nova informação: Quando o lobo chegou à porta da velha, achou-a fechada; bateu.... Essa versão, que já chamou a avó "santa avozinha", trata-a agora por "velha".

A 29 diz simplesmente: bateu na porta.

Os itens acrescidos aos textos 19, 27 e 29 são completamente desnecessários à narrativa.

Algumas versões apresentam outras situações, que serão vistas à parte.

C) De dentro perguntam quem está do lado de fora

— Qui est-lã?

É a mesma pergunta existente em Perrault. Mas, aqui, serão consideradas apenas as versões que não possuem essa indagação no outro momento do conto (chegada de Chapeuzinho).

Apenas os textos 18, 28, 30 e 33 trazem a pergunta, como no original, sem indicar que foi feita pela avó.

Na 18 e 30 há:

— Quem é?

Na 28 e 33:

— Quem está aí?

A 12, 13, 17, 19, 24, 27, 29 e 31 acrescentam, desnecessariamente, que a avó fez a pergunta.

A 12 e a 24 falam em "vovó":

A 12 diz:

— Quem está aí? — a vovó perguntou.

A 24: "Quem é?", perguntou a Vovô.

A 13 e a 31 falam em "avozinha".

A 13 diz:

— Quem é? — perguntou a avozinha.

A 31 é menos objetiva: Lã de dentro, a avozinha da menina perguntou: — Quem é?

A 17 chama a avô de "velha":

— Quem é? — perguntou a velha.

A 19 prefere o diminutivo : A velhinha perguntou lã dentro:

— Quem é?

E a 27 e a 29 conservam "avô".

A 27 diz:

— Quem está aí? perguntou a avô.

Omite-se um travessão.

E a 29:

— Quem está batendo? — perguntou a avô....

d) O lobo responde que se trata de Chapeuzinho Vermelho, que traz bolo e vinho; pede que ela lhe abra a porta:

— C'est le petit Chaperon Rouge qui t'apporte du gâteau et du vin.

A tradução francesa não insiste no pedido final: "abra".

Apenas as versões 29, 30 e 33 trazem todas as informações desse trecho.

A 33 é mais fiel:

— Chapeuzinho Vermelho, que lhe traz bolo e vinho. Abra!

Na 29, a resposta do lobo é semelhante:

— Sou eu, Chapêuzinho Vermelho, trago vinho e bolo, abreme.

Na 30, o lobo diz:

— Sou o Chapeuzinho Vermelho. Trago-te um bolo e uma garrafa de vinho. Abre, Avô!

Fala-se em "um bolo" e "uma garrafa de vinho", ao invés de "bolo" e "vinho". Acrescenta-se também o vocativo, depois do pedido: "Abre, Avô!" Usa-se o artigo definido masculino acompanhando o nome da menina numa concordância gramatical.

Outras versões trazem essa resposta com modificações (12, 13, 17, 18, 19, 24, 27, 28 e 31).

A 12, 17, 18, 28 e 31 incluem a informação de Perrault de que o lobo alterou sua voz.

A 12 tenta inovar, fazendo brincadeiras com as palavras:

— É Chapeuzinho - zinho, Vermelhinho - lhinho — respondeu o Lobão Bravão, fazendo uma voz muito fininha....

O lobo tenta imitar a voz da menina ("muito fininha"). Não se fala o que "Chapeuzinho" traz.

Na 17, o trecho é mais completo:

— Sou eu, Chapêuzinho Vermelho, — falou o lobo, imitando a voz da menina. — Trouxe-lhe um bolo e uma garrafa de vinho. Abra a porta para mim, por favor!

Fala-se em "um bolo" e "uma garrafa" de vinho, e o lobo é "educado", pedindo "por favor".

A 18 é semelhante:

— Sou eu, vovô, Chapeuzinho Vermelho! — respondeu o lobo com voz disfarçada. — Estou te trazendo bolo e vinho. Abre a porta.

Na 28, omite-se o pedido final e fala-se na mãe:

— É Chapeuzinho Vermelho — respondeu o lobo, imitando a voz da menina. — Mamãe manda-lhe bolos e uma garrafa de vinho.

A 31 acrescenta outros detalhes: O lobo, afinando a sua voz o mais que podia, para que a velhinha pensasse que era a sua neta, respondeu: — Sou eu, Chapeuzinho Vermelho! Houve uma pausa, durante a qual o lobo ficou meio desconfiado, e a vovozinha pediu: — Fale mais alto, porque eu não ouço muito bem! O lobo respirou aliviado. Então era só isso! A velhinha era surda. Gritando, o vilão repetiu: — Sou eu, vovozinha, Chapeuzinho Vermelho. Alterna-se o tratamento dado à avó: "velhinha", "vovozinha" e "velha". O lobo é caracterizado como "vilão". Notam-se problemas no uso do travessão, e os acréscimos apresentam o óbvio, sem interesse para a trama (já explorada a surdez da avó, que vai constituir-se mais adiante em elemento de humor duvidoso). Há o discurso indireto livre: "Então era só isso..."

A 13, 19, 24 e 27 são muito sucintas.

A 13 diz:

— Sou eu, Chapeuzinho Vermelho — respondeu o lobo....

A 24 é idêntica (com aspas no lugar de travessão):

"Sou eu, Chapeuzinho Vermelho", respondeu o lobo....

A 19 mantém o pedido final:

— Sou eu, vovô. Abra a porta.

A 27 omite um travessão:

— É Chapeuzinho Vermelho, vovô! disse o lobo....

No que diz respeito a essa fala do lobo, três versões contêm todas as informações de Grimm; três outras acrescentam aos da

dos do texto alemão uma informação de Perrault; cinco, não indicando o tipo de comida (e/ou bebida) trazida, podem ligar-se tanto a um original quanto a outro.

Em quatro textos, evidenciam-se formas familiares na fala da falsa Chapeuzinho: aparece três vezes "vovô" e uma vez, "mãe".

e) A avó diz que é preciso virar a maçaneta; ela (avó) está muito fraca e não pode levantar-se:

— Tire la chevillette, dit la grand-mère. Je suis trop faible et ne peux me lever.

A tradução francesa corresponde ao original alemão, exceto quanto a "chevillette". Prefere usar a expressão empregada por Perrault.

Apenas as versões 18, 29, 30 e 33 reproduzem com maior fidelidade esse momento.

A mais fiel é a 33:

— É só virar o trinco, disse a vovô. Estou muito fraca e não posso me levantar.

Há problemas quanto ao uso do travessão.

A 29 opta por "taramela"; e tem um tom mais formal:

Levanta a taramela — disse-lhe a avó; — estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

A 18 e a 30 afirmam que a avó "gritou".

A 18 diz:

— Levanta o trinco — gritou a avó — estou muito fraca e não posso me levantar da cama.

A 30 afirma:

— Dá a volta ao trinco! — gritou a Avó — Eu estou muito fraca e não posso sair da cama.

Duas outras versões apresentam essa informação, mas de maneira diferente: 17 e 19.

Na 19, há um tom afetivo:

— É só puxar o trinco, minha netinha. Estou de cama... Ordem do doutor!

São introduzidas novas informações (o vocativo e a explicação final). Essa fala será repetida no momento seguinte da história, segundo o esquema de Perrault.

A 17 dá uma informação exatamente contrária à de Grimm:

— Vire a taramela e entre, falou a avó, levantando-se da

cama, para receber sua querida neta.

Há também a preocupação com a afetividade: "querida neta".

A maioria das versões (quatro) prefere usar a palavra "trinco". Duas ficam com "taramela". Quanto ao verbo escolhido, tem-se: "virar" (duas vezes), "levantar" (duas vezes), "dar a volta" (uma vez) e "puxar" (uma vez).

Ao se falar da avó, tem-se apenas uma vez a forma familiar "vovô". Em dois textos há uma referência carinhosa à neta: "minha netinha" (na fala da avó) e "querida neta" (na fala do narrador).

f) O lobo vira a maçaneta, a porta se abre, e ele, sem dizer uma palavra, vai à cama da avó e a engole: Le Loup tire la chevillette, la porta s'ouvre et sans dire un mot, il s'approche du lit de la grand-mère et l'avale.

O original alemão insiste que o lobo vai "diretamente" à casa da avó.

As versões mais próximas ao texto de Grimm são a 18, 29, 30 e 33.

A 18 é bastante fiel: O Lobo Mau levantou o trinco, a porta se abriu, e sem dizer uma só palavra foi diretamente à cama da pobre avozinha e devorou-a. Para maior dramaticidade da cena, há a oposição "Lobo Mau/"pobre avozinha".

A 29 também adota aqui o diminutivo "avozinha" e continua usando o verbo "engulir": O lobo levantou a taramela, a porta escancarou-se e, sem dizer palavra, precipitou-se para a cama da avozinha e engoliu-a. Há exagero nas ações: "a porta escancarou-se", "precipitou-se"; no que diz respeito a "precipitar-se", talvez haja uma interferência de Perrault, que diz que o lobo "se atirou" sobre a avó.

A 30 não especifica que o lobo "não disse palavra", mas insiste (como em Perrault) na rapidez com que tudo ocorreu: O Lobo deu a volta ao trinco, empurrou a porta e, num abrir e fechar de olhos, atirou-se sobre a velha e comeu-a. Aqui, fala-se em "velha" e não em "Avó", como de costume.

A 33 também toca ligeiramente na rapidez da ação: O lobo girou o trinco, e a porta se abriu. Sem dizer uma só palavra, dirigiu-se até a cama da vovozinha e, de uma só vez, a engoliu. Busca-se também o afetivo: "vovozinha".

Na versão 4, o lobo não come a avó, mas persiste uma informação de Grimm: O lobo abriu a porta, foi direto ao quarto.... Só

que, aqui, ele vai direto "ao quarto" e não "ã cama". E abre a porta, sem mexer em trinco ou algo parecido.

Outras versões falam que o lobo entra na casa, mas sem ligar-se diretamente a Perrault ou a Grimm: 5, 6, 7, 8, 13, 15, 16. Nelas, o lobo não devora a avó.

A 5 diz que ele empurrou a porta e entrou...

A 6 diz simplesmente: E o lobo entrou.

Na 5 e na 6, o lobo entra, depois de ter recebido instrução de como fazer isso.

Na 7, diz-se: Mas o malvado não se deu por vencido. Entrou na casa....

Na 8, é destacada a ferocidade do animal: O lobo entrou soltando ferozes rugidos.

A 13 diz apenas que ele entrou.

A 15 afirma que ele entrou e a surpreendeu....

A 16, que ele entrou na casa....

Algumas versões não se prendem especificamente a Perrault nem a Grimm quando dizem que o lobo comeu a avó: 23, 24 e 28.

A 23 afirma que ele engoliu a velha sem mastigar.

A 24, que ele comeu a Vovó....

A 28 diz que ele abriu a porta, engoliu de uma vez a pobre velhinha. Como na 29, há uma grafia incorreta: "enguliu". O texto continua utilizando recurso afetivo-apelativo: "pobre velhinha".

Quanto às informações desse trecho, apenas quatro versões conservam a idéia original de que o lobo seguiu as instruções da avó para abrir a porta. Três afirmam que ele "não disse uma só palavra", e outras três explicitam que ele foi "diretamente" à cama da avó. Quatro textos conservam o verbo "engolir", para designar a sua ação. Uma versão usa "devorar", e outra, "comer".

Em cinco versões, destaca-se a rapidez do ato. Três falam da maldade ou ferocidade do animal. Mostra-se, por outro lado, uma avó indefesa; tem-se: "pobre avozinha" e "pobre velhinha". A avó é também tratada por "avozinha", "vovozinha", "vovó" e "velha".

A maioria das versões omite dados do original alemão e também do francês.

g) O lobo põe as roupas e a touca da avó e deita-se na cama, fechando as cortinas em volta: Il enfile ses habits, met sa coiffe, se couche dan's son lit et tire les rideaux.

A tradução francesa confere com o original alemão.

Esse é o item mais comum nas versões em língua portuguesa.

Apenas os quatro textos que seguem mais de perto Perrault (20, 21, 22 e 26) e a 23 não o possuem. No entanto, somente as versões 29, 30 e 33 reproduzem, com fidelidade, o texto original.

A 29 diz: Depois, vestiu a roupa e a touca dela; deitou-se na cama e fechou o cortinado.

A 30 é semelhante: Depois vestiu a roupa dela, pôs a touca de dormir na cabeça, deitou-se na cama e correu os cortinados.

A 33 fala em "mosquiteiro", restringindo a função das cortinas em volta da cama: Então vestiu as roupas dela, colocou a sua touca, deitou-se na cama e puxou o mosquiteiro.

A versão 24 modifica um pouco esse esquema: e vestiu sua roupa. Depois, colocou a touca e se deitou na cama, fingindo ser a Vovó. É desnecessária e óbvia a última informação "fingindo ser a Vovó."

Outras versões variam o tipo de roupa: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 29, 24, 25, 27, 28, 31 e 32.

A 2, 10, 27 e 28 falam apenas em "roupa(s)".

A 2 diz: Depois de vestir umas roupas da vovó, o lobo se deitou na cama.

A 10 afirma: Então vestiu a roupa da vovó e se deitou na ca ma.

A 27 diz: Depois vestiu suas roupas e deitou-se na cama, en rolado num cobertor.

E a 28: em seguida, vestindo a roupa que ela costumava usar, deitou-se na cama.

A 4, a 11, a 13, a 19, a 31 e a 32 referem-se somente à "touca".

A 4 diz: O lobo deitou-se na cama da vovó, pôs uma touca e se cobriu com o cobertor.

A 11 diz que O Lobo Mau colocou a touca da avó de Chapeuzinho Vermelho e deitou-se na cama, esperando a menina.

A 13 é mais detalhada e, como a 24, explicita que o animal "fingiu" ser a avó: Depois o lobo pôs na cabeça a touca da velhinha e enfiou-se debaixo do cobertor, fingindo que era a avó, e ficou esperando Chapeuzinho Vermelho. O texto continua a usar o diminutivo: "velhinha".

A 19 também traz dados desnecessários: Tratou de fechar a porta e pôs na cabeça a touca branca com fitinhas da vovó. Depois meteu-se debaixo das cobertas e ficou só com a ponta do focinho de fora. Há uma informação de Perrault ("tratou de fechar a porta").

A 31 acrescenta uma fala do lobo: Em seguida, colocou na cabeça uma touca da velhinha e deitou-se na cama, dizendo: — Agora, vamos esperar aquela menina gordinha. Opta-se pela linguagem afetiva: "velhinha", "gordinha".

A 32 destaca a espera do animal, estendendo-se, inutilmente, em detalhes: O lobo deixou uma luzinha acêsa para que Chapêuzinho achasse logo a casinha. Depois de ter andado impacientemente pelo quarto, resolveu instalar-se na cama da vovó.

— Vou fingir que sou a avó.

Já esta meio escuro e a menina não notará nada de estranho. Vestiu a touca branca da avó e puxou o lençol até o queixo, escondendo-se bem.

— Perfeito! Tudo está dando certo!

Nem posso esperar que ela chegue!

Meu estômago já está rechamando...

E, dizendo isso, o lobo acomodou-se melhor na cama da velhinha que, a estas horas, desesperada, corria em direção a casa com os caçadores da floresta.

Todo feliz, o lobo pensava:

— Logo o meu jantar chegará!

Chapêuzinho não chegava e o lobo pensava consigo mesmo:

— Será que ela vai demorar?

— Ou será que se perdeu pelo caminho?

O texto apresenta um descuido gráfico: "esta" (verbo, sem o acento), ausência de " ("corria em direção a casa"), falas do lobo inadequadamente indicadas (tem-se a impressão de que há mais de uma pessoa falando). Há a preocupação com a afetividade, através de insistência no uso da forma diminutiva ("luzinha", "casinha", "velhinha"). A ação é retardada, com o acúmulo de informações desnecessárias.

A 8 não fala em "touca", mas em "gorro de dormir". O lobo então pegou o gorro de dormir da vovó, enfiou-se na cama e ficou esperando que Chapeuzinho Vermelho chegasse.

Algumas versões referem-se a "camisola" (especificando o tipo de roupa) e "touca" (1, 5, 17, 18, 25).

A 1 fala em "camisolão": Então, o lobo vestiu um camisolão e uma touca da vovó e se deitou na cama, cobrindo-se todo.

Na 5, há uma fala desnecessária do lobo: Vendo que não ia conseguir mesmo pegar a vovó, o lobo pensou em Chapeuzinho.

— Ela deve estar chegando! Vou me preparar!

Dizendo isso, vestiu uma camisola da vovó, colocou uma touca e deitou na cama. O tom é coloquial ("deitou na cama").

A 17 alonga a narração com pormenores da ação: Abriu a gaveta onde a velha guardava suas roupas, tirou uma camisola e uma touca. Vestiu-se e enfiou-se debaixo das cobertas, para esperar Chapêuzinho Vermelho.

A 18 diz apenas: Depois, vestiu a camisola dela, colocou a touca na cabeça e deitou-se na cama.

A 25 afirma que Então, o lobo pôs uma camisola e uma touca e se deitou na cama à espera de Chapeuzinho Vermelho.

Três textos (3, 12 e 14) acrescentam à "camisola" e à "touca" os "óculos".

A 3 afirma: O Lobo, então, vestiu uma camisola da vovó, a touca e pôs os óculos. Depois, deitou-se na cama.

A 12 tenta um toque humorístico, falando das impressões do animal: Então ele vestiu uma camisola da vovó, botou a touca e os óculos, e foi pra cama.

— Se eu tivesse os pés um pouquinho menores ela nem ia perceber a diferença — disse o lobo, que estava pensando que estava muito parecido com a vovó. O tom é informal: contração "pra", repetição típica da língua oral ("estava pensando que estava").

A 14 fala também da voz "rouca":

Vestiu-se com a camisola,

botou óculos e touca.

Cobriu-se todo na cama

e fez uma voz bem rouca.

O tom é coloquial: "botou óculos e touca".

A 15 refere-se a "manta" e "touca" e aumenta consideravelmente o trecho: Então começou a pensar no que ia fazer quando chegasse Chapeuzinho. Como era muito vivo, não tardou em ter uma idéia. Num cabide viu a touca e a manta da avozinha e pegou-as de um salto.

— Vou botar essas coisas e me meterei na cama. Quando Chapeuzinho chegar e me vir, pensará que sou a vovó.

Sem perder um segundo, enrolou-se na manta, enfiou a touca na cabeça e se meteu na cama.

As considerações do lobo só retardam a ação, sendo absolutamente desnecessárias. Registra-se o tom afetivo ("avozinha", "vovó") e informal ("vou botar essas coisas").

A versão 7 fala em "vestido" e "touca": Mas o malvado não se deu por vencido. Entrou na casa, colocou um vestido, uma touca e deitou-se na cama, disfarçado em vovozinha. Chapeuzinho não escapará, ah, isso é que não! — pensava a fera.

A ação também é retardada inutilmente.

A 6 e a 16 referem-se a "camisola":

A 6, respeitosamente, refere-se à avó como "Senhora":vestiu uma camisola da senhora e se deitou na cama.

A 16 diz: vestiu a camisola da vovó e se deitou na cama pra esperar Chapêuzinho Vermelho. O texto continua a apresentar um tom informal: "pra".

A 9 afirma simplesmente que o lobo se disfarçou: O lobo se disfarçou e deitou na cama, esperando a menina chegar. Há também um tom coloquial: "deitou na cama."

Vinte e nove versões trazem o dado de que o lobo se vestiu com as roupas da avó, mas varia o tipo de vestimenta; a maioria refere-se a "camisola" e "touca" ou "touca" simplesmente. A palavra "touca" aparece vinte e uma vezes; "camisola", onze vezes (incluindo "camisolão") e "roupa(s)", oito.

Dezoito textos dizem, como no original, que o lobo deitou-se na cama. Apenas três versões fazem referência às cortinas em volta da cama. Doze trazem uma informação de Perrault: explicitam que o animal está à espera de Chapeuzinho.

Há nesse trecho intromissão de detalhes novos. Algumas versões falam em "cobertas" ou "cobertor", insistindo na idéia de que o lobo procurava se ocultar. Outras reforçam que ele pretendia estar bem disfarçado. Há também destaque às características da "touca", ao plano de pegar Chapeuzinho, ao ritual de vestir-se, à longa espera, etc. Prolonga-se o trecho na tentativa de se explicitar as atitudes e pensamentos do animal.

Ao se falar na avó, aparece quinze vezes a forma "vovó"; três, "velhinha" e uma vez: "velha", "avozinha", "vovozinha" e "senhora".

Informações novas

a) Ao invés de bater à porta, o lobo busca outras formas de

As versões 2, 3, 8, 9, 10 e 32 inovam quanto à entrada do animal.

A 2 diz: Sem bater na porta, o lobo entrou. Há o desvio da norma culta: "bater na porta".

Na 3, ele pede para entrar:

— Posso entrar, vovó? — perguntou ele, disfarçando a voz.

Como a neta, ele chama a avó de "vovó", e persiste uma in-

formação de Perrault: "disfarçando a voz".

Na 8, ele "chama": Quando chegou lá, o lobo chamou, imitando a voz de Chapeuzinho. Continua a informação de que ele imitou a voz da menina.

A 9 diz apenas que ele enganou a avó, não se sabe como.

Na 10, ele é mais violento: Chegou e foi logo invadindo a casa da pobre velhinha. Não se fala se a porta estava fechada ou não, e a ação violenta do lobo está em oposição à fragilidade da avó: "pobre velhinha".

Na 32, ele entra pela janela, dando um grito: Encontrou a janela aberta e, imediatamente, pulou para dentro do quarto.

— Raaaaaaaaauuuuuuuuu...

Sua entrada "triunfal" assemelha-se aos atos dos super-heróis modernos.

Outras versões não explicam como o lobo entrou: ele chega e já vai ameaçando a avó (ou esta se esconde antes de vê-lo). Perde-se, dessa maneira, todo o ritual que precede sua entrada.

b) A avó dá ao lobo outras instruções de como entrar na casa

Essas instruções estão nas versões 1, 3, 4, 5, 8, 12, 13, 15, 23, 24, 27, 28 e 31.

Na 1, 3, 8, 13 e 15 a avó diz que a porta está aberta. Talvez queira dizer que ela não está trancada, mas não se fala em "trinco", "maçaneta" ou similar, como nos originais.

Na 1, ela afirma:

— Entre! A porta está aberta! — falou a vovó, pensando que fosse a netinha.

O trecho traz recursos afetivos ("vovó", "netinha"), e a fala da avó será reproduzida pelo lobo, no momento seguinte da história.

Na 3, ela diz:

— É você, Chapeuzinho? Pode entrar. A porta está aberta. O mesmo acontece na 6:

— Entre, queridinha. A porta está aberta.

A linguagem é afetiva: "queridinha".

E na 8:

— Entre, Chapeuzinho, a porta está aberta.

Na 13, introduz-se um novo diálogo a respeito da voz do lobo:

— Que aconteceu com você, Chapeuzinho? Porque está com a voz tão grossa? — perguntou a boa velhinha.

— É que... eu estou rouca! respondeu o lobo.

— Entre, querida, — disse a avó. — A porta está aberta.

Há um erro ortográfico ("Porque?") e insiste-se na afetividade: "boa velhinha".

Na 15, a avó, como se sentia muito fraca para levantar-se, disse: — Entre! A porta está aberta!

Na 14, na 5 e na 12, não se fala que a porta está aberta; há apenas a instrução de entrar.

Na 4, ela diz, carinhosamente:

— Ah, minha querida, entre. Estou deitada.

A 5 é semelhante:

— Ah, minha querida, pode entrar! Estou deitada...

Na 12, a avó se alegra:

— Que bom que você chegou! — disse a vovó. — Entre!

A 23 apresenta o trecho em discurso indireto: A velhinha, pensando que era a neta, mandou o lobo entrar. Usa-se o diminutivo: "velhinha".

Na 24 e 31, a própria avó abre a porta para o lobo.

A 24 diz simplesmente que A vovó abriu a porta.

A 31 se estende, desnecessariamente, com o acréscimo de várias informações: Desta vez, a bondosa anciã ouviu, porque exclamou sem perda de tempo! — Ah, espere aí, minha netinha, que eu já vou abrir a porta.

O lobo sorriu de lado com aquela vitória que se aproximava e exclamou!

— Está no papo! Enquanto colocava seu xale sobre os ombros, para enfrentar a friagem que haveria de entrar quando abrisse a porta, a vovó percebeu que o seu papagaio falava alguma coisa. E, na verdade, a ave, muito assustada, dizia: — Não abra, vovó! Não abra, vovó. Currupaco! Não é Chapeuzinho Vermelho coisa nenhuma! É o lobo!

A boa senhora ficou um instante olhando para o seu querido louro e, com tristeza, perguntou:

— Que é que você está resmungando aí, papagaio? Se falasse mais alto, eu saberia o que é. Mas, como não escuto muito bem, não sei o que está dizendo.

Vagarosamente, girou a chave, dizendo: — Espere aí, netinha. Já estou abrindo a porta....

São usados recursos afetivos: "bondosa anciã", "minha netinha", "querido louro", etc.

Surgem também expressões bem informais. Ex: "Está no papo!", ao lado de termos incomuns como "anciã".

Na 27, o lobo deve apenas "empurrar" a porta:

— Pode entrar, é só empurrar a porta, respondeu a velhinha.

Na 28, há uma "chave" "debaixo da porta":

— Procure debaixo da porta — disse a avó — que, minha filha, encontrará a chave.

Nessas versões a avó é tratada preferencialmente de "vovó" (a forma aparece seis vezes); tem-se ainda: "velhinha" (três vezes), "anciã" e "senhora" (uma vez cada).

c) Reações da avó, ao ver surgir o lobo

Contrariamente aos originais, na maioria das versões em língua portuguesa o lobo não devora a avó. Preocupadas em "amenizar" qualquer violência, elas optam por outras saídas, desvirtuando a essência dos contos de Perrault e de Grimm.

. A avó se esconde dentro de um armário

É a opção mais comum, apresentada nas versões 1, 3, 4, 5, 8 e 25.

A 1 diz: Mas, ao ver o lobo malvado, a vovó correu e se escondeu dentro de um armário, trancando-se por dentro. Insiste-se na maldade do lobo.

Na 3, exagera-se o susto da avó: Mas, quando a vovó percebeu...

— Socorro! É o Lobo!

E, correndo o mais que pôde, escondeu-se dentro de um armário. O curioso é que a mãe de Chapeuzinho havia dito, no início, que a avó estava "muito doente"; no entanto, ela consegue correr, facilmente.

A 4 afirma que ela corre, "mesmo doente":

— Pronto! Peguei você, vovó! Agora como você e depois a menina, de sobremesa!

Coitadinha da vovó! Ficou tão assustada, que, mesmo doente, deu um pulo da cama e conseguiu se esconder dentro do armário, sem que o lobo a pegasse. São introduzidas outras informações. O lobo ameaça comê-la, fazendo uma ligeira referência à idéia de Grimm: pegar as duas. Há um recurso afetivo-apelativo: "coitadi-

nha da vovô!".

A 5 é mais resumida que a 4, mas não se distancia muito dela: Ao vê-lo, a vovô ficou tão assustada que, mesmo doente, deu um pulo da cama e foi se esconder dentro do armário.

A 8 é semelhante à 5: Muito assustada, a vovô teve que pular da cama e se esconder no armário.

A 25 diz apenas que a avô, assustada, escondeu-se num armário.

Todas essas versões, com exceção da 25, usam a forma familiar "vovô".

. A avô se esconde no sótão

As versões 2 e 7 trazem essa informação.

A 2 diz que Ao vê-lo, a vovô se assustou, correu, subiu as escadas e foi se esconder no sótão da casa, trancada a sete chaves. Enfatiza-se o medo da avô: "trancada a sete chaves".

A 7 afirma: Bem... a coisa não saiu tão bem quanto o lobo esperava, porque a velhinha percebeu as suas intenções e escondeu-se no sótão. Não se explica, porém, como ou por que a avô descobriu as intenções do lobo. O texto adota um tom informal ("a coisa não saiu") e afetivo ("velhinha").

. A avô se esconde na despensa (ou em algum outro lugar)

A versão 17 traz esse item: Vendo o lobo, a velha teve um medo! Correu e se trancou na despensa.

A versão 16 não especifica o local do esconderijo da avô. Diz apenas que Quando a vovô viu o lobo chegando, foi logo se esconder.

. A avô desmaia

Essa informação existe nas versões 9, 17 e 31.

A versão 9 usa o diminutivo para caracterizar a avô: A velhinha levou um susto e desmaiou.

Na 17, ela desmaia depois de ter-se trancado na despensa: Estava muito fraca e caiu no chão, desmaiada.

A 31 é mais exagerada: Mas, em lugar da sua querida neta, o que ela viu foi o temível lobo do bosque, parado, em atitude ameaçadora, diante da porta escancarada. A velhinha não resistiu e, com um grito fininho, desmaiou. Os adjetivos dão bem a medida des

se exagero. Tenta-se uma linguagem afetiva: "querida neta", "velhinha". Opõe-se a fragilidade da "velhinha" à ferocidade do "temível" lobo. Aliás, o lobo, nesse texto, vinha cumprindo um papel mais de "malandro" do que de um tipo "temível".

. A avó foge

As versões 12 e 32 optam por essa saída.

A 12 apresenta toques humorísticos, sempre num registro in formal: Assim que o Lobão entrou, a vovó, que já estava velha mas não era boba, viu logo que aquilo não era Chapeuzinho, e saiu correndo para a floresta, com quantas pernas tinha.

Na 32, a ação da avó é descrita dramaticamente:

.... A pobre da vovó estava deitada, ainda muito fraca. Porém, assustada com o rugido, pulou da cama e saiu correndo porta a fora, com medo da horrível fera.

Sabendo que talvez Chapêuzinho chegasse, foi para o bosque à procura dos caçadores.

.... Enquanto isso, no bosque, os caçadores já se preparavam para voltar às suas casas, quando viram a vovó chegando, correndo, lá ao longe.

A noite avançava e um clarão de luar iluminou tãda floresta. Os valentes caçadores acalmaram a desolada e receiosa mulher e logo arquitetaram um plano para resgatar Chapêuzinho.

— "Preparem as machadinhas, pois é possível que tenhamos de derrubar a porta" — disse o primeiro.

— "A porta é de madeira ou é de ferro?" — Perguntou o terceiro.

— "E a espingarda, onde está?" — Lembrou o primeiro, que já estava pronto para sair.

— "Hé! Talvez, precisaremos dela. Está aqui!" — disse o terceiro, mostrando-a aos outros.

Esperançosos e decididos, porém preocupados, êles arrumaram todos os seus apetrechos, o mais apressadamente que puderam. Todos os três não conheciam o medo, mas o silêncio e as trevas da floresta, são tão imponentes que êles partiram, segurando firmemente suas armas.

A avó de Chapêuzinho ia atrás dêles correndo apressadamente. Naquela noite escura ela enfrentava todos os perigos para salvar sua querida netinha. Seu corpo era forte e seu ânimo e coragem também, mas seus receios se tornavam sempre maiores à medida que as horas transcorriam. Nessa enorme aflição, via mil perigos dife

rentes, atacando Chapêuzinho. Ora imaginava-a com a face angustiada estendendo-lhe os bracinhos, com enorme lobo a persegui-la, ora pensava na mãe de sua netinha, que era sua filha, desfalecer de dor, ao conhecer a tremenda desgraça, que acontecera com Chapêuzinho.

Vocês sabem que a imaginação corre muito mais ligeiro, do que a realidade. Assim, o corre-corre, da pobre velhinha aumentava cada vez mais a sua preocupação. Cada minuto que passava era uma tortura que redobrava seu cansaço e fazia suas lágrimas deslizarem livremente pelas faces.

— "Não chore, vovô, ainda temos tempo para salvar sua netinha".

— Ânimo, vovô. Pare de se preocupar.

— Vamos dar uma surra enorme nesse lobo, caso tenha tocado em um só fio de cabelo de Chapêuzinho."!

— "Vamos, vamos, corram". Hei! vamos depressa!

Nem por um momento ninguém pensou em descansar muito embora a fadiga fazia arjar o peito descompassadamente pela corrida em louca disparada. De súbito, um morcêgo, assustado pela passagem dos caçadores, lançou um grito feio e estridente, e, voando baixo demais, deu um tremendo susto na vovô que quase caiu de costas desmaiada.

Imaginem, vocês, o que é, na negrura envolvente da noite, no meio da floresta, onde tudo é silêncio, receber um grito destes quase no ouvido. Depois de acalmarem a velhinha os caçadores empreenderam novamente a corrida. Mal sabia o lobo o que lhe estava reservado..."

Além de numerosos, os adjetivos vêm antepostos, tornando-se mais subjetivos e emocionais. (A adjetivação é dupla ou mesmo tripla.) Vários estão em grau superlativo ou comparativo de superioridade.

São inúmeros os intensificadores: "muito", "demais", "tão". A mesma tentativa de emocionar antepõe vários adjuntos adverbiais.

A hipérbole, a constante do texto, seria um excelente recurso estilístico, se a angulação fosse da personagem. Mas a narração tem o próprio narrador, com seus clichês, a comandar a perspectiva da cena.

Há um constante diálogo com o leitor ("vocês sabem que a imaginação corre.... Imaginem, vocês, o que é, na negrura...."); tenta-se aproximá-lo da "emocionante" aventura da avó.

Encontram-se problemas de ortografia ("receiosa") e de pontuação, uso inadequado da negação: "Nem por um momento ninguém...";

"Todos os três não conheciam o medo, mas o silêncio e as trevas da floresta, são tão imponentes que eles partiram, segurando firmemente suas armas". É ilógico este último período citado.

A avó que "corre apressadamente" é a mesma que no início do conto sentia-se muito fraca e não conseguia levantar-se da cama.

. O lobo prende a avó no armário

Aqui, já se permite uma certa violência, que não acaba, no entanto, em morte.

As versões 6, 10, 11 e 31 trazem essa informação.

A 6 diz apenas que O lobo prendeu a vovó num armário.

Na 10, afirma-se: Ela nem teve tempo de gritar socorro, pois o Lobão amarrou-a bem apertado e jogou-a amordaçada dentro de um armário.

A 11 usa o diminutivo para caracterizar a avó: trancou a velhinha dentro do armário.

Na 31, o lobo prende no armário a avó já desmaiada. Sempre preocupado em acrescentar outros detalhes, esse texto apresenta, aqui, a violência também com o papagaio. A intromissão desse papagaio é completamente desnecessária ao desenrolar da narrativa e funciona como tentativa de um toque "pitoresco": Ao perceber o que se passava o papagaio começou a gritar por socorro. Com um salto, o lobo agarrou a ave e amarrou-lhe o bico com um lenço. Depois, com um pedaço de corda, prendeu o papagaio numa das hastes da cama. O pobrezinho não podia nem se mexer.

O lobo arrastou a avó de Chapêuzinho Vermelho e a prendeu dentro de um armário.

d) Reações do lobo ao ver a avó escapar

Aparecem nas versões 4, 5, 7, 12, 17 e 32.

Na 4, na 5 e na 17 ele fica com raiva.

Na 4 é grande essa raiva: E a fera ficou xuxando o dedo fula de raiva. O tom é bem coloquial: "xuxando", "fula".

O mesmo acontece na 5: O lobo ficou furioso e começou a bater na porta do armário, mas a vovó a tinha trancado por dentro.

E na 17: O lobo ficou furioso!

Na 7, não se diz se ele ficou com raiva ou não; apenas que o Malvado não se deu por vencido. O lobo é caracterizado: "malvdo", "fera".

Na 12 e na 32, ele não se importa com o fato.

A 12 diz que ele não ligou muito. O que ele queria mesmo era pegar Chapeuzinho Vermelho.

A 32 diz que ele não se importou, pois o que queria era mesmo Chapêuzinho, e não lhe interessava a avó.

— Deixarei que ela fuja.

— Não vou comer esta velha feia.

— Prefiro esperar Chapêuzinho que é um petisco muito melhor.

— He! He! He! Daqui a pouco estará aqui e eu a devorarei".

Usa-se inadequadamente o travessão, como se fosse mais de uma pessoa falando.

Quanto a esse quarto momento do conto, quatro textos prendem-se a Perrault, e apenas dois a Grimm. Vinte e sete misturam in formações de um e de outro, ou são vagos e/ou modificados. Vinte e três trazem novos dados, e vinte e um omitem itens comuns aos dois originais, com variações: o lobo chega a casa da avó, bate à porta, responde à pergunta feita pela avó, entra, seguindo suas instruções, devora-a e deita na cama.

A informação mais constante é a de que o lobo se vestiu com as roupas da avó (aparece em vinte e sete versões), apesar de serem alteradas as vestimentas.

A informação menos constante é a de que o animal foi direto à casa da avó (sem especificações de que ele "correu"): está pre sente em apenas uma versão.

Os textos mais fiéis a Perrault são o 20, 22 e 26, e o mais fiel a Grimm é o 33. O mais resumido é o 16, e os mais alterados o 31 e 32.

Várias informações acrescentam-se aos dados originais (omitem-se diversos itens importantes). A maioria das versões apresenta reações diferentes da avó, diante do perigo do lobo (algumas com tentativas de humor). São comuns também novas instruções sobre como abrir a porta; aliás, o "ritual" de entrada é constantemente modificado. Certos trechos chegam a prescindir de lógica.

Esses detalhes novos, que retardam a narrativa vêm expressos preferencialmente por novos períodos. Acrescentam-se também novas orações, que aumentam desnecessariamente os períodos que contêm as informações originais.

Continua o uso da forma diminutiva, na fala do narrador, da avó e do lobo (este último adota uma linguagem "infantil", ao tentar passar por Chapeuzinho). Tem-se, por exemplo, mais de dez vezes cada: "velhinha", "avozinha", "netinha".

Os adjetivos que se acrescentam aos textos servem para caracterizar principalmente o lobo, realçando a sua maldade. O "inf^{ort}únio" da avó também é destacado: é chamada muitas vezes de "pobre" vovó.

Quando ao registro usado, há versões que optam pelo coloquialismo: contração "pra", omissão do objeto direto e do indireto, nomes e verbos típicos da língua oral ("coisas", "botar", "papo", etc). Algumas têm o tom mais formal com o uso do pretérito mais-que-perfeito simples.

Em algumas versões, há problemas quanto ao uso do travessão nas falas de certas personagens. Nota-se também o verbo "engulir".

Cinco textos usam o pronome "tu" nos diálogos entre a avó e o lobo.

A avó é chamada preferencialmente de "vovó" pelo narrador e por outras personagens: lobo, papagaio, caçadores. A forma familiar "mamãe" aparece também na fala do lobo.

2.3 Clímax: Encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo, na casa da avó

Perrault:

.... en attendant le Petit Chaperon rouge, qui, quelque temps après, vint heurter à la porte: toc, toc:

— Qui est là?

Le Petit Chaperon rouge, qui entendit la grosse voix du Loup, eut peur d'abord mais croyant que sa grand-mère était enrhumé, répondit:

— C'est votre fille, le Petit Chaperon rouge, qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre, que ma mère vous envoie.

Le Loup lui cria en adoucissant un peu sa voix:

— Tire la chevillette, la bobinette cherra.

Le Petit Chaperon rouge tira la chevillette, et la porte s'ouvrit.

Le Loup, la voyant entrer, lui dit en se cachant dans le lit, sous la couverture:

— Mets la galette et le petit pot de beurre sur la huche, et viens te coucher avec moi.

Le Petit Chaperon rouge se déshabille, et va se mettre dans le lit, où elle fut bien étonnée de voir comment sa mère-grand était faite en son déshabillé. Elle lui dit:

— Ma mère-grand, que vous avez de grands bras!

— C'est pour mieux t'embrasser, ma fille!

— Ma mère-grand, que vous avez de grandes jambes!

— C'est pour mieux courir, mon enfant!

— Ma mère-grand, que vous avez de grandes oreilles!

— C'est pour mieux écouter, mon enfant!

— Ma mère-grand, que vous avez de grands yeux!

— C'est pour mieux te voir, mon enfant!

— Ma mère-grand, que vous avez de grandes dents!

— C'est pour te manger!

Grimm:

Pendant ce temps, le petit Chaperon Rouge avait fait la chasse aux fleurs. Lorsque la fillette en eut tant qu'elle pouvait à

peine les porter, elle se souvint soudain de sa grand-mère et reprit la route pour se rendre auprès d'elle. Elle fut très étonnée de voir la porte ouverte. Et lorsqu'elle entra dans la chambre, cela lui sembla si curieux qu'elle se dit: "Mon Dieu, comme je suis craintive aujourd'hui. Et, cependant, d'habitude, je suis si contente d'être auprès de ma grand-mère!" Elle s'écria: "Bonjour!" Mais nulle réponse. Elle s'approcha du lit et tira les rideaux. La grand-mère y était couchée, sa coiffe tirée très bas sur son visage. Elle avait l'air bizarre. "Oh, grand-mère, comme tu as de grandes oreilles."

— C'est pour mieux t'entendre...

— Oh! grand-mère, comme tu as de grands yeux!

— C'est pour mieux te voir!

— Oh! grand-mère, comme tu as de grandes mains!

— C'est pour mieux t'ètreindre...

— Mais, grand-mère, comme tu as une horrible et grande bouche!

— C'est pour te manger!

Em Perrault, não é feita qualquer referência, nesse momento do conto, ao passeio que a menina fez pela floresta. Ela aparece, algum tempo depois, batendo à porta. Há o diálogo com o lobo, antes de a porta ser aberta. Entrando, a menina recebe, silenciosamente, as instruções do animal, obedece-as e só aí começa o diálogo final: "Ma mère-grand, que vous avez de grands bras!" Segundo Soriano, há uma progressão dramática culminando com o diálogo, o qual está presente, aliás, em todas as versões populares. A modificação feita por Perrault, para obter um melhor efeito estético, teria sido a omissão proposital do advérbio "mieux" na última frase do lobo. Seria esperado no final "C'est pour mieux te manger", como nas frases anteriores, e aparece "C'est pour te manger". Como afirma o estudioso francês, "La suppression du mot "mieux" et la brusque réapparition du pronom "te" qui précise et spécifie la menace du loup suffisent.... à provoquer l'effet de peur ou de surprise escompté. C'est vraiment du très grand art, obtenu par une économie de moyens telle qu'ils en deviennent imperceptibles. Il est déplorable que certains éditeurs, par simple négligence et emportés si l'on ose dire par la vitesse acquise, ajoutent "mieux" à la dernière réplique du loup, ce qui revient à banaliser le texte ou en tout cas à le priver d'un de ses plus subtils harmoniques (36, p. 158).

Como já foi observado no momento anterior, há uma correspondência entre a conversa de Chapeuzinho com o lobo, antes de a menina entrar na casa, e a do lobo com a avó, pouco antes. Seriam episódios simétricos. Soriano afirma que Perrault teria suprimido, no trecho que se segue à entrada da menina na casa, informações constantes em todas as versões populares: o lobo convida Chapeuzinho a comer a carne e a beber o sangue da avó, que estão sobre a arca. Um animal doméstico (ou voz misteriosa) a informa sobre o que ela come. Além disso, é eliminado também o "strip-tease" da menina, que pergunta ao lobo onde colocar cada peça de roupa, depois de tirá-la. (36, p. 156).

Em Grimm, o início do encontro da menina com o lobo é um pouco diferente. Focaliza-se Chapeuzinho Vermelho no seu passeio pela floresta. Evidencia-se o prazer que ela sente: lembra-se da avó apenas quando já é difícil carregar todas as flores que havia colhido. Segundo Bettelheim, "... só quando apanhar flores deixa de ser agradável, o id em busca de prazer recua e Chapeuzinho torna-se ciente de suas obrigações". (42, p. 207) Chegando à casa, não é necessário bater à porta: ela está aberta, para seu espanto. Entrando, sente-se inexplicavelmente assustada. Tenta uma comunicação, não obtém resposta, aproxima-se da cama e, percebendo a aparência estranha da "avó", inicia o diálogo: "Ai, avó, que orelhas grandes tu tens!"

Percebe-se, dessa maneira, como em Perrault o lobo é mais atuante, cabendo à menina apenas o papel de receber, submissa e ingenuamente, as instruções, sem nada questionar, até o momento em que se vê junto a ele, na cama. Bettelheim, analisando o trecho em que o lobo diz a ela que seus braços são para "abraçá-la" melhor, chega a dizer: "como Capinha não responde a esta sedução óbvia e direta com uma tentativa de escapar ou lutar, ou ela é estúpida ou deseja ser seduzida". (42, p. 205)

Em Grimm, a menina é ativa, investiga a situação, sente-se apreensiva, aproxima-se curiosamente da suposta avó, por iniciativa própria. Segundo Bettelheim, ela tem uma "atitude interrogativa quanto ao que encontra no mundo". (42, p. 208) O lobo não diz palavra, a não ser quando é indagado diretamente a respeito de suas grandes orelhas, iniciando-se aí o diálogo decisivo. Bettelheim interpreta-o: "Aqui temos uma enumeração dos quatro sentidos: audição, visão, tato e paladar, que a criança púbere usa para compreender o mundo" (42, p. 208)

Informações que antecedem o diálogo final, segundo Perrault

a) Algum tempo depois, Chapeuzinho bate à porta: qui, quelque temps après, vint heurter à la porte: toc, toc.

As versões 20, 21, 22 e 26 trazem, mais de perto, essa informação.

A mais fiel é a 20, que reproduz exatamente a estrutura de Perrault: que pouco depois veio bater à porta: toc, toc!

A 26 altera o tempo verbal (usa o imperfeito) e acrescenta o advérbio "também", para mostrar que Chapeuzinho repete a ação que o lobo havia feito pouco antes: que pouco depois também batia na porta, toc, toc, toc... No que se refere à onomatopéia, essa versão acrescenta mais uma batida, para mostrar, talvez, impaciência. Há o desvio da norma culta: "batia na porta"

A 22 usa, inadequadamente, um travessão, antes da onomatopéia: que não tardou a bater:

— Toc, Toc.

Na 21, a onomatopéia é aportuguesada: Não demorou muito e Capinha chegou. Bateu, toque, toque.

Outras versões apresentam a batida à porta, com modificações, mas conservando a onomatopéia: 1, 4, 5, 7 e 32.

Na 1, a onomatopéia vem antes: Toc! Toc! Toc! Chapeuzinho Vermelho bateu à porta.

A 4 introduz uma fala de Chapeuzinho, além da onomatopéia, e não explicita que ela bateu à porta: Toc! Toc! Toc!

— Vovó! Cheguei!

A 5 registra apenas a onomatopéia: Toc! Toc! Toc!

Na 7, há a preocupação em se determinar o tempo gasto para Chapeuzinho chegar: Dez minutos depois, Chapeuzinho Vermelho batia na porta da casa da vovozinha: Toc... Toc... Toc... Há o uso afetivo ("vovozinha") e o uso da norma culta ("batia na porta")

A 32 diz: Chegou perto da porta e toc... toc... toc... bateu de leve.

Esses cinco textos ampliam a batida original. E nota-se que a pontuação varia: há pontos de exclamação e reticências. Tais detalhes servem para revelar o sentimento da menina, ao chegar à casa da avó. Por exemplo, as batidas "Toc! Toc! Toc!" demonstrariam maior pressa e aflição que "Toc... Toc... Toc...". Nas versões 1, 4, 5 e 32 não se fala quando Chapeuzinho chegou.

As versões 3, 9, 12, 13, 15, 19 e 24 não introduzem a onoma

topéia, relatando, de maneiras diversas, a ação de bater à porta.

A 12, 15 e 19 falam do momento da chegada de Chapeuzinho, e as três afirmam que ela chegou muito pouco tempo depois.

A 12 diz: Logo, logo, Chapeuzinho chegou e bateu na porta. Há o desvio da norma culta: "bateu na porta".

A 15 afirma que o lobo Logo ouviu chegar Chapeuzinho, que bateu na porta. Há o mesmo desvio.

A 19 afirma que Mal se deitou, bateram à porta. Prefere-se o sujeito indeterminado.

A 24 não explicita quando a menina chegou: Chapeuzinho chegou à casa da Vovó e bateu à porta.

Na 3, há uma pergunta da menina: Quando Chapeuzinho chegou à casa da vovó, bateu na porta, perguntando se podia entrar. Usa-se também "bater na porta".

Na 9, há referência à "cestinha" e também o desvio da norma culta: colocando a cestinha no chão, Chapeuzinho bateu na porta anunciando....

A 13 fala do sentimento de Chapeuzinho: Bateu à porta alegremente....

Oito textos conservam a informação de que a menina não demorou a chegar à casa da avó. Doze falam do seu ato de bater à porta; seis desviam-se da norma culta (usam "bater na porta") e duas dizem apenas que ela "bateu". Sete versões utilizam a onomatopéia, algumas com as variações já observadas. Aparece três vezes a forma "vovó" e uma vez "vovozinha".

b) De dentro perguntam quem está do lado de fora:

— Qui est là?

O lobo pergunta à menina o mesmo que a avó lhe havia perguntado, um pouco antes.

Apenas as versões 20, 22 e 26 mantêm esse esquema.

Na 20 e na 22, o lobo pergunta:

— Quem é?

Na 26, há:

— Quem está aí?

Na 21, que normalmente segue Perrault, não há a simetria:

— Quem é? gritou o lobo do fundo da cama.

Há o uso inadequado do travessão.

As versões 5, 15 e 19 introduzem uma informação que foge ao

texto de Perrault, nesse momento: a de que o lobo modificou sua voz. Tudo indica que ele falou a Chapeuzinho, com sua voz normal. Tanto que ela se assusta. Mais tarde é que ele "adoça" a voz, temendo ser reconhecido.

A 5 diz:

— Quem está aí? — perguntou o lobo, disfarçando a voz.

A 15 usa o diminutivo para caracterizar a avó:

— Quem é? — perguntou o lobo, imitando a voz da vovozinha.

A 19 tenta ainda maior afetividade: Imitando a voz da boa velhinha, o Lobo Mau perguntou:

— Quem é que está batendo?

A versão 24, ao contrário, nesse instante, fala de uma voz "rouca": Ouviu uma voz rouca perguntar "Quem é?"

c) Chapeuzinho sente medo, de início, mas, acreditando que sua avó está resfriada, responde-lhe: Le Petit Chaperon, qui entendit la grosse voix du Loup, eut peur d'abord, mais, croyant que sa grand-mère était enrhumée, répondit....

Apenas quatro textos apontam, com fidelidade, esse dado: 20, 21, 22, 26.

A 20 é bastante fiel: Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grossa do Lobo, a princípio teve medo, mas pensando que sua avó estivesse resfriada, respondeu....

A 26 opta pelo diminutivo: Chapêuzinho Vermelho, ouvindo a voz grossa do lôbo, teve um pouco de medo, mas depois, pensando que talvez sua avõzinha estivesse resfriada, respondeu....

Numa tradução mais livre, o texto 21 não especifica, inicialmente, como é a voz do lobo, mas no final fala em "rouquidão": Capinha assustou-se com aquela voz, mas como a vovó estivesse do ente julgou que fôsse rouquidão, e respondeu....

A 22 destaca a voz do lobo, com a anteposição do adjetivo ("grossa voz") e fala, curiosamente, em "bronquite": Ouvindo a grossa voz do Lôbo, primeiro Chapêuzinho Vermelho teve medo; mas pensando que sua avó estivesse com bronquite, respondeu....

A versão 32, apesar de modificar bastante a estrutura do texto original, conserva algumas de suas idéias: Ouviu então uma voz rouca, que disse:

— Entre, minha netinha.

— Puxa! A vovó esta doente mesmo

— Até sua voz mudou!

Como se vê, há referência à voz do lobo e ao estranhamento de Chapeuzinho. O texto continua no seu descuido gráfico: falta o acento em "está", e prossegue a utilização inadequada do travessão.

Em duas versões aparece a forma familiar "vovó".

d) A menina diz que se trata de Chapeuzinho Vermelho, que traz um bolinho e um potinho de manteiga, enviados pela mãe:

— C'est votre fille, le Petit Chaperon rouge, qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre, que ma mère vous envoie.

Também nesse trecho a fala de Chapeuzinho é a mesma do lobo, momentos antes. Conserva-se o coloquial: a menina fala em "fille", ao invés de "petite fille".

Apenas as versões 20 e 22 fazem essa total correspondência. (As falas já foram comentadas.)

A 20 diz:

— Sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que lhe traz um bolo e um pote de manteiga que a mamãe lhe manda.

A 22 afirma:

— É sua neta Chapêuzinho Vermelho, que traz para a senhora um pãozinho e uma tigelinha de manteiga que minha mãe lhe envia.

As versões 21 e 26 trazem alterações quanto a essa resposta do animal.

A 21, como já foi visto, modifica um pouco a fala de Chapeuzinho, em relação à fala anterior do lobo, mantendo a 3ª pessoa:

— É sua neta, Capiñha, que vem trazer uns bolos e manteiga que mamãe manda.

Antes, havia "um bôlo"; agora, são "uns bolos". Em ambas as falas, há supressão do objeto indireto.

Na 26, a alteração não é grande: é apenas um problema de colocação de pronome e o acréscimo de um artigo e do pronome objeto indireto:

— É a sua netinha, Chapêuzinho Vermelho, que lhe vem trazer uns bolinhos e um potinho de manteiga que a mamãe lhe mandou.

O tom dessa fala acaba sendo mais formal que o da fala anterior do lobo, no quarto momento do conto.

Algumas outras versões trazem essa idéia, com variações (4, 5, 9, 13, 15, 19, 24 e 31).

Na 4, a menina não diz explicitamente que é Chapeuzinho, mas

insinua isso, ao dizer:

— Vovó! Cheguei!

Na 5 e na 13, ela fala das comidas que vem trazendo.

Na 5 diz:

— Sou eu, a sua netinha! Trago tortas para a senhora.

Na 13, ela afirma:

— Trouxe-lhe um bolo, rosquinhas e geléia, que a mamãe mandou — disse Chapeuzinho Vermelho.

Na 9, 15, 19 e 24, a fala é mais sucinta.

Na 9, a menina diz:

— Sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

A 15 é semelhante:

— Sou eu, Chapeuzinho Vermelho — respondeu a menina.

O mesmo acontece com a 24:

— e respondeu: "Sou eu, sua netinha."

A 19 introduz o pedido que o lobo havia feito à avó, no momento anterior do texto de Grimm:

— Sou eu, vovó! Chapeuzinho! Abra a porta!

Há aflição e pressa em entrar.

Na 31, nada é perguntado a Chapeuzinho. Ela encontra a porta aberta e diz-se que Dando uma corrida, a menina foi gritando: — Vovozinha, sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

Em seis versões, a menina anuncia à "avó" que se trata da sua neta (três textos falam em "netinha"); quatro acrescentam que se trata mesmo de "Chapeuzinho Vermelho". Quatro não se referem a "neta", apenas a "Chapeuzinho Vermelho". Seis textos falam na comida trazida, sendo que dois inovam o tipo. Cinco conservam a informação de que a comida foi enviada pela mãe (quatro usam a forma familiar "mamãe"). Em duas versões, a menina chama a avó de "vovó" e, em uma, de "vovozinha".

e) O Lobo, "adoçando" um pouco sua voz, dá-lhe as instruções de como entrar: Le Loup lui cria en adoucissant un peu sa voix:

— Tire la chevillette, la bobinette cherra.

Há a repetição da instrução que a avó havia dado ao lobo.

As versões mais próximas do original são a 20, 21, 22 e 26. Nelas, há total correspondência entre essa fala e a da avó, no momento anterior.

A 22 faz uma tradução bastante fiel, apenas pospondo o sujeito ao verbo: Gritou-lhe o Lobo, adoçando um pouco a voz:

— Puxa a aldrava e o trinco se abrirá.

A 26 intercala a oração adverbial, para destacá-la, opta por uma tradução bem próxima do original, mas não é fiel no que toca ao verbo "dicendi" (prefere "dizer" a "gritar", como em Perrault): O lobo, abrandando um pouco a voz, lhe diz:

— Puxa a tranca, que a porta abre!

Na 20, omite-se o objeto indireto e tem-se uma tradução mais livre: O Lobo gritou, afinando a voz:

— Puxe o ferrolho, que o trinco abre.

Na 21, apenas nesse trecho há correspondência entre o que diz o lobo e o que havia dito a avó, e isso é explicitado desnecessariamente (o interesse da passagem reside na repetição natural da cena anterior; chamar a atenção para esse recurso corre o risco de ser uma redundância). A avó continua sendo chamada, pouco respeitosamente, de "velha". A tradução também é livre: O lobo repetiu para a menina o que lhe havia dito a velha, procurando sempre mudar a voz:

— Vira a taramela e entre.

Duas outras versões apresentam falas diferentes: a 7 e a 19.

A 7 ainda se aproxima um pouco de Perrault, se bem que não há explicação de como se abrir a porta; explicita-se, desnecessariamente, que se trata de uma "falsa vovó":

— Abra, você mesma, netinha! — respondeu lá de dentro a falsa vovó.

E essa versão suprime várias etapas do diálogo: o lobo dá a instrução imediatamente depois de a menina bater à porta.

A 19 reproduz o diálogo, apresenta a explicação do lobo, mas acrescenta informações de Grimm, (e outras novas), como já foi visto:

— É só puxar o trinco, netinha.... Estou de cama.... Ordem do doutor!

Ambas as versões optam pela forma afetiva "netinha".

Na maioria dos textos, o lobo dá à menina outras instruções de como abrir a porta; serão vistas à parte.

f) Chapeuzinho segue as instruções do lobo, e a porta se abre: Le Petit Chaperon rouge tira la chevillette et la porte s'ouvrit.

Também há correspondência entre essa ação de Chapeuzinho, e a do lobo, momentos antes.

Apenas as versões 22 e 26 trazem essa correspondência.

A 22 diz que Chapêuzinho Vermelho puxou a aldrava e a porta abriu-se.

A 26, que Chapêuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta abriu-se.

A 20 altera um pouco o esquema: Chapeuzinho Vermelho assim fez, e a porta se abriu.

O mesmo acontece com a 21: Capinha virou a taramela, e a porta abriu-se e ela entrou. Não diz que ela "abriu a porta", como havia feito o lobo.

A versão 32 fala que Chapeuzinho empurrou a porta. Não houve, antes, instruções de como abri-la.

g) O lobo, vendo-a entrar, esconde-se na cama, debaixo da coberta e lhe fala: Le Loup, la voyant entrer, lui dit en se cachant dans le lit, sous la couverture....

Apenas as versões 20, 21, 22 e 26 conservam esse item.

A 20 e a 22 são semelhantes.

A 20 diz: Ao vê-la entrar, disse o Lobo, escondendo-se debaixo das cobertas....

A 22 troca "esconder-se" por "enfiar-se": Vendo-a entrar, disse o Lobo, enfiando-se debaixo das cobertas....

A 26 altera um pouco a estrutura, mas conserva o esquema de Perrault, que dá todas as informações num só período: Quando o lobo a viu entrar, escondeu-se debaixo das cobertas e lhe disse....

A 21, com sua tradução livre, destaca a entrada da menina e o disfarce do lobo: e ela entrou. O lobo tapou como pôde a horrível cara e de dentro das cobertas disse.... É enfatizada a má aparência do animal ("horrível cara").

h) O lobo dá a Chapeuzinho duas instruções: deixar o bolinho e o potinho de manteiga sobre a arca e ir deitar-se com ele:

— Mets la galette et le petit pot de beurre sur la huche, et viens te coucher avec moi.

Novamente, apenas as versões 20, 21, 22 e 26 trazem essa fala do lobo.

A 20, 22 e 26 conservam a informação, com fidelidade.

A 20 diz:

— Ponha o bolo e o pote de manteiça na mesa e venha deitar-se aqui, a meu lado.

Na 22, o lobo afirma:

— Põe o pãozinho e a tigelinha de manteiça no guarda-comidas e vem deitar-te na cama comigo.

A 26, apesar de todo o seu formalismo, usa "deitar", ao invés de "deitar-se":

— Põe os bolinhos e o potinho de manteiça em cima da mesa e vem deitar comigo aqui na cama!

Na 21, tenta-se "amenizar" o momento mais "forte":

— Põe os bolos e a manteiça no armário e vem conversar comigo.

Duas outras versões guardam informações desse trecho: 13 e 19.

Na 13, apesar das modificações, diz-se:

— Ponha tudo em cima da mesa e venha sentar aqui, perto de mim.

A última instrução do lobo é "amenizada": "Venha sentar aqui". Usa-se a forma coloquial: "sentar".

Na 19, a menina, sem receber instrução a respeito, coloca a comida em cima da mesa: A menina entrou e, colocando a cestinha com o bolo e o potinho de mel sobre a mesa.... Mais tarde, ela, sentada perto da cama, começou a olhar para a avó.... Ela não chega a se deitar, mas está "perto" da avó. Há a intromissão da "cestinha".

Nessas seis versões, varia o tipo de comida (como já foi visto) e o móvel em que a menina deverá colocá-lo; nenhum texto fala em "arca". Três "ousam" falar que o lobo convida a menina a "deitar-se" com ele, mas três evitam isso.

i) Chapeuzinho tira a roupa, deita-se na cama e se assusta ao ver a avó despida: Le Petit Chaperon rouge se dēshabille, et va se mettre dans le lit, où elle fut bien étonnée de voir comment sa mère-grand était faite en son dēshabillé.

Nesse trecho, o texto francês apresentaria uma ambigüidade. A expressão "en son deshabillé" poderia remeter a "despida" ou "em traje de dormir". Tudo indica, no entanto, que a suposta avó estava mesmo "despida", já que no momento anterior não se mostrou o lobo vestindo-se com as roupas da avó (como em Grimm). Ele de-

vorou a avó, fechou a porta e foi deitar-se na cama, sem ter-se apossado de "camisola" ou "touca".

Apenas quatro versões fazem referência ao trecho (20, 21, 22 e 26).

A mais fiel é a 22: Chapeuzinho tira a roupa e vai deitar-se, mas fica muito espantada vendo a figura da sua avó despida.

A 20 prefere dizer que Chapeuzinho "obedeceu" a explicitar que ela foi deitar-se na cama. De qualquer maneira, afirma que ela "tirou a roupa": Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e obedeceu, muito espantada ao ver como a avó ficava de camisola. A "avó" não é apresentada "despida", mas de "camisola". O momento anterior, no entanto, não apresenta o lobo vestindo tal "camisola".

A 21 não "ousa" afirmar que Chapeuzinho "tirou a roupa": A menina guardou o presente, tirou a capinha e dirigiu-se para a cama da velha. Ficou logo muito admirada de ver como era sua avó quando ficava de cama. Retarda-se a ação, detalhando-se que ela "guardou o presente" e não se diz também que ela "se deitou" na cama. Não se fala igualmente da avó "despida".

Na 26, a menina apenas "tirou a capinha e o capuz": Chapeuzinho Vermelho tirou a capinha e o capuz e foi para a cama, onde ficou muito espantada por ver sua avózinha tão diferente. Não se "ousa" também a dizer que ela estava "despida". Continua se usando o diminutivo para caracterizá-la: "avózinha".

Percebe-se que, mesmo nessas versões fiéis ao texto francês, é difícil haver todos os detalhes de Perrault; normalmente, omitem-se os trechos mais "eróticos", tanto que apenas duas versões dizem que Chapeuzinho "tirou a roupa", e apenas uma fala da "avó" "despida". Também somente uma explicita que a menina "se deitou" na cama.

Outras versões conservam desse momento somente a vaga noção de "estranhamento" de Chapeuzinho, mas como existe essa idéia em Grimm, se bem que modificada, essas versões serão vistas mais adiante.

Informações que antecedem o diálogo final, segundo Grimm

Ao contrário do texto de Perrault, no de Grimm o lobo não tem a menor atuação nesse momento da história. A atenção toda está voltada para Chapeuzinho, não havendo qualquer diálogo entre ela e o animal.

a) Chapeuzinho colhe flores e, quando tem tantas, que já não pode mais carregá-las, lembra-se da avó e dirige-se à sua casa: Pedant ce temps, le petit Chaperon Rouge avait fait la chasse aux fleurs. Lorsque la fillette en eut tant qu'elle pouvait à peine les porter, elle se souvint soudain de sa grand-mère et reprit la route pour se rendre auprès d'elle.

O original alemão não usa o diminutivo para caracterizar a menina, nesse momento. Não diz também que ela se lembrou "de repente" da avó.

As versões mais próximas ao texto de Grimm são a 29, 30 e 33.

A 33 é muito fiel: Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho continuava a colher flores e só tornou a pensar na vovó quando já não podia mais carregar tudo o que havia apanhado. Retomou, então, o caminho da casa da vovó.

A 29 é mais formal (usa o pretérito mais-que-perfeito simples) e exagera a pressa da menina: Entretanto, Chapeuzinho Vermelho ficara correndo de um lado para outro a colhêr flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela.

A 30 usa o "de repente", como na tradução francesa: Chapeuzinho Vermelho já tinha apanhado tantas flores que mal podia com elas. De repente lembrou-se da Avó e meteu-se outra vez a caminho. Há a expressão típica do português de Portugal: "meteu-se a caminho".

As outras versões que trazem (com maior ou menor fidelidade) essa informação não explicitam o fato de a menina lembrar-se da avó, só quando não consegue carregar mais flores (17, 18 e 31).

A 17 aponta como razão de ela tomar a direção da casa da avó o fato de já ser tarde: Enquanto isso, a menina apanhara tantas flores que nem podia mais carregá-las. Estando já muito tarde, correu para levar o bôlo e o vinho para sua avó. Usa, como a 29, o pretérito mais-que-perfeito simples ("apanhara"), num tom mais formal.

A 18 diz que Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho, depois de encher os braços de flores, continuou seu caminho.

A 31, bastante modificada, guarda apenas a idéia de que a menina, entretida com o seu passeio, percebe, em dado momento, que precisa partir, pois já é tarde: Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho, percebendo que a noite já se aproximava, despedia-se

dos animaizinhos.... Há preferência pelo uso afetivo ("animaizinhos").

A informação mais constante desse trecho é a de Chapeuzinho colheu muitas flores: aparece em cinco textos.

Um grande número de versões dá ênfase ao passeio da menina; serão vistas à parte.

b) Chapeuzinho encontra a porta aberta e se admira com isso: Elle fut très étonnée de voir la porte ouverte.

A tradução francesa dá ênfase ao espanto da menina ("très étonnée"), mas o texto alemão diz apenas que ela se admirou ao ver a porta aberta.

As versões mais fiéis ao original são a 18 e a 33, falando primeiro do sentimento da menina, ao chegar.

A 18 diz: Ficou admirada de encontrar a porta aberta.

E a 33: Admirou-se ao ver a porta aberta...

Outras versões trazem essa informação (17, 27, 28, 29 e 31), com modificações.

A 30 reforça, como a tradução francesa, a admiração da menina: Quando lá chegou viu a porta aberta, e ficou muito espantada.

A 17 e a 28 entram em detalhes desnecessários, explicando a razão do estranhamento de Chapeuzinho.

A 17 diz: Chegando à casa da avó, viu que a porta estava aberta e entrou depressa, preocupada, porque a vovó tinha sempre o cuidado de fechar bem a porta. Alternam-se as formas "avó" e "vovó".

A 28 afirma: Pouco depois entrou a pequena, assustada e admirada de encontrar a porta aberta, porque sabia o cuidado com que a avó costumava tê-la fechada.

A 29 é mais exagerada: Lá chegando, admirou-se de estar a porta escancarada....

A 31 altera completamente o sentimento de Chapeuzinho: E, para sua alegria, a porta estava aberta.

Na 27, omite-se qualquer sentimento: Encontrando a porta aberta....

Sete versões fazem referência ao fato de a porta estar aberta, e seis falam do espanto da menina.

c) Chapeuzinho entra, sente algo estranho e percebe que está assustada, ela, que gosta tanto de visitar a avó: Et lorsqu' elle entra dans la chambre, cela lui sembla si curieux, qu'elle se dit: "Mon Dieu, comme je suis craintive aujourd'hui. Et, ce pendant, d'habitude, je suis si contente d'être auprès de ma grand-mère!"

A tradução francesa é fiel ao original alemão, em linhas gerais.

Essa informação é reproduzida nas versões 18, 29, 30 e 33.

A 18 é bem fiel: e quando entrou no quarto sentiu qualquer coisa estranha. "Não sei por quê, mas hoje estou um pouco nervosa; das outras vezes sempre me senti tão bem perto da vovó". Não apresenta o verbo "dicendi": o pensamento da menina é introduzido imediatamente, o que torna a narrativa mais ágil. Ela não usa a expressão "Meu Deus".

A 29 não diz que ela entrou "no quarto": entrou na sala e teve uma impressão tão esquisita, que pensou: "Oh, meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com a vovó.

O mesmo acontece com a 30: Entrou em casa e sentiu qualquer coisa esquisita. E pensou: "Parece tudo tão diferente hoje! E eu até gosto de vir a casa da Avó! Não se usa a expressão "Meu Deus".

A 33 diz que ela "entrou", apenas: e, quando entrou, teve uma sensação tão estranha, que pensou: "Meu Deus, como estou assustada hoje, e eu que tanto gosto de visitar a vovó".

A versão 17 diz simplesmente que a menina entrou no quarto. Anteriormente, já havia sido dito que ela estava "preocupada", mas por ter encontrado a porta aberta.

Apenas um texto conserva a idéia original de que Chapeuzinho "entrou no quarto"; dois dizem somente que ela "entrou"; um fala que ela "entrou na sala", e outro, que ela "entrou na casa".

Quanto ao sentimento experimentado pela menina (apontado em quatro versões), diz-se que ela sentiu "qualquer coisa estranha ou esquisita", teve "uma impressão tão esquisita" ou "uma sensação tão estranha". Ela estava "nervosa", "assustada" ou teve "medo".

Quatro textos conservam a idéia de que ela se sentia bem perto da avó, nas outras vezes (ou visitas). Três versões falam em "vovó".

d) Chapeuzinho diz "Bom Dia", não obtém resposta, aproxima-se da cama e afasta as cortinas: Elle s'écrit: "Bonjour!" Mais nulle réponse. Elle s'approche du lit et tira les rideaux.

A tradução francesa conserva a idéia do original; apenas neste diz-se que ela "chamou". Percebe-se que Chapeuzinho, neste momento, segue as instruções da mãe: diz "Bom dia" a sua avó.

Apenas as versões 29, 30 e 33 trazem todas as informações de Grimm desse trecho.

A 29 acrescenta um vocativo ao cumprimento: Então disse alto:

— Bom dia, vovô! — mas ninguém respondeu. Acercou-se da cama e abriu o cortinado.

O tom do trecho é mais formal: "Acercou-se da cama"

A 30 diz: E gritou:

— Bom dia!

Mas não teve resposta. Aproximou-se da cama e abriu os cortinados.

A 33 afirma que a menina "ergueu a voz": Erguendo a voz disse:

— Bom-dia! mas não obteve resposta.

— Foi até a cama, abriu o mosquitoieiro....

Há o uso inadequado de um travessão no último período e a omissão de outro, na primeira fala.

As versões 17 e 18 simplificam o trecho.

A 18 acrescenta um vocativo, na sua forma diminutiva ao cumprimento: Então ela gritou: — Vovozinha, bom dia... — mas não recebeu resposta. Chegou perto da cama.

A 17 diz apenas: e falou bem alto:

— Bom dia, vovô!

Mas não obteve resposta.

Omitte-se a última informação.

Alguns textos aumentam a intensidade do chamado, afirmando que a menina "gritou" ou falou "bem alto". Duas versões acrescentam o vocativo "vovô".

e) Ali está a avó, deitada, com a touca escondendo seu rosto; ela tem a aparência estranha: La grand-mère y était couchée, sa coiffe tirée très bas sur son visage. Elle avait l'air bizarre.

A tradução francesa mantém a idéia geral de Grimm; mas o tex

to alemão frisa que ela parecia "tão" estranha.

As versões 18, 29, 30 e 33 são as mais próximas ao original.

A 29 é muito fiel: a vovó estava deitada, com a touca caída no rosto e tinha um aspecto muito esquisito.

A 18 usa um tom coloquial: A avó estava deitada, com a touca cobrindo quase todo o rosto e com uma cara esquisita. Não se reforça essa aparência estranha.

A 30 acrescenta um item: A avó estava deitada debaixo das cobertas, com a touca de dormir enterrada até aos olhos. Também tinha um ar esquisito. Não se reforça também o aspecto estranho da sua aparência.

A 33 prefere a forma diminutiva para caracterizar a avó:.... e lá estava a vovozinha, com a touca encobrindo quase todo o rosto e com uma aparência muito estranha. Não se explicita o fato de que ela estava "deitada".

As versões 28 e 31 trazem maiores modificações.

A 28 altera o esquema, dando ênfase à figura do lobo: O lobo pusera a touca da velha na cabeça, ocultando, assim, parte do focinho, mas era horrível o que lhe ficava a descoberto. O uso do pretérito mais-que-perfeito simples, mais formal, contrasta com o tratamento dado à avó: "velha".

A versão 31 faz uma leve referência a esse trecho: Mas, ao chegar junto daquela figura entoucada....

Três textos afirmam que a avó estava deitada. Seis fazem referência à sua touca. Cinco falam do ser ar estranho. Dois adotam formas familiares ("vovó" e "vovozinha").

Informações modificadas, mas que guardam semelhança com os textos de Perrault e de Grimm

- a) Chapeuzinho Vermelho aproxima-se da cama
- b) Chapeuzinho Vermelho assusta-se com a "avó"

- a) Chapeuzinho Vermelho aproxima-se da cama

Em Perrault, o lobo convida a menina a deitar-se. Ela tira a roupa e se deita. Em Grimm, Chapeuzinho, por iniciativa própria, percebendo que não recebe resposta ao cumprimento, aproxima-se da cama e afasta as cortinas, para ver melhor a "avó".

Algumas versões explicitam que ela se aproximou da cama, mas

não seguem exatamente o esquema de Perrault, nem o de Grimm: 4, 5, 7, 10, 13, 31 e 32.

A 4 é bem vaga: Chapeuzinho entrou e foi ao quarto da avó.

A 5 introduz um diálogo novo, enquanto a menina se aproxima da cama, sem convite:

— Como vai indo a senhora, vovó? — perguntou Chapeuzinho, aproximando-se da cama.

A 7 diz que a menina entrou, mas não pôde esconder o seu espanto, quando se aproximou da cama.

A 13 afirma que Quando Chapeuzinho Vermelho aproximou-se da cama, achou que a avó estava muito esquisita naquele dia.

A 10 fala que Chapeuzinho pretendia "abraçar" a "avó": Quando Chapeuzinho chegou e foi abraçar sua querida vovó.... A linguagem é afetiva ("querida vovó").

A 31, que A menina não se fez de rogada e aproximou-se da cama.

A 32, cuja ação é muito lenta, focaliza, pouco a pouco, a menina se aproximando: Chapeuzinho foi se aproximando, já conseguindo ver mais nítido.... Chegou então mais perto ainda da cama.

b) Chapeuzinho Vermelho assusta-se com a "avó"

Em Perrault, a menina havia estranhado a voz do lobo, antes de entrar. Mais tarde, deitando-se na cama, espanta-se ao ver sua "avó" despida. Em Grimm, ela se inquieta mais vezes: primeiro, ao ver a porta aberta; depois, ao entrar, tem uma sensação estranha e, finalmente, ao chegar bem perto da "avó", percebe que ela tem uma aparência esquisita.

Essa idéia, de uma maneira ou de outra, está presente em grande número de textos, já que é essencial ao diálogo decisivo (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 23, 25, 27, 31 e 32).

Em algumas versões não se especifica se Chapeuzinho se aproxima ou não da cama. Entrando, ela já teria percebido algo estranho: 1, 2, 3, 11, 14, 16 e 25.

A 1 diz: A menina notou algo estranho....

E a 2: estranhou a cara da vovó, que estava diferente. O tom é coloquial: "cara".

A 3: estranhou a avó. E falou, muito espantada.

A 11: e a achou tão feia, que deu um grito de susto.

A 14: e achou tudo muito estranho

Nunca pensou que a vovô fosse daquele tamanho.

A 16: Ela olhou muito espantada pro lombo que estava na cama com as roupas da avôzinha.... O tom é coloquial ("pro") e afetivo ("avôzinha").

E a 25: achou sua avozinha muito feia. Há preferência também pela forma diminutiva: "avozinha".

Outras dizem que a menina se aproximou da cama e só aí constatou a aparência estranha da "avô": 7, 10, 13, 17, 19, 27, 31 e 32.

A 7 afirma: não pôde esconder seu espanto....

E a 10: levou um tremendo susto. Exagera-se o susto da menina.

A 13: achou que a avô estava muito esquisita naquele dia.

A 19: Sentada perto da cama, começou a olhar para a avô e a achar que ela estava muito esquisita e feia... Devia estar mesmo muito doente.

A 31: notou algo estranho.

Na 32, a menina diz:

— Nossa!

Como você está diferente, vovô!

A 17 diz apenas que ela ficou muito admirada de ver como era sua avô quando ficava de cama.

A 27 se refere às "orelhas", antecipando o diálogo: Olhando com mais atenção, observou que as orelhas da velhinha haviam crescido.

Percebe-se que o sentimento de Chapeuzinho ao ver a avô varia do simples estranhamento ao susto maior. Ela nota diferente a "cara", o "tamanho" ou a aparência. Três textos falam da "feição" da avô; outros dizem que ela estava "diferente" ou "esquisita".

Quatro versões mostram o espanto da menina já no diálogo: 4, 5, 12, 13.

A versão 4 diz:

— Que engraçado, vovô! — exclamou a menina. — Você está tão esquisita!

A 5 afirma, num tom informal:

— Uê, vovô, que engraçado! A senhora está com uns olhos....

Antes, o texto havia dito que não existia espanto: Chapeuzinho entrou, sem perceber que não era sua avô quem falava.

A 12 diz:

— Vovô! — espantou-se Chapeuzinho. — Que orelhas mais peludas!

E a 13:

— Vovô, como seus braços estão peludos hoje! E como são compridos! — disse a menina, assustada.

Algumas versões (8, 23 e 31), contrariando o original, afirmam que Chapeuzinho não se espantou com a suposta avó.

A 8 diz que Chapeuzinho entrou, sem desconfiar de nada.

A 23, que Quando Chapeuzinho chegou e viu aquela avozinha com os olhos tão grandes, o nariz tão grande e a boca tão grande, não pôde deixar de perguntar para que serviam todos eles, na maior inocência do mundo.

A 31 também destaca essa idéia em alguns trechos: O lobo, satisfeito porque a jovem não reparava que era ele que ali estava.... Nem assim Chapeuzinho deu conta de que estava diante do bandido do bosque. Só no final ela nota algo estranho. Destacase a maldade do lobo ("bandido do bosque") em confronto com a inocência de Chapeuzinho.

A avó é chamada seis vezes de "vovô"; três, de "avozinha"; e uma, de "velhinha".

Informações novas (que antecedem o diálogo final)

a) O lobo dá a Chapeuzinho Vermelho outras instruções de como entrar na casa

Em nove versões, o lobo dá uma ordem para a menina entrar: 1, 3, 4, 5, 8, 12, 15, 31 e 32.

Na 1, 3, 4, 5 e 15, ele diz que a porta está aberta.

A 1 conserva o paralelismo entre essa fala e a da avó, momentos antes:

— Entre! A porta está aberta! — disse o lobo, imitando a voz da vovó.

A 3 e a 4 falam que ele "disfarçou" a voz.

Na 3, ele diz:

— Entre, minha netinha. A porta está aberta — respondeu o malvado, novamente disfarçando a voz.

O vocativo é marcado pela afetividade ("minha netinha"), em

oposição ao lobo "malvado".

Na 4, diz-se: Depois, disfarçando a voz, falou:

— Entre, netinha! A porta está aberta!

É usado também o vocativo na sua forma diminutiva.

A 5 também prefere essa forma de vocativo:

— Ah, é você, minha netinha! — disse o lobo. — Pode entrar. A porta está aberta.

Na 15, o lobo adota um tom carinhoso:

— Entre, querida, a porta está aberta — disse o lobo com sua voz mais doce. E puxou as cobertas até o queixo.

Na 12, 31 e 32 não se fala que a porta está aberta; há apenas a instrução de entrar.

Na 12, o vocativo é marcado pela afetividade:

— Pode entrar, queridinha — disse o lobo, com a voz mais macia que ele conhecia.

Na 31, diz-se também que ele altera a voz: O lobo, cobrindo um pouco o focinho com a ponta do lençol, respondeu com a voz de falsete:

— Entre... entre, Chapeuzinho.

A 32 é mais simples:

— Entre, minha netinha.

A versão 8 reproduz essa ordem do lobo em discurso indireto, o que faz perder um pouco a dinâmica da narrativa: Quando Chapeuzinho chegou, o lobo, fingindo-se de vovô, mandou que ela entrasse.

Uma outra versão, a 14, faz uma referência indireta a essa ordem de entrar. Diz que o lobo Cobriu-se todo na cama, e fez uma voz bem rouca. Contraria-se a idéia de Perrault, que afirma que ele "adoçou a voz". De qualquer maneira, é algo completamente vago: o lobo disse exatamente o quê?

Seis textos mantêm a informação do original francês, afirmando que o lobo alterou sua voz. É marcante o tom apelativo em sua fala : encontra-se quatro vezes o vocativo "netinha"; uma vez, "querida", e outra vez, "queridinha".

b) Novos diálogos entre Chapeuzinho Vermelho e o lobo

Em Perrault, Chapeuzinho entra na casa e recebe as instruções do lobo; cumpre-as, sem nada dizer. Em Grimm, não há a menor conversa com a suposta avó. Tudo caminha sem maiores detalhes, para o momento decisivo: o diálogo final com o lobo.

Vários textos em língua portuguesa introduzem diálogos en-

tre a menina e o animal. São conversas variadas, normalmente desnecessárias ao desenvolvimento da narrativa.

. Discussão sobre a saúde da avó

Aparece nas versões 5, 9, 13, 19, 27, 31 e 32.

Na 5, diz-se:

— Como vai indo a senhora, vovó? — perguntou Chapeuzinho, aproximando-se da cama.

— Não me sinto bem, minha netinha. Tenho dores nas costas e não posso andar direito.

— Deve ser do resfriado, vovó. Mas a senhora vai ficar boa logo!

O diálogo é banal, marcado pela afetividade.

A 13 fala da "voz grossa" do lobo, informação existente em Perrault no início desse momento da história:

— Que é isso, vovozinha? Você está com a voz tão grossa!

— Oh, não é nada! É porque estou doente! — disse o lobo.

A 19 diz:

— Olhe, minha netinha, é melhor não me beijar hoje. Estou muito gripada... Você pode pegar! O fim do ano está aí e você precisa estudar. Não pode ficar doente!

— Está bem, vovó. A senhora está melhor? Chapeuzinho Vermelho, sentada perto da cama, começou a olhar para a avó e achar que ela estava muito esquisita e feia... Devia estar mesmo muito doente!

— A senhora está melhor, vovó? — tornou a perguntar a menina, aflita.

— Melhorar eu melhorei, minha netinha... Já estou sem febre, mas ainda sinto muito frio e dor nas juntas.

Como se vê, a conversa se estende desnecessariamente (Chapeuzinho faz a mesma pergunta duas vezes), e a avó se preocupa em passar a lição de moral à neta ("O fim do ano está aí e você precisa estudar. Não pode ficar doente!"). A menina é obediente: "Está bem, vovó." O conselho dado pelo lobo sugere uma constante do adulto.

A 31 diz:

— Já está deitada, vovozinha? O lobo, satisfeito porque a jovem não reparava que era ele que ali estava, respondeu: — Sim, minha netinha. Mas o esforço para disfarçar a voz foi tão grande que o lobo arranhou a garganta e foi obrigado a tossir.... — Está doente, vovó? — Foi a sua reação diante do engasgo do lobo.

— Estou um pouco resfriada.

— Então, é por isso que está com a voz tão rouca, não é? O lobo sacudiu sua cabeçorra e disse com um fôapinho de voz: — É!

Aqui também é feita referência à "voz" do lobo. Como a mãe não havia dito a Chapeuzinho sobre a "doença" da avó, a menina julga a sua suposta avó doente, por causa do seu engasgo. A aparência estranha do animal é destacada: "cabeçorra".

Na 32, Chapeuzinho diz:

— Puxa!

Não sabia que a senhora estava assim gripada vovó. De cama!

— Coof... Coof... Coof...

....

— Hum... Coof coof... coof... Hum...

Perde-se tempo em reproduzir a tosse continuada do lobo. Prossegue o descuido do texto: o vocativo "vovó" não é isolado por vírgula.

O possível pretexto para essa discussão sobre a saúde da avó, neste momento, talvez esteja no fato de ser esse o motivo da visita de Chapeuzinho: ver a avó que está doente.

As versões 9 e 27 também falam sobre a saúde da "avó", mas não sob a forma de diálogo.

A 9 diz: A menina, vendo a avozinha deitada, pensou que ela estivesse muito mal.

Na 27 (como na 13 e na 31), há referência à voz do lobo: A menina estranhou aquela voz, mas pensou que talvez fosse porque sua avó estivesse doente. A mesma versão 27 introduz uma fala do animal, inexistente nos textos de Grimm; ele responde ao cumprimento de Chapeuzinho:

— Bom-dia, vovó!

— Bom-dia, minha netinha, respondeu o lobo com voz meio esquisita.

Nesses textos, prossegue o tom afetivo: há quatro vezes a forma "vovó"; duas vezes, "vovozinha"; uma vez, "avozinha". O vocativo "netinha" aparece três vezes.

. Referência ao passeio de Chapeuzinho Vermelho

Outras versões (9, 13, 19, 31 e 32) criam diálogos para reproduzir o passeio da menina, as flores que ela colheu ou as comidas que ela vem trazendo, numa cestinha. A referência ao pas-

seio e às flores vem de Grimm, que destaca a aventura da menina na floresta, mas a sua ênfase em determinadas versões, além de prolongar inutilmente a história, é um dado a mais de puerilidade.

A versão 13 diz: Dali a pouco chegou a menina, com um belo ramo de flores. Bateu à porta alegremente, e entrou, dizendo:

— Olhe, vovô, que lindas flores colhi no caminho para lhe trazer!

— Oh, obrigada! Mas o que você tem aí na cesta? perguntou o lobo.

As flores são caracterizadas ("belo ramo", "lindas flores"). Curiosamente, o lobo está mais interessado na cesta do que na menina. Falta um travessão, para delimitar a fala.

A 31 diz: Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho, percebendo que a noite já se aproximava, despedia-se dos animaizinhos do bosque:

— Bem, meus amiguinhos, a noite já está chegando: Eu me distraí brincando aqui com vocês e agora vou ter que correr. Adeus, amiguinhos! Todos os animais do bosque responderam em coro: — Adeus, Chapeuzinho Vermelho! E a menina partiu ligeira em direção à casa de sua avó.

Vai Chapeuzinho, vai correndo

Que já está anoitecendo

Vai levar pra vovozinha

O que está nesta cestinha

Torta boa, um primor

Mel gostoso, sim senhor

Vai levar pra vovozinha

Que é bondosa e tão velhinha

Vai depressa, vai correndo

Que já está anoitecendo!

....

A menina pousou a cestinha na mesa, endireitou seu capuz en carnado....

Chapeuzinho tornou a pegar a cesta e, retirando o guardanapo que a cobria, mostrou: — Olhe, vovô, o que mamãe lhe mandou: uma torta e um pote de mel. Mas o lobo não estava interessado na na quele tipo de presente. Disse um "que ótimo!" muito sem convicção e acrescentou: — chegue aqui pertinho, minha netinha.

O trecho tem a marca da puerilidade, com a presença constante de diminutivos. Idealiza-se a amizade de Chapeuzinho e dos "animaizinhos do bosque": "Todos os animais do bosque responde-

ram em coro: — Adeus, Chapeuzinho Vermelho!" Os versos são pouco originais, com rimas fáceis. Caracterizam-se as comidas e a própria avó, tratada por "vovozinha bondosa", "tão velhinha", "vovô". Como na 13, há um uso inadequado do travessão.

A 32 afirma: Empurrou a porta e entrou com sua cestinha carregada de coisas.

Caminhando devagarinho, quarto adentro, na sombra, não enxergando bem, Chapêuzinho começou logo a falar, a contar tudo o que viu.

— Vovô! Vi passarinhos lindos entre as árvores da floresta.

— Colhi uma porção de flôres de tôdas as côres: vermelhas, amarelas, brancas, cor de rosa.

— Veja só, vovô, e são todas para a senhora!

E o lobo, disfarçado de vovô, só fazia:

— Hum! Hum! Hum!

— Comi frutas gostosas.

amoras, pitangas, bananas!

— Hum! Hum! Hum!

— Corri atrás dos coelhinhos.

quase peguei um e só não consegui porque ele corria muito.

— Hum! Hum!

— E vi uns pássaros engraçados que voaram para longe quando eu falei com eles. O lobo, encolhido na cama, não falava nenhuma palavra. Só ouvia e esperava que Chapêuzinho se aproximasse.

Chapeuzinho não parava nem um minuto de falar:

— Nesta cestinha eu trouxe um bôlo de chocolate, doces e uma torta de maçãs.

Foi a mãe quem preparou especialmente para a senhora.

— Hum... Hum...

— Vou colocar as flôres num vaso e depois comeremos os doces — disse animadamente a menina.

O texto é longo, detalhado, redundante, pueril, numa linguagem cheia de clichês, bastante adjetivada. Há um apelo ao tropical: "pitangas, bananas". São vários os diminutivos. Registra-se um mundo estereotipado e "cor de rosa": tudo é bonito, colorido, alegre, a menina é ingênua e completamente feliz. A narrativa se torna cada vez mais longa e cansativa, pois, como o próprio texto diz, "Chapeuzinho não parava nem um minuto de falar". Essa conversa continuada da menina, que ignora o perigo iminente, poderia aumentar o suspense da cena, se as falas fossem verossí-

meis.

Além do mais, essa versão continua com seu uso inadequado do travessão para marcar as falas e com uma disposição gráfica estranha, num texto em prosa. Registra-se a minúscula iniciando período.

Outras versões também exploram a idéia das flores trazidas por Chapeuzinho e da cestinha que carrega, sem ser sob a forma de diálogo com o lobo. É o caso da 9 (Colocando a cestinha no chão, Chapeuzinho bateu na porta....), da 19 (A menina entrou e, colocando a cestinha com o bolo e o potinho de mel sobre a mesa, correu para entregar as flores que trouxera para a vovó, como fazia sempre.) e da 27 (Pouco depois Chapeuzinho chegava com sua cesta e um bonito ramallete nas mãos.).

Já foi abordada em capítulos anteriores a preocupação com os "bichinhos", amigos de Chapeuzinho em seu passeio pelo bosque. Uma versão, a 9, destaca, sempre, a figura de um "coelhinho", companheiro da menina; mas o animal, nesse momento da narrativa, tem a pretensão de ser mais que amigo de diversão. Ele quer ajudar Chapeuzinho: Ela chegou acompanhada pelo coelhinho, que tentava avisá-la, mas ela não entendia.... A menina, vendo a avozinha deitada, pensou que ela estivesse muito mal. Mas olhando para o coelhinho, deitado no chão, começou a desconfiar de que quem estava deitado era o lobo. Falta lógica nesse trecho. Por que Chapeuzinho passaria a suspeitar do lobo, vendo o coelhinho deitado, se, em trecho anterior, ela não havia reconhecido o animal, não sabendo, portanto, da sua existência?

Nos textos vistos, a avó é tratada preferencialmente por "vovó" (aparece seis vezes); tem-se também "vovozinha" (duas vezes).

c) Chapeuzinho Vermelho preocupa-se por ter-se atrasado

Além do destaque dado à saúde da avó, aos passeios, aos "bichinhos", às flores e à "cestinha", tem-se em duas versões (31 e 32), o registro da preocupação da menina por ter-se atrasado em seu passeio.

Esse sentimento não existe em Perrault tampouco em Grimm, que apenas afirma que ela se lembrou da avó quando não conseguiu carregar mais flores. O seu aparecimento, aqui, antecipa e reforça a culpa e o possível arrependimento sentido por Chapeuzinho.

Na versão 31, ainda é pequena a preocupação, e mais com sua própria segurança: Minutos depois, a noite chegava. A menina começou a ficar preocupada. E se sua vovozinha já tivesse ido dormir? Se a porta estivesse fechada ela teria que passar a noite no bosque. Mas, pouco depois, Chapeuzinho já avistava a casa. Há o uso da forma afetiva "vovozinha", num discurso indireto livre.

A 32 explora mais essa preocupação. De um lado, nota-se a ansiedade do lobo em vê-la chegar (como já foi visto no momento anterior) e, de outro, a pressa de Chapeuzinho, sua alegria em chegar, mas também seu receio por ter preocupado a avó: Chapeuzinho não se perdera e vinha vindo o mais depressa que podia. Não via a hora de falar com a vovó, mostrar tudo o que achara pela floresta e entregar os doces feitos por mamãe. O lobo esticava o pescoço para fora das cobertas e procurava enxergar lá na estrada se Chapeuzinho já vinha. Continuando à espreita na janela viu, sabem o quê? Um pontinho vermelho, que foi aumentando, aumentando e começou a se transformar numa menininha do gôrrro vermelho.

— Ah! Ei-la que surge!

— Apressada e toda contente!

— Vou acabar logo com essa alegria!

— Ufff! Até que enfim cheguei!

— Que bom! Agora verei a vovó.

Ela vai ficar feliz de verdade com a minha visita. Chapêuzinho já estava cansada por ter andado o dia todo....

— Como é tarde! pensou Chapêuzinho.

— Tão escuro!

— A vovó vai perguntar porque demorei assim.

— Não devia ter parado danto pela floresta...

— Vovôzinha deve estar preocupada.

São frases desnecessárias e redundantes. Como em outros trechos do mesmo texto, há problemas de ortografia, como por exemplo: "A vovó vai perguntar porque demorei assim". Os pensamentos do lobo e de Chapeuzinho são colocados, inadequadamente, como se eles estivessem dialogando com alguém. (Não há conversa entre eles, no entanto.) São comuns também as formas diminutivas. Torna-se difícil, nesse texto, delimitar bem o fim do momento anterior (Encontro do lobo com a avó) e o início do momento atual.

Diálogo final entre Chapeuzinho Vermelho e o lobo

Esse diálogo representa o momento de maior tensão da história.

Em Perrault, ele acontece na cama, quando Chapeuzinho se assusta ao ver a "avó" despida. É introduzido pelo verbo "dicendi" ("Elle lui dit"), e todas as frases de Chapeuzinho, exclamativas, têm a mesma estrutura sintática: "Ma mère-grand, que vous avez de grand(es)....", que lhes confere sonoridade, com a repetição do adjetivo "grand(es)".

As partes apontadas pela menina vêm na seguinte seqüência: braços, pernas, orelhas, olhos e dentes. Há destaque para o corpo do lobo, e não apenas para sua cabeça, como em Grimm.

As respostas do lobo iniciam-se sempre da mesma maneira ("C'est pour mieux...."), com exceção da última, simplificada e rápida, trampolim para o desenlace ("C'est pour te manger!"). Segundo ele, seus braços servem para melhor abraçar a menina, suas pernas para melhor correr, suas orelhas para melhor escutar, seus olhos para melhor ver Chapeuzinho e, finalmente, seus dentes para comê-la. O vocativo usado varia; inicia-se com "minha filha" e prossegue com "minha criança", omitindo-se, na última frase, qualquer palavra depois do verbo. Todas as frases são exclamativas.

Mais que um simples diálogo, esse trecho mostra, de um lado, a inquietação de Chapeuzinho, que vai percebendo, finalmente, como tudo é realmente estranho e, de outro, o lobo preparando-se para comê-la. Há objetividade, concisão e equilíbrio tanto nas frases da menina quanto nas do lobo. Aqui, a desconfiança crescente de Chapeuzinho é mostrada apenas pela enumeração dos substantivos. A preparação para o "ataque" do lobo, como foi visto, é evidenciada pela última frase mais curta.

O texto de Grimm, se bem que semelhante ao de Perrault, traz algumas novidades. Primeiro, não há o verbo "dicendi". Imediatamente depois de perceber a aparência estranha da "avó", Chapeuzinho demonstra sua inquietação maior. Suas frases também são exclamativas. Ao contrário do texto de Perrault, em que a menina fala cinco frases, aqui são apenas quatro. As três primeiras se iniciam da mesma maneira; não é usado o possessivo, mas uma interjeição antecedendo o substantivo: "Ai, avó". (A tradução francesa usa uma vírgula depois da interjeição, na primeira frase, e ponto de exclamação nas outras duas, mas o texto origi-

nal alemão prefere sempre a vírgula.)

A última frase proferida por Chapeuzinho troca a interjeição por uma conjunção adversativa ("Mas, avô...."), mostrando, também em nível sintático, a já total desconfiança da menina. Note-se que não há a menor caracterização para a "avô", nesse momento, e o termo se conserva em grau normal, sem o uso de forma diminutiva ou familiar.

A tradução francesa do texto de Grimm adota, nas quatro frases de Chapeuzinho, a seguinte estrutura: "Comme tu as....". Uma tradução mais literal do texto alemão apontaria: "... que.... tu tens!" As frases são exclamativas.

A menina aponta primeiro as orelhas, depois os olhos, as mãos e finalmente a boca, ou melhor, o "focinho", como está em Grimm. O resto do corpo ela não vê, porque o lobo está vestido com as roupas da avô.

É importante observar esse uso da palavra "focinho", no texto original. A tradução francesa não a conserva, e é um dado importante na gradação da desconfiança de Chapeuzinho: ela já sabe, neste instante, que não se trata de sua avô, mas de um animal. E esse substantivo vem caracterizado: "um focinho terrivelmente grande". (Na tradução francesa, tem-se "une horrible e grande bouche".)

As respostas do lobo têm sempre a mesma estrutura sintática: "Para que eu te possa.... melhor". Segundo ele, suas orelhas são para ouvir melhor Chapeuzinho, seus olhos para vê-la melhor, suas mãos para pegá-la melhor (na tradução francesa há o verbo "éteindre") e seu "focinho" para devorá-la melhor (e não "come-la", como em Perrault). Não há vocativo. Todas as frases são declarativas.

Partes do corpo

Quanto às partes do corpo do lobo apresentadas, apenas quatro versões em língua portuguesa são fiéis a Perrault: 20, 21, 22 e 26.

Também apenas quatro reproduzem o esquema de Grimm: 18, 27, 29 e 33. Nenhuma versão utiliza "focinho" ou outra palavra que se refira a "boca de animal", como está no texto alemão, o que é uma perda de informação.

Curiosamente, duas versões não têm esse momento da história: a 2 e a 11.

Na 2, Chapeuzinho apenas estranhou a cara da avó, enquanto os bichinhos da floresta foram chamar os lenhadores, antes que o lobo pudesse fazer alguma coisa de mau.

Na 11, Chapeuzinho dá um grito, quando vê sua avó tão feia; logo a seguir chega o caçador.

Das vinte e três versões que restam, tem-se:

a) Sete suprimem um ou dois elementos de Perrault: 8, 12, 13, 15, 16, 17 e 24.

A 13 não fala das "pernas", ficando com "braços", "orelhas", "olhos" e "dentes".

A 17 inverte a ordem e se refere às "orelhas", "olhos", "braços" e "dentes".

A 8, 12, 15, 16 e 24 omitem os "braços" e as "pernas", falando das "orelhas", "olhos" e "dentes", sendo que a 15 altera a ordem dos elementos e apresenta "olhos", "orelhas" e "dentes".

b) Sete suprimem um ou dois elementos de Grimm: 1, 3, 6, 7, 9, 10 e 25.

A 1, 3 e 6 omitem as "orelhas", falando dos "olhos", "mãos" e "boca"

A 9 não se refere às "mãos", falando das "orelhas", "olhos" e "boca".

A 7 e a 10 omitem "orelhas" e "mãos" e falam dos "olhos" e da "boca".

Finalmente, a 25 omite os "olhos" e as "mãos": fala apenas das "orelhas" e "boca".

c) Nove são variações do esquema de Grimm (conservam sua ordem), mas têm interferência de Perrault ou intromissão de elementos novos: 4, 5, 14, 19, 23, 28, 30, 31 e 32.

A 30 fala das "orelhas", "olhos", "mãos" e "dentes".

A 28 se refere às "orelhas", "braços", "boca" e "dentes".

A 4, 5, 23 e 31 suprimem alguns elementos e introduzem um novo: o nariz. A 4 e a 23 falam dos "olhos", "braços", "nariz" e "boca"; a 5, dos "olhos", "nariz", "braços" e "boca"; a 23, dos "olhos", "nariz", "braços" e "boca"; e a 31, das "orelhas", "olhos", "nariz", e "boca".

A 14, 19 e 32 introduzem, neste momento do conto, além do "nariz", outras informações. A 14 fala da "cara", "nariz" e "boca"; a 19, da "voz", "nariz", "orelhas", "olhos" e "boca"; e a 32, dos "pés", "orelhas", "olhos", "nariz" e "boca").

Das partes do corpo constantes nos originais, tem-se, com maior frequência, referência aos "olhos". As "pernas" são o item menos comum.

Apenas em Perrault há o verbo "dicendi", iniciando o diálogo.

As versões 6, 17, 21, 22 e 26 conservam esse esquema. A 5, 19, 20, 29, 30, 32 e 33, como em Grimm, iniciam o diálogo sem introdução do verbo "dicendi".

A maioria (1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 24, 27, 28, 32 e 33) fragmenta o diálogo, usando o verbo "dicendi", após as falas, tornando a cena menos rápida.

Fala de Chapeuzinho

Quanto à fala de Chapeuzinho, das quatro versões que seguem mais de perto Perrault, a 22 e a 26 são as mais fiéis.

A 22 traduz o original francês ("Ma mère-grand, que vous avez de grand(es)") por Avó, como são grandes.... e mantém essa estrutura o tempo todo.

A 26 tem uma estrutura sintática semelhante à de Perrault, mas transfere o vocativo para o final da frase (usando a forma diminutiva "avõzinha") e altera os adjetivos, sempre pospostos aos substantivos. Assim tem-se:

- . Como você tem os braços compridos, minha avõzinha!
- . Como você tem as pernas compridas, minha avõzinha!
- . Como você tem as orelhas grandes, minha avõzinha!
- . Como você tem os olhos grandes, minha avõzinha!
- . Como você tem os dentes pontudos, minha avõzinha!

Na 20, alternam-se frases exclamativas e interrogativas, e oscila a posição do vocativo:

- . Vovó, que braços compridos a senhora tem!
- . E que pernas compridas, vovó!
- . Vovó, e por que essas orelhas tão grandes?
- . E por que a senhora tem esses dentes tão pontudos?

A avó é tratada respeitosamente por "senhora"; aparecem os mesmos adjetivos da 26, sempre pospostos aos substantivos.

A 21 apresenta um equilíbrio maior: duas primeiras frases de um tipo, duas de outro tipo e a última, fundindo as duas estruturas:

- . Que braços peludos a senhora tem, vovó!
- . Que pernas compridas a senhora tem, vovó!
- . E que grandes orelhas, vovó!
- . E que grandes olhos, vovó!
- . E que grandes dentes a senhora tem, vovó!

Varia-se o tipo de adjetivo e o vocativo continua sendo "vo

vô". Como na 20, Chapeuzinho chama a "avô" de "senhora".

Das sete versões que suprêm um ou dois elementos de Perrault, a 12, 15, 16 e 17 mantêm uma certa regularidade na fala de Chapeuzinho, se bem que não seja a mesma do original.

A 12 faz algumas alterações:

- . Vovô! Que orelhas mais peludas!
- . E que olhos tão grandes, vovô!
- . Oh, vovô, que dentes tão grandes!

Usa-se vocativo (na forma familiar "vovô") ora no início, ora no fim da frase. Introduce-se a conjunção "e" na segunda frase e a interjeição "Oh", na última, para destacá-la (talvez numa interferência de Grimm). O adjetivo da primeira frase é diferente ("peludas"), reforçado pelo advérbio "mais".

A 15, a 16 e a 17 são mais regulares.

A 15, no entanto, retarda muito a ação, introduzindo informações desnecessárias:

- . Oh, avozinha! — exclamou Chapeuzinho, junto da cama.
- Para que tens esses olhos grandes?
- . Chapeuzinho aproximou-se mais um pouco.
- Oh, avozinha, para que tens essas orelhas tão grandes?
- . Aí Chapeuzinho Vermelho viu os dentes grandes e agudos do lobo.
- Oh, avozinha, para que tens esses dentes tão grandes?
- murmurou, com um fiozinho de voz.

Excluindo-se o que foi grifado, haveria sempre a mesma estrutura: "Oh, avozinha, para que tens esse(as).... tão grandes?" São frases interrogativas, ao contrário das dos textos originais. Apenas a primeira omite o advérbio "tão". Insiste-se na forma diminutiva: "avozinha".

A 16 mantêm uma grande regularidade na fala da menina, se bem que diferente da do original francês:

- . Vovô, vovôzinha, pra que essas orelhas tão grandes?
- . Vovô, vovôzinha, pra que êsses olhos tão grandes?
- . Vovô, vovôzinha, pra que êsses dentes tão grandes?

As frases são ritmadas, reforçando-se o coloquial e o afetivo ("vovô", "vovôzinha", "pra").

A 17 também adota um esquema paralelístico para as frases: primeira e terceira de um tipo, segunda e quarta de outro. A primeira e a terceira lembram o original francês:

- Que orelhas grandes a senhora tem, vovô!

. E que grandes olhos, vovô!

. Chapeuzinho Vermelho reparou, então, nas grandes patas do lobo saindo por baixo do lençol.

— E que braços peludos a senhora tem, vovô!

. E que grandes dentes, vovô.

A ação é retardada com a observação de que Chapeuzinho repara as patas do lobo. É dado à avó um tratamento respeitoso: "Senhora". A colocação e o tipo de adjetivo variam.

A 8, 13, e 24 não obedecem a esquemas.

Na 8, a fala de Chapeuzinho não é regular:

. Vovozinha, que orelhas enormes! — disse a menina.

. E que olhos tão grandes!

. Oh! E para que esses dentes tão grandes e afiados?

O vocativo "vovozinha" desaparece nas duas últimas frases, os adjetivos variam, e a última fala, bastante modificada (tornase interrogativa), é destacada pela interjeição, talvez numa interferência de Grimm, que a realça, porém, com a conjunção adversativa.

Na 13, as frases de Chapeuzinho também são bastante irregulares; retarda-se a ação, com a intromissão de orações intercaladas:

. Vovô, como seus braços estão peludos hoje! E como são compridos! — disse a menina, assustada.

. E que orelhas enormes! — tornou a dizer a menina.

. Mas que olhos tão grandes, vovô!

. Mas, vovô, que dentes grandes e afiados você tem!

Variam-se os adjetivos, e as caracterizações das orelhas, olhos e dentes são as mesmas da 8. Três frases apresentam o vocativo (nem sempre na mesma posição) e a interferência da conjunção adversativa "mas", nas duas últimas (uma possível proximidade de Grimm).

A 24 ainda guarda uma pequena regularidade:

. Que orelhas tão grandes!

. E esses olhos tão grandes?

. E esses dentes enormes?

Apesar de misturar frase exclamativa com interrogativa e variar o adjetivo na última, mantém nas duas primeiras o mesmo advérbio e adjetivo ("tão grandes") e, na segunda e terceira, a conjunção e o pronome demonstrativo ("E esses"). Há a omissão do vocativo.

33 são as mais próximas ao texto alemão, no que se refere à fala de Chapeuzinho.

A 29 reproduz com mais fidelidade o esquema original:

- . Oh, vovô, que orelhas tão grandes tens!
- . Oh, vovô, que olhos tão grandes tens!
- . Oh, vovô, que mãos enormes tens!
- . Mas, vovô, que bôca medonha tens!

Conserva-se a interjeição, como no original, trocando-a, na frase final, pela conjunção "mas". Alteram-se os adjetivos das duas últimas falas. É interessante o adjetivo "medonha", que se aproxima do contido no texto alemão, de uma boca que não é humana. Prefere-se a forma familiar "vovô" como vocativo e reforça-se, na primeira e segunda frases, o adjetivo "grande".

A 33 não conserva a interjeição antes do vocativo, mas mantém a conjunção adversativa na última frase, reforçando o espanto da menina:

- . Vovozinha, por que essas orelhas tão grandes?
- . Vovozinha, por que esses olhos tão grandes?
- . Vovozinha, por que essas mãos tão grandes?
- . Mas, vovozinha, por que essa boca tão grande?

A maior alteração, aqui, reside no fato de as frases terem-se transformado em interrogativas. A supressão da interjeição tira também um pouco da expressividade da fala de Chapeuzinho.

A versão 27 mantém certa uniformidade nas frases da menina (alternância "por que", "para que"), diferente da de Grimm:

. Por que suas orelhas estão grandes assim, vovô? — perguntou espantada.

- . E para que esses olhos tão grandes?
- . E para que essa boca tão grande?

Alterna-se também o advérbio: "tão", "assim". As frases são interrogativas, e não há destaque para a "boca".

A 18 usa frases exclamativas, mas diferentes das de Grimm:

- . Vovozinha — disse ela — como as tuas orelhas estão grandes!
- . Mas, vovozinha, como os teus olhos estão grandes!
- . Mas, vovozinha, como as tuas mãos estão grandes!
- . Vovozinha, que boca enorme!

A última frase se destaca pela mudança de estrutura. A conjunção adversativa, que em Grimm marca a última frase, aparece aqui nas duas frases do meio. Insiste-se no vocativo "vovozinha".

Das sete versões que suprimem um ou dois elementos de Grimm, nenhuma segue o modelo do texto alemão.

A 1 obedece a um esquema, mas diferente do original:

- . Vovô, como seus olhos estão grandes!
- . Vovô, como suas mãos estão grandes!
- . Vovô, como sua boca está grande!

O mesmo acontece com a 6:

- . Que olhos enormes, vovô!
- . Que mãos enormes, vovô!
- . Que boca enorme, vovô!

Essa versão não apresenta as informações que antecedem o diálogo final; inicia, portanto, esse quinto momento do conto dizendo: Ao chegar, Chapeuzinho Vermelho lhe falou.

A 9 tem a primeira e a terceira frases do mesmo tipo (com exceção do vocativo na primeira) e a segunda diferente:

- . Vovô, para que essas orelhas tão grandes?
- . E esses olhos tão grandes!
- . E para que essa boca tão grande?

A 3 é irregular:

- . Que olhos tão grandes, vovô!
- . E que mãos tão grandes!
- . E esta boca, vovô? Como é grande!

O mesmo acontece com a 7, em que aparece um adjetivo diferente dos existentes nos originais:

- . Vovô, para que esses olhos tão grandes?
- . E essa boca enorme?

E com a 10:

- . Vovô, que olhos grandes são esses?
- . E essa boca tão grande, vovô?

A 1, 3, 6, 7, 9 e 10 usam a forma familiar "vovô" como vocativo.

Finalmente, a 25 reproduz esse trecho sob a forma de discurso indireto: Aí, perguntou-lhe porque tinha orelhas tão grandes. Mas, quando a menina lhe perguntou porque sua boca era tão grande.... Há problemas de ortografia: "perguntou-lhe porque tinha...."

Das nove versões que são variações do esquema de Grimm (com interferência de Perrault ou intromissão de elementos novos) quanto às partes do corpo do lobo enumeradas, a 30 e a 31 apresentam a fala de Chapeuzinho próxima à do texto alemão.

A 30 simplifica o original, mas conserva a interjeição no início das frases. Não destaca a última com a conjunção adversativa:

- . Ó Avô, que orelhas tão grandes!
- . Ó Avô, que olhos tão grandes!
- . Ó Avô, que mãos tão grandes!
- . Ó Avô, que dentes tão grandes!

A 31, que se afasta sempre dos textos originais, aqui se aproxima de Grimm:

- . Mas que orelhas grandes você tem, vovô!
- . E que olhos tão grandes você tem, vovô!
- . E que nariz tão grande você tem, vovô!
- . Que boca tão grande você tem, vovô!

O vocativo "vovô" é transferido para o final da frase e, ao contrário de Grimm, a conjunção adversativa inicia a primeira frase. A última não é destacada.

A 4 e a 32 mantêm um esquema quanto à fala da menina, só que diferente do de Grimm.

A 4 afirma:

- . Que olhos tão grandes!
- . E que nariz tão comprido!
- . E que boca tão grande!

Não há vocativo, e é introduzido novo adjetivo.

A 32 mantém uma regularidade nas frases, mas continua com a sua característica de introduzir elementos novos, retardando inutilmente a narrativa:

- . Que pés tão grandes que você tem, vovô!
- . Chapeuzinho chegou ainda mais pertinho:
— Puxa!

Que orelhas tão grandes, que você tem, vovôzinha!

- . Hi! Que olhos tão grandes você tem, vovô!
- . Que nariz tão grande que você tem, vovô!
- . Mas que boca tão grande que você tem, vovô!

Continuam também os problemas de pontuação e ortografia, além de uma disposição gráfica sem sentido. As frases da menina são muito coloquiais: "Que.... que você tem...."

A 5 mostra a primeira frase de um tipo, e a segunda, terceira e quarta de outro:

. Uê, vovô, que engraçado! A senhora está com uns olhos tão grandes!

- . E que nariz tão grande, vovô!
- . E que braços tão compridos, vovô!

. E que boca tão grande, vovô!

O vocativo ainda é "vovô", como na maioria das versões. Usa-se uma forma coloquial ("Uê"), mas a avô é tratada com respeito: "senhora". Altera-se um adjetivo.

A 14, 19 e 28 não apresentam regularidade.

A 14 foge completamente a qualquer esquema:

. "Vovozinha", disse ela.

Mas que cara estranha é essa?

Seu nariz tá muito feio,

e a boca grande à beça!

Tenta-se a total informalidade ("tã", "à beça", "cara", "vovozinha").

Na 19, são introduzidos novos adjetivos, inclusive para realçar a "boca":

. Sua voz está ainda muito rouca, vovô!

. E que nariz grande e preto, vovô!

. E que orelhas grandes, vovô!

. E seus olhos, vovô? Que esquisitos! Tão grandes

. E que boca grande e vermelha, vovô!

Usa-se ainda a forma afetiva "vovô".

A 28 adota a forma diminutiva "avôzinha":

. Ai! avôzinha — disse a criança — por que tem as orelhas tão grandes?

. E por que está com uns olhos tão grandes?

. E por que está com os braços tão grandes?

. Jesus! para que tem hoje uma bôca tão grande e uns dentes tão agudos?

A primeira frase conserva a interjeição de Grimm ("Ai") e a última apresenta uma nova interjeição, de cunho religioso: "Jesus!"

Finalmente, a 23 não apresenta um diálogo: Quando Chapeuzinho chegou e viu aquela avozinha com os olhos tão grandes, o nariz tão grande e a boca tão grande, não pôde deixar de perguntar para que serviam todos eles, na maior inocência do munto. Como se vê, não há praticamente clímax nesse trecho: toda a emoção é eliminada, e não se encontra a gradação do espanto de Chapeuzinho.

Fala do lobo

Quanto à fala do lobo, das quatro versões que seguem mais de

perto Perrault a 20 e a 22 são próximas ao original (quatro frases com a mesma estrutura e a última, simplificada, rápida).

A 20 diz:

- . Para melhor te abraçar, meu bem.
- . Para correr melhor, meu bem.
- . Para te escutar melhor, minha filha
- . Para te ver melhor, minha filha.
- . Para te comer.

A posição do advérbio se altera, mas há dois tipos de vocativo, como no original, e a última fala é curta e rápida.

A 22 afirma:

- . É para melhor te abraçar, minha neta.
- . É para correr melhor, minha neta.
- . É para melhor escutar, minha neta.
- . É para te ver melhor, minha neta.
- . É para te comer!

Há, aqui, uma concordância ideológica:

"— Avó, como são grandes os seus braços!"

— É para melhor te abraçar, minha neta"

Além disso, altera-se a posição do advérbio na segunda e na terceira frases. O vocativo não se modifica, como em Perrault.

A 21 usa sempre a mesma estrutura, incluindo a última frase, que só não conserva o vocativo: não há, portanto, o destaque dado por Perrault:

- . É para melhor te abraçar, minha neta.
- . É para melhor correr, minha neta.
- . É para melhor te ouvir, minha neta.
- . É para melhor te ver, minha neta.
- . É para melhor te comer.

Prossegue a concordância ideológica:

"— Que braços peludos,"

— É para"

Na 26 modifica-se o esquema original, nas duas primeiras frases, troca-se "melhor" por "com força" e "depressa", mas mantêm-se as três últimas como em Perrault:

- . É para te abraçar com força, minha netinha!
- . É para correr depressa, minha netinha!
- . É para te ouvir melhor, minha netinha!
- . É para enxergar melhor, minha netinha!
- . É para te comer.

Aqui, também, há a concordância ideológica:

"— Como você tem os braços compridos....!"

— É para te abraçar....!"

O vocativo usado pelo lobo ("minha netinha") está no mesmo nível de afetividade do usado pela menina ("minha avôzinha").

Das sete versões que suprêm um ou dois elementos de Perrault, a 8, 15, 16 e 24 mantêm uma regularidade: três frases do mesmo tipo; elas fogem, portanto, ao esquema do original francês (última mais curta).

A 8 suprime o vocativo:

- . São para ouvi-la melhor...
- . São para vê-la melhor.
- . São para devorá-la melhor.

Na 15 conservam-se as duas únicas frases do mesmo tipo, mas introduzem-se informações desnecessárias, nas orações intercaladas:

- . É para melhor te ver, querida — disse suavemente o lobo.
- . É para melhor te ouvir, querida — respondeu o lobo, com a fala ainda mais macia.
- . É para melhor te comer, querida! — gritou o lobo.

Há também uma concordância ideológica:

- "— para que tens essas orelhas tão grandes?
- É para"

A 16 é mais informal, com a contração "pra":

O lobo respondeu:

- . Pra te escutar melhor, minha netinha.
- . Pra te escutar melhor, minha netinha.
- . Pra te ver melhor, minha netinha.
- . Pra te comer melhor, minha netinha.

Destaca-se o uso afetivo: "minha netinha".

A 24 não apresenta vocativo e introduz, desnecessariamente, orações intercaladas, que retardam a narrativa:

- . E o Lobo respondeu: "São para te ouvir melhor."
- . São para te ver melhor.
- . "São para te comer melhor", respondeu o Lobo....

A 12 tem duas frases do mesmo tipo, e a terceira diferente; também são introduzidas novas informações:

- . São para ouvir você melhor... — disse o Lobão.
- . São para ver você melhor, minha netinha...
- . O Lobão fez uma cara de quem ia engolir a menininha:
— São para comer você, meninhinha xereta!

Há uma antecipação do desenlace, que não vai ser dramático,

mas humorístico.

Na 17 usa-se o vocativo nas três primeiras frases:

- . É para te ouvir melhor, minha neta!
- . É para te ver melhor, minha neta!
- . É para melhor te abraçar, minha neta!
- . É para melhor te comer!

E destacam-se as duas últimas, com a anteposição do advérbio. A última não tem destaque especial. Como em outros textos, há a concordância ideológica.

"— Que orelhas grandes
— É para"

Na 13 fragmenta-se muito o diálogo e introduzem-se informações novas:

- . São para abraçar você — respondeu o lobo.
- . São para ouvir tudo que você diz — respondeu o lobo.
- . São para ver como você é bonita! — disse o lobo.
- . São para comer você.

A última frase, no entanto, se destaca por ser mais simples e curta.

Das quatro versões que seguem o esquema de Grimm, a 33 é a mais fiel ao texto original alemão:

- . Para que possa ouvi-la melhor!
- . Para que eu possa vê-la melhor!
- . Para que eu possa agarrá-la melhor!
- . Para que eu possa devorá-la melhor!

Adota-se o pronome de tratamento "você", mais natural em português. A única alteração que se apresenta é em relação ao verbo "agarrar". Em Grimm, como foi visto, o lobo diz que suas mãos são para "pegar" a menina. Ao usar o "agarrar", o texto antecipa o ato final.

A 29 mostra regularidade na fala do lobo, e seu esquema se aproxima do da tradução francesa:

- . São para melhor te ouvir.
- . São para melhor te ver.
- . São para melhor te agarrar.
- . É para melhor te devorar.

Insiste-se, aqui também, no verbo "agarrar" e omite-se o vocativo.

A 18 segue esse esquema da 29, mas conserva o vocativo (na forma diminutiva), exceto na última:

- . São Para te escutar melhor, minha netinha.
- . São para te enxergar melhor, minha netinha.
- . São para te abraçar melhor, minha netinha.
- . É para te comer melhor.

Essa versão apresenta um destaque gráfico, nesse trecho: o tipo das letras vai aumentando, enquanto cresce a tensão; Usa-se o verbo "comer", como em Perrault.

A 27 não apresenta grande regularidade:

- . Para ouvi-la melhor, Chapeuzinho.
- . Para melhor te pegar, minha neta, respondeu o lobo.
- . Para devorá-la mais depressa, menina!

O advérbio varia de posição, como varia também o tipo de vocativo. Observa-se a não uniformidade nas formas de tratamento: o lobo usa "você" e "tu" ao mesmo tempo ("ouvi-la", "te pegar"), mistura característica da língua oral.

Das sete versões que suprimem um ou dois elementos de Grimm, a 1, 3, 6, 7, 9 e 10 mantêm um esquema, que é o mesmo da tradução francesa.

A 1 afirma:

- . São para vê-la melhor! — falou o lobo.
- . São para acariciá-la melhor!
- . É para comê-la melhor!

Introduz-se o verbo "acariciar" com a sua conotação de sedução que, aliás, não é reforçada em outras frases.

A 3 apresenta o vocativo na primeira frase:

- . São para vê-la melhor, minha netinha!
- . São para acariciá-la melhor!
- . É para comê-la melhor! — gritou o lobo....

Assemelha-se à 1, inclusive quanto ao verbo "acariciar".

Na 6 o advérbio é anteposto ao verbo e há um tom informal ("pra"):

- . São pra melhor ver você!
- . São pra melhor abraçar você!
- . São pra melhor comer você!

Usa-se o verbo "abraçar", como em Perrault.

Na 7 o vocativo aparece também apenas na primeira frase.

- . É para vê-la melhor, minha netinha! — respondeu o lobo.
- . É para comê-la melhor! — gritou a fera....

Há a concordância ideológica:

- "— para que esses olhos
- É para!"

A 9 diz:

- . É para ouvir melhor! — respondeu o lobo.
- . É para ver melhor! — disse o lobo.
- . É para comer melhor!

Há igualmente a concordância ideológica:

"— para que essas orelhas?"

— É para!

As versões 1, 2, 6, 3 e 7 usam o verbo "comer", como em Perrault.

A 10 adota o mesmo vocativo da 3 e 7:

. São para ver você melhor, minha netinha — respondeu o Lo
bão.

.. É para devorá-la melhor!!! — disse o lobo.

A 25 apresenta o trecho em discurso indireto, mas mantém a última fala do lobo:

.... O lobo disse que era para ouvir melhor.

.... o lobo saltou sobre ela, dizendo: "pra te comer melhor".

Essa última fala tenta o tom informal ("pra").

Das nove versões que são variações do esquema de Grimm (com interferência de Perrault ou intromissão de elementos novos), a 28, 30, 31 e 32 seguem, em linhas gerais, o mesmo esquema, talvez por influência de Perrault.

A 28 apresenta o vocativo apenas na primeira frase:

- . É para te ouvir melhor, minha filha.
- . É para te ver melhor.
- . É para te abraçar melhor.
- . É para te comer melhor.

Usam-se, como em Perrault, "abraçar" e "comer".

Persiste a concordância ideológica:

"— por que tem as orelhas tão grandes?"

— É para....

A 30 afirma:

- . São para te ouvir melhor.
- . São para te ver melhor.
- . São para te abraçar melhor.
- . São para te comer melhor.

Usam-se também "abraçar" e "comer".

A 31 introduz informações, que retardam a ação:

. O lobo puxou um pouco mais para junto do pescoço e retrucou: — São para te ouvir melhor.

- . São para te ver melhor.
- . É para te cheirar melhor.
- . O vilão não pôde mais agüentar. Dando um empurrão no lençol que o cobria, pulou da cama gritando: — É pra te comer melhor!

A informação inicial não tem nexos: o lobo puxou o quê "mais para junto do pescoço?" Parece haver um descuido de revisão. No final, tenta-se aumentar a dramaticidade da cena, com as atitudes exageradas do animal. A última frase tem um tom informal: "pra".

A 32 usa o advérbio final em "caixa alta":

- . São para ouvir-te melhor, minha netinha.
- . São para ver-te melhor, Chapeuzinho.
- . É para cheirar melhor, minha netinha.
- . É para comer-te...

MELHOR!!

O vocativo é omitido na última frase.

A 4 e a 5 apresentam outro esquema: duas primeiras frases iguais e a terceira diferente.

A 4 tem o vocativo (na forma diminutiva) nas duas primeiras frases:

- . São para melhor ver você, netinha!
- . É para melhor cheirar você, netinha!
- . Ah, é para melhor comer você! — disse o lobo levantando se da cama.

A última se destaca com a interjeição.

A 5 também enfatiza o final da conversa e introduz outra informação:

- . É pra melhor enxergar você!
- . É pra melhor cheirar você!
- . É pra melhor abraçar você, minha neta! Chegue mais perto!
- . Ah, sabe para que serve esta boca tão grande? É pra melhor comer você!

Tenta-se uma informalidade, nas três primeiras frases: "pra".

A 19 e a 23 fogem a qualquer esquema.

A 19 diz:

- . É a garganta irritada, minha netinha.
- . É de tanto espirrar e esfregar, minha netinha.
- . Assim ouço melhor você, minha netinha.
- . São para ver você melhor, minha netinha.
- . É para comer você mais depressa, minha netinha.

Destaca-se o vocativo, sempre na forma diminutiva.

Na 23, há apenas uma frase do lobo: Servem para te engolir — falou o lobo....

Finalmente, a 14 não apresenta fala do lobo. Depois das perguntas de Chapeuzinho, vem imediatamente o desenlace da história.

Quanto a esse quinto momento do conto, no que diz respeito às informações que antecedem o diálogo final, quatro versões prendem-se a Perrault, e quatro a Grimm. Vinte e cinco misturam itens dos dois originais ou são resumidas e/ou modificadas. Treze acrescentam novos dados, e dezoito omitem informações comuns aos textos francês e alemão, com variação: Chapeuzinho aproxima-se da cama e assusta-se com a "avô".

A informação mais constante é a do espanto da menina diante da aparência da suposta avô (aparece em vinte textos), e as menos frequentes são a explicitação de que a "avô" estava despida (registra-se em apenas uma versão) e de que Chapeuzinho "tirou a roupa", existente em dois textos.

As versões mais fiéis a Perrault são a 20 e a 22; a mais fiel a Grimm é a 33. A mais modificada é a 32; a 6 não apresenta esse trecho.

Como de costume, várias informações se acrescentam às originais: o lobo dá a Chapeuzinho novas instruções sobre como abrir a porta; inventam-se diálogos desnecessários a respeito da saúde da "avô", do passeio da menina, etc. Exageram-se sentimentos, especificam-se os menores passos das personagens. Períodos longos são criados, retardando o instante de maior tensão, ou seja, o diálogo final entre Chapeuzinho e o lobo.

Prossegue o uso do diminutivo no discurso do narrador, no do lobo (que tenta ser amável) e no da menina. Os mais comuns são "netinha" e "vovozinha", que aparecem mais de dez vezes cada um.

São introduzidos novos adjetivos, que servem principalmente para dar uma outra caracterização à falsa avô: o mais frequente é "feia"; persiste a referência à verdadeira avô: "boa", "bondosa", etc.

Quanto ao registro usado, há traços de coloquialismo tanto na escolha do vocabulário quanto na sintaxe, alguns dos quais destoantes do tom geral da versão.

Em três, o lobo usa o pronome "tu", ao dirigir-se a Chapeuzinho; em quatro, a menina chama a suposta avô de "senhora".

Chapeuzinho insiste na forma familiar "vovô", usando-a várias vezes desnecessariamente; essa forma também aparece no discurso do

narrador. É comum, igualmente, na fala da menina, o uso de "mãe".

No que se refere ao diálogo final, as versões mais fiéis a Perrault são a 20 e 22, e as mais fiéis a Grimm são a 29 e a 33; dois textos não têm esse momento do conto.

Em relação à fala de Chapeuzinho, a maioria das versões apresenta frases unicamente exclamativas, como em Perrault e em Grimm; algumas possuem apenas frases interrogativas, e um número reduzido mistura frases exclamativas e interrogativas. Em vários textos, há somente frases nominais; alguns apresentam apenas períodos (frases organizadas em orações), como nos originais, e outros misturam períodos e frases nominais.

A maioria dos períodos ainda é do tipo do existente em Perrault e em Grimm, variando-se a posição do vocativo: "... que... tu (você/senhora) tens (tem)....!" Isso não quer dizer, porém, que as versões que os contêm sejam muito fiéis aos originais. Influíram para sua maior ou menor fidelidade, como já foi visto, o vocativo, os adjetivos, interjeições e a regularidade da fala como um todo.

Quanto às frases nominais, a maior parte é do tipo: "... que tão grandes (enormes)....!"

O vocativo preferido é "vovô"; a seguir tem-se as formas diminutivas "vovozinha" e "avozinha"; é mais rara a forma "avó". A maioria das versões traz o vocativo em todas as frases, mas há um bom número que o omite em alguma fala; em dois textos, ele não aparece. Normalmente, vem no início da frase.

O adjetivo mais usado é "grande(s)", reforçado pelo advérbio "tão" (tal reforço não existe nos originais). São comuns ainda os adjetivos "enormes" e "comprido(a)s". Esses adjetivos vêm geralmente pospostos aos substantivos.

A forma de tratamento mais comum é "você" ou "senhora"; é raro o uso do pronome "tu".

Quanto à fala do lobo, a maioria das versões mistura frases declarativas, exclamativas e suspensivas; um número significativo apresenta frases exclamativas, como em Perrault, e outro, frases declarativas, como em Grimm.

O advérbio é normalmente posposto ao verbo: "São (é) para melhor." Apenas quatro versões seguem o esquema de Perrault: omissão do advérbio na última frase, para efeito estilístico; a maioria adota o esquema de Grimm: mesmo advérbio, na mesma posição, em todas as frases.

É comum a concordância ideológica: "como são....!"/"É para

...."

Quanto aos vocativos usados, prefere-se geralmente a forma diminutiva: "(minha) netinha" é a mais comum. Nenhuma versão é rigorosamente fiel a Perrault, quanto à alternância dos tipos de vocativo; e em várias ele não aparece, como em Grimm.

Adota-se normalmente o pronome oblíquo "te", mesmo nas versões em que Chapeuzinho usa o tratamento "você" (característica de *Júnior*).

Na maioria dos textos, o lobo usa o verbo "comer", como em Perrault.

Considerando-se o diálogo final como um todo, a maioria das versões altera substancialmente os originais. Perde-se o ritmo e a concisão das frases, necessárias para se atingir o clímax. Há exagero, principalmente nas falas de Chapeuzinho, o que atenua a expressividade dos textos iniciais. Nenhuma versão, por exemplo, consegue o equilíbrio e a força dramática existentes no conto de Perrault.

2.4 DesenlacePerrault:

Et, en disant ces mots, le méchant Loup se jeta sur le Petit Chaperon rouge, et la mangea.

MORALITÉ

On voit ici que de jeunes enfants,
 Surtout de jeunes filles,
 Belles, bien faites et gentilles
 Font très mal d'écouter toutes sortes de gens.
 Et que ce n'est pas chose étrange,
 S'il en est tant que le loup mange.
 Je dis le loup, car tous les loups
 Ne sont pas de la même sorte:
 Il en est d'une humeur accorte,
 Sans bruit, sans fiel et sans courroux,
 Qui, privés, complaisants et doux,
 Suivent les jeunes demoiselles
 Jusque dans les maisons, jusque dans les ruelles.
 Mais, hélas! qui ne sait que ces loups doucereux,
 De tous les loups sont les plus dangereux!

Grimm:

A peine le Loup eut-il prononcé ces mots, qu'il bondit hors du lit et avala le pauvre petit Chaperon Rouge.

Lorsque le Loup eut-il apaisé sa faim, il se recoucha, s'en dormit et commença à ronfler bruyamment. Un chasseur passait justement devant la maison. Il se dit: "Comme cette vieille femme ronfle! Il faut que je voie si elle a besoin de quelque chose." Il entre dans la chambre et quand il arrive devant le lit, il voit que c'est un Loup qui y est couché.

— Ah! c'est toi, bandit! dit-il. Voilà bien longtemps que je te cherche...

Il se prépare à faire feu lorsque tout à coup l'idée lui

vient que le Loup pourrait bien avoir avalé la grand-mère et qu'il serait peut-être encore possible de la sauver. Il ne tire pas, mais prend des ciseaux et commence à ouvrir le ventre du Loup endormi. A peine avait-il donné quelques coups de ciseaux qu'il aperçoit le Chaperon Rouge. Quelques coups encore et la voilà qui sort du Loup et dit: "Ah! comme j'ai eu peur! Comme il faisait sombre dans le ventre du Loup!" Et voilà que la grand-mère sort à son tour, pouvant à peine respirer. Le petit Chaperon Rouge se hâte de chercher de grosses pierres. Ils en remplissent le ventre du Loup. Lorsque celui-ci se réveilla, il voulut s'enfuir. Mais les pierres étaient si lourdes qu'il s'écrasa pas terre et mourut.

Ils étaient bien contents tous les trois: le chasseur dépouilla le Loup et l'emporta chez lui. La grand-mère mangea le gâteau et bu le vin que le petit Chaperon Rouge avait apportés. Elle s'en trouva tout ragaillardie. Le petit Chaperon Rouge cependant pensait: "Je ne quitterai plus jamais mon chemin pour aller me promener dans la forêt, quand ma maman me l'aura interdit."

É quanto ao Desenlace da história a maior divergência dos textos de Perrault e de Grimm.

Segundo Soriano, o conto francês seria um "conte d'avertissement" (ou como o chama Bettelheim: "conto admonitório"), que termina mal para o personagem simpático, exatamente para chamar a atenção para os perigos da vida. Depois do texto dos irmãos Grimm, no século XIX, os folcloristas colocaram uma questão importante: que versão seria a verdadeiramente popular, a que tem o final infeliz (Perrault) ou a que acaba bem (Grimm)?

Soriano vem em defesa de Perrault. Apontando pesquisas de Paul Delarue e Marianne Rumpf, afirma que o conto dos irmãos Grimm deriva do de Perrault. Teriam eles recolhido sua versão de uma contadora de histórias de descendência francesa, pois Chapeuzinho Vermelho não seria da tradição oral alemã. Sendo assim, a sua versão teria sofrido uma contaminação de outras histórias, tendo um final feliz, com a intervenção providencial do caçador. (36, p. 150)

Darnton afirma o mesmo: "... os contos que chegaram aos Grimm através dos Hassenpflug não eram nem muito alemães nem muito representativos da tradição popular. Na verdade, os Grimm reconheceram sua natureza literária e afrancesada e, por isso, elimi-

naram-nos da segunda edição do Kinderund Hausmärchen — com execução de "Chapeuzinho Vermelho".

Este permaneceu na coletânea, evidentemente, porque Jeannette Hassenpflug [a vizinha de origem francesa que lhes narrara a história] lhe enxertara um final feliz, tirado de "O lobo e as crianças" (conto do tipo 123, de acordo com o esquema de classificação padrão elaborado por Antti Aarne e Stith Thompson), um dos mais populares na Alemanha." (43, p. 24)

Bettelheim, por sua vez, cita Andrew Lang: "Este [o final feliz] pode ter sido o final original omitido por Perrault porque era totalmente impossível para a criação de criança no tempo de Luís XIV, ou as crianças podem ter insistido em que a estória "acabasse bem". Em qualquer dos casos, a "Märchen" alemã preserva um dos incidentes míticos mais divulgados no mundo — o reaparecimento de pessoas vivas de dentro de um monstro que as devorara." (42, p. 357)

Bettelheim, no entanto, não cita pesquisas de Andrew Lang que provariam a tese de que Perrault omitiu o final feliz, enquanto Soriano e outros se aprofundam na sua defesa do "final infeliz".

Em relação aos dois textos distintos (o francês e o alemão), percebe-se que, em Perrault, o lobo "mau", dizendo a Chapeuzinho que pretendia comê-la, jogou-se sobre ela e a comeu. Findo o texto, Perrault apresenta sua "Moralité", em que fica bem clara a sua intenção: alertar as "mocinhas" para o perigo do sexo. Segundo Soriano, essa é uma característica de contos folclóricos: "moralité unique qui est justement un avertissement et qui n'est que cela". (36, p. 153)

O desenlace em Grimm é bem extenso: o lobo, tendo devorado Chapeuzinho, deita-se na cama, adormece e começa a roncar. Um caçador passa, ouve os roncos e preocupa-se, pensando que é a avó, que talvez estivesse passando mal. Ao entrar na casa e ver o lobo, resolve matá-lo, mas, imaginando que ele poderia ter comido a avó e esta ainda pudesse ser salva, abandona a espingarda e usa uma tesoura, para abrir a barriga do animal. Chapeuzinho sai, assustada, seguida pela avó. A menina busca pedras, e enchem a barriga do lobo que, logo ao acordar, querendo fugir, morre com o peso das pedras. Todos ficam alegres. O caçador tira a pele do lobo e a leva embora. A avó, comendo o bolo e bebendo o vinho trazidos por Chapeuzinho, reanima-se. Chapeuzinho promete nunca mais desobedecer a sua mãe.

Segundo Fromm, esse trecho não trata apenas dos riscos do se-

xo. Discutiria o papel do homem e como é figurado o sexo: "O macho é representado como um animal implacável e astucioso, e o ato sexual descrito como um ato canibalista em que o macho devora a fêmea. Esse modo de ver não é sustentado por mulheres que gostam dos homens e apreciam o sexo. É uma expressão de um antagonismo profundo contra os homens e o sexo. O ódio e o preconceito contra os homens, no entanto, são expostos ainda mais claramente no fim da estória. Uma vez mais, como no mito babilônico, temos de recordar que a superioridade da mulher consiste em sua capacidade para gerar crianças. Como, então, o lobo é ridicularizado? Mostrando que ele tentou representar o papel de uma mulher grávida, carregando seres vivos dentro do ventre. Chapeuzinho coloca pedras, um símbolo de esterilidade, na barriga dele, e o lobo cai e morre. Sua ação, de acordo com a lei da vingança, é castigada conforme o crime: ele é morto por pedras, o símbolo da esterilidade, que são uma zombaria de sua usurpação do papel da mulher grávida.

Esse conto de fadas, onde as figuras principais são três gerações de mulheres (o caçador, na conclusão, é a figura do pai convencional, sem peso real), narra o conflito macho-fêmea: é uma descrição da vitória das mulheres que detestam homens, exatamente ao contrário do mito edipiano, que deixa o macho sair triunfante da peleja". (41, p. 175-6)

Bettelheim diz que "o macho é de importância capital, dividido em duas figuras opostas: a do sedutor perigoso que, se cedermos a ele, se transforma no destruidor da avó boa e da menina; e a do caçador, a figura paterna responsável, forte e salvadora. É como se Chapeuzinho tentasse entender a natureza contraditória do homem vivenciando todos os aspectos da personalidade dele: as tendências egoístas, associadas, violentas e potencialmente destrutivas do id (o lobo); e as propensões altruísticas, sociais, reflexivas e protetoras do ego (o caçador)." Afirma ainda que "a diferença de Chapeuzinho, que cede às tentações do id, e com isso trai a mãe e a avó, o caçador não permite que suas emoções o dominem". Ao ver o lobo na cama, seu desejo imediato é atirar nele; mas "se controla, e em vez de matar o animal, abre cuidadosamente o estômago dele com sua tesoura, salvando Chapeuzinho e a avó. O caçador é a figura mais atraente, tanto para os meninos como para as meninas, porque salva os bons e castiga o malvado." Bettelheim insiste que "o lobo não é apenas o sedutor masculino. Também representa todas as tendências associadas e animalescas dentro de nós". "Durante a estória não se menciona o pai....(que)

está presente.... de duas formas.... como lobo.... e como caçador, na sua função resgatadora e protetora." Afirma também que "Chapeuzinho e a avó não morrem realmente, mas certamente renascem.... para um plano mais alto de existência". E completa: "Chapeuzinho não diz que nunca mais se arriscará a encontrar-se com o lobo ou andar sozinha na floresta. Ao contrário, o final implicitamente adverte a criança que fugir das situações problemáticas é a solução errada. A estória termina assim: "Mas Chapeuzinho Vermelho pensou: — enquanto eu viver, não sairei da estrada para entrar na floresta por mim própria, quando mamãe me proibir." Com este diálogo interno, fundamentado numa experiência perturbadora, o encontro de Chapeuzinho com a própria sexualidade terá um resultado bem diferente, quando ela estiver preparada — quando então a mãe a aprovará." (42, p. 209-17,10-13,14)

Cooper lembra outras interpretações para o trecho final do texto dos irmãos Grimm: "Para Lefvire y Husson, el lobo es el sol, que todo lo devora, un simbolismo también presente en los mitos védicos y greco-romanos. Pero Saint-Yves encuentra en él el simbolismo de la mitología escandinava y teutona, el de la noche y la oscuridad del invierno. Ploix considera también al lobo como la personificación de la noche y a Caperucita Roja como lo femenino en su aspecto luminoso, mientras que el cazador que la extrae del estómago del lobo es el típico héroe que salva a la heroína del monstruo del mito, la Abuela es el Año Viejo, engullido por el Invierno" (35, p. 168)

Cerda aponta a teoria ético-religiosa: "Al desobedecer Caperucita los consejos de su madre moral y consanguínea, recibe el castigo divino: es devorada por el lobo (Satanás). El Salvador de Caperucita, un cazador, es el Angel de la Guarda o quizás el arcángel San Gabriel, enviado por la Divina Providencia a salvar la niña, la abuela y exterminar al lobo-satanás." Cerda conclui: "Esta interpretación, da la exacta medida de las insospechadas posibilidades que surgen para quien desee agregar otra más a la lista de las ya existentes. Con un poco de imaginación y fantasía se pueden alcanzar resultados insospechados en este terreno. Violencia, sexo, signos mitológicos, alegorías ritualistas, impresionistas o feudianas, podem constituirse en los ingredientes estelares de estas interpretaciones y de esta manera convertir estas viejas consejas infantiles en la personificación más clara de la mitomanía histórica y científica o de la represión sexual". (44, p. 273-4)

Informações de Perrault

. Dizendo essas palavras, o lobo se atira sobre Chapeuzinho Vermelho e a come: Et, en disant ces mots, le méchant Loup se jeta sur le Petit Chaperon rouge, et la mangea.

Apenas as versões 20, 21, 22 e 26 seguem o esquema de Perrault.

A 20 é bastante fiel: Assim falando, o Lobo malvado lançou se sobre Chapeuzinho Vermelho e engoliu a menina. Não se usa o verbo "comer", como no original.

Essa versão é a única que aponta a "moral", depois da história: Por aí se vê que as crianças, principalmente as meninas bonitas e engraçadinhas, fazem muito mal em falar com todas as pessoas que encontram, porque acabam sendo comidas pelo lobo. É preciso notar que os lobos são de várias espécies: eu falo é do lobo amável, silencioso, incapaz de se zangar. Em geral esses lobos são, entre todos os lobos, os mais perigosos. Essa "moral" é simplificada e não vem em versos; conserva, no entanto, o verbo "comer", como no original.

A 22 também é fiel: E com essas palavras, o lobo se atirou sobre Chapêuzinho Vermelho e a devorou. Prefere-se, o verbo "devorar", como em Grimm, e não se caracteriza o lobo como "mau".

A 21 prossegue na sua tradução livre. Aqui, tenta-se atualizar o texto com a onomatopéia: ...nhoque! avançou para a menina e a devorou. Também adota-se o verbo "devorar" e não se fala que é um lobo "mau".

O mesmo acontece com a 26: E, dizendo isto, jogou-se sobre Chapêuzinho Vermelho e devorou-a.

Nenhum texto usa o verbo "comer" (exceto na "moral" ao final da 22); apenas um caracteriza o lobo.

Informações de Grimm

a) Logo após pronunciar essas palavras, o lobo dá um pulo da cama e devora a menina: A peine le Loup eut-il prononcé ces mots, qu'il bondit hors du lit et avala le pauvre petit Chaperon rouge.

A tradução francesa confere com o original de Grimm.

As versões 18, 19, 27, 28, 29, 30 e 33 apresentam a informação.

As mais próximas do sentido do texto alemão são a 28, 29,

30 e 33.

A 33 fala em "menina" e não em "Chapeuzinho": Mal tinha pronunciado estas palavras, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre menina.

A 28 prossegue no seu formalismo: A estas palavras o lobo arremessou-se à pobre pequena, e engoliu-a. Grafa o verbo "engolir" com "u".

A 29 também adota essa forma: Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapêuzinho Vermelho. Refere-se à menina com o artigo definido feminino, numa concordância ideológica.

A 30 prefere usar o artigo masculino: E mal tinha dito estas palavras, o Lobo atirou-se sobre o pobre Chapeuzinho Vermelho e comeu-o de uma vez só.

A 28 e a 30 omitem a informação de que o animal "pulou da cama".

A 18 não se distancia muito do texto alemão. Só que, como as outras, não usa o verbo "devorar", não caracteriza a menina, mas insiste em caracterizar o lobo, como em Perrault: E mal acabou de dizer isso, o Lobo Mau deu um salto da cama e engoliu Chapeuzinho Vermelho.

A 19 entra em detalhes desnecessários e redundantes: E de uma só vez o lobo comeu a menina inteirinha, como fizera com a vovó. Era mesmo um lobo muito guloso!

A 27 simplifica a informação: Num instante o lobo abocanhou Chapeuzinho e engoliu-a inteirinha!

Quatro versões dizem que o lobo pulou da cama; quatro, que ele "engoliu" a menina, e duas que ele a "comeu". Quatro caracterizam a "vítima": "pobre" Chapeuzinho; quatro também afirmam que esse ato se deu logo após sua última fala.

b) Depois de satisfazer sua gula, o lobo deita-se de novo na cama, adormece e começa a roncar muito alto: Lorsque le Loup eut-il apaisé sa faim, il se recouche, s'endormit et commença à ronfler bruyamment.

Aqui, o texto alemão é mais enfático que a tradução francesa: diz-se que o lobo satisfez sua gula. Insiste-se que ele começou a roncar "muito alto".

Essa informação é reproduzida mais de perto nas versões 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30 e 33.

A 33 é bastante próxima ao original: Depois de ter satisfeito sua gula, o lobo deitou-se novamente na cama, adormeceu e começou a roncar. Apenas não destaca que ele roncava "muito alto".

A 30 traduz "gula" por "feroz apetite" e também não destaca o ronco do animal: E depois de satisfazer o seu feroz apetite, o Lobo deitou-se outra vez na cama, adormeceu e começou a ressonar.

A 18 e a 29 são igualmente fiéis, só que não falam em "gula", apenas em "apetite".

A 18 diz que Depois de satisfazer o apetite, o lobo tornou a se deitar na cama, ferrou no sono e começou a roncar muito alto.

É curioso e formal o advérbio escolhido pela 29 para caracterizar a maneira como o lobo roncava: Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar sonoramente.

A 26 também não deixa de aproximar-se do texto de Grimm, mas faz uma tradução mais livre e traz a sua marca, ou seja, o exagero: O lobo, farto de tanta comida, tornou a deitar-se na cama; dormiu e começou a roncar fazendo um barulhão.

A 27 não enfatiza a "gula", não apresenta o detalhe de que ele deitou-se "de novo" na cama e acrescenta uma informação: Satisfeito com a refeição e com a barriga cheia, dormiu e pôs-se a roncar bem alto.

A 28 simplifica muito a informação, mas conserva a idéia geral: A seguir adormeceu e começou a ressonar muito alto. Essa versão e a 30 (portuguesa) usam um verbo mais formal: "ressonar".

Um outro texto, o 19, em linguagem coloquial, introduz vários pormenores: Depois, de barriga cheia, satisfeito da vida, o Lobo Mau resolveu tirar uma pestana... A cama estava tão quente. No final, percebe-se um discurso indireto livre.

A 13 inova. Chapeuzinho não é devorada, escondendo-se no guarda-roupa; o lobo fica esperando que ela saia de lá: Mas logo sentiu sono e resolveu deitar na cama da avó para dormir. O lobo, quando dormia, costumava roncar alto. O tom é coloquial: "deitar na cama".

Em relação a esse trecho, sete versões fazem referência à gula do lobo, mas apenas uma usa essa expressão. Quatro explicitam que ele deitou-se de novo na cama. Oito afirmam que ele adormeceu ou dormiu. Sete trazem a idéia de que o animal começou a roncar; cinco conservam a informação de que ele roncava alto.

c) O caçador passa ao lado da casa nesse momento, ouve os roncos e, pensando que é a avó, preocupa-se: Un chasseur passait justement devant la maison. Il se dit: "Comme cette vieille femme ronfle! Il faut que je voie si elle a besoin de quelque chose."

A tradução francesa confere com o original alemão. Apenas, no texto de Grimm, as personagens sempre falam para elas mesmas: "tu tens que ver se ela está precisando de alguma coisa".

Também são as versões 18, 29, 26, 27, 28, 29, 30 e 33 as que reproduzem melhor essa informação.

A 29 talvez seja a mais fiel: Justamente, nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquêle ronco, pensou: "Como ronca a velha senhora! É melhor dar uma olhadela a ver se está se sentindo mal." Há um tom formal ("a ver se está se sentindo mal"). Omite-se uma vírgula, onde ela seria necessária.

A 30 também é bastante fiel: Mas um caçador que passou mesmo em frente da casa disse para consigo: "A velhota ressona de uma maneira muito estranha. Era melhor eu ir ver se ela precisa de alguma coisa." Insiste-se no verbo "ressonar", e há a caracterização "velhota" que, em Portugal, não teria conotação pejorativa.

A 33, igualmente muito próxima ao original, opta, como em outras ocasiões, pelo uso afetivo no tratamento dado à avó: Um caçador que passava por ali pensou: "como essa velhinha ronca! É melhor eu ir ver se ela não está precisando de alguma coisa."

O mesmo acontece com a 18: Um caçador ia passando por ali e pensou: "como a velhinha estava roncando! Acho melhor ir ver se ela precisa de alguma coisa." Aliás, a 33 e a 18 são bem parecidas nesse trecho, não explicitando, inclusive, que o caçador passava "justamente" em frente à casa.

A 19 continua introduzindo dados novos e desnecessários, que retardam a ação: Foi o seu azar. Todos os dias, um caçador passava pela casa da vovó de Chapeuzinho. Muitas vezes, entrava para tomar um café gostoso, que só a boa velhinha sabia fazer.

Naquela tarde, porém, levou um tremendo susto. Meu Deus, que roncos eram aqueles?! O que teria acontecido com a vovó? Devia estar muito doente. O último trecho constitui um discurso indireto livre. O trecho procura passar muita emoção; há um uso constante de adjetivos.

Outras versões (1, 3, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24 e 5) apresentam a chegada providencial do caçador, mas para de sempenhar papel diferente. Como nelas o lobo não devora Chapeuzi-

nho, o caçador vem exatamente acudir a menina, impedindo que ela seja devorada.

No texto de Grimm, esse caçador surge no momento certo, mas resolve entrar na casa atraído pelos roncos do lobo, os quais julga serem da avó.

Em várias dessas versões que serão vistas a seguir o caçador surge magicamente, como no original, mas vai salvar a menina e/ou a avó, sem que nada tenha chamado sua atenção. Não há explicação, nem há seqüência lógica na sua atitude.

É o caso da 1, 3, 14, 16 e 23.

A 1 diz: Mas antes que ele pudesse fazer alguma coisa de mau, um caçador apareceu com uma espingarda.

A 3 afirma: Nesse instante, apareceu um caçador....

A 14: Mas chegou um caçador....

A 16: Aí chegou um lenhador....

A 23: até que os caçadores chegaram com seus cães de caça....

Outras dizem que o caçador ouviu os gritos da menina: 6, 8, 10, 11, 15 e 25.

A 6 diz: Um caçador, que estava por perto, ouviu os gritos de Chapeuzinho....

A 8 afirma: Um caçador que passava por ali ouviu seus gritos.

A 10: Dois lenhadores que estavam perto escutaram os gritos e correram....

A 11: Neste momento, um caçador corajoso passava justamente pela casa da avó de Chapeuzinho Vermelho e, ouvindo o grito da menina....

A 15: Neste momento um caçador passava junto da casa. Ouviu o grito de susto de Chapeuzinho Vermelho....

A 25: Um velho lenhador que por ali passava, ouviu os gritos....

A 24 diz que a menina pediu ajuda: pediu ajuda a um lenhador que ia passando.

Algumas dessas versões, talvez por interferência de Perrault, falam de "lenhador" (10, 16, 24 e 25). Duas caracterizam esse "caçador" ou "lenhador": a 11 e a 25.

Na 17, o caçador se sente atraído pela porta aberta: Nesse momento, um caçador amigo da avó passava por perto. Vendo a porta aberta, disse consigo: "Vou ver o que está acontecendo. A velha nunca deixa a porta da casa aberta!"

Há a necessidade de se explicar quem era ele ("amigo da avó").

A 13 afirma, como já foi visto, que o lobo roncava, enquanto

esperava Chapeuzinho sair do guarda-roupa, e isso chamou a atenção do caçador: Estava roncando, fazendo um barulhão, quando passou por ali um caçador.

Outras versões falam do caçador, mas em circunstâncias bem diferentes da do texto de Grimm: ele não passa perto da casa, mas é chamado geralmente por "bichinhos" amigos de Chapeuzinho. Essa intervenção será vista, portanto, no momento em que se mostrarem as informações que foram acrescentadas ao texto original.

Não há tradução rigorosa do texto de Grimm, quanto a esse trecho. Quinze versões apontam a passagem do caçador (ou lenhador). Outras três afirmam que ele "chegou", e duas, que ele "apareceu". Sete conservam, com variações, a idéia original de que ele passava justamente por aquele local. Em sete textos, o seu pensamento é expresso em discurso direto; um prefere o indireto e outro o indireto livre. Em oito há referência explícita aos roncos da suposta avó; apenas um, no entanto, conserva o tratamento original dado à "avó": "velha senhora"; quatro optam por "velhinha", duas falam em "vovó" e há ainda: "velhota", "avozinha", "pobre velha", "velha" e "avó".

Nove versões conservam a preocupação do caçador (quatro seguem a estrutura original: "... ver se ela precisa de alguma coisa"; cinco falam de uma possível "doença").

Há o acréscimo de informações novas (muitas vezes banais e desnecessárias), sendo que a maioria busca exagerar os fatos e sentimentos, numa tentativa de se aumentar a dramaticidade da cena.

d) O caçador entra no quarto e, percebendo um lobo na cama, diz que finalmente o encontra ali, tendo-o já procurado muito: Il entre dans la chambre e quand il arrive devant le lit, il voit que c'est un Loup qui y est couché.

— Ah, c'est toi, bandit! dit-il. Voilà bien longtemps que je te cherche.

Aqui, a tradução francesa confere com o texto alemão, exceto num ponto: no original, o caçador chama o lobo de "velho pecador" e não de "bandido". Segundo Bettelheim, é uma caracterização importante, que se liga a idéia de "sedução": "... quando seduz especificamente uma jovem, o sedutor é chamado popularmente de "velho pecador", tanto agora como antigamente." (42, p. 213). Mesmo não se levando em conta a interpretação psicanalítica de Bettelheim,

percebe-se que "pecador" tem uma carga semântica mais forte do que "bandido", já que traz acentuada a idéia de "erro".

Sete versões apresentam com mais fidelidade essa informação: 18, 19, 26, 28, 29, 30 e 33.

A 29 é a que mais se aproxima do sentido original, conservando do mesmo a idéia de "pecador", no que se refere ao lobo. A sua característica, porém, é o total formalismo: Entrou no quarto e aproximou-se da cama; ao ver o lobo, disse:

— Eis-te aqui, velho impenitente! Há muito tempo, venho-te procurando.

A 30 e a 33 também são bastante próximas ao original.

Na 30, o aspecto durativo é expresso não pelo gerúndio, mas por preposição mais infinitivo: Entrou no quarto e, quando chegou junto da cama, descobriu o Lobo a dormir. "Ah, patife! Ainda bem que te encontro — pensou ele. — Há muito tempo que ando à tua procura!

A 33 diz: Entrou, então, na casa e, ao se aproximar da cama viu que o lobo estava dormindo nela.

— Finalmente nos encontramos, seu monstro, disse o caçador. Há quanto tempo eu esperava por isso.

Na 18, como na 30, o lobo é tratado como "patife": Entrou na cabana, e quando chegou perto da cama viu o lobo deitado.

— Até que enfim eu te encontro, seu patife! — exclamou ele. — Há quanto tempo venho te procurando!

A casa foi substituída por uma "cabana".

A 19 acrescenta um dado: O caçador abriu a porta e deu com o lobo dormindo e roncando, de barriga estufada.

— Ah! Então é você, Lobo Mau? Vou lhe dar sua última lição!

O registro é informal: "deu com o lobo".

A 26 também traz informação nova: O caçador entrou no quarto, e quando chegou perto da cama viu que era o lobo que roncava todo satisfeito.

— Ah, ah! Até que enfim te peguei, seu patife! Já não era sem tempo!

A 28 é resumida: Entra, e vê o lobo estendido na cama.

— Olá, meu menino, — exclamou ele — há muito tempo que te procuro.

Há o emprego irônico do vocativo "meu menino".

Alguns textos, se bem que bastante diferentes do original, guardam algumas das informações desse trecho (4, 12, 13, 17, 27 e 32).

A 4 diz que Chapeuzinho, correndo para fora de casa, encontrou

vários caçadores que procuravam o lobo.

Na 12, surpreendentemente, quem diz que procura o lobo é a avó:

— E nós estamos atrás do lobo! — gritou a vovô, que já vi nha voltando com lenhadores e tudo, para pegar o lobo.

Aqui, o interesse da fala da avó está no fato de completar um círculo, a partir da fala de Chapeuzinho: o lobo está atrás da menina, enquanto eles estão atrás do lobo. A narrativa é marcada pela oralidade: "já vinha voltando com lenhadores e tudo, para pe gar o lobo". Há interferência de Perrault: "lenhadores".

A 13 e a 27 focalizam o encontro do caçador com o lobo.

Na 13, o caçador ouve os roncoss do lobo: curioso, o ho mem abriu a janela da casa para ver o que estava acontecendo lá dentro. A seguir, vêm os versos, que resumem as cenas:

Desconfiado, não acredita!

— Essa não é a Vovozinha.

Lobo de touca, laço e fita?

É porque engoliu a velhinha!

Vou matá-lo com um tiro certo,

faço uma boa pontaria...

E era uma vez um lobo esperto,

que de malvado morria!

São versos sem originalidades, com rimas fáceis; a linguagem é afetiva: "vovozinha", "velhinha".

A 27 diz que o caçador foi até a porta e bateu. Ninguém respondeu e, como a porta estava aberta, foi entrando devagar e... deu de cara com o lobo espichado na cama, fazendo o maior barulhão. Há o tom informal: "deu de cara", "espichado", "o maior barulhão".

Ainda na 13, e na 17, depois de ter matado o lobo, o caçador desabafa.

Na 13, ele diz: Há muito tempo eu queria fazer isto! Finalmente chegou o dia.

Na 17, afirma-se que há muito tempo esperava por isto.

A 32 varia um pouco o esquema. Enquanto dá uma surra no lobo, o caçador diz:

— Há muito que você precisava de uma lição.

Três versões apenas trazem a informação original de que o caçador entrou no quarto (há variações: entrou "na cabana", "abriu a porta", "entrou" simplesmente, etc). Sete dizem que o caçador viu o lobo deitado. Dez apresentam sua fala, algumas de maneira incompleta; em três, o vocativo usado é "patife" (apenas um texto conserva a idéia original de "pecador", ao falar em "impenitente"). Em cinco

co, usa-se o pronome "tu" como forma de tratamento. Nove versões apresentam a informação de que o caçador há muito procurava o lobo. Cinco textos trazem dados novos: a maioria diz respeito à maneira como o animal dormia; há, porém, uma alteração significativa em uma versão: a própria avó procura o lobo.

e) Quando vai atirar, o caçador se lembra de que o lobo poderia ter comido a avó e ainda haveria a possibilidade de salvá-la: Il se prépare à faire du feu lorsque tout à coup l'idée lui vient que le Loup pourrait bien avoir avalé la grand-mère et qu'il serait peut-être encore possible de la sauver.

É exata a tradução francesa.

São ainda as versões 18, 26, 27, 28, 29, 30 e 33 as que trazem melhor essa informação.

A 18, 26, 29, 30 e 33 são bastante fiéis ao original.

A 18 e a 26 apresentam um desvio da norma culta.

A 18 diz que Então, quando já ia disparar a espingarda, lembrou-se que talvez o lobo tivesse devorado a velhinha e que ela ainda podia estar viva.

A 26 afirma: Quando ia pegar na espingarda para matá-lo com um tiro, lembrou-se que o lobo com certeza comera a avózinha, mas talvez ainda houvesse jeito de salvá-la. Há o uso, mais formal, do pretérito mais-que-perfeito simples ("comera").

A 29 diz que o caçador quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fôsse possível salvá-la.

A 30 continua com suas expressões típicas do português de Portugal: Já ia meter a espingarda à cara, quando se lembrou da velha. E usa o discurso indireto livre: Se o lobo a tivesse comido?

A 33 afirma: Ele já estava preparando a espingarda quando se lembrou de que o lobo poderia ter devorado a vovó e talvez ela ainda pudesse ser salva.

A 27 é muito resumida: Resolveu matá-lo mas pensou melhor e achou que o bicho, na certa, tinha engolido a velhinha. Há um traço de coloquialismo: "bicho".

A 28 opta pelo discurso direto, atualizando a cena: Armou a espingarda, mas deteve-se logo: "Não — pensou ele — não vejo a dona da casa. Talvez o lobo a tenha engulido viva." Persiste a forma "engulido".

Numa outra versão, a 10, depois de ter matado o animal é que o caçador se lembrou de que talvez a velhinha ainda estivesse viva dentro da barriga do lobo.

A informação mais constante é o pensamento do caçador quanto à possibilidade de a avô ainda estar viva. Ela é tratada, no próprio discurso do narrador, por "velhinha" (três vezes), "avô-zinha", "vovó", "velha" e "avô" (uma vez cada).

f) O caçador não atira: pega uma tesoura e começa a abrir a barriga do lobo, que está dormindo: Il ne tire pas, mais prend des ciseaux et commence à ouvrir le ventre du Loup endormi.

Aqui, também, a tradução francesa é fiel a Grimm.

As versões 18, 29, 30 e 33 são as mais próximas ao original.

A 18 afirma: de modo que não deu o tiro. Em vez disso, apanhou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.

A 29 acrescenta a maneira como ele cortava a barriga: então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto êle dormia.

A 30 continua a apresentar suas expressões típicas: Pôs a espingarda de lado, agarrou numa tesoura e abriu a barriga do Lobo, que continuava a dormir.

A 33 diz: Por isso ele não atirou, mas pegou uma tesoura para abrir a barriga do lobo adormecido.

Outras versões introduzem informações variadas: 26, 27 e 28.

A 26 continua preocupada em exagerar os fatos: Então, em vez de atirar, pegou numa tesoura muito grande e abriu a enorme barriga do lobo, que não parava de roncar.

A 27 especifica para quê o caçador abre a barriga do animal: Pegou uma tesoura e foi cortando a barriga do lobo para ver se conseguiu tirá-la dali.

A 28 altera o instrumento usado por ele: E em lugar de matar o animal com uma bala, pegou na sua faca de mato e abriu-lhe o ventre. Prefere-se "ventre" a "barriga", num tom mais formal.

Em duas versões (13 e 19) o caçador mata o lobo e só depois abre sua barriga.

A 13 diz: Quando o caçador entrou na casa, Chapeuzinho Vermelho saiu do guarda-roupa e contou o que tinha acontecido. Mais que depressa abriu a barriga do lobo com uma enorme tesoura.

A 19 afirma: Pôs de lado a espingarda e abriu de um só golpe, com sua faca do mato, aquela barriga enorme. Usa-se o mesmo instrumento referido na 28 ("faca do mato"); a diferença é que, aqui, há a combinação da preposição com o artigo: do mato) e insiste-se em aumentar o tamanho da barriga do animal ("enorme"). Insiste-se também em exagerar o instrumento — "enorme" — e o caçador, que havia atirado no lobo, fora de casa, pela janela, não descobre sozinho que precisa salvar a avó: tem que ser avisado por Chapeuzinho; fica, assim, diluída sua ação salvadora.

Matando ele próprio o lobo, nessas versões 13 e 19, o caçador impede a iniciativa de Chapeuzinho, que idealiza a morte, no original.

A informação mais constante desse trecho é a de que o caçador abriu a barriga do lobo: aparece em nove versões.

g) Chapeuzinho aparece e logo pula para fora, dizendo-se assustada e afirmando que estava escuro na barriga do lobo: A peine avait-il donné quelques coups de ciseaux qu'il aperçut le Chaperon Rouge. Quelques coups encore et la voilà qui sort du Loup et dit: "Ah! Comme j'ai eu peur! Comme il faisait sombre dans le ventre du Loup!"

No texto original, assim que o caçador dá "alguns cortes", ele vê "brilhar" o chapeuzinho vermelho (e não a menina). (Na tradução francesa, afirma-se que ele distingue a menina.) Diz-se também que, "mais alguns cortes", a "menininha" pula fora. Percebe-se aqui a alternância "chapeuzinho" (roupa) e, "Chapeuzinho" (menina).

As versões mais próximas ao original são a 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30 e 33.

A mais fiel é a 29: Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou fora, gritando:

— Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

É a única que conserva a expressão "viu brilhar o chapeuzinho vermelho". A diferença é que especifica que isso se deu "após o segundo corte". Também não usa "menina" na forma diminutiva. Tenta ser mais formal, dando destaque ao "medo", na inversão da frase: "Ai que medo eu tive!"

A 26 também especifica as "tesouradas": Mal tinha dado duas tesouradas e viu aparecer Chapêuzinho Vermelho, mais duas, e a me

ninazinha pulava no chão!

— Como eu tive medo! Estava tão escuro dentro da barriga do lobo!

É a única que usa diminutivo, ao referir-se à menina, mas opta pela forma menos comum: "meninazinha".

A 30 fala em "segundo golpe" e mais "dois golpes": Logo ao segundo golpe da tesoura, viu o Chapeuzinho. Mais dois golpes e a menina saltou cá para fora gritando:

— Que medo! Estava tão escuro dentro da barriga do Lobo!

Adota-se a fórmula "saltou cá para fora": a perspectiva é do narrador.

A 33 refere-se a "pequeno corte": Mal fizera um pequeno corte, viu aparecer Chapeuzinho Vermelho que, pulando para fora, exclamou: — Ah, como eu estava assustada, ~~era~~ ~~tão~~ escuro na barriga do lobo! O tom é mais formal com o uso do pretérito mais-que-perfeito simples ("fizera")

A 18 exagera a dramaticidade da cena: Não demorou muito e viu o Chapeuzinho Vermelho chorando. Cortou mais um pouco e a menina saltou lá de dentro, gritando:

— Puxa, como eu estava apavorada! Estava tão escuro lá dentro do lobo!

A 19, normalmente explícita e detalhada, aqui é sucinta: Qual não foi sua surpresa quando Chapeuzinho Vermelho saltou lá de dentro.... Nessa versão, depois que a avó sai é que Chapeuzinho diz:

— Graças a Deus! Estava morrendo de medo. Nunca vi lugar mais escuro e sem ar!

No original, a avó é que se diz "sem ar".

A 27 apresenta a fala da menina em discurso indireto, tirando-se a vivacidade da cena: Foi cortando, cortando, e, de repente, Chapeuzinho Vermelho saltou dizendo que era muito escuro dentro da barriga do lobo e que ela teve muito medo.

A 28 é a mais formal, usando um tom grandiloquente, inclusive com a inversão do sujeito: apareceu logo o Chapêuzinho Vermelho, que saltou para o chão, gritando:

— Ai! em que cova medonha estive eu fechada!

Apenas cinco textos trazem, com variações, todas as informações originais. Seis falam do medo da menina (três exageram esse "medo", e um diz que ela estava "assustada"). Cinco referem-se à "barriga" do lobo (dois são mais vagos, e um fala em "cova medonha"). Somente uma versão conserva o "jogo" existente no original entre a peça de roupa e o nome da menina. Em duas, o nome é acompanhado do artigo definido masculino, numa concordância gramati-

cal.

h) A avô também sai com vida, quase não podendo mais respirar: Et voilà que la grand-mère sort à son tour, pouvant à peine respirer.

No texto alemão fala-se em "velha avô" e que ela saiu "ainda com vida".

As versões 18, 26, 29, 30 e 33 são as mais próximas ao original.

A 18 e a 26 chamam a avô de "avôzinha".

A 18 diz que Depois disso, a avozinha também saiu viva, mas quase sem poder respirar.

A 26 afirma que Depois a avôzinha saiu também, mal respirando mas ainda viva.

A 29 e a 33 preferem "vovô".

Na 29, diz-se que Em seguida, saiu também a vovô, ainda com vida, embora respirando com dificuldade.

Na 33, que Em seguida também a vovô saiu da barriga do lobo, ainda com vida, mas mal podendo respirar.

A 30 conserva o "Avô": A seguir, foi a vez da Avô, que ainda estava viva, mas quase não podia respirar.

Outras versões apresentam o trecho, com modificações: 13, 15, 19, 23, 24, 27 e 28.

A 13 diz, como já foi visto, que, depois de ter matado o lobo, o caçador abriu-lhe a barriga para salvar a avô: A avozinha pulou para fora, viva! Só estava um pouco sufocada:

— Que susto! — exclamou a velhinha. — Estou até com falta de ar.

É constante o tom afetivo: "avozinha", "velhinha".

A versão 14 também fala que o caçador tirou a avô da barriga do lobo, depois de ter atirado nele:

Com tesoura e muito jeito,

fez perfeita operação.

E tirou a avô de dentro

da barriga do lobão.

Na 15, isso igualmente acontece; há detalhes desnecessários: quando o caçador lhe abriu a barriga, a vovô apareceu inteirinha. O lobo faminto tinha engolido a vovô de uma só vez.

A 19 é simplificada: seguida da avô, que estava quase sufocada.

Na 23 também há novos dados: como o lobo tinha engolido a vovô sem mastigar, os caçadores abriram sua barriga e a tiraram com vida.

A 24 diz que o lenhador matou o Lobo com o machado e lhe abriu a barriga. A vovô pulou de dentro da barriga do lobo. Especifica-se a "arma" do lenhador: "machado".

A 27 diz que o caçador teve a ajuda da menina: Os dois conseguiram tirar a avozinha de lá ainda viva, embora estivesse com um pouco de falta de ar. Como a 18 e a 26, a preferência é pelo uso afetivo: "avozinha".

A 28 não fala que a avó mal podia respirar. Prefere colocá-la "radiante": A avó saiu também, radiante por ver outra vez a luz do dia.

Sete versões apresentam a informação de que a avó saiu viva de dentro do lobo; sete também falam, com variações, que ela mal podia respirar. Há inovações (Ex: a avó saiu "radiante") e intromissão de detalhes desnecessários. Em seis textos, o caçador (ou lenhador) abre a barriga do animal depois de tê-lo matado (ou o matam com a "operação"). A avó é chamada de "vovô" seis vezes; de "avozinha" três vezes; e uma vez de "velhinha".

i) Chapeuzinho Vermelho busca pedras, e enchem a barriga do lobo: Le petit Chaperon rouge se hâte de chercher de grosses pierres. Ils en remplissent le ventre du Loup.

Aqui, a tradução francesa é exata.

As versões 18, 26, 27, 28, 29, 30 e 33 contêm essa informação.

A mais fiel a Grimm é a 29; contém todos os itens desse trecho, sempre com seu registro formal: E Chapeuzinho Vermelho correu a buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo.

A 18 não especifica o tamanho das pedras: Chapeuzinho Vermelho foi correndo buscar uma porção de pedras e com elas encheram a barriga do lobo.

A 26 também não se refere ao tamanho das pedras: Então Chapeuzinho Vermelho foi depressa buscar umas pedras e com elas os dois encheram a barriga do lobo.

A 33 não diz que Chapeuzinho foi buscar rapidamente as pedras e não explica que elas eram "grandes": "Chapeuzinho Vermelho foi buscar algumas pedras, com as quais encheram a barriga do lobo....

A 27, além de falar também em "algumas pedras", diz que sô a menina encheu a barriga do lobo com o que tinha trazido: Chapeuzinho foi buscar algumas pedras e com elas encheu a barriga do lobo.

A 30 (sempre com seu linguajar típico) fala em "uma quantidade de pedras": Chapeuzinho Vermelho foi a correr apanhar uma quantidade de pedras, e todos três encheram com elas a barriga do lobo. Especifica-se que "os três" fizeram o trabalho.

A 28 é a mais diferente: O lobo continuava a dormir profundamente, e o caçador meteu-lhe então duas grandes pedras, coseu tudo e escondeu-se com a avô e a neta para verem o que se ia passar. Não é a menina a idealizadora da tarefa.

Cinco versões afirmam, como no original, que a própria menina buscou as pedras; apenas duas dizem que ela fez isso rapidamente e apenas uma caracteriza as pedras ("grandes"). Cinco dizem que "encheram" (os três ou apenas o caçador e Chapeuzinho) a barriga do lobo com as pedras.

j) Assim que acorda, o lobo quer fugir, mas, devido ao peso das pedras, abaixa-se, cai e morre: Lorsque celui-ci se réveilla, il voulut s'enfuir. Mais les pierres étaient si lourdes qu'il s'écrasa par terre et mourut.

O texto alemão frisa bem que o lobo morre, por ter-se levantado e, conseqüentemente, caído.

As versões mais próximas ao original são a 18, 29, 30 e 33.

A 18 é objetiva e rápida: Quando ele acordou, quis correr, mas as pedras eram tão pesadas que logo caiu morto no chão. Não detalha que ele se abaixou, caiu e morreu.

A 29 exagera a queda do lobo: Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que deu um trambolhão e morreu.

A 30 inova: E quando o Lobo acordou, quis saltar da cama, mas com o peso das pedras caiu de cabeça para beixo e morreu logo.

A 33 diz que as pedras "o derrubaram": quando este acordou e tentou fugir; as pedras, que eram muito pesadas, o derrubaram e o lobo caiu morto no chão.

Outras versões alteram o esquema: 26, 27 e 28.

A 26 apresenta informações a mais: Quando êste acordou e viu tôda aquela gente, quis fugir da cama, mas as pedras eram tão pesadas que êle caiu no chão com toda a força e morreu no mesmo

instante.

A 27 também tenta exagerar, usando ainda uma linguagem coloquial: Quando ele acordou, quis sair correndo, mas estava tão pesado que tropeçou e levou um tombo feio, morrendo ali mesmo. Foi o fim do lobo malvado.

A 28 é diferente, alterando bastante a morte do lobo: Decorrido um instante, o lobo acordou, e como tinha sede, levantou-se para ir beber água no lago. Ao andar, fazia-o com dificuldade e ouvia as pedras baterem uma na outra; não podia compreender o que era aquilo! Com o pêso caiu no lago, e afogou-se.

Cinco textos conservam, em linhas gerais, todas as informações do original; acrescentam-se, no entanto, dados novos, que visam a exagerar a dramaticidade da cena.

k) Todos se alegra, e o caçador tira a pele do lobo e vai embora com ela: Ils étaient bien contents tous les trois: le chasseur dépouilla le Loup et l'emporta chez lui.

A tradução francesa também é fiel ao original.

As versões 18, 26, 29, 30 e 33 são as mais próximas ao texto alemão.

A 30, bastante fiel a Grimm, continua com suas construções típicas: E foi uma alegria para todos. O caçador arrancou a pele ao lobo e levou-a para casa.

A 18 reforça a alegria geral: Os três vibraram de alegria. O caçador tirou a pele do lobo e levou-a para casa.

A 26 busca, como de costume, detalhar o texto: Então os nos três amigos ficaram muito contentes; o caçador tirou a pele do lobo e voltou para casa. Não se especifica se ele levou a pele consigo.

A 29 também enfatiza o contentamento das personagens: Os três alegraram-se imensamente, com isso. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa....

A 33, como a 26, não especifica se o caçador levou a pele consigo: Os três, então, se sentaram muito aliviados e felizes. O caçador tirou a pele do lobo e foi embora.

Duas versões (19 e 28) trazem, alteradas, as informações desse trecho.

A 19 diz que Depois, o caçador tirou a pele do lobo e a deu de presente à menina. Fala-se da alegria de todos, de maneira diferente e em outro momento (no final da história).

A 28 simplifica as informações. Diz apenas que o caçador tirou-lhe a pele....

Outras versões apontam apenas certos itens desse momento: 23 e 32.

Na 23, os caçadores deram um lindo tapete de pele de lobo para a mãe (de Chapeuzinho).

A 32, bastante modificada, afirma que os caçadores despediram-se da menina e da boa vovó....

— Adeus, amiguinhos.

— Até qualquer dia. Estaremos sempre às ordens.

Os caçadores foram, então embora, cantando, felizes, com os corações pulando de alegria, por terem praticado uma boa ação, e por terem conseguido voltar a felicidade no lar de Chapeuzinho.

Essa versão se caracteriza pela preocupação com o exagero ("cantando felizes, com os corações pulando de alegria") e pelo uso inadequado de travessão e aspas; aqui há também problemas de pontuação. Reforça-se a preocupação moralista e a mistura de registros: ao lado de um tom bastante formal, encontra-se um clichê em construção típica da língua oral ("voltar a felicidade no lar).

Quatro textos falam da alegria dos três (quase todos enfatizam essa alegria); sete dizem que o caçador tirou a pele do lobo, mas apenas três afirmam que ele a levou consigo (há variações do esquema: deu de presente à menina ou à mãe).

1) A avó come o bolo e toma o vinho trazidos por Chapeuzinho e se refaz: La grand-mère mangea le gâteau et bu le vin que le petit Chaperon Rouge avait apportés. Elle s'en trouve toute regaillardie.

Também nesse trecho há correspondência entre o texto de Grimm e a tradução francesa.

As versões mais fiéis ao original são a 18, a 29, a 30 e a 33.

A 18 prefere o tratamento "avozinha" e diz que ela ficou "mais forte": A avozinha comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho tinha levado, e ficou mais forte. Aqui, a perspectiva é outra: usa-se o verbo "levar" ao invés de "trazer".

A 29 fica com "vovó": a vovó comeu o bôlo e bebeu o vinho trazidos por Chapêuzinho Vermelho e logo sentiu-se completamente reanimada....

A 30 conserva "Avó": A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que

a neta lhe tinha levado. E sentiu-se logo melhor. Também prefere se o verbo "levar".

A 33 opta por "vovozinha": A vovozinha comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho tinha trazido e logo sentiu suas forças voltarem.

Outras versões introduzem algumas modificações, mas ainda são próximas ao original: 26 e 28.

A 26, que havia começado sendo fiel ao texto francês e adotou o final alemão, conserva, nesse trecho, os elementos de Perrault: a avôzinha comeu os bolinhos e o potinho de manteiga que o Chapêuzinho lhe trouxera e achou-os deliciosos. Altera-se a última informação: a avó não se restabelece com a comida, mas gosta (e muito) dos bolinhos; continua o tratamento afetivo "avôzinha" e usa-se, num tom mais formal, o pretérito mais-que-perfeito simples ("trouxera").

A 28 inclui o caçador e a menina no "lanche" da avó: comeu os bolos e bebeu o vinho com a velha e a netinha. A velha sentia-se remoçar.... Fica-se sem saber por que ela se sentia "remoçar" apenas comendo bolo e bebendo vinho.

Há ainda versões que trazem esse "lanche", mas com sérias alterações. Em Grimm, apenas a avó se alimenta, e para fortalecer-se; cumpre-se, assim, o objetivo da visita de Chapeuzinho: levar alimentos para a avó doente. Nos textos mais modificados, não há esse caráter utilitário e lógico. Come-se simplesmente para festejar.

Dezesseis versões (além das já vistas) apresentam o "lanche": 1, 3, 4, 5, 6, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 31 e 32.

Em várias, o caçador é convidado: 1, 3, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24 e 32.

A 1 diz: e os três se sentaram à mesa e comeram o bolo e o mel que a mãe de Chapeuzinho tinha mandado.

A 3 afirma: E os três saborearam o delicioso bolo que a mãe de Chapeuzinho Vermelho havia feito. É destacada a comida: "delicioso bolo". O tom é um pouco mais formal: "saborearam", além do auxiliar "havam".

A 10 diz: Quando tudo serenou, elas chamaram os lenhadores e juntos festejaram, com doces e frutas, a vitória sobre o Lobão.

A 12 é bem sucinta quanto ao "lanche": E todos foram tomar lanche, e a nossa história acabou.

A 13 afirma: Depois o convidaram para comer, junto com elas, o bolo e os doces que a mãe de Chapeuzinho Vermelho mandara. Há traço de formalismo, com o uso do pretérito mais-que-perfeito sim

ples: "mandara".

A 14 continua com o seu tom coloquial:

E pra tomar chá com bolo
convidaram o caçador.

A 15 diz: Sentiam-se todos tão contentes que resolveram festejar o acontecimento ali mesmo. A vovozinha serviu chá e leite para todos e comeram o bolo e as frutas que a mãe de Chapeuzinho Vermelho tinha mandado na cestinha. O tom é afetivo: "vovozinha", "cestinha".

A 16 prossegue no seu tom informal: e convidaram o le-nhador pra comer as coisas gostosas que Chapeuzinho Vermelho ti-nha trazido na cestinha.

A 17 afirma: Convidaram o caçador para tomar um copo de vi-nho e comer um pedaço de bolo.

A 23 diz: Passado o susto, fizeram um lanche gostoso com os doces, frutas e o bolo que Chapeuzinho trouxera. Há, como em vá-rios outros textos, o uso do pretérito mais-que-perfeito simples, que dá um tom mais formal ao trecho.

A 24 é mais resumida: Os três comeram os doces que estavam na cesta e ficaram muito contentes.

Na 32, versão muito extensa, o lanche não ocupa, no entanto, muito espaço; Chapeuzinho, a avó e os caçadores ficam apenas num prosaico "café": Tomaram café....

Outras versões apontam que apenas a avó e a neta participa-ram do "lanche": 4, 5 e 6.

A 4 diz: E as duas, apesar do susto levado, sentaram-se à me-sa e saborearam o delicioso lanche que a mãe de Chapeuzinho tinha preparado. Há um tom formal ("saborearam"), e a "delícia" do lan-che é destacada.

O mesmo acontece na 5: Logo avó e netinha esqueceram o gran-de susto. Sentaram à mesa e saborearam as deliciosas tortas feitas pela mãe de Chapeuzinho.

Na 6, afirma-se: As duas arrumaram a mesa e foram lanchar o que Chapeuzinho tinha trazido para a vovo. Há um descuido de revi-são: "vovo".

A versão 19 apresenta uma modificação; a avó se restabelece, mas não é com o lanche: A vovó descansou um pouquinho e logo sen-tiu-se melhor. Até ficou boa da gripe, de tanta alegria por terem sido salvas. Fora mesmo um milagre! Depois disso é que fazem o lan-che: Para festejarem, os três comeram o bolo e tomaram o mel trazi-dos por Chapeuzinho. Há aqui também o uso do pretérito mais-que-perfeito simples, trazendo um tom mais formal ao texto.

Apenas quatro versões afirmam que somente a avó comeu o bolo e bebeu o vinho trazidos por Chapeuzinho; uma adota a comida apontada por Perrault: "bolinho e potinho de manteiga". A maioria (treze) diz que os três (avó, neta e caçador) participaram do "lanche". Variam-se os tipos de comida: tortas, frutas, chá e leite; em cinco versões, a comida é caracterizada: o adjetivo "delicioso" aparece três vezes, anteposto ao substantivo; "gostoso" aparece duas vezes, posposto.

Quatro textos afirmam, com modificações, que a avó se refez com o alimento; em um, ela se sentiu "remoçar", e, em outro, ela se restabeleceu não com o "lanche", mas de alegria.

Seis versões fazem referência à mãe de Chapeuzinho, lembrando que ela havia preparado (ou enviado) a comida. Três explicitam que, com o "lanche", "festejaram" o final feliz; em oito, a história acaba com esse "lanche", enfatizando-se o seu papel de "coroamento".

A avó é chamada preferencialmente de "vovó" (três vezes); há ainda as formas: "avozinha", "vovozinha" e "velha" (duas vezes cada uma), ao lado de "avó".

m) Chapeuzinho Vermelho reflete que nunca mais entrará na floresta, quando sua mãe o proibir: Le petit Chaperon Rouge cependant pensait: "Je ne quitterai plus jamais mon chemin pour aller me promener dans la forêt, quand ma maman me l'aura enterdit."

A tradução francesa é fiel; apenas, no texto alemão, prossegue a fórmula de a personagem falar para si mesma: "Tu não sairás...."

Eis aqui o fecho da história: a lição de moral. A própria menina chega à conclusão do seu erro e promete para si mesma não repeti-lo. É importante registrar, no entanto, que sua "promessa" se restringe ao fato de não "sair do caminho" "para a floresta", exatamente as instruções da mãe, no início. Vários textos, mesmo aqueles que são relativamente fiéis a Grimm, acrescentam outros tipos de "promessa".

As versões mais próximas ao original alemão são a 18, a 29 e a 33.

A 18 diz: Mas Chapeuzinho Vermelho ficou pensando: "Nunca mais na vida vou me afastar do caminho e entrar na floresta, quando minha mãe proibir".

A 33 afirma: Chapeuzinho Vermelho, por sua vez, pensou:

"Nunca mais sairei da estrada e penetrarei na floresta, quando isto for proibido por minha mãe."

A 29 adota o mesmo esquema de Grimm que, em português, é um pouco "artificial"; Chapeuzinho fala para si mesma, usando o pronome tu: enquanto isso, Chapêuzinho Vermelho dizia de si para si: "Nunca mais sairás da estrada para correr pela floresta, quando a mamãe to proibir." Continua o tom formal: "de si para si", "to proibir". Introduce-se "correr na floresta".

Outras versões trazem esse trecho com modificações: 26, 28 e 30.

A 26 afirma: E Chapêuzinho Vermelho disse:

— Nunca mais vou desobedecer à mamãe correndo no bosque e conversando com o lobo mau.

Há uma grande incoerência aqui, pois, no início, a mãe nada havia recomendado à filha, dizendo-lhe apenas que fosse saber notícias da avó e que lhe levasse bolinhos e manteiga. Não se sabe, portanto, onde fica a "desobediência": a versão misturou Perrault e Grimm, e isso acabou prejudicando o seu sentido. Insiste-se em caracterizar o lobo: "mau".

A 28 simplifica o trecho: E Chapeuzinho Vermelho prometeu não tornar a passar pela floresta.

A versão 30 não apresenta o verbo "proibir", e a promessa é vaga: Entretanto, Chapeuzinho Vermelho pensava: "Nunca mais torno a sair do Bosque, sobretudo depois das recomendações da minha mãe."

Algumas versões, mesmo não seguindo o conto tradicional em seus momentos mais característicos, adotam a "lição de moral", também com variações: 1, 2, 13, 17 e 31.

A 1 diz simplesmente que a menina prometeu nunca mais desobedecer.

A 2 afirma que o susto que levou lhe serviu de lição.

A 13, que Chapeuzinho aprendeu a lição. Isso é dito fora da história, nos versos que resumem os momentos finais.

A 17 diz: Mas Chapêuzinho Vermelho aprendeu a lição: nunca mais desobedeceria as recomendações de sua mãe, afastando-se de seu caminho ou conversando com desconhecidos. A mãe nada havia dito sobre "desconhecidos".

Na 31, em que há outros tipos de "lição" (serão vistos à parte), diz-se: Chapeuzinho virou-se para sua querida vovozinha e falou: — Eu também aprendi uma lição: nunca mais vou desobedecer à minha mãe. Só vou ficar brincando quando não tiver nada para fazer. A velhinha arregalou seus olhos e concordou: — É isso mesmo, minha netinha. Mas, em voz baixa, completou:

— Humm, não ouvi o que ela disse.

Continua a tentativa de humor, com a figura da avó completamente surda. O tom é afetivo: "querida vovozinha", "velhinha", "netinha".

Apenas três versões trazem fielmente as informações desse trecho; duas são vagas (falando em "sair do bosque" ou "passar na floresta"); três usam o verbo "desobedecer", e há referência ao perigo de conversar com o lobo ou com desconhecidos.

Em dois textos, Chapeuzinho refere-se à mãe, chamando-a, familiarmente, de "mamãe".

Informações novas

a) O lobo ameaça comer Chapeuzinho Vermelho

Não há a concretização do ato: tudo fica apenas na ameaça. Essa informação aparece nas versões 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 31 e 32.

Na maioria dos textos (4, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 24, 31 e 32), há um dado de Grimm: o lobo deu um "pulo da cama".

A 4 diz: levantando-se da cama....

A 7: erguendo-se da cama....

A 13: E saltou da cama....

A 16: o lobo deu um pulo da cama....

A 17: Dizendo estas palavras, o lobo saltou da cama....

A 24: pulando da cama....

A 8, 15 e 31 acrescentam outros detalhes.

A 8 afirma: O lobo, deixando de fingir, pulou da cama rugindo....

A 15: E, afastando as cortinas, pulou da cama....

A 31: O vilão não pôde mais agüentar. Dando um empurrão no lençol que o cobria, pulou da cama gritando.... Tenta-se aumentar a dramaticidade da cena.

As versões 6, 10, 12 e 32 explicitam o interesse do animal.

A 6 diz: E, dizendo estas palavras, o lobo saltou da cama, disposto a comê-la. Como o 17, esse texto guarda uma outra informação dos originais: "Dizendo essas palavras...."

A 10: pulando da cama tentando agarrar a menina....

A 12: E pulou da cama e avançou para Chapeuzinho.

A 32 caracteriza o lobo e exagera a ação: e, no mesmo momento, o horrível lobo deu um pulo enorme para fora da cama,

tentando agarrá-la. Mais adiante, depois de idas e voltas e peripécias diversas, há outro instante de ameaça do animal: Que cena horrível! o lobo agarrou Chapeuzinho pelo pescoço e já abria o bocão para devorá-la.... Seria um outro clímax, onde já se esperaria, há muito, o desenlace. Tais recursos sô retardam a ação.

Três versões (9, 14 e 23) estão mais próximas à idéia de Perrault: "O lobo pulou em cima da menina".

A 9 diz: o lobo pulou em cima dela....

A 14:

O malvado descobriu
que estava descoberto
e pulou pra menininha
com o bocão bem aberto.

Num tom coloquial ("pra"), opõe-se a fragilidade de Chapeuzinho ("menininha") à ferocidade do animal ("malvado", "bocão").

A 23: pulando em cima dela....

A versão 3 fala apenas da ameaça: querendo agarrar Chapeuzinho.

b) Chapeuzinho Vermelho grita por socorro

Em alguns textos, para que o lobo não a devore, Chapeuzinho grita por socorro: 4, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 25 e 32.

Na 5 e na 25, ele inicia o Desenlace.

A 5 apresenta o trecho em discurso direto:

— UAI! O LOBO! — gritou Chapeuzinho.

Para se destacar, a fala de Chapeuzinho apresenta-se em "caixa alta".

A 25 diz apenas que A menina saiu gritando.

Na 4, 6 e 10, ela grita logo depois da ameaça do lobo.

Na 4, há o seguinte:

— AI! Socorro.

A onomatopéia também está em "caixa alta".

Na 6, diz-se que Chapeuzinho gritou:

— Socorro! Socorro!

A 10 afirma: começou a gritar. Socorro! Socorro! O Lobo quer me matar! Socorro!

Aqui não há aspas ou travessão que marque a fala da menina.

Na 9, o grito vem um pouco depois da ameaça do lobo: Chapeuzinho correu, gritando por socorro....

Na 12, a menina grita mais adiante ainda, depois de ter saído da casa: E, quando ela percebeu que o lobo já não estava enxer

gando nada, saiu pela porta afora, gritando:

— Socorro! O lobo está atrás de mim!

Na versão 32, no início do Desenlace, não há propriamente um grito de socorro, mas apenas um espanto por parte de Chapeuzinho antes mesmo da ameaça do animal: Chapêuzinho, espantadíssima, arregalou os olhinhos.... Os gritos vêm depois: os gritos de Chapeuzinho feriram os ouvidos dos caçadores.... Socorro! socorro! A minúscula inicia, inadequadamente, a segunda frase. E não há aspas ou travessão marcando a fala.

Na 8, esse espanto surge assim que o lobo pula da cama: Mas Chapeuzinho, que já chegara bem para trás, espantada em ver sua avó assim.... Um caçador que passava por ali ouviu seus gritos....

Há traço de formalismo, com o uso do pretérito mais-que-perfeito simples ("chegara").

Numa outra versão, a 15, não se explicita se a menina gritou ou ficou assustada. Diz-se apenas que Assim Chapeuzinho Vermelho descobriu que não estava diante de sua avozinha querida, mas diante do lobo mau disfarçado de avó. Há a oposição: "avozinha querida"/"lobo mau".

c) Interferência (ajuda) dos "bichinhos"

Como já foi visto, é comum, em muitos textos, a presença dos "amigos" de Chapeuzinho. Nesse momento da história eles interferem, em três versões (2, 9 e 31) para ajudar a salvar a menina; e são apresentados, normalmente em grau diminutivo.

Na versão 2, a informação inicia o "Desenlace": Enquanto isso, os bichinhos da floresta haviam desconfiado do lobo e foram chamar uns lenhadores.

Na 9, o "coelhinho" continua oferecendo seus préstimos: O coelhinho fugiu como um raio. Chapeuzinho Vermelho procurou-o e não o encontrou. Pensou, então, que o amiguinho a tivesse abandonado. Mas o coelhinho tinha ido procurar ajuda. Por sorte encontrou um caçador e contou-lhe que Chapeuzinho Vermelho e a avó corriam um grande perigo.

Na 31, que tem um final totalmente modificado e surpreendente, os "bichinhos" é que resolvem toda a situação, sem intervenção do caçador: Enquanto o lobo pensava, os animaizinhos do bosque, os coelhos, os esquilos e os passarinhos amigos de Chapeuzinho Vermelho amarraram uma porção de latas e panelas no rabo do malvado, que estava tão concentrado que nem percebeu.

Nesse texto, tudo precisa ser cuidadosamente detalhado. Fala-se nos "bichinhos", e há a necessidade de se explicar: "Os coelhos", os esquilos, os passarinhos." Mais adiante, depois de o lobo ser castigado, há a participação de um outro animal, não para ajudar Chapeuzinho, mas como elemento "humorístico": No mesmo momento, a velhota lembrou-se do seu querido papagaio, companhia constante de seus momentos de solidão. A menina não demorou a encontrar a avezinha toda amarrada, do mesmo jeito que o lobo a havia deixado. Num instante, tirou a mordaga e soltou as patinhas do louro que abrindo as asas sacudiu-se todo e disse:
— Puxa dessa eu não gostei! Currupaco!

Procura-se dar um toque "tropical" e prosaico ao texto, detalhe também absolutamente sem função na narrativa, a não ser a de retardar a ação. Prossegue o descuido de correção, com problemas de pontuação. O lobo continua a ser caracterizado ("malvado"), e a avó é chamada de "velhota", que apresenta um sentido pejorativo.

d) Diante do perigo, Chapeuzinho Vermelho começa a correr (ou inventa outras fugas)

Essa informação aparece nas versões 4, 5, 8, 9, 12, 13, 17, 23, 25, 31 e 32.

A versão 8 diz apenas que a menina começou a correr para pedir ajuda.

A 17, que Chapeuzinho fugiu, apavorada.

Algumas especificam que ela corria pela casa: 5, 9, 12 e 32.

A 5 diz apenas que ela gritou correndo pela casa (mais tarde, ela sairá de casa).

O mesmo acontece com a 9: Chapeuzinho correu.... até que conseguiu abrir a porta.

Na 12, a "corrida" assume caráter de brincadeira: Chapeuzinho, que ainda era novinha mas que não era boba, saiu correndo pelo quarto, dando voltas e mais voltas em torno do lobo, que foi ficando cada vez mais tonto. Aqui, repete-se o que fora dito antes da avó, quando também corria do lobo: "... a vovó, que já estava velha, mas que não era boba, viu logo que aquilo não era Chapeuzinho, e saiu correndo, para a floresta...."

Na 32, a corrida de Chapeuzinho e do lobo adquire maior importância, estendendo-se desnecessariamente: será vista mais adiante.

Outras versões dizem que a menina correu para fora da casa

(4, 5, 9, e 31).

Na 5 e 9, ela, depois de correr dentro de casa, sai.

A 5 diz que Chapeuzinho alcançou a porta dos fundos e correu para a floresta

A 9, como foi visto, afirma que ela correu... até conseguir abrir a porta e sair, sempre correndo, porque o lobo a perseguia.

Na 4, Chapeuzinho saiu correndo para fora da casa.

A 31 acrescenta dados novos à fuga de Chapeuzinho: Mas Chapeuzinho, que não era nada boba, jogou a cesta no lobo que se atrapalhou. Assim, ela pôde escapar pela porta e mergulhar na escuridão. Bem agachadinha, a menina escondeu-se atrás de uma árvore.

Continua o uso do diminutivo: "agachadinha".

Em três novas versões (13, 23 e 25), Chapeuzinho, ao ver-se ameaçada pelo lobo, não corre; tem reações diferentes.

A 13 diz que ela teve tempo de fugir e esconder-se dentro do guarda-roupa.

A 23 afirma que ela se trancou na cozinha até que os caçadores chegaram.

A 25 mostra que, quando o caçador entrou, ela escondeu-se atrás dele.

e) O lobo corre atrás de Chapeuzinho Vermelho (ou a perseguição de outras maneiras)

As versões 4, 5, 9, 13, 16, 17, 31 e 32 trazem esses novos dados.

A 4, 5, 9, 16, 17 e 32 falam em "corrida" (ou similar).

A 4 diz apenas que o lobo foi atrás dela.

A 5 também fala de Chapeuzinho correndo, com o lobo atrás dela.

A 9 afirma que o lobo a perseguia, tentando alcançá-la.

A 16 diz que ele correu atrás de Chapeuzinho Vermelho. E, mais adiante, que o lenhador, ao chegar, viu o lobo correndo atrás de Chapeuzinho Vermelho e da vovó. Há o tom familiar: "vovó".

Na 17, o lobo saltou da cama e igualmente correu atrás de Chapeuzinho Vermelho! Ela fugiu; depois, chegando ao quarto, o caçador viu o grande lobo correndo atrás de Chapeuzinho Vermelho.

Na 32, há uma corrida maior, tanto de Chapeuzinho, quanto do lobo: Mas Chapeuzinho, que também era esperta, escapou, corren

do para o outro lado do quarto. O lobo correu atrás, e então foi uma bagunça sô: derrubaram cadeiras, as flôres espalharam-se pelo chão... Em certo momento, o lobo conseguiu pegar Chapêuzinho pelo vestidinho, mas ela, que não era bôba, conseguiu safar-se. Continuaram numa corrida louca. O lobo sempre atrás de Chapêuzinho. Plac... trac... truc... troc... Era coisa que caía, era louca que quebrava. Uma barafunda de verdade. O lobo já estava morrendo de raiva.

— Espera que eu te pego, menina danada!

....

E, dentro da casinha, continuava a correria também. O lobo prestes a pegar Chapêuzinho, porém ela era pequenina e escapulia por baixo das pernas do lobo, escondia-se atrás do armário, embaixo da cama e quando era descoberta, no último instante sempre conseguia fugir.

Furioso, o lobo corria mais ainda, se desesperava, se irritava e redobrava seus esforços. Mas êle sabia que o cansaço venceria Chapêuzinho e que dentro de alguns minutos êle conseguiria pegá-la.

Essa corrida, absolutamente desnecessária, provoca uma leitura cansativa. O "Desenlace" propriamente dito custa a vir: há uma seqüência de clímax, que acabam perdendo toda a força, por redundância. O texto tenta ser informal e exagerado, talvez para se alcançar maior vivacidade: "foi uma bagunça sô", "corrida louca", "uma barafunda de verdade", "o lobo já estava morrendo de raiva", "menina danada", etc. São utilizadas onomatopéias: "Plac... trac... truc... troc..." Continua o descuido gráfico (em certo momento, registra-se "Chapéuzinho"), e o uso da forma diminutiva.

Na versão 13, depois de o lobo ter saltado sobre Chapeuzinho, não há a corrida, porque surgem problemas: Mas o lobo, com a avô dentro da barriga, estava muito pesado. Não conseguiu dar o pulo de sempre, e enroscou as pernas na colcha da cama. Talvez haja, nesse trecho, interferência de outro momento do texto de Grimm: quando o lobo acorda e se sente pesado com as pedras na sua barriga.

Nessa mesma versão, depois de Chapeuzinho ter-se escondido dentro do guarda-roupa, a reação do animal também é curiosa: O lobo tentou abrir pelo lado de fora, mas não conseguiu.

— Essa não! — resmungou ele.

— Eu queria comer a menina de sobremesa.

O lobo sentou na frente do guarda-roupa para esperar a menina sair de lá. Nota-se uma interferência de língua oral: "sen-

tou na frente".

Na versão 31, também não há corrida. O animal imagina a melhor forma de pegar a menina. E isso vem em versos: O lobo mau parou um instante e pensou:

Onde será
 Que ela se meteu?
 Aqui não está.
 Mas que azar o meu!
 Essa garota
 Não pode escapar
 Ela é marota
 Mas eu sou de amargar.
 Está escuro,
 Não dá pra enxergar.
 Ali no muro
 Ela não pode estar.
 De mim, menina
 Tudo não escaparás!
 Deixa eu pensar
 Um bocadinho mais.

O tom é informal ("pra", "deixa eu", "bocadinho"). São versos redundantes e fáceis que, às vezes, chegam a ser incompreensíveis: "tudo não escaparás" (parece haver problemas de revisão). Tal idéia volta mais adiante: Lá pelas tantas, a menina se mexeu um pouquinho e o lobo imediatamente percebeu onde ela se escondia.

— Ah! Já vi onde é que você está, menina! Atrás da árvore! Vou te pegar!

f) 0(s) caçador(es) vai(vão) salvar Chapeuzinho Vermelho, impedindo que ela seja devorada pelo lobo.

Isso é explicitado nas versões 2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 25 e 32.

Como já foi observado, em alguns textos (1, 3, 14, 16, 23) nada chama a atenção do caçador. Na 2 e na 9 ele é atraído pelo chamado dos "bichinhos".

Na 2, antes que o lobo pudesse fazer alguma coisa de mau, os lenhadores chegaram.

Na 9, depois do aviso do "coelhinho", o caçador preparou sua espingarda e foi para lá. Quando chegaram, Chapeuzinho respirou aliviada.

Em outras, ele atende ao chamado de Chapeuzinho: 4, 5, 8,

10, 11, 17, 25 e 32.

Na 4 e na 5, tenta-se um tom dramático (a menina "chora" ao relatar o fato).

Na 4, Chapeuzinho encontra os caçadores: Mas, pouco depois, Chapeuzinho encontrou vários caçadores.... E informa-lhes o acontecido:

— Ele está na casa da vovó! — disse a menina, chorando.
— Ele comeu a vovó!

Os caçadores correram à casa.

Na 5, também há esse encontro: Logo encontrou alguns caçadores e, chorando, contou o que tinha acontecido. Os caçadores não perderam tempo e correram para a casa da avó de Chapeuzinho.

Na 8, o caçador ouve os gritos da menina: Um caçador que passava por ali ouviu seus gritos e desconfiou que o Lobo Feroz estivesse por perto. Correu até a casa.

O mesmo acontece na 10: Dois lenhadores que estavam perto escutaram os gritos e correram, armados de pedaços de pau, para dar uma lição no malvado Lobão.

Na 11: ouvindo o grito da menina, entrou....

Na 15: Ouviu o grito de susto de Chapeuzinho Vermelho e abriu a porta de supetão....

Na 25: Um velho lenhador, que por ali passava, ouviu os gritos. Aproximou-se da casa e entrou depressa.

Na 17, o caçador se sente atraído pela porta aberta: Entrou, chegando no quarto bem a tempo de ver o grande lobo.... Há traço de coloquialismo: "chegando no quarto".

Na 32, a avó, que havia ido chamar os caçadores, bem antes (em outro momento da história), agora vai chegando com eles:

Mas, a estas alturas, a vovó vinha chegando, correndo, correndo, com os caçadores. A vovôzinha atrás e os caçadores que iam na frente numa disparada:

— Puf... puf... que cansaço!

— Minha netinha pode ter chegado pode ter chegado... e o lobo... Ah! A minha netinha!

— Não percamos tempo! Não percamos tempo! diziam juntos os três caçadores mas sempre correndo, sempre correndo.

....

Neste momento um clamor de vozes, provenientes do mais fundo da floresta em direção da casa da avó de Chapeuzinho, ouviu-se:

— Puf... puf...

vamos depressa, vamos depressa!

Apavorada, a vovôzinha sussurava, quase sem fôlego:

— Minha netinha pode ter chegado... e o lobo... Ah! Minha netinha!

A incrível velocidade da corrida dos caçadores fêz com que o primeiro batesse de nariz na porta, o segundo chocou-se no primeiro e o terceiro quase que caiu sobre o segundo. É que a porta estava fechada e bem trancada. Que horror! Os gritos de Chapeuzinho feriram os ouvidos dos caçadores que, rapidamente puxavam das machadinhas...

Plac, plac, truc, blac, pum.

— Socorro, socorro!

Plac, plac, truc, blac, pum...

RAAAAC... TRAM!

A porta arreventou-se com violento estrondo, totalmente quebrada pelas machadadas, dando entrada aos valentes caçadores.

Como nos outros momentos, essa versão se arrasta de maneira desnecessária e cansativa. A avó e os caçadores "ameaçam" chegar e custam demais a fazê-lo. O texto diz que eles vêm "correndo, correndo", mas a impressão que se tem é a de que estão pregados no chão, tal a demora. Novamente, há problemas de revisão: a onomatopéia é colocada como se fosse uma fala, com travessão; inicia-se frase com minúscula; a pontuação é inadequada em vários trechos. Nota-se uma mistura de registros: em frase grandiloquente (num tom hiper-formal), que se caracteriza por uma inversão brusca, há traço de coloquialismo, com o desvio de norma culta: "Neste momento um clamor de vozes, provenientes do mais fundo da floresta em direção da casa da avó de Chapêuzinho, ouviu-se". A chegada dos "valentes" caçadores é marcada por um humor do tipo "pastelão", que os torna ridículos. Destaca-se, com as onomatopéias em "caixa alta", o barulho da porta arreventada.

Em três dessas dez versões que explicitam a ação salvadora do(s) caçador(es), este(s) é(são) substituído(s) pela figura do(s) lenhador(es), talvez numa interferência de Perrault.

A forma "vovó" aparece três vezes, e "vovozinha", duas vezes. O lobo é, normalmente, caracterizado: "feroz", "malvado", "grande".

g) O lobo recebe uma surra

Esse dado está nas versões 7, 8 e 32.

Na 7, o animal é ridicularizado, apanhando da avó: Mas naquele momento a vovó entrou no quarto e, armada de um rolo de pastel... LAPT! LAPT! LAPT! O lobo levou uma surra daquelas. A onoma-

topêia vem destacada em "caixa alta".

Na 8 e 32, a surra é dada pelo(s) caçador(es).

A 8 diz: Correu até a casa e deu uma surra tão grande no lobo...

Na 32, a surra é descrita, incansavelmente, em todos os seus detalhes: No derradeiro instante, o lobo voltou-se para enfrentar os intrusos visitantes que vinham atrapalhar suas maldosas esperanças. Aí então... vocês sabem o que aconteceu? Não?

Aconteceu que o perigoso lobo, embora lutasse com unhas e dentes, foi sendo dominado pelos pequenos, mas corajosos caçadores.

— Tome, lobo mau.

Isso é para você nunca mais querer fazer maldades.

— Grrrrraunf! bufava o lobo.

— Mais esta!

— Para você entender que não se come ninguém!

Baf! desciam as pauladas

— Ui! Ui! Ui! Soltem-me!

— Não soltamos não.

....

— Tome aqui. Tome lá!

— Socorro! Ui! uivava o lobo.

Foi assim que os caçadores lhe deram uma surra tão grande que ele nunca mais pensou em jantar menina.

Prossegue o tom grandiloquente, de uma ação guerreira. Tenta-se o máximo de exagero, com adjetivos que revelam um tom formal, sempre antepostos aos substantivos ("derradeiro instante", "intrusos visitantes", "maldosas esperanças", "perigoso lobo", "corajosos caçadores"). Ao lado desse tom formal, há traço de coloquialismo: "jantar a menina".

Como em outros momentos dessa versão, busca-se fazer suspense, num diálogo com o leitor: "Aí então... vocês sabem o que aconteceu? Não?" O travessão continua a ser mal utilizado, confundindo as falas.

h) O caçador atira no lobo (ou o ameaça com a espingarda)

A informação aparece nas versões 3, 6, 9, 11, 14, 15, 17, 18, 23 e 25.

Na 3, 6, 9 e 25, o lobo não morre com o tiro.

A 3 diz: apareceu um caçador e — bam! — disparou contra o malvado. E o lobo, ferido.... Atualiza-se o texto, com o

uso da onomatopéia.

A 6 afirma: Quando viu o que acontecia, começou a atirar com a espingarda.

Na 9, o caçador, como já foi visto, é avisado pelo "coelhinho": O caçador preparou sua espingarda e foi para lá.... Com um só disparo....

Na 25, não há tiro: O lenhador, com sua espingarda, assustou o lobo.... A seguir.... ameaçou o lobo com seu facão.

Na 11, 15, 17, 18 e 23, o lobo morre com o tiro.

A 11 diz: e... rápido, com um tiro certo, matou o Lobo Mau.

Na 13, o caçador atira fora de casa, pela janela: com um tiro certo, o caçador matou o lobo.

A 15 afirma: Mas o caçador tinha boa pontaria e o tiro foi certo. O lobo ficou estendido no chão.

A 17 é mais sucinta: Pegando a espingarda, matou o lobo com um tiro certo.

A 18 ainda é mais resumida: matou o lobo com um tiro.

A 23 introduz os "cães": os caçadores chegaram com seus cães de caça e mataram o lobo.

i) O lobo foge

As versões 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 15 e 32 apontam a fuga do animal.

A 1 diz que o lobo teve que fugir correndo, assim que viu o caçador com a espingarda.

A 2, que os lenhadores chegaram e o afugentaram da casa da vovó. Usa-se a forma familiar "vovó".

Na 3, ele chega a ser ferido: E o lobo, ferido, fugiu dali.

A 5 insiste nessa idéia de se apresentar um lobo "medroso": Ao ver os caçadores se aproximando com os cães, o lobo pulou a janela e saiu correndo. E ela vai mais longe: O medo do lobo foi tão grande, que ele está correndo até hoje.

A 6 também mostra isso: O lobo, ao ouvir os tiros, ficou apavorado: saiu correndo e nunca mais voltou àquela floresta.

Na 8, ele foge, depois da surra: ele fugiu a toda carreira.

Já na 9, como na 6, ele sente medo é do tiro: Com um só disparo, o caçador pôs o lobo para correr, apavorado.

Na 10, são os pedaços de pau trazidos pelos lenhadores que

o atemorizam: Quando o Lobão viu aquilo, largou a menina e começou a correr, tão apavorado, que só parou três dias depois, muito longe dali.

Na 12, é o machado: E o lobo disparou pela floresta, sem olhar para trás. Antes, ele ainda havia tentado reagir: O Lobão, muito folgado, ainda quis meter medo no lenhador:

— Agora é a sua vez de ter medo de mim! ele gritou.

Mas o lenhador não se intimidou e, antes de assustá-lo com machado, disse:

— Eu? Ter medo de lobo vestido de velha?

Nota-se, nessa versão, sempre a tentativa do humor, às vezes bem sucedida.

A versão 15 diz que quando o lobo viu a espingarda do caçador tentou fugir. Agora era ele que estava assustado. Mas a fuga não se concretiza, pois o caçador atira antes.

Na 32, depois da surra dos caçadores, o animal foi esconder-se lá no fundo da floresta.

j) O lobo é preso

As versões 4 e 16 trazem esse dado.

Na 4, os caçadores pegaram o lobo e o puseram bem trancado numa jaula.

Na 16, cujo texto é bem informal, há um final curioso: O lenhador prendeu o lobo, levou êle pro Jardim Zoológico. Nota-se o desvio da norma culta ("levou êle"), muito corrente na língua oral.

k) Outros finais para o lobo

Aparecem nas versões 9, 11, 12, 24, 25 e 31.

Em três (9, 12 e 25), há uma espécie de "conversão" do animal.

Na 9, afirma-se que o tempo passou e tudo ficou calmo. O lobo, depois do susto, não perturbou mais ninguém. Até hoje, convive tranqüilamente com todos os animais do bosque.

Na 12, o lenhador, depois de ameaçá-lo com o machado e correr atrás dele, vem com a notícia:

— Tudo bem — ele disse — não existe mais Lobão Bravão. Ele agora vai ser um Lobinho Fraquinho e muito Bonzinho.

O texto continua na sua tentativa de brincar com as palavras; aqui, joga-se com a oposição grau aumentativo/grau diminuti

VO.

Na 25, depois de ameaçado pelo facão do caçador, o lobo se deitou no chão e pediu perdão, jurando que nunca mais voltaria, se eles não o castigassem. Todos riram, e o lobo foi-se em bora, para nunca mais voltar.

Na versão 11, diz-se apenas que Nunca mais o Lobo Mau as sustou ninguém. Bem feito!

Na 31 o animal recebe um castigo diferente. Como foi visto, os "amiguinhos" de Chapeuzinho haviam amarrado latas e panelas no seu rabo. Quando começou a correr, as latas e panelas que os bichinhos haviam amarrado em sua cauda fizeram uma barulheira daquelas. O estardalhaço foi tamanho que o malandro pensou que estava sendo perseguido pelos caçadores, saiu numa carreira desabalada. Tanto corria e tão assustado estava que caiu num barranco. Para culminar, foi cair direitinho em cima de uma moita de espinhos. Quando se levantou, suas pernas mais pareciam dois paliteiros. Não havia um só centímetro onde não houvesse um espinho bem enterrado. Cada passo que dava era um gemido que soltava.

O tom é informal: "barulheira daquelas", "estardalhaço", "carreira desabalada", "direitinho". Novamente, há tentativas de humor.

Na 24, o lobo morre, mas não com o tiro: o lenhador matou o Lobo com o seu machado.

1) A avô sai do armário (ou de outro esconderijo)

A informação aparece nas versões 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 17 e 31.

Na 1, 3, 4, 5 e 25, a avô sai sozinha do armário.

A 1 diz que, depois de o lobo ter fugido A vovô saiu de dentro do armário.

A 3, idem: A vovô saiu do armário.

A 4 diz que A vovô no armário ouviu tudo e pôde finalmente sair de lá.... Só não se sabe o que ela ouviu, pois o texto afirma apenas que os caçadores "pegaram o lobo e o puseram bem trancado numa jaula". Não fala de conversas dentro da casa.

A 5 mostra que quando percebeu que o lobo tinha ido embora, a vovô saiu do armário.

A 25 diz que depois que o lenhador assustou o lobo, a avozinha saiu do armário...

Em outras versões (6, 10 e 31) a avô não sai sem ajuda do

armário: Chapeuzinho a tira de lã.

A 6 diz simplesmente que Chapeuzinho tirou a vovô do armário.

A 10, que Chapeuzinho, ouvindo ruídos dentro do armário correu para abri-lo. Desamarrou logo a sua avó....

Na 31, Chapeuzinho é ajudada pelos seus "amiguinhos": a menina e seus amiguinhos do bosque ajudaram a pobre vovozinha sair do armário onde o lobo a havia trancado.

Na versão 9, Chapeuzinho acode a avó desmaiada: São então Chapeuzinho pôde acudir sua avó, que estava desmaiada. Chamando por ela, conseguiu acordá-la.

Na 16, diz-se apenas que a vovô tinha saído do esconderijo pra poder ajudar a netinha. O registro é informal ("pra poder ajudar") e o tom afetivo: "netinha", "vovô".

Na 17, que o caçador, depois de matar o lobo, ia tirar a pele quando a velha, voltando a si, abriu a porta da despensa e saiu. Como na 9, a avó estava desmaiada.

A avó é chamada, nessas versões, de "vovô" (cinco vezes "avozinha", "vovozinha" e "velha" (uma vez cada), ao lado da forma "avó".

m) A avó se alegra porque nada aconteceu à neta

A informação existe nas versões 4, 5, 10, 15 e 31.

A 4 diz que a avó saiu do armário, feliz por ver que não tinha acontecido nada à netinha.

— Que bom que você não está machucada, minha querida!

A 5 afirma:

— Que bom que você não está machucada, minha querida!

A fala é a mesma da 4.

A 10 diz que ela ficou muito feliz porque tudo acabou bem.

A 15, que a avozinha ficou muito contente por ver sua neta.

A 31, seguindo suas características, acrescenta outras formações: A velhinha ajeitou os óculos na ponta do nariz, passou a mão enrugada pelos seus cabelos cor de prata e exclamou:

— Ai, que susto! Ah, minha netinha, felizmente você está bem.

Registra-se a imagem estereotipada: uma "velhinha" com os "na ponta do nariz". A linguagem é marcada por clichê: Cabelos "cor de prata".

Nos cinco textos, há um tom afetivo; aparecem duas vezes cada: "netinha" e "minha querida"; e uma vez cada: "avozinha" e

"velhinha".

n) Agradecimentos ao(s) caçador(es)

Depois de tudo ter dado certo, são feitos agradecimentos ao(s) salvador(es), nas versões 9, 12, 13, 15, 16 e 32.

Na 9, Chapeuzinho e a avó juntas agradeceram aos caçadores. Não se sabe que caçadores eram esses, pois, pouco antes, o texto fez referência a um só caçador.

Na 12, a avó apenas exclama:

— Graças a Deus!

Na 13, prossegue o tom afetivo: As duas agradeceram ao caçador por ter salvo a avozinha a tempo.

Na 15, apenas a avó agradece: e agradeceu vivamente ao caçador por ter salvo as duas.

Na 16, diz-se que elas agradeceram muito.

Na 32, a menina e a avó se despedem dos caçadores:

— Adeus, caçadores bonzinhos! Muito obrigada por tudo que fizeram — disseram as duas, com as vozes trêmulas de emoção.

Continua o tom exagerado ("trêmulas de emoção") e afetivo ("caçadores bonzinhos").

o) Chapeuzinho Vermelho e a avó se confraternizam depois do susto

Algumas versões (10, 12, 13, 14, 15, 17, 31 e 32) mostram cenas familiares de confraternização, independentes do "lanche" (nos textos 10, 15 e 19 explicita-se que esse lanche serviu para "festejarem" o acontecimento).

A 10 mostra muita emoção: As duas se abraçaram e choraram de felicidade.

Na 12, a menina dá vivas, informalmente:

— Viva nós! — gritou Chapeuzinho.

Na 13, diz-se que ela abraçou a avó, dizendo:

— Agora pode ficar sossegada, vovozinha, não há mais perigo.

Há o tom familiar e afetivo: "vovozinha".

A 14 afirma:

A vovó e Chapeuzinho se abraçaram com amor.

A 15 fala da avó: Cobriu Chapeuzinho de beijos e não parava de falar de sua aventura com o lobo e como estava feliz agora,

graças ao caçador. Sentiam-se todos tão contentes que resolveram festejar o acontecimento ali mesmo. Há atualização: "agora" com pretérito.

A 17 diz que Chapeuzinho Vermelho correu para abraçar a avó. E, mais adiante, que juntos (avó, neta e caçador) comemoraram a morte do lobo e esqueceram os maus momentos por que haviam passado.

A 31 afirma que Chapeuzinho abraçou-se à sua querida avó e, sendo perguntada se estava bem disse:

"— Estou sim, vovó".

Na 32, a comemoração envolve Chapeuzinho, a avó e também os caçadores: Finalmente a paz e a alegria voltaram à bonita casinha da floresta. Todos estavam eufóricos pelos resultados conseguidos. Tomaram café e "bateram papo" sobre o que tinha acontecido. Depois descansaram, e começaram a cantar em cântico lindas canções, dessas que se cantam na escola:

"Carneirinho, Carneirão
nerão, nerão.

Olhai pro céu, pro céu,
pro céu.

Olhai pro chão, pro chão,
pro chão, etc, etc".

O texto continua bastante adjetivado e exagerado ("estavam eufóricos"). Busca-se mostrar um lado alegre da escola, local em que se cantam "lindas canções". E não se compreende muito bem a cena de todos, inclusive os adultos, cantando "Carneirinho, Carneirão"; é um toque pueril e desnecessário, desvinculado do restante da história.

Pode-se notar, nessas versões que trazem a confraternização da avó e da neta, a preocupação em se mostrar a total felicidade, em transbordamentos de emoção. A forma "vovó" aparece duas vezes (na fala de Chapeuzinho e na do narrador) e "vovozinha", uma vez.

p) Comemoração coletiva pela morte do lobo

Aparece nas versões 13 e 31.

A 13 diz: Quando os moradores da vila souberam que o lobo tinha morrido, ficaram muito contentes. Mas quem ficou mais feliz ainda, foram os coelhinhos, os cervos e todos os bichinhos da floresta. A festa envolvendo os "bichinhos" traz a marca da puerilidade. Além do mais, no trecho, há problemas de pontuação.

Essa idéia de comemoração está presente também nos versos que sintetizam o final da história:

Passado aquele perigo
foi realizada uma grande festa.
Todo mundo agora é amigo,
já não existe lobo na floresta,
ele jaz, ali, no chão.

Mas Chapeuzinho aprendeu a lição.

Idealiza-se a vida na floresta ("Todo mundo agora é amigo"), e é destacada a "lição".

Na versão 31, os "animaizinhos", presença importante em toda a narrativa, ficam felizes com o seu desfecho: os animaizinhos do bosque estavam todos reunidos à porta da casa, satisfeitos com o desfecho da aventura. E, no final, a avó quer uma cantiga: você, Chapeuzinho, e seus amiguinhos têm que cantar uma canção bem alegre. Todos juntos, contentes, obedeceram. A menina ergueu os bracinhos gordos, como se fosse um maestro diante de uma orquestra, e ordenou: — Então, amiguinhos, vamos lá. Todo mundo cantando pra vovozinha ficar bem satisfeita. Com muita alegria, os habitantes do bosque uniram-se à menina nesta canção:

Vamos dançar a roda o Lelê
Vamos rodar na dança, ô Lalá
Moça honita dança, ô Lelê
Dança e balança a trança, ô Lalá
Gente que é criança, ô Lelê
Sabe como dançar, ô Lalá
Vento que sopra aqui, ô Lelê
É o v^ento que sopra lá, ô Lalá
Bate palminha aqui
(palmas)
Bate palminhas lá
(palmas)
Roda a roda a rodar
Não deixe a roda parar
Roda a roda a rodar
Não deixa a roda parar

É interessante notar o tom autoritário das personagens, mesmo num momento de festa: a avó diz que eles "têm que cantar", Chapeuzinho "ordenou que iniciassem a música, tec. Prossegue a caracterização estereotipada de criança "saudável": "ergueu os bracinhos gordos". A canção que fecha o texto é a mesma que o inicia e já foi comentada. Continua o uso da forma diminutiva.

q) Novas lições de moral

Aparecem nas versões 7, 11, 23, 31 e 32.

Na 23 e 32, a avó dá conselhos, cheios de afetividade.

Na 23, logo que saiu da barriga do lobo ela não perdeu tempo para falar à netinha que não devia ter dado ouvidos para estranhos. Não devia não. Hã, aqui, o discurso indireto livre: "Não devia não".

Na 32, diz-se: Enquanto eles desapareciam na curva ao longe, a boa vovó, abraçando Chapêuzinho, dizia-lhe:

— Chapêuzinho, minha querida, veja bem o que aconteceu. Que todos aqueles momentos, lhe sirvam de lição. Quando você sair de casa não pare mais pelo caminho, porque você se atrasa, fica tarde e a noite chega com muitos perigos.

— Depois, minha querida, hã tanta coisa ruim por êste mundo, que não é bom nem pensar. Viu sô por que perigo imenso você passou?

E a menina responde:

— Sim, minha avôzinha. De hoje em diante, farei como você diz.

Tenta-se passar carinho e "boa intenção" por parte da avó querendo-se reforçar talvez que todos os conselhos são para "o bem" da menina: "boa vovó", "abraçando Chapêuzinho", "minha querida". Como o restante do texto, esse trecho é redundante ("porque você se atrasa, fica tarde e a noite chega"). A menina é submissa e carinhosa, e promete seguir as instruções da avó: não há referência à mãe. Aliás, a avó desempenha, desde o início, papel importante.

Em algumas versões, diz-se que o castigo serviu de lição ao lobo: 7, 11, 31 e 32.

A 7 afirma que a surra que ele recebeu, foi uma lição tão bem dada que ele nunca mais apareceu no bosque.

A 11 insinua isso quando se diz, depois de o animal ser morto:

— Bem feito!

Na 31, depois de ver o lobo com o corpo cheio de espinhos de cima do barranco, Chapeuzinho, com o dedinho em riste, gritou: — Bem feito! Isso é para você aprender a não ser um lobo muito mau. Bem feito!

Mais tarde, ela insiste nisso e diz à avó:

— E o lobo aprendeu uma lição.

A intenção é mostrar-se que alguém pretende repreender ("dedinho em riste"); o resultado é a imagem de uma criança "im-

pertinente". Nessa versão, há tentativas de humor, apelando-se para a fraca audição da avó: A velha arregalou os olhos e exclamou: — Que pena! o bolo caiu no chão? Vocês já sabem que ela não escutava muito bem e, por esse motivo, não entendeu o que a menina lhe dissera. Chapeuzinho logo repetiu, falando bem alto: — Não, vovó! O lobo aprendeu uma lição!

É um recurso desgastado, comum em programas humorísticos e, além de tudo, completamente desnecessário ao desenvolvimento da ação. O leitor é convidado a participar da história: "vocês já sabem...."

Na 32, antes da lição dada pela avó à menina, enfatiza-se também o erro do lobo. Batendo nele, os caçadores dizem:

— Há muito que você precisava de uma lição.

r) Final Feliz

Em Grimm, o texto finaliza com a promessa de Chapeuzinho de não mais ir contra as recomendações maternas. Nas versões em língua portuguesa são vários os finais, todos felizes (com exceção daquelas poucas que seguem Perrault). Algumas chegam a explicitar essa felicidade, ou propõem outros tipos de fecho: 3, 12, 13, 19, 23, 25 e 31.

A 3 incorpora ao conto o final típico de muitas histórias de fadas: E todos viveram felizes para sempre.

A 12 inova bastante. É usado um final característico de narrativas folclóricas:

Entrou por uma porta, saiu pela outra. / Quem quiser, que conte outra.

A 13 lembra as "diversões" de Chapeuzinho: E desse dia em diante, Chapeuzinho Vermelho pode correr atrás das borboletas e colher flores, sem medo do lobo. Registra-se a falta do acento gráfico em pode, passado. A seguir, vêm os versos que resumem o final, com a festa e a lição aprendida pela menina, como já foi visto no item anterior.

A 19 apresenta um outro "passeio": Já era quase noite. Chapeuzinho não podia voltar sozinha para casa. Mas a vovó, que agora estava se sentindo muito bem, resolveu acompanhá-la. E lá se foram as duas, de mãos dadas, ouvindo cantarem os grilos e brilham os primeiros vagalumes, como estrelinhas esvoaçantes.

É marcado pela puerilidade, com uma linguagem estereotipada: a comparação de vagalume com "estrelinha" é exemplo disso.

Na 23 os caçadores é que acompanham Chapeuzinho: Depois os

caçadores acompanharam a menina até sua casa e....

Na 25, depois do surpreendente pedido de perdão do lobo, todos riram e o lobo sumiu.

Na 31, há a mesma cantiga apresentada no início.

Quanto a esse último momento do conto, apenas três versões seguem Perrault, e quatro, Grimm; vinte e seis misturam informações de ambos os textos, ou são resumidos e/ou alterados. Vinte e quatro trazem itens novos. Vinte e duas omitem informação comum ao conto francês e ao alemão, com modificações: o lobo devora a menina.

O dado original mais constante é o do "lanche": aparece em vinte versões, sendo que, na maioria, com variações. O menos constante é o de que o lobo se atirou sobre Chapeuzinho e a "comeu" (final de Perrault): quatro textos.

A versão mais fiel ao conto francês é a 20, e as mais fiéis ao alemão são a 29 e a 33. As mais modificadas são a 31 e a 32.

No que se refere ao final da narrativa, um número significativo (onze) conserva o fecho de Grimm. Chapeuzinho promete não repetir seu erro. É comum também o final focalizando o "lanche" ou o lobo, agora não mais um perigo. Esses finais diversos em que o animal foge ou "converte-se" refletem uma falta de coerência quanto ao seu perfil psicológico: caracterizado como "feroz", "mau", "perigoso", apavora-se facilmente com os caçadores (ou mesmo com a avó). Na tentativa de se evitar cenas "fortes", a narrativa acaba ficando pouco convincente e inverossímil.

Inúmeras alterações são feitas na estrutura dos contos tradicionais. Na maioria das versões, o lobo apenas ameaça comer a menina e não morre no final; são constantes as atenuações dos momentos mais "violentos". Cenas variadas e muitas vezes absurdas se incorporam ao enredo, sob a forma de novos períodos. Há normalmente muita ação (sem sentido) e apelo ao didático e ao pueril. Mesmo nos períodos que contêm as informações originais, introduzem-se adjuntos adverbiais e orações, explicitando as atitudes das personagens. São comuns igualmente cenas de exagero, quer nos instantes de "ameaça" do lobo, em que se enfatiza o "trágico" da situação, quer nas comemorações "jubilosas" do final feliz.

Continua constante o uso da forma diminutiva no discurso do narrador e no da menina: as mais frequentes são "velhinha", "avozinha", "vovozinha" e "netinha", mais de sete vezes cada uma. Contra pondo-se a esses diminutivos, existe a forma "lobão", comum em duas versões, que aliás a utilizam não apenas neste momento, mas em toda a narrativa.

A adjectivação prossegue abundante. Caracterizam-se principalmente as comidas ("deliciosas"; "gostosas") e o lobo "mau", como já foi visto (mas também "guloso").

Quanto ao registro usado, há traços de coloquialismo, em vários textos ("pra", "deitar na cama", "satisfeito da vida", etc), ao lado de um tom mais formal, com o uso, por exemplo, do pretérito mais-que-perfeito simples. Uma versão opta pelo total formalismo. Em quatro, o caçador fala ao lobo, tratando-o por "tu".

As formas familiares "vovô" e "mamãe" são ainda as preferidas, usadas tanto por Chapeuzinho quanto pelos adultos.

2.5 A volta de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó

No texto dos irmãos Grimm, diz-se que Chapeuzinho volta a visitar a avó. No caminho, encontra um outro lobo, que tenta desviá-la do seu rumo, mas a menina não lhe dá ouvidos. Chegando à casa da avó, narra-lhe o acontecido, e esta arma um plano para destruir o animal.

Segundo Bettelheim, o lobo tenta atrair Chapeuzinho "para fora do caminho correto (da virtude)", mas ela já está suficientemente madura para lidar com ele ("o sedutor") e está disposta a estabelecer uma boa aliança com a mãe, ou seja, a avó, correndo para a sua casa, ao invés de ignorar o perigo, "como ocorreu no primeiro encontro com o lobo." (42, p. 210)

A versão francesa tomada como referência não traz essa nova narrativa. Três textos em língua portuguesa apresentam-na: 17, 29 e 30.

Informações existentes no original de Grimm

a) Também se conta que, uma vez, quando Chapeuzinho Vermelho foi levar novamente um "assado" à avó, um outro lobo falou com ela, querendo desviá-la do caminho.

Em Grimm, não se fala especificamente em "bolo", mas em "algo assado".

A versão mais fiel é a 29: Contam mais, que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando novamente um bôlo para a vovôzinha e outro lobo, surgindo à sua frente, tentou induzi-la a desviar-se do caminho.

O trecho se destaca pela formalidade ("tentou induzi-la a desviar-se") e pela afetividade ("vovôzinha"). Há um problema de pontuação logo no início do período.

A versão 30 não fala que a menina encontrou "outro" lobo: Uma outra vez, Chapeuzinho Vermelho, que ia levar novamente um bolo à Avó, tornou a encontrar o lobo. O Lobo falou com ela e quis desviá-la do caminho. Como na 29, aqui se explicita que a menina levava um "bolo" à avó. O trecho torna-se incoerente ao dizer que Chapeuzinho encontrou "o" lobo (ele já havia morrido). Alternam-se, inexplicavelmente, a minúscula e a maiúscula na referência ao animal: lobo/Lobo. Altera-se o início típico da tradição oral:

"Também se conta que...."

A versão 17 modifica igualmente esse início: Alguns dias mais tarde, a mãe de Chapeuzinho Vermelho mandou-a novamente à casa da avô, para levar uns bolinhos de fubá. Entrando na floresta, a menina encontrou outro lobo muito grande e muito mau. Puxou conversa com ela e convidou-a a apanhar flôres.

São várias as alterações: talvez por influência da narrativa anterior, introduz-se a presença da mãe com seu autoritarismo ("mandou-a novamente à casa da avô"), e a sugestão dada pelo lobo de colher flores. A comida levada por Chapeuzinho ganha toques nacionais ("bolinhos de fubá"), e o lobo é caracterizado, enfaticamente: "muito grande e muito mau". Não se diz que ele quis "desviar" a menina do caminho; apenas afirma-se que ele "puxou conversa" com ela.

b) Chapeuzinho Vermelho, no entanto, não ousou fazer isso e seguiu em frente; contou à avô que havia encontrado o lobo e que ele lhe teria dado bom dia, mas olhando-a ferozmente: "Se não tivesse sido em "estrada pública", ele me teria devorado".

A 29 e a 30 são bastante fiéis ao original.

A 29 afirma: Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguiu o caminho bem direitinho, contando à avô que tinha encontrado o lobo, que este a cumprimentara, olhando-a com maus olhos.

— Se não estivéssemos na estrada pública, certamente me teria devorado.

Há ênfase no bom comportamento da menina, numa linguagem afetiva: "seguiu seu caminho bem direitinho". Alternam-se os tons (mais e menos formal) com o uso das formas simples e composta do pretérito mais-que-perfeito.

A 30 diz: Mas Chapeuzinho Vermelho não lhe deu ouvidos e continuou a seguir a direito. E contou à Avô que havia encontrado o Lobo, que ele a cumprimentara, mas lhe tinha deitado uns olhares ferozes.

— E se não fosse estarmos na estrada real, ele ter-me-ia comido.

Registram-se as expressões tipicamente portuguesas: "a direito", "deitar olhares", "estrada real". Alternam-se também as formas simples e composta do pretérito mais-que-perfeito. Na fala da menina, há o emprego mesoclítico do pronome átono, comum em Portugal.

A versão 17 altera o trecho: Chapêuzinho Vermelho mal res-

pondeu ao cumprimento do lobo. Seguiu bem depressa seu caminho e logo chegava à casa da avó.

Assim que entrou, foi dizendo:

— Vovó, encontrei outro lobo mau na floresta. Fiquei com muito medo e vim quase correndo para sua casa.

Acrescenta-se a idéia de que a menina "respondeu" ao lobo, e há um detalhamento dos passos de Chapeuzinho. Amplia-se a sua fala, num tom bastante emocional; ela insiste em caracterizar o lobo: "mau". É usada também a forma familiar "vovó".

c) A avó chama Chapeuzinho e lhe diz que elas devem trancar a porta, para que ele não possa entrar.

As versões 29 e 30 ainda são as mais próximas ao original.

Na 29, usa-se a forma "vovó" no discurso do narrador:

— Entre depressa, — disse a vovó; — fechemos bem a porta para que ele não entre aqui.

No original, a avó usa apenas o verbo "vem".

A 30 diz:

— Anda — disse a Avó. — Vamos fechar a porta e dar a volta ao ferrolho para que ele não possa entrar.

A 17 é mais extensa: A vovó respondeu:

— Fêz muito bem, minha filha. Vamos passar a tranca na porta, porque o lobo é bem capaz de ter vindo atrás de você.

Reforça-se o bom comportamento da menina: "Fêz muito bem".

d) Logo após, o lobo bateu e chamou pela avó, pedindo-lhe que abrisse e dizendo ser Chapeuzinho Vermelho, que lhe vinha trazer o "assado". Elas se calaram e não abriram a porta.

Repete-se, com variações, o "ritual" de entrada da narrativa anterior.

A versão 30 é a mais fiel: Daí a pouco, o Lobo bateu à porta e gritou:

— Abre, sou o Chapeuzinho e trago-te um bolo. Mas elas ficaram caladas e não abriram a porta.

Omite-se o vocativo "avó", existente no original; há uma concordância puramente gramatical: "O" Chapeuzinho. Aumenta-se a intensidade do chamado: "gritou".

A 29 é mais detalhada: Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

— Abre, vovó, sou Chapêuzinho Vermelho; venho trazer-te o bolo.

Mas as duas ficaram bem quietinhas, sem dizer palavra e

não abriram.

Prossegue o tom familiar e afetivo: "vovô", "quietinhas".

A 17 acrescenta outras informações: Logo depois o lobo bateu, dizendo com uma voz muito amável, fingindo ser Chapêuzinho Vermelho:

— Vovô, sou eu, Chapeuzinho Vermelho. Vim trazer um bôlo que a mamãe lhe mandou. Abra a porta, por favor!

Chapêuzinho Vermelho e a avô ficaram bem quietinhas sem dizer palavra.

Há também interferência da primeira história (a mãe enviou o bolo); prossegue o tom familiar e afetivo, na fala do lobo e na do narrador ("mamãe", "bem quietinhas").

e) O lobo deu várias voltas em torno da casa e pulou finalmente para o telhado, a fim de esperar que Chapeuzinho Vermelho fosse para sua casa à noite; aí, ele a seguiria, às espreitadas, devorando-a na escuridão.

No original, o lobo é chamado de "cabeça cinza"

As três versões não se distanciam muito do texto alemão; a 29 e a 30 são as mais fiéis.

A 29 diz: Então o lobo pôs-se a girar em tórno da casa e, por fim, pulou em cima do telhado e ficou esperando que Chapêuzinho Vermelho, à tarde, retornasse o caminho de volta para sua casa, aí, então, ele a seguiria ocultamente para comê-la no escuro.

Altera-se uma informação: diz-se que o animal esperava que a menina partisse "à tarde" e não "à noite". Usa-se o verbo "comer", ao invés de "devorar".

A 30 acrescenta um dado: Então o Lobo deu várias voltas à casa sem fazer barulho e, por fim, saltou para o telhado e resolveu esperar pela noite. Chapeuzinho Vermelho teria de voltar para casa, e então o Lobo seguia-a cautelosamente e, aproveitando-se da escuridão, comia-a.

O tom é mais informal, com o uso do pretérito imperfeito ao invés do futuro do pretérito do indicativo ("Chapeuzinho Vermelho teria de voltar para casa, e então o Lobo seguia-a cautelosamente"). Prefere-se o verbo "comer" a "devorar".

A 17 diz: Mas o lobo não desistiu. Depois de andar uma porção de vezes em volta de casa, subiu no telhado e lá ficou. Estava pronto para pular sobre a menina, assim que ela saísse da casa.

Acrescenta-se uma informação ("Mas o lobo não desistiu") e

omitem-se outras: não se fala do provável momento da saída de Chapeuzinho, nem se explicita o intento do animal.

Nenhuma versão adota a caracterização do lobo, apontada no original: "cabeça cinza".

f) A avó, no entanto, percebeu o que ele tinha em mente. Como possuía diante de casa uma grande tina de pedra, pediu à neta que, usando um balde, a enchesse com a água na qual havia cozido umas salsichas, na véspera.

As versões 29 e 30 são as mais próximas ao original.

A 29 diz: A vovó, porém, que estava de atalaia, percebeu o que a fera estava tramando. Lembrou-se que, na frente da casa, havia uma gamela de pedra, e disse à menina:

— Chapêuzinho, vai buscar o balde da água em que cozinhei, ontem as salsichas e tras aqui, para esta gamela.

Registra-se a expressão arcaizante ("de atalaia"). O lobo é caracterizado ("a fera"), e prossegue o tom familiar ("vovó"). Altera-se o ponto de referência: a menina deve "trazer" a água.

A 30 afirma: Mas a Avó desconfiou. Em frente da casa havia um grande tanque. E a Avó disse à neta:

— Vai buscar o balde, Chapeuzinho Vermelho! Ontem cozi umas poucas salsichas. Leva a água da cozedura e deita-a no tanque.

Há as expressões típicas do português de Portugal: "umas poucas"; "cozedura"; "deita-a". Não se especifica se o tanque era de "pedra".

A 17 introduz novos detalhes e altera alguns trechos: A avó, espiando pela vidraça, viu quando o lobo subiu no telhado e imaginou um plano para livrar-se dele. Falou bem alto, para o lobo ouvir:

— Chapêuzinho Vermelho, vamos fritar umas salsichas para o jantar!

Não há referência à tina, e as salsichas, ao contrário do original, ainda vão ser fritas; há a explicitação desnecessária do plano da avó.

g) Chapeuzinho Vermelho carregou água até que a grande tina estivesse completamente cheia. O cheiro penetrou no nariz do lobo, e ele começou a farejar e a olhar para baixo.

As versões 29 e 30 são as mais fiéis.

A 29 diz: Chapêuzinho Vermelho foi buscar a água e encheu a gamela. Então o cheiro da salsicha subiu ao nariz do lobo, que

se pôs a farejar e a espiar para baixo de onde provinha.

Hã a mistura de tons: o formal ("provinha"), ao lado do informal: "espiar".

A 30 afirma: Chapeuzinho Vermelho acarretou tantos baldes de água que por fim o tanque ficou a deitar por fora. E o cheiro apetitoso das salsichas chegou ao focinho do Lobo. E o lobo quis saber de onde vinha aquele cheiro tão bom.

Prosseguem as expressões típicas: "acarretou", "a deitar por fora". É caracterizado o cheiro das salsichas: "apetitoso", "tão bom".

A 17 altera alguns dados: Quando a avó começou a fritar as salsichas o cheirinho gostoso subiu pela chaminê. O lobo, esfomeado, foi espiar para ver o que a velha estava fazendo. Enquanto isso, Chapêuzinho Vermelho encheu depressa a grande tina de água que ficava em frente de casa.

O texto continua adjetivado; a linguagem é afetiva e coloquial: "cheirinho", "espiar". A avó é tratada pouco respeitosa^{men}te de "velha".

h) Ele estendeu tanto o pescoço, que, não podendo mais se segurar, começou a deslizar telhado abaixo; caiu dentro da grande tina e se afogou.

As versões 29 e 30 são ainda as mais fiéis.

A 29 diz: Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado.

A 30 afirma: Mas esticou tanto o focinho que escorregou do telhado a baixo, caiu dentro do tanque e afogou-se.

A 17 é um pouco diferente: Ouvindo o barulho da água, o lobo virou-se de repente e escorregou no telhado. E aí, tibungo! Caiu dentro da tina e morreu afogado.

O barulho (e não o cheiro) atrai o lobo. Tenta-se uma atualização da cena com a onomatopéia: "tibungo".

Nenhuma das versões faz a caracterização da tina, como no original: "grande".

i) Chapeuzinho Vermelho foi alegre para casa e ninguém lhe fez mal algum.

As versões 29 e 30 conservam a idéia original.

A 29 diz: Assim, Chapêuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fêz o menor mal. Enfatizam-se os sentimentos do narrador e da personagem ("feliz-

mente", "muito alegre", "o menor mal").

A 30 é mais objetiva: E Chapeuzinho Vermelho voltou para casa alegremente, sem ninguém lhe fazer mal.

A 17 é detalhada: Chapêuzinho Vermelho e a vovô ficaram muito contentes, pois assim se acabaram os lônos maus da floresta. Naquela tarde a menina voltou para casa tranqüila, cantando e colhendo lindas flôres pelo caminho.

É estranha a afirmação de que "assim se acabaram os lônos maus da floresta": lá sô havia dois lobos "maus"? Prossegue a adjetivação abundante.

Quanto a essa volta de Chapeuzinho à casa da avô, as versões 29 e 30 são as mais próximas a Grimm; a 17 altera várias in formações. Nota-se que os três textos, em maior ou menor grau, procuram detalhar determinados fatos, retardando a narrativa. É comum também o acréscimo de novos adjetivos que visam a tornar a história mais emocional.

3 ANÁLISE DE ASPECTOS GRÁFICOS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Não basta ser ilustração para agradar à criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar aos meninos oportunidade de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho....

Um engano muito frequente nas edições infantis é supor que o número de elementos, a superposição de detalhes, sejam dados positivos com relação à criança. Muitas vezes a ilustração perde a unidade, desintegra o texto, torna-se um amontoado de mau gosto.

Maria Antonieta Antunes Cunha

Versão 1

Desenhos estereotipados e de mau gosto ilustram um texto alterado e simplificado. A figura de Chapeuzinho é caricatural, com destaque para a cabeça e os pés (é uma menina loura, de olhos azuis); na capa, ela chega a assustar, pela desproporção. O lobo aparece vestido com uma calça.

Não há página de rosto; os créditos da editora aparecem na 4^a capa.

Versão 2

Apresenta uma ilustração convencional, sem qualquer harmonia, acompanhando um texto resumido e modificado, em que há descuidos de ortografia e de pontuação. Chapeuzinho é morena, e o lobo aparece vestido (calça e paletó remendados, gravata "borboleta", chapéu), com ar "malandro".

A criança é convidada, na 2^a capa, a colocar seu nome, endereço e escola e, na 3^a capa, a colorir um desenho. Solicita-se, também, numa clara preocupação didática, uma redação, como forma de "exercício". Na 4^a capa, há os créditos da editora.

Versão 3

Ao lado de um texto resumido e alterado, há uma ilustração estereotipada e sombria, que chega a ser lúgubre em alguns momentos. Chapeuzinho é loura e tem um corpo desproporcional; o lobo apresenta-se vestido (calça e suspensório).

Todas as páginas (inclusive a 2^a e a 3^a capas) são aproveitadas com a história; os créditos da editora estão na 4^a capa.

Versão 4

Uma ilustração "modernosa" e de gosto duvidoso acompanha um texto bastante modificado. Tenta-se uma inovação, com figurinhas estilizadas a partir de retas, que são, no entanto, estereotipadas e artificiais. Chapeuzinho, na capa, tem o cabelo castanho e os olhos azuis; nas ilustrações do miolo, seus olhos são verdes.

.262.

A história ocupa todas as páginas (inclusive a 2^a 3^a capas); os poucos créditos aparecem na 4^a capa.

Versão 5

O aspecto gráfico é extremamente desagradável. O texto, longo, detalhado, didático e pueril, faz-se acompanhar de uma ilustração chapada, convencional e de mau gosto, em cores muito fortes. A menina é morena, de olhos azuis.

O livro se transforma num poster; a história também aproveitada todas as páginas, inclusive a 4^a capa. Há poucos créditos no final.

Versão 6

Desenhos estereotipados ilustram um texto muito resumido e modificado. A menina (loura, de olhos azuis) anda sempre de tamanhos holandeses e passa uma imagem "idiotizada": às vezes está com os pés tortos e sempre com um ar pouco inteligente. Percebe-se todo um contexto de puerilidade: "bichinhos" "enfeitam" as páginas, há flores e laços em profusão (até na cabeça dos "bichinhos"). Tenta-se criar tensão em certos momentos, com expressões assustadas dos animais e até mesmo do sol, mas o resultado é bastante artificial. O lobo aparece sempre vestido (calça florida, paletô, gravata "borboleta" e cartola). As ilustrações são recortadas e, aberto o livro, elas se destacam, formando vários planos.

Todas as páginas são aproveitadas pela história; na 4^a página estão os créditos.

Versão 7

Apresenta uma impressão gráfica ruim, com alteração de cores. O texto, completamente alterado e muito curto (às vezes chega a ser sem nexos), recebe desenhos estereotipados, que mantêm o tom pueril da história: há profusão de flores, passarinhos, "coelhinhos". Chapeuzinho é loura, de olhos azuis (na capa eles são esverdeados).

Há página de rosto e de créditos referentes à editora. O formato é anti-convencional.

Versão 8

Há um grande descuido gráfico. Ilustrações caricaturais e de mau gosto se juntam a um texto excessivamente simplificado e modificado. Chapeuzinho é loura, de olhos azuis (sua figura é desproporcional), e o lobo aparece vestido (calça, camisa, paletô e um boné xadrez).

A história aproveita todas as páginas; os créditos, apenas da editora, aparecem na 4ª capa, ao lado da última ilustração do conto: o lobo com um "galo" na cabeça, junto ao caçador, que, contrariamente ao que diz o texto, não apresenta qualquer sinal de "valentia".

Versão 9

As ilustrações (semelhantes às das versões 7 e 8, da mesma editora) continuam numa linha caricatural, muito esquemática e estereotipada, ao lado de um texto modificado e ilógico, com descuidos de revisão. Chapeuzinho, loura e de olhos azuis (nas ilustrações do miolo eles são pretos), aparece com os pés tortos e tamanhos holandeses; o lobo tem um ar "malandro" e veste camisa listrada e boné xadrez. Os "bichinhos" aparecem em praticamente todas as páginas.

Há página de créditos, referentes à editora; o formato é anti-convencional.

Versão 10

Ilustrando um texto resumido e cheio de alterações, há desenhos convencionais. A menina é loura e de olhos azuis, e o lobo aparece vestido (calça, paletô e cartola). Na capa, evidencia-se uma cena de galanteio: o animal sorri para Chapeuzinho, que tem jeito idiota e parece gostar da situação; as figuras dos dois são diferentes no miolo e aparentam ter sido feitas por outro desenhista.

A história ocupa, como em várias outras versões, todas as páginas; na 4ª capa, aparecem os créditos da editora.

Versão 11

As ilustrações (européias) são muito semelhantes às da versão 9, da mesma editora, mas não da mesma ilustradora. Acompanhan

do um texto resumido e incompleto, são caricaturais e tentam o humor, mas o resultado é pouco satisfatório; não fogem ao convencional e ao pueril. Chapeuzinho (loura, de olhos azuis) usa tamancos holandeses, tem os pés tortos e a cabeça desproporcional; o lobo se mostra vestido (calça e suspensório) e aparece "babando".

Já na capa evidenciam-se as intenções didáticas da edição: contos "recomendados para o desenvolvimento artístico e mental da criança". Figurinhas adesivas acompanham o livro, devendo ser coladas em locais pré-determinados, atividade que não exige o menor esforço e criatividade da criança.

O texto ocupa todas as páginas; na 4ª capa, há as explicações (óbvias) de como colar as figurinhas, além dos créditos das editoras.

Versão 12

As ilustrações (americanas) têm a tônica do texto: irreverência e tentativa de humor. Chapeuzinho busca ser "engraçada", e o lobo faz o tipo "malandro", sempre ridicularizado: suas calças com suspensório lembram as de um palhaço; a avó é vista comicamente.

Há página de rosto e de créditos; a criança é convidada a pôr seu nome no livro.

Versão 13

As ilustrações (européias) ocupam quase todas as páginas (é um volume bem grande) e são dramáticas e exageradas, acompanhando um texto muito extenso, que se perde em detalhes desnecessários. Chapeuzinho é loura, de olhos azuis, e o lobo tem um aspecto feroz; os "bichinhos" participam de quase todas as cenas.

Chapeuzinho Vermelho é o segundo conto do volume, que traz na capa a figura do "Gato de Botas", cuja narrativa abre a série de histórias.

Versão 14

A ilustração se apresenta em quadrinhos e tenta acompanhar o tom humorístico do texto (em versos), mas, como ele, é pouco original. Há sempre flores, borboletas e passarinhos "enfeitando" os quadrinhos.

Trata-se de uma revista, e Chapeuzinho Vermelho inicia a seção de histórias e brincadeiras.

Versão 15

Ilustrando um texto resumido e um pouco modificado, mas coerente, aparecem bonecos fotografados. Apesar de japonesa, a ilustração mostra uma menina loura, de olhos azuis; o lobo apresenta-se vestido (calça, colete e chapéu).

Na capa há uma ilustração em terceira dimensão.

Há página de créditos, ilegíveis e, na 4^a capa, tem-se uma explicação sobre a coleção, destacando seu aspecto gráfico e a durabilidade dos volumes. Enfatiza-se o prazer que o texto e as ilustrações provocam nas crianças: "... histórias que as crianças gostam de ouvir muitas e muitas vezes, sempre com o mesmo encanto."

Versão 16

As ilustrações (japonesas) também mostram bonecos fotografados, acompanhando um texto resumido e modificado, mas que apresenta uma narrativa coerente, agradável e descontraída. Novamente, Chapeuzinho é loura, de olhos esverdeados e o lobo (branco) aparece cerimoniosamente vestido com um longo casaco.

Não há página de rosto; na 4^a capa, estão os créditos da editora.

Versão 17

As ilustrações, como as das versões 15 e 16, são ainda bonecos fotografados, de origem japonesa, que aparecem ao lado de um texto relativamente fiel ao original de Grimm. Alternam-se ilustrações em preto e branco e coloridas. Chapeuzinho é loura, e o lobo (branco) está sempre vestindo um casaco.

Há página de rosto e de créditos.

Versão 18

Desenhos esquemáticos e contraditórios (com alguns traços caricaturais) ilustram um texto fiel, em linhas gerais, ao original alemão. Chapeuzinho é morena.

Percebe-se a intenção didática da coleção, na explicação: "Há

grande quantidade de palavras repetidas. É uma repetição proposi-
tada, para ajudar a criança a ler independentemente.... ela prati-
ca o vocabulário que lhe é familiar e aprende, com facilidade, pa-
lavras novas". O adulto (no caso o professor) será responsável pe-
la escolha do livro e não a própria criança: "Não indicamos, em
cada livro, o "nível escolar" ao qual melhor se adapta o texto,
para que o professor, de acordo com o aproveitamento intelectual
de suas turmas, tenha maior liberdade na utilização e emprego da
coleção".

Há ainda várias outras informações: três páginas de rosto e
duas de créditos, com explicações diversas e endereços das livra-
rias ligadas à editora; a história só se inicia na página 7.

Versão 19

Há apenas uma ilustração, em preto e branco, que se repete
no início e no meio do conto (trata-se de um texto longo, marcado
pela afetividade e exagero); na 4ª capa, apresenta-se uma menina
com uma blusa e um chapéu alaranjados (desenho de muito mau gos-
to).

Chapeuzinho Vermelho é o segundo conto do volume, que apre-
senta várias informações suplementares: endereços diversos; dados
sobre os irmãos Grimm; apresentação da equipe de professores en-
carregados da "seleção e preparação do vocabulário"; explicação
da preferência por "história, ao invés de "estória", etc. Recebe
destaque a informação sobre o "vocabulário", ou seja, as notas de
rodapé, que estão em todas as páginas. Nelas, dá-se o sentido de
palavras consideradas "difíceis"; a explicação é ora vaga ("na Suí-
ça = num país da Europa"), ora óbvia ("esquisita = diferente") e,
muitas vezes, não coincidente ("gripada = resfriada"). Há ainda
um agradecimento "à equipe de professores, escolhidos criteriososa-
mente em um colégio que há muitos anos vem utilizando, sistemati-
camente, os livros das Edições de Ouro". Diz-se que a edição "re-
produz integralmente os originais", o que a leitura do texto prova
não ser verdade.

No final do volume, depois do último conto, há uma avaliação
de leitura, com questões de pura memorização.

Versão 20

Acompanhando um texto muito fiel ao original de Perrault,
há apenas duas ilustrações: os desenhos são pobres, pouco sugesti-

vos. A impressão gráfica não é boa, e a capa do volume (que contém outros contos) é pouco atraente.

Há página de rosto (com os créditos) e uma biografia de Perrault.

Versão 21

Desenhos em bico de pena, quase sempre de contornos, ilustram um texto fiel a Perrault, com pequenas modificações.

O conto Capinha Vermelho é o primeiro de uma coletânea.

Há página de rosto e de créditos.

Versão 22

O texto, muito fiel ao conto francês, possui apenas uma ilustração, em bico de pena, caricatural e pouco atraente.

Chapêuzinho Vermelho é a primeira narrativa do volume.

Há página de rosto, de créditos, um prefácio em que se fala sobre a origem dos contos de fadas e um relato sobre a vida e obra de Perrault.

Versão 23

Desenhos pouco atraentes, e que não compõem uma página dupla harmoniosa, ilustram uma história excessivamente simplificada, truncada e incoerente. As feições de Chapeuzinho são estranhas, e o lobo é bem pouco assustador: muito gordo, tem uma aparência imbecil. A paisagem é convencional: "casinha", flores, borboletas.

A capa apresenta uma ilustração em terceira dimensão.

Não há página de rosto ou de créditos. Estes aparecem na 4ª capa, onde há também indicação de faixa etária: "crianças entre 3 e 5 anos". O formato é anti-convencional.

Versão 24

Acompanhando um texto resumido e modificado, em que se percebem descuidos de revisão, há desenhos bastante detalhados e "rebuscados", ocupando toda a página. A menina é loura, de olhos castanhos, apesar da edição colombiana. As ilustrações são recortadas, formando vários planos.

Na 4ª capa, explica-se a "atração" do volume: "Abra completamente este livro e amarre os cordões que saem lateralmente. Fei

to isso, seu Livro Panorama poderá ser suspenso em local de sua escolha." O resultado é de gosto duvidoso: o livro se transforma numa espécie de "lustre". Nessa 4^a capa estão os créditos das editoras; a história ocupa todas as páginas internas, inclusive a 2^a e 3^a capas.

Versão 25

Ilustrações da Alemanha, convencionais e estereotipadas, ocupam quase todo o espaço das páginas, ao lado de um texto resumido e alterado. Chapeuzinho é loura, de olhos azuis.

O tipo de letra é bem pequeno. Na 4^a capa, aparecem os créditos da editora; a história começa na 2^a e vai até a 3^a capa.

Versão 26

Ilustrando um texto que segue o original de Perrault, mas incorpora o final de Grimm, há desenhos (também franceses) pouco atraentes e sombrios. Em determinadas páginas, a impressão gráfica não é boa. Chapeuzinho é loura, de olhos azuis, e o lobo aparece sempre vestido (calça, paletó, cachecol, chapéu e tamancos); há um excesso de flores, borboletas e "bichinhos".

O título apresenta dois problemas de ortografia: "Chapeuzinho vermelho". Na página de rosto, resolvem-se esses problemas, e o nome ganha um artigo: O Chapêuzinho Vermelho. Ao iniciar-se a história, há um terceiro título, agora sem o artigo: Chapêuzinho Vermelho.

Na última página, aparecem os créditos (alguns já foram apontados na página de rosto).

Versão 27

O destaque da edição é a atividade complementar: "pranchas mágicas". A história em si, que segue em linhas gerais o original de Grimm, apresenta-se numa espécie de folheto, bastante pobre, com poucas ilustrações (caricaturais) em preto e vermelho. Na 4^a capa desse folheto, encontra-se um texto dirigido aos "pais e professores", em que se fala da importância das "antigas histórias de fadas" e enfatiza-se o interesse das "pranchas mágicas": "Pela seqüência das ilustrações, os pequeninos ainda não alfabetizados serão capazes de memorizar o conto, depois de ouvi-lo uma ou duas vezes". Está nítida aí a intenção didática e a preocupação com a

área cognitiva da criança. A explicação que antecede a história é dirigida ao pequeno leitor: dá-se a origem do conto e os créditos.

O folheto que contém a história e as "pranchas", mais seis lápis de cera e uma esponja (que se tornam inúteis pela plastificação dos desenhos), vêm dentro de uma maleta de papelão, relativamente grande, intitulada "Minha Primeira Maleta Escolar"; suas ilustrações, agora em quatro cores, mal impressas, trazem uma menina loura, pouco simpática, vigiada por um lobo com "água na boca".

Versão 28

Há apenas uma ilustração (em preto e vermelho), sugestiva e de muito bom gosto, acompanhando um texto que segue Grimm em linhas gerais, mas que se caracteriza pelo uso intensivo de recursos afetivo-apelativos.

O conto faz parte da coleção "Tesouro da Juventude".

Versão 29

Apenas um desenho ilustra um texto bastante fiel a Grimm. A impressão gráfica é pouco nítida.

Chapeuzinho Vermelho é o primeiro conto do volume, que apresenta página de rosto e de créditos e uma ilustração que reproduz os irmãos Grimm.

Versão 30

As ilustrações (francesas) são numerosas e bem feitas, com recursos diversos de diagramação e se aliam a um texto relativamente fiel a Grimm. Chapeuzinho é loura, e o lobo tem a aparência feroz.

Há página de rosto e de créditos; é uma edição cuidada, num formato anti-convencional.

Versão 31

Ilustrações (americanas), altamente estereotipadas, acompanham o tom pueril e idealizado do texto, que apresenta sérias modificações no enredo. Alternam-se desenhos em quatro e em duas cores (azul e branco). Chapeuzinho é loura, de olhos azuis e, na ca

pa, aparece com "o dedo na boca" e olha, aparentando malícia e inocência (numa postura artificial e dissimulada) para um lobo que tem um jeito "guloso" e fuma um charuto; ele aparece vestido (calça remendada e camisa listrada). Há sempre "coelhinhos", passarinhos, borboletas "enfeitando" as cenas. A avó é representada por uma velha assustadora, semelhante a uma bruxa.

Há página de rosto e, na 4^a capa, aparecem os créditos das editoras.

Versão 32

Ao lado de um texto modificado, detalhado, cansativo, pueril e clichêizado, em que há problemas de disposição gráfica, de pontuação e ortografia, aparecem ilustrações estilizadas e pouco originais, numa impressão gráfica ruim. Chapeuzinho é loura, e o lobo, com um tipo "malandro", não corresponde ao que diz o texto: "horrível fera".

Há várias explicações preliminares; apresentam-se a equipe responsável pela edição, composta de sete pessoas (não existe, contudo, indicação de origem) e as intenções de modificação do enredo: "Este livro é uma história diferente do tradicional conto de origem européia — Chapeuzinho Vermelho do qual foi extraído para uma concepção nitidamente brasileira, evitando dramaticidade e cenas violentas que, na moderna pedagogia infantil são apontadas como fatores negativos para a boa formação da criança". Além da má estruturação do primeiro período, há dúvidas quanto a essa "proposta editorial": o que vem a ser concepção "nitidamente brasileira"? Tenta-se evitar "dramaticidade e cenas violentas", mas enfatiza-se o melodrama. Quais as teorias da "moderna pedagogia infantil" pregam essa omissão de dramaticidade? A preocupação não parece ser com o valor literário do texto, mas com o "pedagógico", e este, aqui, é discutível. Além dessas explicações preliminares (para os adultos, provavelmente), há um esclarecimento para as crianças: que elas reflitam sobre a importância de se ler esse conto. Tenta-se uma linguagem "infantil": "papais", "filhinhos", etc.

Na 4^a capa, aparecem os créditos; o formato é anti-convencional.

Versão 33

Desenhos em preto e branco (bico de pena), bastante denotativos, ilustram um texto muito fiel ao original alemão. Parece haver

uma preocupação em se retratar bem a história e percebe-se uma certa "frieza" nas cenas. Chapeuzinho adota uma posição um pouco "rígida", e a figura da avó não é simpática.

Na capa, colorida, a menina (loura, com um chapéu estilizado) e o lobo apresentam, num processo metalinguístico, um livro dos irmãos Grimm. Há página de rosto e de créditos. No final da história, vêm várias explicações sobre os contos de fadas e especificamente sobre Chapeuzinho Vermelho; há ainda uma apresentação dos irmãos Grimm e uma "bibliografia de apoio". Nessas explicações, valoriza-se o aspecto lúdico dos contos: "As narrativas visam ao prazer e, se elas educam, é porque trazem consigo a globalidade da experiência humana".

Em relação aos aspectos gráficos, há um grande descuido editorial na maioria das versões, o qual acompanha os deslizos de revisão do texto (problemas de pontuação, ortografia, etc).

Omitem-se elementos importantes: data (em treze versões), indicação de origem (em dezenove), nome de adaptador (em quinze) e de ilustrador (em nove). Sete fazem indicação errada de origem.

Quatorze versões aproveitam fotolitos estrangeiros, normalmente de má qualidade, mas que barateiam os custos de edição.

Levando-se em conta que Chapeuzinho Vermelho seria uma narrativa para a audição e manuseio de crianças pequenas, há, além do uso do conto isolado, uma preocupação (às vezes bem sucedida) em se adequar o aspecto gráfico a esse tipo de público. Dessa maneira, encontram-se volumes com formato anti-convencional; número de páginas reduzido (apenas oito versões têm mais de quatorze páginas); capa dura e papel cartonado (para maior durabilidade do volume).

As ilustrações são geralmente em quatro cores, partindo-se quem sabe do (discutível) pressuposto de que criança "não gosta de livro sem cor". (Curiosamente, o desenho mais sugestivo e interessante — versão 28 — não é em quatro cores.)

Na maioria das vezes, elas são convencionais, estereotipadas e de mau gosto. São comuns as figuras caricaturais, com excessiva desproporção. Chapeuzinho é, normalmente, loura, de olhos azuis e tem, em muitas edições, o ar idiota. O lobo aparece quase sempre vestido, fazendo um tipo "malandro". A avó raramente é simpática. Há, em muitas versões, muitos "bichinhos" e flores, intrometendo-se nas cenas. A impressão gráfica, em muitos momentos, não é boa. Grande parte das edições faz um aproveitamento total (ou quase) das páginas, deixando pouco (ou nenhum) espaço em branco..

Encontram-se também vários "chamariscos" editoriais: capas em 3^a dimensão, desenhos recortados formando vários planos, adesivos, poster, pintura, etc.

Informações variadas (biografia de autores, relevância do conto de fadas, vocabulário, etc) sobrecarregam algumas edições em geral "para crianças maiores". Diversas apresentam nítida intenção didática, com "exercícios" que privilegiam a área cognitiva.

4 CONCLUSÃO

Eu ẽ que fiquei matutando na minha vontade de botar a Maia na palma da minha mão. Eu sei que ela cabe debaixo do meu braço. Cabe direitinho no meu colo. Cabe muito bem fazendo cavalinho do meu joelho. Acho até que ela cabe dentro da minha mão.

Mas, se eu pusesse ela ali... ou guardasse ela dentro do meu bolso... Nunca que ela iria descobrir um quarto proibido detrás da cristaleira. Nunca que ia brincar com as coisas do baú. E isso, tenho certeza, a Maia jamais iria me perdoar!

Mirna Pinsky

A análise de trinta e três versões em língua portuguesa de Chapeuzinho Vermelho (história que nos chegou indiscutivelmente através dos contos de Perrault e de Grimm) revela sua pouca ligação com os textos originais — constatação que parece valer para outros países.

Em nome do conto tradicional (com poucas exceções, não há nessas versões uma intenção — explícita ou implícita — de reescritura das narrativas-padrão), oferecem-se à criança arremedós das adaptações primitivas.

O problema, pois, se transfere: não se trata, simplesmente de se posicionar a favor ou contra o dito "conto de fadas" ou de se tentar desvendar seus possíveis significados (discussões acaloradas, que, como se viu, têm envolvido especialistas de áreas e tendências diversas). Tratando-se de literatura, é necessário, sobretudo, refletir a respeito dos dados alterados, sua forma de expressão, e suas possíveis causas e conseqüências.

Nota-se, na maioria das versões, além da omissão de trechos significativos, o acréscimo de outros, não encontrados em Perrault e em Grimm. Em vários textos, cortam-se elementos importantes da narração, em favor de descrições irrelevantes.

Suprimem-se informações, talvez porque determinadas cenas poderiam ser consideradas "violentas" ou "fortes" e, portanto, "impróprias" para as crianças.*

Esse pressuposto é discutível. Held coloca nestes termos a questão: "Os pontos de vista do adulto e da criança, seriam idênticos, e o que um adulto, a partir de sua idade e de sua experiência da vida, julga traumatizante, o seria necessariamente? Quais são, por outro lado, os elementos de referência da criança? O adulto, com freqüência, não consideraria como perigosos certos dados que sua experiência permite visualizar e dramatizar, enquanto que, para a criança ainda pequena, permanecem abstratos, externos, puramente teóricos? Conta-se muito esta passagem de Thécle, a filhinha de Charles Nodier, que, após ter escutado atentamente a história do "Chapeuzinho Vermelho", exclamou: "Ah, o bondoso lobinho!" para grande espanto dos adultos que finalmente aprenderam, para sua edificação, que o lobo era bondoso porque só tinha comido a avó e o Chapeuzinho Vermelho... deixando intactos os bolinhos." (57, p. 90-1)

Os acréscimos ao conto apresentam, na maioria das vezes, ca-

* O interessante é que o elemento erótico, eliminado nesses textos "infantis", conserva-se nas paródias do conto, endereçadas aos adultos.

racterísticas bem definidas.

A sua grande marca é a puerilidade: idealiza-se a vida de Chapeuzinho, e há um constante apelo ao "infantil". A forma diminutiva aparece insistentemente, numa tentativa de se passar afetividade, mas o resultado é a redução do mundo da criança. Raquel, a personagem - narradora de A Bolsa Amarela, se indaga a respeito desse hábito dos adultos: "será que acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam "inho" em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, "voz de criancinha" que nem eles dizem?" (58, p. 64)

Força-se uma simplicidade, que, segundo Cunha, é artificial: "A puerilidade.... do ponto de vista lingüístico, é fruto de um engano. Podemos dizer que há dois tipos de domínio da língua, por parte do sujeito falante: o ativo e o passivo.... O autor que usa a puerilidade, pensando sô assim ser entendido pela infância, esquece-se de que ela pode não usar determinadas construções, mas é perfeitamente capaz de compreendê-las." (26, p. 58)

O tom moralizador, presente em um grande número de versões, é, ainda segundo Cunha, "outra faceta dessa puerilidade: o autor acha a criança incapaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os "arranjos" da trama para levá-la a criar um comportamento — e dá-lhe a "aula" escrita e acabada." (59, p. 59)

A moral expressa nos textos estudados não está mais sob a forma de um "lembrete", fora da história, como em Perrault, ou de uma "promessa", no final do conto, como em Grimm, mas encontra-se ^{ao longo da narrativa, ora de forma explícita,} ora de maneira sutil e subliminar. Como afirma Rosemberg, "Através do narrador, o adulto se transforma em educador onipresente e onisciente." (60, p. 8)

Na tentativa de se passar maior emoção (as cenas são várias vezes exageradas — trágicas ou excessivamente felizes) usam-se recursos afetivo-apelativos, com uma adjetivação abundante e muitos clichês de linguagem. Chega-se facilmente ao melodrama ou à total banalidade.

Quebra-se constantemente o "princípio" da indefinição, característica dos contos de fadas, detalhando-se fatos e sentimentos. A sugestão cede lugar à explicitação de pormenores, que, além do mais, retardam desnecessariamente a ação.

O perfil psicológico de algumas personagens também é modificado: o lobo, por exemplo, é comumente descrito como "guloso" (outro apelo ao "infantil"), "malandro" e "galanteador". Alteram-se funções previamente estabelecidas nos contos tradicionais, sem,

contudo, assegurar-lhes uma renovação ou atualização significativas.

Esses dados levam à constatação de que tais textos, na maioria das vezes didáticos, pueris e previsíveis, não podem ser considerados exatamente como obras literárias.*

Seriam eles, pois "adequados" à criança?

Cunha sugere uma resposta a essa pergunta: "Cada vez mais se fortalece nossa suspeita de que não há como estabelecer critérios para definir o que tocará (e como) a infância. Por isso mesmo, o critério estético (que inclui o valor da visão do mundo) é o único a nosso ver pertinente, na seleção, para qualquer fim, da obra de arte, para crianças também." (61, p. 134)

Perrotti refere-se igualmente a esse critério: "Próximo de nós, Gramsci, um marxista, defensor da concepção instrumental da Arte, recusa-se também a reduzi-la a simples veículo de propaganda, ao admitir uma zona específica do discurso estético." (62, p. 31)

Percebe-se dessa maneira que o problema mais sério não é o grau de afastamento das versões estudadas em relação aos originais, mas o fato de elas (na sua maioria) não se guiarem pelo critério estético, sendo antes reproduções mal feitas e tendenciosas da história tradicional.**

Parece haver por parte do adulto um desconhecimento dos textos primitivos (o conto, ao que tudo indica, é narrado de memória, mas as alterações — mesmo inconscientes — são ideológicas), um descompromisso com a arte (a nível de palavra e de imagem) e às vezes uma ignorância da própria norma culta: cometem-se desvios frequentemente inadequados ao contexto.

Como diz Cunha, "muitos livros (infantis) são escritos por educadores e não artistas" (63, p. 10), mas, aqui, duvida-se, inclusive, de que sejam "educadores" os "criadores" de determinados textos.

É importante lembrar a responsabilidade das editoras na produção de obras tão pobres. Observa-se que a proliferação de versões

* É bom lembrar que Perrault, apesar da nítida intenção pedagógica, possuía uma preocupação estética, e os textos dos irmãos Grimm caracterizavam-se pela simplicidade e pelo cuidado com a expressão.
** Com exceção dos textos fiéis a Perrault (20, 21 e 22) e dos que se ligam a Grimm — com um menor ou maior grau de fidelidade (17, 18, 29, 30 e 33) — apenas dois outros (12 e 16) fazem uma adaptação consciente e às vezes bem sucedida dos originais.

impressas se deu a partir da década de 70, quando se fomentou a discussão em torno de um estatuto da literatura infantil e de uma nova postura diante da infância. Ora, tais discussões tornaram o livro para criança não só um objeto de estudo, mas um produto de consumo garantido: editoras perceberam que literatura infantil passava a ser um bom negócio.

Para a venda fácil, investem mais nos aspectos gráficos do que no texto: para este, serve qualquer adaptador, sem nome ou com apelido, ou ainda sem sobrenome. Mas na própria produção gráfica os enganos são enormes: o investimento não se dá na arte do desenho, na concepção e no traço do artista (por isso mesmo, ele também não é nomeado): investe-se na cor, elemento mais superficial da arte, e mais apelativo para o comprador.*

A conseqüência desse desrespeito à criança, público especial de tais obras, é lamentável. Como afirma Held, "a criança, por muitas vezes, torna-se aquilo que fazemos dela, evolui em função do alimento que lhe propomos. Seguramente, o adulto que (a) despreza.... e faz dela imagem simplista, torna-la-á tal como a vê.... Ora, tratar assim a criança como subdesenvolvida é atitude perfeitamente incompatível com a reivindicação da literatura infantil de estatuto de literatura autêntica em igualdade de condições". (57, p. 228-9)

A essa mesma conclusão chega o narrador no final da Pequeninha, depois de se questionar durante toda a história sobre a validade da sua postura de (super) proteção redutora, evidente na vontade de prender e manipular a personagem: impedi-la de correr riscos é, sobretudo, bloquear suas descobertas mágicas e enriquecedoras — *E isso, tenho certeza, a Maia jamais iria me perdoar.* (66)

Como é imperdoável que se cometam tantas irresponsabilidades ao se trabalhar pretensamente em favor da criança e da arte.

* Em 1986, inteiramente definido o "corpus" da dissertação e provavelmente em função do bicentenário dos irmãos Grimm, que reacendeu o interesse pelos "contos de fadas", foram lançadas duas edições bem cuidadas: uma de Perrault (64) e outra de Grimm (65).

5. BIBLIOGRAFIA

A. Versões analisadas

1. PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Adap. Naufer. Rio de Janeiro, Brasil-América (Coleção Samba-Lelê).
2. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Brasil-América (Coleção Estrelinha)
3. PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Adap. Helô. Rio de Janeiro, Brasil-América (Coleção Xuxuquinha)
4. _____. Chapeuzinho Vermelho. Adap. Helô. Rio de Janeiro, Brasil-América (Coleção Xodô)
5. _____. Chapeuzinho Vermelho. Miudinho (Edição Especial) Rio de Janeiro, Brasil-América, n.4, maio 1979
6. _____. Chapeuzinho Vermelho. Adap. Plauto de Oliveira. Rio de Janeiro, Brasil-América (Coleção Abracadabra)
7. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Cedibra, 1982 (Coleção Grandes Contos)
8. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Cedibra, 1982 (Coleção Contos Alegres)
9. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Cedibra, 1982 (Coleção Contos Fantásticos)
10. CHAPEUZINHO Vermelho. Orient. Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, Cedibra, 1982
11. CHAPEUZINHO Vermelho. Adap. Maria Clara Machado, Rio de Janeiro, Cedibra
12. WATTS, Mabel. Chapeuzinho Vermelho. Trad. e adap. Ruth Rocha, Abril (Coleção Beija-Flor)
13. PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In: Fábulas Encantadas. São Paulo, Abril, 2a. ed., 1982
14. BANDEIRA, Pedro. Chapeuzinho Vermelho. Alegria, Suplemento da Revista Cláudia, São Paulo, Abril, nº 262, junho 1983, p.3-6
15. CHAPEUZINHO Vermelho. Adap. Alfredo C. Machado. Rio de Janeiro, Record (Coleção Joinha)
16. CHAPEUZINHO Vermelho. Adap. Maria Mazzetti. Rio de Janeiro, Record (Coleção Contos da Carochinha)
17. GRIMM, Irmãos. Chapeuzinho Vermelho. Narrat. Bárbara Shook Hazen. Trad. Elza Nascimento. Rio de Janeiro, Record (Coleção de Contos de Fadas)
18. d'AGUIAR, Cordélia Dias. O Chapeuzinho Vermelho. Rio de Janeiro, TECNOPRINT, 1975
19. MACHADO, Maria Clara. Chapeuzinho Vermelho. In: Contos de Grimm. Rio de Janeiro, TECNOPRINT, 1974, p.31-9

20. PERRAULT, Charles. O Chapeuzinho Vermelho. Trad. Oliveira Ribeiro Neto. São Paulo, Brasil (Coleção Os mais belos "contos de fadas")
21. _____. A Capinha Vermelha. In: Contos de Fadas. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 8a.ed., 1960, p.5-8
22. _____. Chapeuzinho Vermelho. In: _____. Contos de Perrault. São Paulo, Cultrix, 1963, p.11-4
23. BILDER, Paul. Chapeuzinho Vermelho. São Paulo, Melhoramentos, 3a. ed., 1983 (Série Ver e Ouvir)
24. CHAPEUZINHO Vermelho. Ao Livro Técnico (Coleção Panorama)
25. CHAPEUZINHO Vermelho. São Paulo, Siciliano, 1983 (Coleção Contos Tradicionais)
26. PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Trad. da versão francesa Le Petit Chaperon Rouge. Bias. São Paulo, Agir, 1968 (Coleção Contos Divertidos)
27. GRIMM, Jacob e Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. Adap. Regina Azevedo. São Paulo, Rideel (Série Minha Maleta Escolar)
28. CHAPEUZINHO Vermelho. In: Jackson, W.M. Tesouro da Juventude. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Brasileira, v.XIII, p.101-3.
29. CHAPEUZINHO Vermelho. In: Contos e Lendas dos Irmãos Grimm. Trad. Isede M. Bonini. São Paulo, EDIGRAF, v.V, p.7-14
30. O CHAPEUZINHO Vermelho e Os Músicos de Bremen. Trad. Ricardo Alberty. São Paulo, Verbo, p.6-16
31. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Bloch, 1982
32. O CHAPEUZINHO Vermelho. São Paulo, Egéria (Coleção Paraíso Infantil)
33. GRIMM, Irmãos. Chapeuzinho Vermelho. Trad. Verônica Sônia Kühle. Porto Alegre, Kuarup, 1985 (Coleção Era Uma Vez Grimm)

B. Bibliografia de referência

34. JESUALDO. A Literatura Infantil. Trad. James Amado. São Paulo, Cultrix, 1982
35. COOPER, J.C. Cuentos de Hadas. Alegorias de los Mundos Inter-nos. Trad. para espanhol Xóchitl Huasi. Málaga, Sírio, 1986
36. SORIANO, Marc. Les Contes de Perrault. Culture Savante et Traditions Populaires. Paris, Gallimard, 1977
37. CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura Infantil. Brasiliense, 1986
38. ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Zahar, 2a.ed., 1981
39. ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo, Global, 1981
40. MEVES, Christa. Los Cuentos en la Educacion de los Niños. Trad. para espanhol Juan C. Rodriguez Herrans. Santander, Sal Terrae, 1978
41. FROMM, Erich. A Linguagem Esquecida. Uma Introdução ao Entendimento dos Sonhos, Contos de Fadas e Mitos. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 5a.ed., 1973
42. BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980
43. DARNTON, Robert. O Grande Massacre dos Gatos. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro, Graal, 1986
44. CERDA, Hugo Gutierrez. Ideologia y Cuentos de Hadas. Madrid, Akal, 1985
45. BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. Rio de Janeiro, Berlen - dis & Vertecchia, 1979
46. OLIVEIRA, Lólio L. de. Chapeuzinho Vermelho. Estória e Desistória. São Paulo, Hucitec, 1983
47. MACHADO, Maria Clara. O Chapeuzinho Vermelho. In: _____. Teatro I. Rio de Janeiro, Agir, 6a.ed., 1975
48. MACHADO, Maria Clara. Chapeuzinho Vermelho. São Paulo, Abril, 1983
49. CHAPEUZINHO Vermelho. Rio de Janeiro, Cedibra (Coleção Fantasia)
50. CARVALHO, Marco Antônio. A História do Lobo. São Paulo, Ática, 1984
51. ANDRADE, Carlos Drummond de. História Mal Contada. In: _____. Contos Plausíveis. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1985
52. GWINNER, Pat. A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho. Petrópolis, Vozes, 1983

53. PERRAULT, Charles. Le Petit Chaperon Rouge. In: _____ . Contes de Perrault. Paris, Gründ, 7^{ème} tirage, 1984
54. LE PETIT Chaperon Rouge. In: Contes de Grimm. Trad. Pierre Durand. Paris, Gründ, 15^{ème} tirage, 1984
55. GRIMM, Brüder. Rotkäppchen. In: _____. Kinder und Hausmärchen. Frankfurt, Insel, 1974
56. DUBOIS, Jean et alii. Dictionnaire du Français Contemporain. Paris, Larousse, 1966
57. HEDD, Jacqueline. O Imaginário no Poder: as Crianças e a Literatura Fantástica. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo, Summus, 1980
58. NUNES, Lygia Bojunga. A Bolsa Amarela. Rio de Janeiro, Agir, 4a.ed., 1980
59. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil - Teoria e Prática, São Paulo, Ática, 1983
60. ROSEMBERG, Fúlvia. O Adulto, a Criança e a Literatura. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.62 n.141 jan./abr.1977, p.7-35
61. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: a Procura do Leitor. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 1986. Dissertação de Mestrado
62. PERROTTI, Edmir. O Texto Sedutor na Literatura Infantil. São Paulo, Ícone, 1986
63. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A Linguagem na Literatura Infantil. Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte, n^o8, 1979
64. PERRAULT, Charles. Contos de Perrault. Trad. Regina Regos Junqueira. Belo Horizonte, Itatiaia, 1985
65. CHAPEUZINHO Vermelho e Outros Contos de Grimm. Trad. Ana Maria Machado. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986
66. PINSKY, Mirna. Pequeninha. Belo Horizonte, Miguilim, 1985

C. Obras Consultadas

- . ABRAMOVICH, Fanny. O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças. São Paulo, Summus, 1983
- . BARTHES, Roland et alii. Análise Estrutural da Narrativa. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, Vozes, 1971 (Coleção Novas Perspectivas de Comunicação/1)
- . BENJAMIN, Walter. Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo, Summus, 1984
- . CAMARA, J. Mattoso Jr. Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 8a.ed., 1978
- . CHOMSKY, Noam et alii. Novas Perspectivas Linguísticas. Petrópolis, Vozes, 1970
- . CHOMSKY, Noam. Linguística Cartesiana. Petrópolis, Vozes, 1972
- . COELHO, Nelly Novaes et alii. Literatura Infanto-Juvenil. Tempo Brasileiro, 63, Outubro-Dezembro, 1980
- . COSERIU, Eugênio. Teoria da Linguagem e Linguística Geral. Trad. Agostinho Dias Carneiro. São Paulo, Presença, 1979 (Coleção Linguagem, n.3)
- . CUNHA, Maria Antonieta Antunes. O Discurso Indireto Livre em Carlos Drummond de Andrade. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971, Tese de Doutorado em Letras - Língua Portuguesa
- . _____. A Inovação Linguística em Lygia Bojunga Nunes. Revista de Estudos de Língua Portuguesa. Belo Horizonte, Ano II, v.I, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1983, p.94-106
- . ECO, Umberto. Obra Aberta. São Paulo, Perspectiva, 1976
- . _____. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva, 1979
- . FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Literatura Infanto-Juvenil: Arte ou Pedagogia Moral? São Paulo, Cortez/UNIMEP, 1983
- . FRANZ, Marie Louise von. A Interpretação dos Contos de Fadas. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981
- . GESELL, Arnold et alii. Emociones, Actividades e Intereses. Buenos Aires, Pridós, 1976
- . GOTLIB, Nádia Battelta. Teoria do Conto. São Paulo, Ática, 1985
- . GUIRAUD, Pierre. A Estilística. Trad. Miguel Mailliet. São Paulo Mestre Jou, 1970
- . HURLIMANN, Bettina. Tres Siglos de Literatura Infantil Europea. Barcelona, Juventud, 1968
- . INSTITUT National de Recherche et de Documentation Pédagogiques. L'enseignement du français à l'école élémentaire - Plan de rénovation, hypothèses d'action pédagogique. Paris, 1973

- . KHÉDE, Sônia Salomão (org.). Literatura Infanto-Juvenil um Gênero Polêmico. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986
- . KAYSER, Wolfgang. Análise e Interpretação da Obra Literária. Rev. Paulo Quintela. Coimbra, Arménio Amado, 6a.ed. port. , 1976
- . LAJOLO, Marisa. Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a Literatura Escolar na República Velha. Rio de Janeiro, Globo, 1982
- . _____; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira História e Histórias. São Paulo, Ática, 2a.ed., 1985
- . A LEITURA e a Formação do Leitor Questões Culturais e Pedagógicas. Org. Eliana Yunes. Rio de Janeiro, Antares, 1984
- . MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil, São Paulo Summus; 2a. ed., 1979
- . MIRANDA, José Fernando. Estória Infantil em Sala de Aula. Semiótica de Personagens. Porto Alegre, Sulina, 1978
- . OLIVEIRA, Lólio L. de. Chapeuzinho Vermelho: Estória e Desistória. São Paulo, Hucitec, 1983
- . OMIL, Alba; PIÉROLA, Raúl A. El Cuento y sus Claves. Buenos Aires, Editorial Nova
- . PORCHER, Louis. Educação Artística Luxo ou Necessidade. São Paulo, Summus, 2a.ed., 1982
- . PORTELLA, Eduardo. Teoria da Comunicação Literária. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 3a.ed., 1976
- . PROPP, Vladimir. Morphologie du Conte. Paris, Seuil, 1970
- . RAMOS, Maria Luiza. Fenomenologia da Obra Literária. Rio de Janeiro, Forense, 2a.ed., 1972
- . REIS, Carlos. Técnicas da Análise Textual. Coimbra, Almedina , 3a.ed., 1981
- . RIFFATERRE, Michael. Estilística Estrutural. São Paulo, Cultrix, 1983
- . RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo, Summus, 1981
- . O SADISMO da Nossa Infância, São Paulo, Summus, 1981
- . SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & Cia. São Paulo, Ática, 1985
- . SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. Coimbra, Almedina, 3a.ed., 1973
- . TODOROV, Tzvetan. As Estruturas Narrativas. Trad. Moysés Baumstein. São Paulo, Perspectiva, 2a. ed., 1970
- . ULLMANN, Stephen. Lenguaje y Estudio. Madrid, Aguilar, 1968
- . VANOYE, Francis. Expression Communication. Paris, Armand Collin, 2a.ed., 1975
- . WELEK, René; WARREN, Austin. Teoria da Literatura. Lisboa, Europa-América, 2a.ed., 1955

- . YLLERA, Alicia. Estilística, Poética e Simiótica Literária.
Coimbra, Almedina, 1979
- . ZILBERMAN, Regina (org.). Leitura em Crise na Escola: As Alternativas do Professor. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982 (Série Novas Perspectivas 1)
- . _____. A Produção Cultural para a Criança. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984 (Série Novas Perspectivas 3)
- . _____.; MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. Literatura Infantil : Autoritarismo e Emancipação. São Paulo, Ática, 1982